
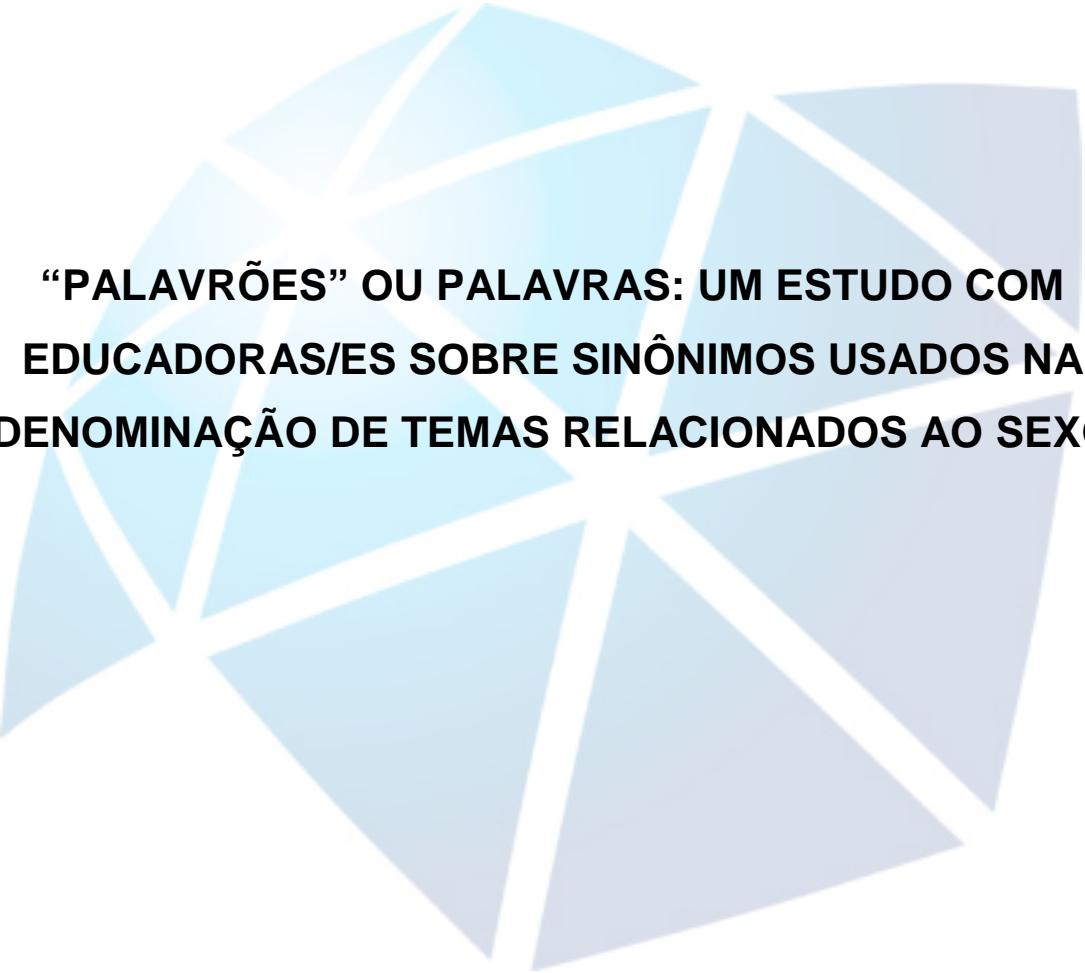


UNESP  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP

ELIANE ROSE MAIO BRAGA



**“PALAVRÕES” OU PALAVRAS: UM ESTUDO COM
EDUCADORAS/ES SOBRE SINÔNIMOS USADOS NA
DENOMINAÇÃO DE TEMAS RELACIONADOS AO SEXO**

ARARAQUARA – SP

2008

ELIANE ROSE MAIO BRAGA

**“PALAVRÕES” OU PALAVRAS: UM ESTUDO COM
EDUCADORAS/ES SOBRE SINÔNIMOS USADOS NA
DENOMINAÇÃO DE TEMAS RELACIONADOS AO SEXO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista – Campus de Araraquara, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Linha de Pesquisa: Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo.

Orientação: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

ARARAQUARA – SP

2008

ELIANE ROSE MAIO BRAGA

**“PALAVRÕES” OU PALAVRAS: UM ESTUDO COM EDUCADORAS/ES
SOBRE SINÔNIMOS USADOS NA DENOMINAÇÃO DE TEMAS
RELACIONADOS AO SEXO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista – Campus de Araraquara, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Linha de Pesquisa: Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo

Orientação: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Data da defesa: 09 de maio de 2008.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
UNESP – Araraquara

Membro Titular: Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia
UNESP – Bauru

Membro Titular: Dra. Sonia Maria Martins de Melo
UDESC – Florianópolis

Membro Titular: Dra. Sueli Aparecida Itman Monteiro
UNESP – Araraquara

Membro Titular: Dra. Luci Regina Muzzeti
UNESP – Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho às minhas filhas,
Mariane e Marieli, que
são **sinônimos** de **palavras** que podem ser
nominadas, expressas, explícitas:
afeto, compreensão, amor, dedicação,
companheirismo, força e vibração.
Amo, eternamente, vocês!

AGRADECIMENTOS

Quando pretendemos, em quaisquer ocasiões, agradecer a alguém, corremos o grande risco de nos esquecer de alguma pessoa. Com certeza isso poderá ocorrer aqui também, porém muitas pessoas merecem ser lembradas e destacadas.

Escrever um trabalho como este exigiu e exige a participação de muitas pessoas, algumas das quais se envolveram diretamente e outras nem sabem da sua participação, tão viva, sim, que no caso seriam os/as autores/as aqui apresentados/as.

Sempre pensamos e dizemos que não existe um trabalho único, diferenciado, que fosse inédito. Com este isso não se faz diferente. O que podemos dizer sobre sua diferença com relação a outros trabalhos relacionados à sexualidade é a participação de outras pessoas envolvidas, e tão entusiasmadas pela área, assim como nos outros já citados, mas que aqui são únicas e especialmente envolvidas.

Assim, passamos a citá-las na intenção de um agradecimento público e registrado para a eternidade.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu pai **Jordão** e à minha mãe **Ariette**, que sempre me incentivaram na busca do conhecimento. Ele e ela, com certeza, no início ficaram encabulado/a pela natureza do trabalho, mas depois se deliciaram com sua leitura, demonstrando isso com brilho nos olhos.

Ao meu marido, **Marcelo**, que sempre me pede para parar de estudar tanto, mas ao mesmo tempo é um dos meus maiores incentivadores, levando-me, esperando pacientemente, e assim me fazendo enxergar sempre a delicadeza da espera, do carinho, do amor e da dedicação.

Às filhas, **Mariane** sempre querida, competente, esforçada e vibrante e **Marieli**, lutadora, apaixonada pela vida, esforçada e, ambas, presenças constantes em minha vida, companheiras, incentivadoras, e com demonstração da mais pura presença de afeto em minha vida.

À minha irmã **Bel** e ao meu irmão **Ju**, que me mostram carinho, pelos olhos, em cada encontro nosso.

Ao meu sogro e à minha sogra, **Daniel** e **Teuta**, incentivadores e que sempre se orgulharam do meu trabalho.

À minha/meus sobrinha/os, **Paula**, **Fábio** e **Mikael**, que sempre me respeitaram e me incentivaram na busca do conhecimento.

A meus/minha cunhados/a queridos/a, **Fernando**, **Mirilez** e **Mílvio**, que estiveram sempre ao meu lado, questionando e incentivando meu trabalho.

Ao meu genro **André**, que sempre me apoiou e, principalmente, ama uma pessoa especial para mim: minha filha.

À minha “filha” **Tatjana**, a alemã mais brasileira que conheço, e sempre enche meu coração de alegria por viver em minha casa, com tanto carinho, respeito e afeto, e ao meu “filho” **Sean**, um nova-iorquino agitadíssimo, porém brilhante e apaixonado pela vida. Obrigada, minha/meu filha/o intercambistas; aprendi a ser “mãe” de muitas pessoas e que cabem em minha vida. Para sempre!

Ao meu querido orientador **Paulo Rennes**, que me confirmou a beleza do estudo nesta área, desde a primeira entrevista para a seleção do Doutorado, quando a nossa “paixão” começou, cujo encantamento continuou por todo nosso tempo de estudos e encontros para supervisão. E espero que continue para sempre...

A **meus/minhas grandes amigos/as de décadas**, da época do colégio, quando a amizade se fazia despreocupada de outros interesses que não fossem o prazer em estarmos juntos/as e fazer o bem comum: **Ana**, amiga, irmã, lutadora, ombro para as alegrias e tristezas; **Sônia**, que só de olhar para uma beleza assim faz bem para os olhos e para o coração, com delicadeza e meiguice ímpares; **Manuel**, que só de imaginar que uma amizade juvenil continuasse por toda eternidade isso me faz bem, e me faz lembrar de todos os bons momentos passados juntos; **Flavinho**, que, com toda a bondade existente nos olhos e nas ações, teve a paciência de ler toda a tese e de me ajudar com “dicas” e propostas; e **Watson**, lutador, briguento, alguém que quase me atrapalhou na tese, com seus Cds, mas que só me deram mais inspirações. Enfim, companheiros/as para toda hora!!! E a **todos/as os/as outros/as da turma de 78**, que sempre estiveram por perto, desde aquela época.

Aos/Às **meus/minhas amigos/as do Colégio Santa Cruz**, onde tudo começou!!! Foi lá que aprendi o prazer de ser psicóloga escolar e a ver a educação formal com olhos apaixonados, acreditando que é possível se superar uma educação escravizante. Em especial às **Irmãs Pilar, Virma e Josefa**, que sempre me apoiaram, dando conselhos amigos e sendo verdadeiras “mães espirituais”. **Odete**, companheira de muitas horas; **Sônia**, profissional competente; **Dora**, amiga querida e incentivadora; **Anna Thereza**, a melhor educadora que conheço, na vida; **Tânia**, aquela que nasceu para educar e encantar as crianças; **Maria José**, uma pessoa ímpar e encantadora; **Margoth**, uma psicóloga meiga e cativante, e **Sérgio Prati**, afilhado e incentivador.

Aos/Às **professores/as do meu departamento**, na **UEM, DTP** (Departamento de Teoria e Prática da Educação), apesar de cuja maioria brincar com a temática, que sempre me apoiaram e incentivaram.

Aos/Às **participantes do grupo de estudos do NUSEX** (Núcleo de Estudos em Sexualidade Humana), da **UNESP/Araraquara**, que no ano de 2004 tive o prazer de coordenar. Lá aprendi muito, em relação aos nossos temas estudados e discutidos, e muito me alegro pelas amizades que conquistei.

Aos/Às **profissionais da biblioteca da UEM** e da **UNESP**, que me ajudaram e me agüentaram quase todos os dias, em busca de materiais, em tantas idas e vindas, para estudar e escrever este trabalho.

À **Analissa**, a pessoa mais eficiente e pronta que conheço e sempre me auxilia e torce por mim.

À querida **Jeanette**, que aceitou prontamente revisar esta tese, sempre me incentivando e “dando” dicas maravilhosas.

À **Helaine**, que sempre está por perto digitando, corrigindo, e se deliciando com o tema.

Ao **Antonio** e **Michelle**, da **PPG da UEM**, que muito me auxiliaram nas orientações necessárias ao afastamento, para o término do Doutorado, com muita simpatia e dedicação.

Às integrantes das bancas, tanto da qualificação quanto da defesa, doutoras **Ana Cláudia**, **Sônia Maria**, **Sueli** e **Luci**, por suas valiosas contribuições e esclarecimentos.

A **todos/as os/as participantes desta pesquisa**. Ao que parece se encantavam com a participação, manifestando essa satisfação de forma aberta ou mesmo velada.

Gosto de dizer.
Direi melhor:
gosto de palavrar.
As palavras são para mim
corpos tocáveis, sereias visíveis,
sensualidades incorporadas.

(FERNANDO PESSOA, 1996, p.33)

RESUMO

Seria a sexualidade algo ainda escondido? Com certeza, sim. Em todos os lugares, em todas as pessoas e em todas as situações do cotidiano? Isto não daria para afirmarmos, mas o que mostramos neste trabalho é como as atitudes e os comportamentos sexuais das pessoas, nos dias de hoje, estão sendo representados pelas palavras, ou então, pelos sinônimos proferidos cotidianamente, como também dentro do universo escolar. Coletamos por meio de uma pesquisa qualitativa um total de 1.308 palavras que representam os nomes para a genitália masculina e feminina: pênis e vulva e para algumas práticas sexuais, masturbação e relação sexual. Uma dinâmica retirada do material do SEBRAE (Serviço de Apoio à Pequena Empresa) foi aplicada em seis estados brasileiros, compreendendo quatro regiões: sul, sudeste, centro-oeste e nordeste, em cursos de formação em Orientação Sexual escolar, com a participação de 4.916 pessoas, sendo pais/mães e professores/as, com as idades entre dezoito a sessenta e oito anos. As palavras encontradas foram agrupadas em eixos temáticos e divididas em categorias, apoiadas na análise de conteúdo de Laurence Bardin. Discutimos a importância e/ou a necessidade da utilização de tantos sinônimos que se refiram a sexo/sexualidade. Após a análise das palavras, constatamos a dificuldade que os/as participantes demonstram em verbalizar palavras de cunho sexual, portanto com resistências e desinformação que são passadas aos/às alunos/as, denotando assim uma repressão sexual e a conseqüente necessidade da Orientação Sexual, no ambiente escolar, envolvendo toda a comunidade educativa, a saber: pais/mães, professores/as, equipe pedagógica e administrativa, funcionários/as e alunos/as.

Palavras-chave: Sexualidade; Sexo; Palavras; Sinônimos; Repressão Sexual; Orientação Sexual Escolar.

ABSTRACT

Is sexuality still something hidden? Certainly, yes. In every place, in every person and in every daily situation? We cannot claim that, but what we want to show with this work is, how sexual attitudes and behaviours of the people in nowadays are represented in words or in daily spoken synonyms and also in the school system. We collected in need for a qualified research a total of 1.308 words that represent names for the male and female genitalia: penis and vulva and for some sexual practices, masturbation and sexual relation (ships). A removed dynamic of the material of SEBRAE has been applied in six brasilian states, including these four regions: the south, southeast, the center of the west and the northeast, in courses that deal with the formation in Sexual Orientation in school, with the participation of 4.916 persons, fathers/mothers and teacher; their age was between eighteen and sixty-eight years. The noticed words have been classified in various groups and divided in different categories, based on the analyse of the contents of Bardin (1977). We discussed the importance and/or the necessity of the utilisation of so much synonyms that relate to sex/sexuality. After the analyse of the words, we found out that there is still a difficulty that people show when it comes to speaking out words that relate to sexual subjects; by that their resistance and the lack of information are transfered to the students, and this fact is denoting a sexual repression and a consistently necessity of Sexual Orientation, in schools, involving the whole educating community, to know: fathers/mothers, teacher, the pedagogical and administrative groups, employees and students.

Keys-word: Sexuality; Sex, Words; Synonyms; Sexual repression; Sexual Orientation in Schools

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Desenho do Pênis e sua Formação Anatômica.....	66
FIGURA 2	Desenho da Vulva e da Vagina.....	70
FIGURA 3	Obra de Gustave Coubert.....	75
FIGURA 4	Ciclo da Resposta Sexual Humana.....	87
FIGURA 5	Número de Sinônimos por Agrupamento.....	105

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Dados dos/as Participantes.....	101
TABELA 2	Número total de Pais/Mães e Professores/as por Faixa Etária.....	102
TABELA 3	Número total de Pais/Mães e Professores/as.....	102
TABELA 4	Número de Participantes por Região.....	103
TABELA 5	Grupos Temáticos e Categorias Pesquisadas.....	107
TABELA 6	Lista das Palavras mais freqüentes como Sinônimo para Pênis.....	108
TABELA 7	Lista das Palavras mais freqüentes como Sinônimo para Vulva.....	114
TABELA 8	Lista das Palavras mais freqüentes como Sinônimo para Masturbação.....	124
TABELA 9	Lista das Palavras mais freqüentes como Sinônimo para Relação Sexual.....	128

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	REPRESSÃO SEXUAL: MUDANÇAS RADICAIS A PARTIR DOS SÉCULOS XVII E XVIII.....	22
2	PALAVRAS, “PALAVRÕES”: DEFINIÇÕES, SUPOSIÇÕES?	54
2.1	PÊNIS.....	64
2.2	VULVA.....	66
2.3	MASTURBAÇÃO.....	76
2.4	RELAÇÃO SEXUAL.....	83
2.4.1	Transformações Fisiológicas	86
2.4.1.1	Excitação.....	87
2.4.1.2	Platô.....	90
2.4.1.3	Orgasmo.....	91
2.4.1.4	Resolução.....	93
3	MÉTODO	97
4	RESULTADOS	104
4.1	ÓRGÃO SEXUAL MASCULINO: O PÊNIS.....	107
4.1.1	Força, Virilidade	109
4.1.2	Diminutivos	110
4.1.3	Nomes Próprios	111
4.1.4	Alimentos	112
4.1.5	Nomes de Animais	113
4.2	ÓRGÃO SEXUAL FEMININO: A VULVA.....	113
4.2.1	Força, Violência, Vergonha, Desprezo	114
4.2.2	Diminutivos	116
4.2.3	Nomes Próprios	118
4.2.4	Alimentos	119

4.2.5	Nomes de Animais	119
4.2.6	Receptáculos: Suavidade e Prazer	121
4.3	SIMILARIDADES ENTRE PÊNIS E VULVA.....	122
4.4	PRÁTICA SEXUAL: MASTURBAÇÃO.....	123
4.4.1	Masturbação Masculina	124
4.4.2	Masturbação Feminina	125
4.5	PRÁTICA SEXUAL: RELAÇÃO SEXUAL.....	128
4.5.1	Agressividade	129
4.5.2	Suavidade, Prazer	130
4.5.3	Modismos	131
5	EDUCAÇÃO ESCOLAR, PALAVRAS E “PALAVRÕES”	134
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
	REFERÊNCIAS	162
	APÊNDICES	172
	ANEXO	238

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Palavras, “palavrões”, sinônimos, fala popular... O que significam? O que têm a ver com a expressão sexual, ou então com a repressão sexual? Como a verbalização e a escrita das palavras relacionadas à sexualidade têm importância na questão da Orientação Sexual, na escola?

Refletindo sobre essas questões, entre as diversas que permeiam a temática da sexualidade no ambiente escolar, construímos uma proposta de discussão sobre o assunto, neste trabalho.

Afirmamos, inicialmente, que a sexualidade não tem o mesmo grau de importância para todas as pessoas.

Mais do que um recurso explicativo baseado em diferenças psicológicas, essa variação é efeito de processos sociais que se originam no valor que a sexualidade ocupa em determinados nichos sociais e nos roteiros específicos de socialização com que as pessoas se deparam. (HEILBORN, 1999, p.40)

Queremos deixar claras as definições do que entendemos por sexo e sexualidade, termos que permeiam todo este trabalho. Então, com base em Weeks (2001) e Ribeiro (1990), definimos sexo como a denominação do nosso aparato biológico, anatômico, que se diferencia entre homens e mulheres, como também um conjunto de práticas, atitudes e comportamentos vinculados à relação sexual, resultantes das concepções existentes, a respeito. Essas diferenciações são organizadas desde a concepção, porém os significados a elas associados são altamente históricos e sociais, sobre o que seria a expressão da sexualidade, a qual se compõe de “[...] uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas [...]”. (WEEKS, 2001, p.43)

Tanto o sexo quanto a sexualidade, ou melhor, tanto os sexos quanto as sexualidades são socialmente construídos e organizados, sustentados por uma

variedade de linguagens que buscam dizer o que pode e o que deve ser expresso. “A sexualidade é, entretanto, além de uma preocupação individual, uma questão claramente crítica e política, merecendo, portanto, uma investigação e uma análise histórica e sociológica cuidadosas”. (WEEKS, 2001, p.39)

Uma análise se faz rigorosa mas também é necessária a consciência de que a sexualidade é tanto um produto da **linguagem** e de um processo cultural, histórico, quanto da natureza. Dizer que a sexualidade é um processo “natural”, inerente ao ser humano, é ancorar-se na suposição de que todas as pessoas vivem e manifestam-se sexualmente de maneira universal. Porém, ao contrário, a sexualidade “[...] envolve rituais, **linguagens**, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais”. (LOURO, 2001, p.11, grifo nosso)

A crise, enquanto crescimento, que encontramos sobre os sentidos de sexo e sexualidade em nosso contexto cultural recente depende, e muito, das significações e dos lugares que damos à sexualidade em “[...] nossas vidas e em nossos relacionamentos, sobre a identidade e o prazer, a obrigação e a responsabilidade, e sobre a liberdade de escolha”. (WEEKS, 2001, p.74)

Inicialmente elaboradas essas reflexões, esta pesquisa surgiu num contexto de trabalho, a partir da atuação como conferencista, com deslocamentos por várias cidades do Brasil.

Aproveitando a facilidade de contato com pessoas dessas várias localidades, nasceu a idéia de realizar uma investigação para constatar a relação da linguagem com as atitudes e os comportamentos sexuais, na cultura brasileira, relacionados à repressão sexual, bem como a importância desses aspectos na questão da Orientação Sexual, na escola.

Para tanto escolhemos uma dinâmica (Anexo A), explicitada no capítulo 3, e a aplicamos, com participação de cerca de 5 mil pessoas (4.916), em seis estados brasileiros: Ceará, São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Santa Catarina, compreendendo as regiões Sul, Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste.

As diferenças culturais encontradas nas palavras apresentaram-se significativas, mas não se mostraram tão extensas que merecessem detalhamento maior.

Não pretendemos aqui, com muita certeza, ter coletado todas as expressões populares e brasileiras dos nomes pesquisados. O universo deve ser grandioso, mas pensamos que o número não necessitaria ser mais amplo, apesar de que seria muito interessante pesquisá-las em maior extensão. O volume coletado já contemplou nosso objetivo principal, que era verificar e analisar sinônimos atribuídos aos órgãos sexuais masculino e feminino (**pênis** e **vulva**) e a algumas práticas sexuais (**masturbação** e **relação sexual**), na cultura brasileira, e também os entrecruzamos com a repressão sexual que também advém da instituição escola.

As palavras colhidas foram analisadas em quatro conjuntos temáticos, baseados em Bardin (1977). As referências foram retiradas da dinâmica (Anexo A) que aplicamos em eventos e cursos de formação continuada de professores/as, na área da sexualidade.

O objetivo principal dessa dinâmica era o de “introduzir a terminologia científica e fazer com que os jovens se sintam mais à vontade em relação a ela.” (SEBRAE, 1992, p.151-152). Pesquisar tais palavras e discuti-las com os/as participantes nos permitia introduzir a temática da sexualidade, falando da repressão sexual e da importância de uma adequada Orientação Sexual na escola.

Não podemos negar que, ao longo da história, sempre houve uma preocupação com questões humanas ligadas à expressão sexual. Uma das formas de exteriorizá-la é a sua verbalização, tanto oral como escrita.

Giddens (1993, p.9) aborda que a sexualidade

[...] é um tema que poderia parecer uma irrelevância pública – questão absorvente, mas essencialmente privada. Poderia ser também considerada um fator permanente, pois se trata de um componente biológico, e como tal necessária à continuidade das espécies. Mas, na verdade, o sexo hoje em dia aparece continuamente no domínio público e, além disso, fala a linguagem

da revolução. O que se diz é que durante as últimas décadas ocorreu uma revolução sexual; e as esperanças revolucionárias têm conduzido à reflexão sobre a sexualidade muitos pensadores, para os quais ela representa um reino potencial da liberdade, não maculado pelos limites da civilização atual.

Será que com a tão discutida revolução sexual as pessoas estão se tornando libertas a ponto de se permitirem tratar a sexualidade de maneira tão descontraída assim, com liberdade de expressão no que se refere às palavras aqui pesquisadas?

Procuramos mostrar que a sexualidade se incorpora em rituais, **linguagens**, representações, convenções, símbolos, estabelecidos como adequados a um determinado momento histórico, assim como no uso de palavras popularescas do cotidiano, ou, como aqui denominamos, palavras/"palavrões"/sinônimos/falas populares, expressões assim usadas pelo motivo da não segregação dos nomes encontrados em categorias distintas. Como, por exemplo, identificar e confirmar o que seria um palavrão? Alguns/mas participantes verbalizavam que ora uns sinônimos eram, e outros/as não os viam assim. Como seria impossível nos basear somente nessas opiniões, preferimos englobar todos os nomes em apenas uma categoria.

E por que será que são usados tantos sinônimos? – Talvez por serem recursos extremamente válidos e criativos para prover o vocabulário de expressões que traduzem nossos sentimentos. No caso dos "palavrões" proferidos em relação à sexualidade, podem servir para mascarar, agredir ou aliviar sentimentos relacionados à temática. Como tal assunto é permeado por mitos e tabus, talvez o eufemismo sirva mesmo para suavizar, polir a palavra, numa idéia de substituição, para driblar ou se adaptar aos preconceitos sociais, historicamente construídos.

Um detalhe importante que nos levou a esta pesquisa é a percepção do aspecto de irreverência, inserido no senso comum¹, que está por trás dos

¹ A expressão senso comum aqui é entendida como um "conjunto de opiniões tão geralmente aceitas em época determinada que as opiniões contrárias aparecem como aberrações individuais". (AURÉLIO, 1988, p.594)

sinônimos expressos, mostrando assim uma contradição em relação ao que é considerado oficial, em termos de vocabulário formal. Também é importante pontuar que não existem sinônimos perfeitos, mas que os sentidos apenas se aproximam, dentro de determinados contextos, ainda mais em se tratando de buscar equivalência entre um vocábulo formal da língua e seus correspondentes, na linguagem informal.

Com o objetivo de pesquisar sobre alguns sinônimos, o presente trabalho foi dividido em cinco capítulos.

O primeiro capítulo apresenta uma trajetória da repressão sexual, com destaque para dois movimentos sociais importantes, em determinados períodos históricos, escolhidos por nós, que são o Puritanismo e o Vitorianismo.

No segundo capítulo discutimos sobre o uso de palavras/"palavrões"/sinônimos/falas populares, enfatizando o significado que esses verbetes emprestam à área da sexualidade. Ao nos depararmos com um universo de 1.308 sinônimos para os termos pesquisados (**Pênis**, **Vulva**, **Masturbação** e **Relação Sexual**), totalizando 5.342 citações, estendemo-nos à análise da importância que essas expressões adquirem na temática sexual.

Sempre nos perguntávamos o motivo de existirem ou de se criarem tantas palavras diferentes para nomearmos partes do corpo (**Pênis** e **Vulva**) ou para explicar algumas práticas sexuais (**Masturbação** e **Relação Sexual**). Queremos deixar claro que não é nosso objetivo impor ou enfatizar que as pessoas devam empregar somente as palavras que indicamos no cabeçalho das dinâmicas.

No terceiro capítulo descrevemos a Metodologia empregada na pesquisa qualitativa, esclarecendo o número de participantes, as regiões em que pesquisamos a dinâmica aplicada.

É no quarto capítulo que trazemos uma discussão sobre a provável relação das palavras pesquisadas com a repressão sexual, e verificamos a relação da linguagem com as atitudes e os comportamentos sexuais das pessoas. Apresentamos uma análise de quatro conjuntos temáticos: **Pênis**, **Vulva**, **Masturbação** e **Relação Sexual**, destacando os nomes que mais aparecem e

o(s) princípio(s) valorativo(s) que eles trazem, subdividindo-os em categorias tais como: força, violência, virilidade, suavidade, nomes de animais, comestíveis, diminutivos, receptáculos, masturbação masculina e feminina, modismos etc.

No quinto capítulo entrecruzamos dados da pesquisa com a Orientação Sexual oferecida na escola, no Brasil, desde seus primeiros passos até os dias atuais, mostrando a importância de projetos considerados adequados nas instituições educativas, enquanto espaço privilegiado para o saber científico, que ainda continua tentando se dessexualizar, porém cenas, **palavras**, gestos, bilhetes, piadas acabam ocorrendo em seu cotidiano, e, ao que parece, a comunidade educativa ainda não está preparada para trabalhar essa temática.

Principalmente professores/as e pais/mães mostram-se receosos/as², duvidosos/as, envergonhado/as, demonstrando grande dificuldade em lidar com esse cotidiano, que, querendo ou não, ocorre no espaço da instituição educativa.

² Utilizamos a grafia o/a como uma opção política, que visa a tornar visível homem e mulher a quem nos referimos.

**1 REPRESSÃO SEXUAL:
MUDANÇAS RADICAIS A PARTIR DOS
SÉCULOS XVII E XVIII**

1 REPRESSÃO SEXUAL: MUDANÇAS RADICAIS A PARTIR DOS SÉCULOS XVII E XVIII

Dizia um cartaz mui puído: não é permitido usar a libido. (CARVALHO, 2007, p.76)

Os diálogos entre a sexualidade e o que nos diz a ciência possuem histórias extensas, conflituosas e muitas vezes duvidosas, pois partem de historiadores que contam suas versões sob pontos de vista arraigados em crenças e visões de mundo próprios, imbuídos de valores inerentes à sua condição socioeconômica. Podemos também afirmar, baseados em Porter e Teich (1998), que, nos escritos sobre sexualidade, tanto a pronúncia quanto a dicção são masculinas, vindas de pessoas de classe média e basicamente heterossexuais, contendo “verdades” incrustadas que estabelecem modelos da expressão e da manifestação sexual vigentes.

Uma das “verdades” sobre a sexualidade e a vergonha da nudez dos corpos vem do entendimento sobre o que traz a Bíblia:

[...] no Jardim do Éden, nossos primeiros pais foram criados num estado de perfeita inocência. Eva desobedeceu à ordem de Deus; o fruto agridoce da árvore do conhecimento do bem e do mal foi experimentado; Adão e Eva perceberam que estavam nus, e uma nova consciência surgiu: o conhecimento carnal. (PORTER; TEICH, 1998, p.17)

Por conta desse “descobrimento” dos corpos feito na vergonha, após um pecado (o chamado Pecado Original), podemos inferir que a expressão sexual humana não poderia ter vindo menos carregada de tabus, mitos, preconceitos, contradições, que foram e vão ainda moldando as atitudes e o comportamento sexual das pessoas. (CATONNÉ, 2001)

Constatando os fenômenos e os fatos de natureza moral e social relativos à sexualidade, ao comportamento sexual e à repressão sexual, Chauí (1984, p.11) diz que

[...] as práticas sociais de controle, proibição e permissão do sexo são antiqüíssimas, porém o estudo de seu sentido, de suas causas, de suas variações no tempo e no espaço é um estudo recente, não sendo casual que os dicionários registrem como tardio o surgimento da palavra sexualidade, momento em que o termo sexo passa a ter um sentido muito ampliado, especialmente quando os estudiosos passaram a distinguir e diferenciar entre necessidade (física, biológica), prazer, (físico, psíquico) e desejo (imaginação, simbolização).

Partindo-se do conceito da sexualidade enquanto fonte de pesquisa, de estudos e de diversas manifestações podemos dizer que o corpo é transformado em sexual a partir da sua inserção em um mundo cultural que pode não traduzir um processo histórico, social, psíquico e antropológico.

A cultura (em sentido lato) é a responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, por intermédio de redes de significados que abarcam categorizações de gênero, de orientação sexual, de escolha de parceiros. (HEILBORN, 1999, p.40)

Importante se faz esclarecer a definição de **corpo**, neste trabalho. Porpino (1999, p.2) ao discutir o tema em *O corpo, esse nosso (des)conhecido*, afirma:

O corpo submetido ao controle não é algo novo em nossa civilização. Podemos destacar situações em que o corpo foi negligenciado ou não valorizado em detrimento de outros valores dominantes, a exemplo das guerras, da idéia de que o corpo pode ser comparado a uma máquina ou considerado como fruto do pecado dos homens. Diferentes concepções de corpo podem ser vistas em diferentes contextos sociais e momentos históricos. As formas de vivenciar o corpo nas diferentes sociedades estão presentes nos simples momentos do cotidiano, como andar, por exemplo. As diversas formas de vida, de ser corporalmente, são apreendidas pela cultura.

Gaiarsa (1993, p.11) declara que ainda “[...] sofremos de uma gloriosa tradição negativa em relação ao corpo humano”. E dessa repressão corporal resulta que a maior parte de nossos desejos parece incompatível com algumas normas sociais estabelecidas. A negação do corpo pode resultar em fatalidades, pois é dele que emergem todas as criações espontâneas da vida. Um corpo sexuado, muito negado à criança, é um corpo cultural, histórico, mas também é um corpo sentido, e isso não dá para ser negado. Para Gaiarsa (1993, p.20), “corpo e alma são, portanto, conceitos exigidos pela ideologia social, e têm pouca correspondência com o que de fato acontece”.

É inegável que vivemos numa tradição cultural na qual nosso corpo sofreu e ainda sofre uma série de repressões por meio de preconceitos, normas sociais, interditos etc., sofrendo com isso uma rigidez postural.

A cultura dita normas em relação ao corpo. A mais simples observação em torno de nós poderá demonstrar que o corpo humano é afetado pela religião, pela profissão, pelo grupo familiar, pela classe social e outros intervenientes sociais e culturais. Ao corpo se aplicam também crenças e sentimentos que estejam na base da nossa vida social. (BRUHNS, 1994, p.43).

Encontramos, nas palavras de Angier (2000, p.13), que “[...] tudo é aprendido, tudo é um produto social, tudo são seqüelas de condicionamentos culturais” A expressão sexual, – implícita e explícita em um corpo –, nesse contexto nada mais é do que uma aprendizagem cultural.

E esse corpo sexual aprendido, contornado, expresso, é analisado por Melo (2004, p.274) em seu livro *Corpos no Espelho*. A autora diz:

[...] **sou corpo sexuado**, e por isso, nesse momento cultural, **sou corpo negado**, servem-me para desvelar mais profundamente o que fizeram ou tentaram fazer de nós. Mas como já disse alguém, o que importa **não é o que fizeram de mim, mas o que fiz com o que fizeram de mim**. (grifos da autora)

Mas como se ganha esse corpo interdito? Na fala de Gaiarsa (1989, p.22) encontramos uma resposta, quando diz que “toda criança que nasce, desde o

começo **tem que** aceitar a lei do passado. **Tem que** começar a se fazer velha a cada nova aquisição cultural. Trata-se de repressões pessoais ou de obrigações sociais?” (grifos do autor). Com essas indagações podemos concluir que a sexualidade se forma com base em um constructo histórico, que vai se integrando às construções física e psíquica de cada pessoa, determinando a sua expressão sexual; portanto, corporal.

Assim, afirma Giddens (1993, p.25) que a sexualidade hoje em dia tem sido descoberta, revelada, e propicia o desenvolvimento de estilos de vida bastante variados.

É algo que cada um de nós “tem”, ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem de ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do **eu**, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais. (grifos do autor)

Resulta, assim, que o corpo e seu uso estão subordinados a uma gramática de comportamento social. “Corpo não é só natureza (corpo biológico), é também cultural (corpo social)”. (BARBOSA, 1984, p.15)

Dessa maneira, não se pode escrever uma história da sexualidade sem um estudo prévio e avançado de conceitos imbuídos também do aspecto cultural, tais como:

[...] o amor, o erotismo, a sensualidade, o prazer, o vestuário, a nudez, o pudor, a tradição e a moralidade, o casamento, a família, a união livre, o casamento de ensaio, a concubinação e as outras formas de relações sexuais extraconjugais, os beijos e as carícias, a pornografia e a censura, o papel dos sexos e a emancipação das mulheres, a homossexualidade, a contracepção, a criança abandonada, o filho natural e o infanticídio, a puberdade, o ensino e a informação mistos. (USSEL, 1980, p.28)

Toniette (2006, p.42), entende igualmente que acompanhar a construção da sexualidade e

[...] falar da história da sexualidade humana é resgatar elementos para se compreender significados e sentidos dessa construção social, com a proposta de reconhecer as diversas constituições e possibilidades de sexualidade que vislumbramos na atualidade.

A sexualidade, e porque não dizer as sexualidades, não devem ser interpretadas tendo como base linhas estáticas e determinadas, ou ser consideradas sistemas unificados e internamente coerentes, não podendo ser “[...] isolados e estudados, interpretados e compreendidos, comparados e contrastados, e vistos individualmente como exemplos de diversidade e diferença”. (TONIETTE, 2006, p.43)

Neste capítulo descrevemos como a sexualidade vem sendo mostrada, estudada, abordada e vivenciada, mediante atitudes e comportamentos sexuais, permeados por uma construção sexual histórica, e como vem a ser ela manifestada por palavras/“palavrões”/sinônimos/falas populares.

Para explicarmos as atitudes e os comportamentos sexuais das pessoas no decorrer de um dado tempo, expressos pelas palavras que pesquisamos neste trabalho, priorizamos o momento histórico compreendido entre os séculos XVII e XVIII, escolhido por se destacar como ponto crucial e decisivo na questão da moralidade nas ações das pessoas, com reflexos ainda no atual momento.

Até essa época, a expressão sexual das pessoas, na Europa, onde foi mais destacada e registrada, dependia da condição social a que os homens e as mulheres pertenciam, e havia uma diferenciação de gênero por entre essas classes. Antes, a manifestação sexual se mostrava mais livre, sem precisar restringir gestos, **palavras** e desejos. (FOUCAULT, 1988; USSEL, 1980; LOYOLA, 1998; HEILBORN, 1999)

Foucault (1988) refere-se ao fato de que até o século XVII ainda vigorava uma franqueza sexual – “uma ingenuidade” –, pois as práticas sexuais não eram escondidas em segredos; às crianças não só eram permitidas brincadeiras sexuais sem parcimônia, mas eram até estimuladas.

Esse autor, em seu livro *A Vontade de Saber*, no primeiro volume de sua obra “História da Sexualidade”, logo no capítulo inicial discute o que ele chama de hipótese repressiva. Uma das primeiras questões é se a repressão sexual seria um fenômeno característico da Idade Clássica, como até hoje muitos acreditam, considerando o século XX como a era da grande liberação. Enfim, de que repressão se trata e de que liberação se fala?

Segundo a hipótese repressiva, com a qual se costuma pensar e em que se baseiam muitas posturas frente à questão da sexualidade, a partir do século XVIII um crescente Puritanismo passa a vigorar. Esse pensamento reduz o sexo ao utilitário e fecundo, permitindo, portanto, como única manifestação possível, a sexualidade do casal monogâmico, legítimo e procriador. Sobre as sexualidades periféricas e estéreis teria sido imposto um silêncio geral, uma intensa repressão.

Foucault (1988) propõe uma leitura mais rica da relação poder/sexualidade. Não nega que em muitos momentos houve repressão, mas considera que a dinâmica é mais complexa, mais sutil, mostrando que ocorreu uma dominação das pessoas pelo controle, com técnicas de sujeição, de métodos de individuação e de observação.

O interdito ainda se fazia presente, mas agora com diversos efeitos, tais como: a vigilância, a normatização e a constituição da sexualidade a partir do controle dos corpos das pessoas, por meio da produção e da inscrição da sexualidade, e não pela sua negação e proibição.

Ribeiro (2006, p.111) explica que a explosão discursiva sobre sexo proporcionou

[...] um refinamento do vocabulário autorizado, um controle das enunciações, definiu-se onde e quando falar sobre sexo, em quais situações, quais os locutores e interlocutores. Essa foi a forma que a sociedade contemporânea encontrou de vigiar, normatizar e controlar a sexualidade – falando intensamente sobre ela.

Encontramos em Foucault (1988, p.16) explicações sobre o discurso sexual, que também continua interditando e sendo usado como expressão de domínio corporal. Para ele,

[...] não é tanto o que dizer ao sexo, sim ou não, se formular-lhe interdições ou permissões, afirmar sua importância ou negar seus efeitos, se policiar ou não as palavras empregadas para designá-lo; mas levar em consideração o fato de se falar do sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz; em suma, o “fato discursivo” global, a “colocação do sexo em discurso”. (grifos do autor)

Tanto nas palavras expressas sobre aspectos da sexualidade (o que encontramos neste trabalho) quanto sobre os corpos das pessoas ocorre um poder disciplinar que se inscreve nesses corpos, para serem usados:

[...] enquanto instrumento de desejo, de prazer, lugar privilegiado de sensações, lugar do sexo anato-biológico, como possibilidade de manifestação de uma sexualidade, o corpo que trabalha, tem de ser controlado, disciplinado, vigiado. (RIBEIRO, 2006, p.112)

Mas em que momento esse corpo que se expressa sexualmente começa a ser reprimido, interdito? Falar em datas, épocas, momentos históricos, poder-se-ia incorrer no risco de não traduzir o que de fato ocorreu em determinada época; assim, para delimitar nosso trabalho optamos por escolher um movimento denominado Puritanismo, que se solidificou a partir dos séculos XVII e XVIII, na Inglaterra, quando a rainha Elizabeth I reinava. Também trabalhamos com o Vitorianismo, que será visto mais abaixo.

Após o século XVII começam a ser modificadas as normas, regras e leis que ditavam os costumes sexuais, as quais serão descritas como inseridas no movimento do Puritanismo.

Esse movimento foi deveras estudado por Leites (1987, p.14), principalmente em relação à ética da constância e a sua influência na sexualidade humana. Os séculos mencionados foram escolhidos pelo autor porque a ética da

constância, que começava a ser mais demarcada nesse momento histórico, objetivava “[...] o autocontrole, a sobriedade e a busca incessante de metas espirituais e morais como expressões importantes e necessárias da seriedade religiosa e da consciência de Deus”.

Tal autocontrole passa a ser cobrado no casamento, na vida pública, no comércio, na educação dos filhos; enfim, no comportamento em sociedade no geral. Possuía por características cinco elementos distintivos, como aponta Leites (1987): o apelo à firmeza de sentimentos; a redução do auto-envolvimento; a demonstração de menos emoção; uma nova noção da capacidade individual de constância, tanto na moralidade quanto na emoção; e o desenvolvimento de seu ideal integrativo e harmonioso.

Para os puritanistas, no que diz respeito ao primeiro caráter (o apelo à firmeza de sentimentos), não poderiam existir oscilações de temperatura, que eram muito comuns na Idade Média. Ímpetos de alegria e repentinamente de tristeza, em plena rua, não deveriam mais existir, para que se pudesse ter um ideal de elite que privilegiasse mais a pessoa.

O caráter de redução do auto-envolvimento implica em se ter auto-restrição, tanto no temperamento quanto na palavra, principalmente quando se está na presença de outras pessoas, buscando um autocontrole individual.

Há também, como revela o terceiro caráter, uma determinação do indivíduo em procurar ser mais atencioso e preocupado com os outros, mas, em consideração a esses outros, era preciso demonstrar menos emoção, priorizando e resguardando sua vida.

Como característica principal do quarto sentimento puritano, há uma nova noção de capacidade individual de constância, tanto na moralidade quanto na emoção. Havia um pensamento entre os puritanos de que “[...] qualquer ser humano normal tinha potencial para desenvolver [...] um autocontrole.” (LEITES, 1987, p.24)

Tanto mulher quanto homem tinham um alto grau de perfectibilidade, com uma sólida purificação ética, que consistia em se ter firmeza de constância do temperamento moral, isto é, uma devoção integral e segura à retidão.

E por último caráter aparece o desenvolvimento de um ideal integrativo e harmonioso, que visava a um bem-estar individual. Leites (1987, p.26) esclarece:

É interessante e importante entender que os puritanos **não** adotaram uma idéia de consciência que envolvesse uma atitude totalmente ascética em relação ao resto da psique. Argumentarei que, embora eles não quisessem o resultado, entretanto, era repressão; mas, ao menos como ideal, eles sustentavam a idéia de uma relação harmoniosa entre os elementos e não se opunham em princípio a todos os prazeres do mundo. (grifo do autor)

Tal repressão é a que destacamos neste trabalho, no sentido de que pode vir a justificar a utilização de tantos sinônimos para designar partes genitais do corpo e algumas práticas relacionadas à sexualidade.

Cunha (1981) enfatiza que para os puritanos qualquer manifestação de alegria considerada por eles como profana era proibida. A bebida, a dança, a vestimenta com muitos adornos e até ir ao teatro, eram reprováveis, pois demonstravam a não-constância moral.

Esse movimento influenciou a criação dos Estados Unidos da América. Após a Guerra Civil na Inglaterra (1642 a 1649), uma das conseqüências foi o embarque de alguns puritanos no navio Mayflower para efetivarem a colonização dos EUA. Um dos grandes efeitos nesta nova sociedade, com princípios puritanistas, era o combate ao adultério, com um enorme respeito à constituição da família. (CUNHA, 1981)

E, certamente, a manutenção da família era muito importante para a sobrevivência num país novo como os EUA. A cultura puritana era também centrada no poder do sexo masculino, e nisto – junto com a condenação do adultério – eles eram consistentes com sua origem cristã. Mas a sua aceitação do amor físico e espiritual entre marido e mulher era remanescente da tradição judaica, em

que o sexo marital era visto como um presente especial de Deus para ser usado e apreciado. Portanto, do movimento puritano nos sobrou o respeito e o estímulo ao sexo dentro do casamento. (CUNHA, 1981, p.23)

Leites (1987) reforça idéias sobre a ênfase puritana na constância moral, e como conseqüência isso tem pesados reflexos emocionais. Ela é uma virtude calma, que requer um temperamento reflexivo, sóbrio, excluindo a intensidade para expressar sentimentos exagerados de alegria e prazer. Ou melhor, eles até são permitidos, desde que sejam suaves e não levem a extremos.

O casamento cristão recebe um reforço muito consistente no Puritanismo, quando é permitido para que se pudesse ter uma moderada expressão da paixão e do desejo sexual, com um amor sensual permitido, desde que se mostre como uma relação santa e espiritual entre o homem e a mulher. (LEITES, 1987)

Assim difundido esse amor no casamento, outras formas de expressão sexual começam a ser renegadas, pois o que se objetivava era um ascetismo puritano, com uma vida eticamente autodisciplinada, para destruir a satisfação espontânea e impulsiva que o desejo sexual demonstrava. Essas expressões, ou indicadores de mudança de mentalidade são: a nudez, **a barreira lingüística**, a educação das crianças e o combate à masturbação. (SNOEK, 1981, grifo nosso)

Até o século XVI a nudez era apreciada e referendada. Ela não pertencia à esfera do pecado, da estimulação sexual ou do voyeurismo. Até então as pessoas estavam familiarizadas com ela. Dormia-se nu, mesmo nos albergues. Os banhos eram públicos e em comum. Nadava-se nu também. Mas a nudez começa a incomodar. Nesse período aparecem as folhas de parreira nos museus de artes, os calções de banho, as camisolas para dormir, e, por fim, os pijamas, tudo com a intenção de cobrir o corpo desnudo. “Os moralistas começam o mapeamento do corpo, traçando as fronteiras entre partes honestas, menos honestas e vergonhosas. A genitalidade é rigorosamente isolada e escondida”. (SNOEK, 1981, p.34)

O retrocesso da nudez teve por consequência o aparecimento de um *problema artificial*, já que (segundo Freud) a curiosidade sexual leva ao desejo de conhecer as partes escondidas do objeto sexual de outras formas, a fim de que seja possível alcançar uma representação completa deste objeto. Esta curiosidade, no entanto, não só apresenta dificuldades em ser satisfeita, como é moralmente reprovada. Na segunda metade do século XVIII, a simples verbalização de um conhecimento sobre o corpo já era considerada escabrosa. Olhar o corpo dos outros era impossível, os pedagogos proibiam que se olhasse o próprio corpo. (USSEL, 1980, p.82, grifos do autor)

No período que estamos focalizando (séculos XVII a XVIII), uma mudança relativa à sexualidade se mostra radical. Os livros didáticos são expurgados. Não se pode mais ler nem falar sobre sexo. “Sexo virou tabu. Se de todo for inevitável falar sobre esta temática, emprega-se o latim”. (SNOEK, 1981, p.35)

Em relação à educação infantil, até a Idade Média a criança participava da vida dos adultos, até no modo de vestir. Eram pequenos adultos. Brincadeiras sexuais eram, no mínimo, toleradas, às vezes estimuladas ou provocadas. (ARIÈS, 1979). Nesse clima não havia lugar para um chamado “problema” sexual nem para desinformação.

No século XVII, na França, o médico Heroard foi designado pelo rei Henrique IV para cuidar do infante Luís XIII, o que ele fez descrevendo em um diário as “travessuras” do pequeno rei. Para acalmá-lo, as amas acariciavam e colocavam suas bocas no pênis do menino. Entre as crianças, os órgãos genitais eram tratados como outras partes do corpo, e isso se justifica, porque até a puberdade o homem é um ser incompleto, pois não pode procriar. (ARIÈS, 1979)

Os pais achavam graça nessas manifestações, e os pedagogos começaram a reprimi-los, orientando-os a não deixar as crianças se acariciarem ou serem acariciadas, para não ficarem mal acostumadas. (USSEL, 1980)

A partir do século XVII, paralelamente ao processo de puritanização começam a ser definidas as faixas etárias. No século XVIII o mundo da criança já está bem definido, e no século XIX estrutura-se a faixa dos jovens-adolescentes, com os internatos para eles e para elas, separadamente. É fácil compreender que

o sexo, já um pesadelo para os/as adulto/as educadores/as, seja ignorado ou até hostilizado nas instituições escolares. (ARIÈS, 1979)

Snoek (1981, p.35) esclarece que a religião, nessas instituições, também teve a sua importância, pois

ela foi também instrumentalizada na repressão de qualquer manifestação sexual. O pecado por excelência, se não o único, passa a ser o pecado de sexo. No dizer dos pregadores, o inferno estava povoado quase exclusivamente por aqueles que tinham cometido pecado contra a castidade, ainda que fosse apenas em pensamento. O grande controle deste comportamento foi exercido através da confissão. O Concílio de Trento decretou que todos os pecados mortais deviam ser confessados, mesmo os mais secretos e vergonhosos. Com o passar do tempo, este clima vai gerar danos e criar situações humanas deprimentes, constrangedoras. Destrutivas mesmo.

A luta que a pessoa precisava travar agora era para a destruição da satisfação impulsiva e espontânea que a sexualidade expressava. No lugar da espontaneidade exigia-se uma vida de fria reserva e calmo autocontrole, e o sexo deixava a pessoa sem um domínio sobre seu corpo e seu pensamento. O maior objetivo dessa autodisciplina seria, agora, uma vida devotada ao fazer, devido à crescente industrialização que se fazia presente na Inglaterra do século XVIII. (LEITES, 1987)

Assim, o já citado casamento cristão preenche essa necessidade, pois é nele que a sexualidade deve ficar contida. Trata-se de uma instituição aceita pela sociedade vigente. Mesmo assim, ainda o sexo deveria ser realizado com parcimônia, como por exemplo, na gravidez, “[...] porque ele se destinava exclusivamente à reprodução e, como brincadeira sem sentido, levava à perdição.” (GORDON, 1997, p.15)

Leites (1987, p.208) pergunta “por que deve ser o sexo tão misterioso para a modernidade?” Principalmente se, para o autor, a sexualidade está no núcleo da nossa personalidade e, assim, ela deve ser constante em sua atividade.

É assim pela própria definição do que constitui um eu para a tradição puritana. Ainda assim a sexualidade persiste, parece, na flutuação e no caráter transitório reconhecido pela visão antiga. Na experiência de cada um, o interesse sexual e a orientação para os outros não é sempre firme. Essa flutuação coloca um problema de interpretação em relação ao ponto de vista mais antigo. Quanto ao moderno, entretanto, a sexualidade só pode parecer estar ausente, já que deve sempre (realmente) estar trabalhando. Os homens e mulheres modernos, assim, supõem que o sexo está escondido (muito mais do que ausente) quando não está presente. Isso torna o sexo fundamentalmente misterioso. (LEITES, 1987, p.209)

Assim, a constância da pureza dá uma forma firme à vida de cada um, demasiadamente rígida, aniquilando qualquer possibilidade de contato erótico, espontâneo e apaixonado com os outros.

Após essa nova forma de controle das regras pessoais e sociais

[...] começa o reino da imposição exterior e depois da imposição interior (autocooção), que gerava um sentimento de culpa, perante os outros e a si próprio. A proibição aos atos considerados agora como inadequados (assoar o nariz em público, desnudar-se em público, arrotar etc.), agora não provinha somente do exterior, mas vinha da própria pessoa. A auto-satisfação passou a ser combatida a partir do século XVIII, primeiro com argumentos médicos e depois morais. (USSEL, 1980, p.59)

Ussel (1980) também enfatiza que o aburguesamento da sociedade foi o que permitiu o surgimento de um tipo de homem totalmente novo e de novas relações humanas e socioeconômicas, que de forma inevitável conduziram à síndrome anti-sexual.

No século XVIII ainda se admitiam as teorias de Galeno, Hipócrates e de Celso, segundo as quais o corpo deveria purificar-se regularmente dos líquidos e vapores supérfluos. Podia-se cuspir, arrotar, expelir gases etc., estando validadas também as ações de masturbação terapêutica e de idas aos bordéis.

Mas, a partir da segunda metade do século XVIII, os estudiosos começaram a escrever sobre o uso inadequado da expressão sexual e

corroboravam as teorias dos médicos em relação às perturbações advindas dos maus usos da sexualidade. (USSEL, 1980)

Essa evolução social segue paralela à evolução sexual, “onde o homem se distanciava mais com relação ao seu próprio corpo e ao corpo dos outros” (USSEL, 1980, p.55). Exemplificando, o corpo é escondido dentro de roupas pesadas, e seus odores dissimulados por perfumes.

Como já discutimos antes, tanto a quantidade quanto a qualidade das relações pessoais se modificou. As pessoas tinham de regular a própria vida afetiva por meio da autocoação e do autocontrole. A sociedade agora determina que tipo de personalidade pode ser considerada adequada, principalmente no controle das emoções, como por exemplo o choro masculino, que passa a ser reprimido. (USSEL, 1980)

Há agora, segundo Ussel (1980), uma nova escala de valores da burguesia. O trabalho passa a ser o maior objetivo dessa nova categoria econômica. Os animais simbólicos de nobreza, leão, lobo, urso, águia etc. são por essa época substituídos pelos da burguesia: formiga, escaravelho, abelha, esquilo etc. Cantar e divertir-se trabalhando não era mais permitido. A ociosidade é a mãe de todos os vícios.

O prazer pelo prazer era um pecado. O corpo foi transformado de órgão de prazer que era em órgão de realização. A burguesia desenvolveu um espírito de realização, tornando impossível a experiência voluptuosa do sexo e de Eros. (USSEL, 1980, p.57)

A repressão da sexualidade determina, nessa ocasião, uma série de regras de boa educação, e mais tarde são instituídos preceitos morais que preconizavam um respeito mútuo constante, a fim de não aumentarem as tensões latentes. A partir do século XVI essas regras passaram a ser ensinadas, inicialmente aos adolescentes.

Após o século XVII coube aos jovens reprimir suas necessidades sexuais de forma a dirigir para os estudos a energia e a atenção desse modo acumuladas. Isto exigia um grande esforço pessoal, e as regras então impostas intensificaram

a sensibilidade que as havia produzido; assim, quanto mais os corpos eram cobertos, mais se ficava emocionado/a à visão de um corpo seminu ou nu.

Para que isso se efetivasse, a educação tornou-se cada vez mais severa, objetivando que a pessoa pudesse se ajustar ao novo modelo que ela própria se impunha. Um número cada vez maior de **palavras**, gestos e partes do corpo passa a ser considerado como sinais de possíveis perigos e prazeres, sendo, portanto, carregados de tensão erótica. (USSEL, 1980)

Nos séculos XV e XVI as pessoas sentiam prazer em ver a nudez das mulheres e das jovens. Já no século XVII, pelo contrário, esse prazer já não era abertamente apreciado, porque representava uma provocação. Assim, passou-se a sexualizar numerosos estímulos neutros, tais como a equitação, o aquecimento dos quartos, as roupas quentes, o conforto das poltronas e das camas, o agrado pelas bebidas quentes, os livros, os quadros, a riqueza da alimentação, o riso, a abundância dos perfumes, as especiarias, o som “demasiadamente suave ao ouvido” da música da época etc. (USSEL, 1980, p.62)

A curiosidade em se ver a nudez, no entanto, não só apresenta dificuldades para ser satisfeita como é moralmente reprovada. As cenas e vontades sexuais deveriam ser hostilizadas e reprimidas. Assim, uma tensão interna, do ego, se fez mais intensa, trazendo um sentimento de pudor. Encontrava-se aí, como já destacamos, a partir do século XVIII, as origens do Puritanismo Ocidental. (USSEL, 1980)

Para esse autor, a partir do século XVI as emoções tornaram-se mais reservadas, tais como: matar, espancar, arrancar os cabelos com desespero, manifestar a sua alegria ou a sua dor, dando lugar a manifestações interiorizadas. Parece que a paz e a calma cresciam, ao mesmo tempo em que a uniformidade e o tédio; no lugar da antiga proximidade surgia um maior distanciamento pessoal.

O nascimento, a doença, a morte, a histeria, a loucura, as lágrimas, o riso, o ódio, o amor e quase tudo o que dizia respeito à sexualidade era condenado. Assim deve ter acontecido também com as **palavras**.

Da mesma forma que a sociedade negava a sexualidade, a pessoa tinha de renegar suas sensações sexuais, recalá-las ou considerá-las como não existentes. Tudo o que ocorria com o corpo era encarado pelos/as adolescentes com uma repugnância cada vez maior, o que poderia ser provado por um estudo da história da puberdade fisiológica, enquanto experiência vivida por eles/elas.

O mundo da vivência na fantasia era igualmente submetido a fortes tabus, por um lado, porque este tipo de vivência crescia como conseqüência da menor possibilidade de sua realização e, por outro, devido à interiorização da autoconsciência e do conhecimento ético. (USSEL, 1980, p.65)

Continuando a nos embasar em Ussel (1980), ao final da Idade Média e ainda no século XVI não havia uma parede invisível entre o corpo de cada um e o dos outros, entre a sua consciência e o seu corpo. Quando as pessoas sabem aceitar as funções do corpo e também apreciá-las, quando não ficam constrangidas com as funções fisiológicas de seus órgãos, dificilmente se pode afirmar que renegam seu corpo.

Se a **estima do corpo** implícita é grande, diminui a possibilidade do surgimento de sentimentos de vergonha. **A expansão dos sentimentos de vergonha é, antes de mais nada, uma conseqüência da mudança da estrutura social.** (USSEL, 1980, p.83, grifos do autor)

Como curiosidade, até o século XV o traje masculino acentuava de forma notável o sexo do homem (a braguetta): através dele via-se a parte coberta. Mas como a sexualidade passa a ser encarada como algo extremamente perigoso, o corpo não poderia ser acentuado. Assim aconteceu também com as **palavras**. Em 1729 La Salle, um educador, proibia que se falasse das partes do corpo circunscritas pelo pudor. (USSEL, 1980)

Como exemplo, até a idade de três anos deveria ser possibilitado à criança o emprego de todas as palavras, devendo-se tratar as partes pudendas como qualquer outra parte do corpo, como o rosto; desse modo se evitaria despertar uma atenção supérflua.

Ussel (1980), ao estudar Rousseau, diz que este defendia uma inocência ingênua. Uma linguagem inofensiva tinha por função evitar, na criança, uma curiosidade perigosa. Além disso, era preciso empregar uma linguagem crua e associá-la a pensamentos aversivos, pois desse modo se conseguia asfixiar a fantasia.

Assim, a expressão direta e aberta dos sentimentos é, pouco a pouco, substituída por uma atitude fechada e secreta. “Era possível observar esse fenômeno em vários campos: na arte, nos usos e costumes, nos textos de músicas, no desenvolvimento do vocabulário [...]” (USSEL, 1980, p.90)

A sexualidade também se dissimula nos bastidores da **linguagem**. O tabu estendeu-se, a princípio, à alusão direta: as cenas de coito ou as funções dos genitais não deviam ser verbalizadas. Depois, as partes sexuais não deviam ser explicitamente nomeadas. Muito mais tarde outras partes do corpo vieram a tornar-se tabu, tais como os joelhos, os tornozelos etc.

O desenvolvimento do vocabulário sexual segue uma linha clara. No século XVIII, a área periférica à sexualidade foi cada vez mais sexualizada semanticamente, pelo uso simbólico ou analógico de certas expressões.

A repressão ao uso das palavras consideradas sexuais era tão intensa que Rehm, estudado por Ussel (1980, p.94), em seus textos datados de 1802, não usava a palavra pênis ou outra similar, mas sim “parte pela qual o corpo deixa sair certa secreção”.

Confirmando essas afirmações, diversos autores têm estudado as atitudes e os comportamentos sexuais das pessoas, em diferentes épocas e contextos culturais, sempre destacando problemas sobre a questão sexual. Mas por que a manifestação sexual acaba se tornando um problema? Para quem isso seria um problema? Seria essa dúvida uma questão burguesa ou pequeno-burguesa, como diz Costa (1980), no prefácio do livro de Ussel (1980), *A Repressão Sexual*. O primeiro autor acaba constatando que “[...] fome de sexo é problema dos que não têm fome de pão, isto sim, verdadeiro problema brasileiro.” (USSEL, 1980, p.14)

Outro movimento que se mostrou com demasiada importância na questão da repressão sexual foi o Vitorianismo. Ele aconteceu na Inglaterra do século XIX, quando o reinado era da Rainha Vitória (1819 a 1901), razão de ter ganho esse nome.

Gregersen (1983, p.17) ao discutir esse movimento, relata que

a extrema afetação do movimento foi acompanhada por uma crença nos perigos da perda do sêmen – não no sentido judeu-ortodoxo de poluição, mas na crença pseudocientífica de que toda ejaculação era debilitante e que a relação sexual, mesmo dentro do casamento, devia ser evitada o máximo possível para o maior benefício da sociedade. Em outras palavras, ela apoiava com punição uma doutrina de sublimação.

Esse movimento ganhou força por causa da influência do Império Britânico naquela época. A era vitoriana conquistou muitos adeptos, principalmente médicos e estudiosos, que disseminaram “[...] através de suas obras, os ideais de repressão que adotavam e que davam respaldo científico à necessidade do controle sexual”. (RIBEIRO, 1990, p.8)

Weeks (2001, p.52) considera que a sociedade da época começa a se tornar mais preocupada com as vidas de seus membros, e “[...] pelo bem da uniformidade moral; da prosperidade econômica; da segurança nacional ou da higiene e da saúde”, ela se tornou mais preocupada com o disciplinamento dos corpos das pessoas. Assim, a expressão sexual é totalmente combatida, isto é, dentro do casamento ela pode ser realizada, desde que houvesse cuidado com a procriação (fundamental razão de ser da relação sexual),

[...] a fim de assegurar que as famílias fossem constituídas pelo tipo certo de indivíduo, bem como uma preocupação com os papéis apropriados para homens e mulheres (especialmente mulheres) na família, no admirável mundo novo da democracia social. (WEEKS, 2001, p.53)

Cunha (1981) nos traz uma interessante diferenciação entre os movimentos Puritanismo e Vitorianismo, porém é sabido que ambos trouxeram

marcas indeléveis à história da sexualidade, que perpetuam até hoje, como mitos e tabus sobre masturbação, virgindade e relações sexuais, entre outros.

A diferença entre os vitorianos e puritanos é que, enquanto os puritanos valorizavam o sexo e o amor dentro do casamento, os vitorianos, numa volta para trás, achavam que, mesmo dentro do casamento, o sexo deveria ser restrito. Os vitorianos aceitavam o sexo exclusivamente para fins de procriação. [...] Os puritanos podiam falar abertamente de sexo, mas os vitorianos evitavam até mesmo mencionar a palavra “perna” em frente a uma pessoa de outro sexo, para evitar “más interpretações”. Os puritanos combinavam paixão com amor, sexo e romance dentro do casamento, mas os vitorianos tentaram abolir inteiramente a paixão sexual. (CUNHA, 1981, p.23, grifos do autor)

Se pronunciar a palavra perna era proibido, imagine-se falar sobre pênis e vulva, ou outras similares? A repressão das pronúncias das palavras é antiga e violenta, na medida em que a encontramos até hoje, destacada nos diversos sinônimos que encontramos neste trabalho.

Mais uma contribuição, conforme já citamos, do Vitorianismo foi a retirada do controle sexual da religião, voltando-se agora para o controle sanitário. Médicos começam a se destacar nas pesquisas sobre os aspectos da sexualidade. Muitos estudos recaem sobre questões consideradas abusivas, perniciosas, e assim deveriam ser exterminadas e, na melhor das hipóteses, tratadas. Itens como “[...] homossexualidade, fetichismo, sadomasoquismo etc., eram produtos de mentes “desviadas” que só podiam praticar os piores crimes”. (CUNHA, 1981, p.23, grifos do autor)

O autor destaca, entre os vários médicos que começam a combater muitas expressões sexuais, o inglês William Acton (1813-1875), denominado por Cunha (1981, p.23) de “[...] um charlatão emproado”. O urologista escreveu um livro chamado *Função e Desordens dos Órgãos Reprodutores*,

[...] onde apresentou idéias absolutamente idiotas sobre sexo, mas que foram aceitas e altamente esposadas nessa época. Acton focalizou sua atenção na sexualidade masculina desde que ele acreditava que as mulheres eram criaturas primordialmente assexuadas que nem mesmo tinham orgasmo. Em sua opinião as mulheres “honestas” concordavam com o coito apenas para satisfazer aos maridos para ter filhos. (CUNHA, 1981, p.23)

Entre as desordens, Acton condenou a masturbação, pois levava à insanidade mental. Assim, sexo só poderia existir dentro do casamento e sem muita continuidade, para evitar a perda de esperma e uma conseqüente fraqueza física e psíquica. (RIBEIRO, 1990)

Outro médico que reforçou as teorias vitorianas sobre a sexualidade, e que merece destaque é o alemão Richard Von Krafft-Ebing (1840-1902). Ele escreveu *Psychopathia Sexualis*, onde descrevia como a sexualidade aberta levava ao crime, como a homossexualidade e o sadomasoquismo, já citados. Suas teorias eram pseudocientíficas, conforme atesta Cunha (1981), mas serviram para que tanto os médicos da época quanto a população leiga vissem quaisquer expressões sexuais que não fossem consideradas convencionais, como perigosas e detestáveis.

Dessa época até os dias de hoje, dizer que a necessidade sexual e sua expressão é algo “natural” no ser humano tornou-se até banalizado, mas por que razão o que se chama de “natural” precisou ser disciplinado? Com certeza esse disciplinamento precisou ser feito a partir de um objetivo maior, que, de primeiro momento, serviu e serve a uma elite dominante, que necessita de corpos reprimidos, dominados e subservientes a uma proposta ideológica, que se valeu da violência com que o Capitalismo ou o estado burocrático expropriou-lhe a autonomia. (COSTA, 1980)

Na prática, a idéia de que a natureza é espontaneamente competente, imanentemente produtora de sexo livre, vem sendo curiosamente encampada por um saber do tipo científico e um poder do tipo técnico-profissional, encarregados de fazer brotar nos indivíduos o que é definido, por princípio, como espontâneo e naturalmente livre. Ou seja, para que o espontâneo e o natural surjam tem-se de recorrer a uma sofisticada tecnologia do corpo, do sexo e das emoções, comparável ao aparato disciplinar

montado por higienistas e pedagogos dos séculos anteriores, para reprimir o sexo. (COSTA, 1980, p.17)

Costa (1980) continua afirmando que a chamada ciência, que busca nos auxiliar nas explicações dos movimentos humanos (incluindo aí sexo/sexualidade), e também seus preceptores se fazem porta-vozes da “natureza sexual”, e começam a redefinir o que é natural e normal.

A ciência e a disciplinarização do sexo nasceram de um mesmo artefato político: a consciência imposta aos indivíduos de que eles eram ignorantes quanto aos destinos, origens e funcionamento do prazer sexual. Uma serviu de trampolim à outra. A ciência distinguia o bom e o mau, o normal e o perverso, o sadio e o “degenerado” e, em seguida, justificava a repressão em nome do saber. Saber que definiu a norma sexual “verdadeira”, “natural”, “universal”, base dos catálogos de normalidade e anormalidade, até hoje comandantes da vida sexual dos indivíduos. (COSTA, 1980, p.18)

As afirmações de Costa (1980) vêm corroborar as idéias expostas neste trabalho, baseadas na explicação de que a repressão sexual, ou então o discurso do poder do “rei”, emana uma idéia negativa para o sexo e está reduzido a um sistema binário – o que pode e o que não pode ser feito e aceito em questão de expressão sexual. (FOUCAULT, 1988). O sexo e a sexualidade aparecem carregados de significados e significantes, advindos de uma classe detentora do pensamento dominante, na sociedade ocidental contemporânea, principalmente.

Já que agora a importância maior era a realização (força de trabalho), Bataille (1980, p.13) enfatiza que as pessoas distinguiram-se dos animais pelo trabalho. “Começaram fabricando utensílios para sua subsistência e logo depois para necessidades supérfluas”. Nessa dimensão de supérfluo tornaram-se humanas, e sua cultura humanizada se instaura em um mundo de trabalho. Esse mundo agora exige um tempo coletivo, e assim as pessoas tornam-se uma coletividade que se vê consagrada ao trabalho e definida por proibições.

A atividade sexual acaba se opondo ao mundo do trabalho, sendo considerada uma violência (BATAILLE, 1980), pois enquanto impulso imediato pode vir a perturbar o trabalho e nos leva ao primado do natural, desnudando-nos da cultura. Entra assim no domínio do erotismo, que vem a ser o domínio da transgressão.

Falamos de erotismo todas as vezes que um ser humano se comporta (em relação à sexualidade) de um modo que apresenta com os comportamentos e juízos habituais um flagrante contraste. O erotismo deixa transparecer o **avesso** duma fachada, cuja correta aparência nunca é desmentida: nesse avesso se revelam sentimentos, partes do corpo e modos de ser de que vulgarmente temos **vergonha**. (BATAILLE, 1980, p.97, grifos do autor)

Essa palavra – vergonha – é significativa da dificuldade na vivência social do erotismo, surgida da contradição desejo (prazer sexual) x proibição. O erotismo acaba sendo definido pelo segredo, e nossa cultura parece não suportar viver com o segredo. Assim, e como “[...] a nossa existência está presente em nós sob a forma de linguagem (de discurso), é pelo discurso que procuramos desvendar esse mistério”. (BARBOSA, 1984, p.39)

Desse modo, são as palavras/“palavrões”/sinônimos/falas populares pesquisados/as neste trabalho, que acabam sendo vistos/as e encarados/as como transgressão, produto da humanidade e conseqüência da proibição.

Reafirmando-se o ideário do Capitalismo, que acaba transformando a vida e a sociedade em vários sentidos, ele conseqüentemente introduz um modo de vida fundamentado na produção, na exploração do ser humano, na venda da força de trabalho e no acúmulo de bens. O sexo também passou a ser controlado, submetido às regras e normas, e assim, para se consolidar enquanto tal, era importante uma sustentação científica para justificar essas concepções. (RIBEIRO, 2005)

Apesar de toda essa proibição, essa vergonha, e todo esse repúdio, podemos afirmar que existe uma preocupação geral com a sexualidade na cultura moderna, cujos motivos trazemos à discussão, com o apoio de Giddens (1993).

A primeira explicação é que há uma transformação do sexo em mercadoria. A sexualidade gera prazer; e o prazer, ou pelo menos a sua promessa, proporciona um incentivo para os produtos comercializados em uma sociedade capitalista.

As imagens sexuais aparecem em quase toda parte no mercado como uma espécie de empreendimento comercial gigantesco; a transformação do sexo em mercadoria poderia então ser interpretada em termos de um movimento de uma ordem capitalista, dependente do trabalho, da disciplina e da autonegação, para uma ordem preocupada em incrementar o consumismo e, por isso, o hedonismo. (GIDDENS, 1993, p.194)

Tal explicação, para o autor, não pode ser inadvertidamente aceita, pois se há uma preocupação e um apelo para o sexo-consumismo é porque já lhe é dada a devida importância, uma vez que

[...] a sexualidade é inquietante, perturbadora, cheia de tensões. O prazer é cercado por demasiadas tendências compensatórias para tornar plausível a idéia de que a sexualidade é o ponto central de uma sociedade de consumo hedonista. (GIDDENS, 1993, p.194)

Em segundo lugar, há uma outra leitura para esse instigante questionamento sobre a preocupação geral quanto ao sexo: a de que ele seria a nossa “verdade”, o âmago de um princípio confessional generalizado da civilização moderna, que tanto Freud quanto Foucault, citados por Giddens (1993), apregoaram. Este último autor diz que muitos outros criticaram a exagerada importância dada ao sexo pelos primeiros citados, e que assim não explicariam o sexo como princípio estimulante do pensamento moderno como um todo.

Uma terceira interpretação poderia ir em direção às características compulsivas do comportamento sexual, ou seja, o sexo como vício. Isso é muito encontrado, e veiculado por várias formas de comunicação: revistas, filmes, grafitos etc.

Para Giddens (1993, p.195-196), há uma explicação mais plausível e mais adequada para essa indagação: a sexualidade foi

[...] seqüestrada ou privatizada como parte dos processos em que a maternidade foi inventada e tornou-se um componente básico do domínio feminino. O seqüestro da sexualidade ocorreu, em grande parte, mais como resultado da repressão social do que a repressão psicológica, e estava acima de tudo relacionado a dois fatores: o confinamento, ou a negação da resposta sexual feminina, e a aceitação generalizada da sexualidade masculina como não-problemática.

Assim, quanto mais a sexualidade se desassocia da reprodução, mais se integra em um emergente processo de reflexão do eu, e o sistema institucional de repressão fica sob tensão.

À mulher é atribuída a incumbência da maternidade de um número menor de filhos/as, o que é mais notado no meio do século XX, a partir da criação do lar, como tão bem declarado por Ariès (1979). Nas sociedades consideradas desenvolvidas, as crianças passaram a ser identificadas como vulneráveis, necessitando de um treinamento emocional a longo prazo.

A mãe, agora dentro do lar, tem a obrigação de educar essa criança em todos os seus aspectos, quer sejam materiais ou psíquicos, incluindo-se nos últimos a explicação sobre o sexo. A essa mulher são impostos, por uma sociedade burguesa, valores e condutas diferenciados, com a nítida intenção de se regular a expressão sexual, tais como: casar-se virgem, a falta de toques corporais, a ausência da sensação orgástica etc. (GIDDENS, 1993)

Com a saída dos homens para o trabalho, à mulher cabem agora os cuidados da casa, a educação dos filhos e a satisfação das necessidades do marido. Como os/as visitantes não eram mais freqüentes na casa, os/as pais/mães passam a ser modelos identificatórios para a criança, que era reforçada a identificar-se com o/a progenitor/a do mesmo sexo. Então aprendia que a diferença entre um sexo e outro se baseava na ausência ou na presença de um pênis. Reconhecia-se como um menino ou uma menina, associando o poder à

figura masculina, já que seu pai possuía um pênis e era a autoridade máxima em casa. (GIDDENS, 1993)

A família burguesa acaba introduzindo a necessidade de se postergar a satisfação sexual, pois

[...] a família a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções. (FOUCAULT, 1988, p.9-10)

Isso, com certeza, é repassado aos/às filhos/as. A mãe acaba sendo considerada a principal educadora sexual da criança. Gaiarsa (1989, p.53) enfatiza que

os homens não temem a castração – nem ao pai. Muito antes dos 5 anos *fomos todos* castrados. Quem castra mesmo, aos garotos e às meninas, é a **mãe**, em nome da sociedade – em nome de todos os anônimos. Desde o primeiro banho e desde a primeira troca de fraldas, a “operação” começa e gradualmente se completa. [...] uma castração que continua em mil gestos, expressões de rosto, tons de voz, que invariavelmente mudam quando os adultos falam dessas coisas. (grifo do autor)

Com novas regras e cerimônias, instala-se agora um modelo padrão e idealizado de sexualidade: aquela que só é permitida para a reprodução. Se assim não o for será reprimida, e, se expressa, penalizada.

Em se tratando de repressão sexual, Chauí (1984, p.9) alude que ela pode ser considerada como

[...] um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidas histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade, pois, como inúmeras expressões sugerem, o sexo é encarado por diferentes sociedades (e particularmente pela nossa) como uma torrente impetuosa e cheia de perigos [...].

A autora completa a argumentação que realça a infância, quando afirma que:

[...] um dos aspectos profundos da repressão está justamente em não admitir a sexualidade infantil e não genital. Essas regras, normas, leis e valores são definidos explicitamente pela religião, pela moral, pelo direito e, no caso de nossa sociedade, pela ciência também. (CHAUÍ, 1984, p.77)

Para Chauí (1984) essas premissas, em determinada circunstância cultural, norteiam a vida sexual das pessoas, indicando assim os valores moralmente aceitos e desejáveis, controlando por sanções e recompensas seus comportamentos sexuais.

Importante também é se enfatizar que,

embora muito relacionada à contenção e à violência simbólica ou física, a repressão aparece nos discursos proibitivos, quanto aos permissivos. Na medida em que, tanto as proibições (“não faça isso”) quanto às permissões (“você deve fazer isso”; “você deve ser assim”) se tornam regras, imposições sociais para a adequação das pessoas para que atinjam a promessa da felicidade eterna. Essa felicidade prometida está nos moldes ideológicos de uma cultura que discrimina o imperfeito, o diferente, segundo seus julgamentos de normalidade. (MAIA, 2006, p.11)

Aparece, assim, a imposição do sim, a do que é permitido e deve ser feito (sexualmente falando), e se assim não o for a pessoa estará infeliz. Para exemplificar, citamos alguns valores considerados aceitos atualmente: a beleza corpórea, tanto masculina quanto feminina, que se destaca por altura, juventude, cor de pele, cabelos diferenciados, tamanho dos seios e principalmente a massa corporal, e também a performance sexual. Se a pessoa não seguir esses padrões

(e outros mais) poderá se sentir indesejada sexualmente e, assim, infeliz. “A aparente ausência de repressão sexual foi substituída pelo ‘dever do orgasmo’, padronizando a forma de satisfação dos desejos”. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.41, grifos das autoras)

Então, será que a repressão a sexo/sexualidade modificou-se no decorrer dos tempos, ou somente o viés dado a ele é que assumiu outros contornos?

A repressão sexual foi também amplamente discutida por Foucault (1988), conforme já citamos. Para ele, a representação da repressão sexual se faz muito mais pelo problema das relações entre o poder e o sexo, poder aqui entendido como aquele que domina e comanda as relações sociais vigentes, e isso vem acontecendo desde os primórdios da civilização humana.

O autor enfatiza que o discurso sobre sexualidade difere, na cultura ocidental e na oriental. Nas sociedades orientais havia a conotação discursiva da sexualidade enquanto satisfação sexual e uma iniciação adequada para alcançar esses objetivos, ao que ele denomina *arte erótica*. Já nas sociedades ocidentais predomina um discurso científico sobre as atitudes e condutas sexuais, ao que o autor denominou de *ciência erótica*, que institui normas sexuais visando à saúde sexual física, e conseqüentemente psíquica, controlada pela ciência em anuência com a moralidade da religião judaico-cristã, pois ambas as instituições têm estado interessadas no controle sobre o sexo.

Foucault (1988) também analisa alguns aspectos que entendemos importantes para a análise da repressão sexual: a relação negativa; a instância das regras; o ciclo da interdição; a lógica da censura e a unidade do dispositivo.

Esses aspectos são assim compreendidos por ele:

- a) A relação negativa: em relação ao sexo, o poder estabelece relações de modo negativo: rejeição, exclusão, ocultação, mascaramento, barragem, recusa e ocultação;
- b) A instância das regras: essencialmente, é o poder que dita as regras em relação ao sexo, ficando, assim, reduzido a um regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. Também o poder prescreve ao sexo uma ‘ordem’ que funciona como

- forma de inteligibilidade, ou melhor, o sexo só se decifra a partir da sua relação com a lei.
- c) O ciclo da interdição: pelo poder, o sexo só funcionaria pela proibição: 'não toques, não tenhas prazer, não fales, etc., tendo como objetivo que o sexo se renunciasse a si mesmo, e o instrumento seria a ameaça de um castigo, que seria a supressão.
 - d) A lógica da censura: com a interdição acima citada, existem três formas de interditos sobre o sexo: afirmar que não é permitido, impedir que se diga e negar que exista. Dito assim, a lógica do poder sobre o sexo seria a lógica paradoxal de uma lei que poderia ser enunciada como injunção de inexistência, de não-manifestação e de mutismo.
 - e) A unidade do dispositivo: o poder sobre o sexo se manifesta em todas as instâncias sociais, que têm as engrenagens simples e reproduzidas da lei, da interdição e da censura: o Estado, a Família, a Escola, as leis, etc. Ao encontro do poder dita a lei, e o sujeito é aquele que obedece, que acaba se submetendo a essas leis. 'Poder legislador, de um lado, e sujeito obediente de outro'. (FOUCAULT, 1988, p.82)

De acordo com essas definições, as instituições modernas (família, escola, igreja, entre outras) fazem com que as pessoas paguem um preço, aumentando a repressão sexual, pois assim podem oferecer benefícios vultosos à sociedade. "Civilização significa disciplina. A disciplina, por sua vez, implica controle dos impulsos interiores, controle este que, para ser eficaz, tem de ser interno. Quem fala em modernidade fala em superego". (GIDDENS, 1993, p.27)

Em uma outra fala, mas que não se faz conflitante com os autores acima citados, Meirelles (1997) explica que o conceito de repressão sexual deve ser reenquadrado, não significando somente a anulação do desejo, do prazer, como um poder punitivo sobre o corpo ou a alma, porém

[...] um componente subordinado a uma educação transformadora, que respeitasse hierarquias e estágios de desenvolvimento da energia sexual, que trouxesse limites, que reconhecesse a existência de polaridades e lidasse dialeticamente com esta; enfim, que não estabelecesse conotações negativas ou positivas. Sob esse novo enfoque, a repressão faria parte do processo de cidadania e desenvolvimento do ser humano, e estaria submetida a esses mesmos princípios. (MEIRELLES, 1997, p.77)

Vista assim, a repressão sexual atende ao momento histórico-cultural em que está inserida. Que ela existe, disso não se têm dúvidas, e constatamos que há a necessidade de que seja mantida, com a finalidade de se preservarem os padrões exigidos como perfeitos para se conviver em sociedade. Ou então, com base em Foucault (1988), podemos afirmar que a discussão sobre a sexualidade é administrada não pela força da lei, mas por discursos úteis, públicos, e pela norma. Podemos, sim, dizer que muito se fala, se discute, se escuta, se pratica e se estuda sobre sexo, e “[...] até o silêncio sobre ele representa uma estratégia de controle do dispositivo de sexualidade”. (BONATO, 1996, p.36)

Isso encontramos na escola ainda nos dias de hoje, conforme veremos no capítulo 5. A escola enquanto instituição socializadora, nos tempos atuais, também acaba por falar sobre a sexualidade, porém, na grande maioria das vezes, sem aceitar que seja necessária ou que se deva trabalhar intencionalmente essa temática.

Ainda longe de se afirmar que a aceitação da sexualidade exista, tanto na sociedade em geral, quanto na escola inserida nesse contexto, Telarolli Júnior (1997, p.22) defende que “[...] a sexualidade talvez seja uma das áreas do comportamento humano que sofreram maiores mudanças nos últimos tempos”. Essas mudanças são visíveis ou não conforme o padrão cultural de cada momento histórico, confirmando que a identidade e o comportamento sexual são moldados pela sociedade. É impossível falar em sexualidade deixando de lado a herança cultural que recebemos de nossos antepassados, mas o que era considerado “normal” para a expressão da sexualidade hoje pode não o ser.

Algo importante a ser mencionado é que o termo sexualidade só apareceu no decurso do século XIX, nas sociedades industriais. No século XVIII não existia o adjetivo sexual para designar a diferença genital entre o homem e a mulher. Por sexo entendia-se o sexo feminino. A palavra existia no jargão técnico da Biologia e da Zoologia, já em 1880, mas só no final do século passou a ser usada amplamente em um sentido mais próximo do significado que tem nos dias de hoje (USSEL, 1980; FOUCAULT, 1988).

Giddens (1993, p.32-33) amplia essa explicação dizendo que

a palavra aparece neste sentido em um livro, publicado em 1889, preocupado com o porquê de as mulheres estarem predispostas a várias enfermidades que não afetam os homens – algo atribuído à “sexualidade” das mulheres. O fato de ela estar originalmente relacionada a tentativas de se manter sob controle a atividade sexual feminina é amplamente demonstrado na literatura da época. A sexualidade emergiu como uma fonte de preocupação, necessitando de soluções; as mulheres que almejavam prazer sexual eram definitivamente anormais.

Perguntamos novamente: o que seria, então, sexualidade? – Ela pode ser definida como tudo o que compreenda relações e ações de pessoas entre si e consigo mesmas, enquanto seres sexuados (USSEL, 1980). Como já citamos, ela é uma elaboração social que opera dentro dos campos do poder, do discurso e do corpo (FOUCAULT, 1988) e não simplesmente um conjunto de estímulos biológicos que encontram ou não uma liberação direta. (GIDDENS, 1993)

Este último autor também nos traz importante contribuição, quando diz que “a modernidade está associada à socialização do mundo natural – a substituição progressiva das estruturas e dos acontecimentos que eram parâmetros externos da atividade humana por processos socialmente organizados”. (GIDDENS, 1993, p.45)

Assim, por exemplo, a sexualidade não pode ser somente vista e aceita em manifestações heterossexuais, pois essa expressão não pode ser considerada como um padrão pelo qual tudo o mais é julgado. Com certeza ainda não atingimos um estágio em que a heterossexualidade seja aceita como apenas uma orientação entre outras, “mas esta é a implicação da socialização da reprodução”. (GIDDENS, 1993, p.45)

Para Figueiró (2006, p.42), a sexualidade, numa visão ontológica, é

[...] essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua

dimensão biológica, nem à noção de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser percebida como uma “parte” do corpo. Ela é, pelo contrário, uma energia vital da subjetividade e da cultura, que deve ser compreendida, em sua totalidade e globalidade, como uma construção social que é condicionada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais.

Essa afirmação fundamenta o nosso trabalho, enquanto Maia (2006, p.13) também nos traz indagações pertinentes que necessitam ser feitas, quando se apóia na perspectiva de que

há uma banalização da sexualidade, o que dá a idéia de uma aparente liberdade sexual. Porém, somos uma sociedade repressiva, na medida em que reproduzimos valores e cobramos normas e regras sobre o que não fazer e o que fazer, respondendo a uma ideologia dominante que impõe esses valores.

A reprodução de normas, valores ou regras apregoadas, consciente ou inconscientemente, por uma ideologia dominante e repressora, aparece quando se utiliza a linguagem, verbal ou escrita, em relação à sexualidade, nos sinônimos que geralmente as pessoas atribuem a esse universo, revelando um modelo de repressão e até desconhecimento, por parte da maioria delas.

No capítulo que segue nos dedicamos às palavras, pesquisadas neste trabalho, que têm relação com a sexualidade: órgãos sexuais masculino (**Pênis**) e feminino (**Vulva**), e com algumas práticas sexuais: **Masturbação** e **Relação Sexual**.

2 PALAVRAS, “PALAVRÕES”: DEFINIÇÕES, SUPOSIÇÕES?

CERTAS PALAVRAS

Certas palavras não podem ser ditas
Em qualquer lugar e hora qualquer
Estritamente reservadas
Para companheiros de confiança,
Devem ser sacralmente pronunciadas
Em tom muito especial
Lá onde a polícia dos adultos
Não adivinha nem alcança.

Entretanto são palavras simples:
Definem
Partes do corpo, movimentos, atos
Do viver que só os grandes se permitem
E a nós é defendido por sentença
Dos séculos.

E tudo é proibido. Então, falamos.

(CARLOS DRUMOND DE ANDRADE, 1973, p.16)

2 PALAVRAS, “PALAVRÕES”: DEFINIÇÕES, SUPOSIÇÕES?

Os olhos sucumbem ante o poder da palavra.
(ALVES, 1994, p.14)

Conforme vimos no capítulo anterior, a sexualidade e o sexo, que tanto foram e ainda são reprimidos, mostram-se também a partir das **palavras**. Mas, o que são palavras? – Nós as usamos para designar objetos, ações, pessoas, expressões diversas e, entre elas, as denominações daquilo que consideramos as partes genitais do corpo e algumas práticas sexuais.

Neste trabalho buscamos, como objetivo geral, verificar e analisar sinônimos atribuídos aos órgãos sexuais masculino e feminino (**pênis** e **vulva**) e a algumas práticas sexuais (**masturbação** e **relação sexual**), na cultura brasileira, e também os entrecruzamos com a repressão sexual que também advém da instituição escola.

Inicialmente, precisamos constatar que o valor semântico das palavras não é estático, mas algumas evoluções históricas, bem como regionais, sociais, políticas e culturais influenciam a sua transmutação ou a pluralidade de seus significados. Do mesmo modo, muitas palavras (neologismos, estrangeirismos etc.) são integradas à linguagem em sua forma original, antes de sofrer uma possível transformação/adaptação pelas regras que regem o idioma de acolhimento.

Ussel (1980, p.23) explica que

[...] nosso vocabulário também determina a imagem das coisas. Por conseguinte, é muito possível que o conceito de “sexualidade” não passe de uma construção hipotética que, aliás, se constitui semanticamente, sem, porém, se ligar a nenhum acontecimento explícito de ordem ôntica. Se não reconhecermos isto claramente, correremos o risco de passar a utilizar inconscientemente uma metalinguagem.

O autor também enfatiza a importância do uso das palavras relacionadas à sexualidade, desde o século XVI

[...] a língua francesa possuía trezentas palavras para designar o ato sexual e quatrocentas para indicar as partes genitais. O vocabulário sexual (da Antiguidade e da Idade Média) era suficientemente grande. Os lingüistas demonstraram que a palavra é uma forma de comportamento, e que a língua e o comportamento reunidos são produtos da educação, num certo quadro de cultura. (USSEL, 1980, p.23)

Portanto, o uso de palavras diferentes para os nomes dados a algumas atitudes e partes do corpo com conotação sexual sempre foi motivo de controvérsias.

A partir do momento da concepção, começamos a receber uma influência social que condicionará nossa maneira de ver o mundo e de estar nele. “Com a linguagem, aprendemos a primeira forma de dividir nosso universo em categorias. As palavras denominam as coisas, mas também fazem com que as agrupemos de uma determinada maneira em nosso pensamento” (MORENO, 1999, p.14). Acabam por classificar o nosso universo e, com certeza, isso depende dos interesses de cada sociedade, que diferem em determinados momentos históricos, contextos sociais, econômicos e culturais. Em relação à sexualidade isso fica muito evidente, principalmente nos sinônimos que encontramos neste trabalho. Isso ocorre porque

Ao mesmo tempo em que aprendem as palavras, as meninas e os meninos de cada comunidade lingüística aprendem – inicialmente de maneira confusa – a idéia que há por trás delas, ou seja, a “realidade” que os demais lhe atribuem. À medida que o tempo passa e seu desenvolvimento intelectual avança, os significados das palavras tornam-se precisos e, com eles, sua participação na forma de conceber o mundo de sua comunidade. (MORENO, 1999, p.15, grifo da autora)

Ao serem inseridas em um mundo que se faz no coletivo, as crianças aprendem uma linguagem, tanto verbal quanto não-verbal, que reflete o sistema

de pensamento coletivo, e com ele se transmite uma grande parte do modo de pensar, sentir e atuar de cada sociedade.

Masters e Johnson (1988, p.30) afirmam que muitos de nós temos informações incorretas ou sentimentos negativos sobre a anatomia e as práticas sexuais devido à inserção em uma sociedade que interdita o que diz respeito ao sexo e à sexualidade.

Esse fato não chega a surpreender, por vários motivos: somos ensinados a manter nossos órgãos sexuais cobertos pela roupa; somos repreendidos ou punidos por tocar “nossas partes íntimas”; não é provável que nos ensinem a terminologia correta para descrever nossa anatomia sexual; somos desencorajados de conversar ou fazer perguntas sobre sexo, e as imagens sexuais a que somos expostos no cinema e revistas provavelmente apresentam padrões inatingíveis aos quais nos comparamos. (grifos dos autores)

Os autores complementam que os sentimentos que algumas pessoas têm sobre as partes sexuais do corpo, assim como sobre práticas sexuais, são refletidos nas palavras que empregam para falar sobre elas. Observam que algumas palavras são consideradas “[...] ‘boas’ e ‘adequadas’, enquanto outras são ‘feias’ ou ‘grosseiras’”. Essa diferenciação é devida à maneira como interpretamos as palavras, não a uma propriedade inerente às palavras em si”. (MASTERS; JOHNSON, 1988, p.31, grifos dos autores)

Afirmamos, assim, que a linguagem é totalmente integrada com a vida humana, e que ela pode determinar nossas formas de vida. Para Moraes (2002, p.39),

as identidades são formadas através da linguagem e, por conseguinte, ela oferece a base para a formação de hábitos. [...] serve como um espelho social, refletindo valores implícitos e atitudes. No entanto, a linguagem não é apenas uma representação social, porque ela também reforça os valores sociais e os perpetua.

A autora contribui dizendo que há inúmeras pessoas que jamais pensaram a respeito nem tiveram a oportunidade de perceber um sexismo lingüístico, que por ela é assim entendido: “[...] como nas leis, em nossas práticas sociais temos reforçado o patriarcalismo e a hegemonia masculina no simples uso de nossa linguagem” (MORAES, 2002, p.39). Um dos melhores exemplos da linguagem sexista usada em nossa sociedade é a palavra *homem*, comumente utilizada como termo genérico para significar *humanidade*. Se utilizássemos a palavra *mulher* não estaria implícita essa humanidade, mas sim uma categoria específica. Já a palavra *homem* acaba sendo utilizada como um paradigma genérico e, assim, pouco discutida e permanentemente aceita.

Isso encontramos, e muito, em nossa pesquisa, principalmente nas palavras atribuídas à masturbação, mais encontradas aos homens, do que às mulheres, numa confirmação de que essa prática sexual pode ser mais aceita pelos homens, como também é mais falada por eles.

O sexismo lingüístico, porém, é uma atribuição da educação formal e informal, ao qual as pessoas estão submetidas desde a mais tenra idade. Já Moreno (1999, p.23) trabalha com o conceito de androcentrismo, que consiste em

[...] considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que ocorre em nosso mundo, como o único capaz de ditar as leis, de impor a justiça, de governar o mundo.

O androcentrismo é um dos preconceitos mais graves e castradores de que padece a humanidade. Não advém somente do pensamento masculino. As mulheres, que também nele foram educadas e que não puderam ou não quiseram dele se esquivar, acabam por perpetuar, talvez inconscientemente, por defender e, na maioria das vezes, é a sua mais fiel transmissora, principalmente na condição permissiva de mãe e de professora. (MORENO, 1999)

Pela educação que molda tudo o que fazemos e como nos comportamos, que recebemos, desde que nascemos, a forma de pensar, falar, sentir, fantasiar e

até de sonhar. Alves (1994, p.19) apregoa que “[...] a educação é o processo pelo qual aprendemos uma forma de humanidade. E ele é mediado pela **linguagem**. Aprender o mundo humano é aprender uma **linguagem** [...]” (grifos nossos).

O autor complementa dizendo que as palavras carregam consigo as proibições, as exigências e as expectativas que são aceitas ou interditas de acordo com determinado momento histórico-cultural.

Na verdade, as pessoas abandonam uma linguagem e optam por outra não porque a primeira seja falsa e a segunda verdadeira, mas porque a primeira é inadequada e a segunda adequada, dependendo assim da sua valoração, que não é implícita na pessoa mas sim moldada socialmente. Assim ocorre nos inúmeros sinônimos que aparecem neste trabalho: uns são adequados para alguns/mas, outros inadequados, ora aceitos publicamente, ora evitados.

É importante enfatizar que algumas palavras trazem consigo um juízo de valor quanto a seu uso. E falar de sexualidade, empregando novas palavras que designam as partes genitais e algumas práticas sexuais traz uma variante ainda mais própria, mais íntima, para a discussão, pois elas podem criar confusões e até diferenciações em seu entendimento.

Usar expressões simbólicas, que aqui denominamos de palavras, “palavrões”, sinônimos, fala popular, para assuntos ou práticas ligadas à sexualidade acaba por desordenar e incomodar o “[...] repertório socialmente desejável, porque ameaçam a gramática estabelecida pela ordem cultural”. (BARBOSA, 1984, p.15-16), e dele precisam ser excluídas.

Béjin (1983, p.239) relata que “[...] muitas vezes, com efeito – nota Gilberto Tordjman – quando se trata de órgãos e de funções sexuais, as pessoas recorrem a um vocabulário infantil ou voluntariamente de gíria. A verdade é que se tem medo das palavras”.

Por essa afirmação confirmamos a dificuldade (expressa nas palavras) que as pessoas apresentam ao se referirem às partes do corpo relativas aos genitais e a algumas práticas sexuais. Parece que há a necessidade de se modificar a

linguagem, como garantia de uma proteção psíquica e até social, para que possa ser mais bem aceita socialmente, como também para interiorizar uma maior tranqüilidade.

Refletimos, nas palavras encontradas, sobre o que seriam “palavrões”. Buscamos, primeiramente, sua definição. “Palavrões” são considerados, por muitas pessoas, como obscenidades: palavras que deixam ruborizadas, escandalizadas ou exaltadas as pessoas que os proferem ou a quem são dirigidos. Obsceno, no dicionário Aurélio (1988, p.987), significa aquilo que “1. Fere o pudor; impuro; desonesto. 2. Diz-se de quem profere ou escreve obscenidades”; quer dizer, fora de cena, em frente à cena (*ob=* em frente a; *sceno=* cena). Proferir uma obscenidade é apresentar em público algo não recomendável. Em situações sociais (ou seja, na frente dos outros, em cena) nem tudo pode ser dito.

Assim, dar uma definição pessoal para a escolha das palavras a serem consideradas como “palavrões” decorre, única e exclusivamente, da fala popular, da irreverência que o senso comum nos traz; neste caso, mediante o que os/as participantes da pesquisa nos traziam.

Usar diversas palavras/“palavrões”/sinônimos/falas populares, portanto, se faz necessário, na medida em que as pessoas precisam utilizar-se de expressões verbais para se manifestarem sobre o tema. Corroborando essas idéias, Barbosa (1984, p.193) propõe que

o jogo da cultura é tentar desvendar. (Quando não entendemos alguma coisa, falamos sobre ela – e nossa fala ocupa o espaço da dúvida, esconde a ansiedade do mistério que atemoriza). A obscenidade é imoral, mas precisa ser dita. O que se tinha como proibido é então colocado em discurso. A transgressão se organiza. A sexualidade é instada a se manifestar, de todas as formas apresentáveis: pelos eufemismos assépticos do discurso científico e pedagógico, ou pela sujidade do discurso pornográfico.

Como é difícil de ser definido o que seriam “palavrões”, relacionados às expressões sexuais, pois variam muito de pessoa a pessoa, de local para local,

como também advêm do imaginário das pessoas, optamos por utilizar neste trabalho a terminologia: palavras/“palavrões”/sinônimos/fala popular, para destacar os termos recolhidos na pesquisa.

Demos preferência à utilização das seguintes palavras para designar partes do corpo e algumas práticas, ligadas à sexualidade, que usamos na pesquisa: **1. Pênis** (genitália externa masculina); **2. Vulva** (genitália externa feminina); **3. Masturbação** (satisfação sexual com a manipulação dos órgãos sexuais); **4. Relação Sexual** (denominação geral dada à fase em que duas pessoas com reprodução sexuada realizam a ação física de junção dos seus gametas). Aqui, contudo, nem sempre com o objetivo de reprodução, podendo ser relações sexuais homo ou heterossexuais.

Coletamos palavras/“palavrões”/sinônimos/falas populares que viessem designar as expressões aqui enumeradas. Cabe esclarecer que as ênfases dadas às palavras são regionais e que variam de época para época bem como de intensidade, devido ao seu contexto cultural.

“O mundo inteiro diz palavrão: homens, mulheres, velhos, moços, crianças, ricos, pobres, em russo, em chinês, em croata, em todos os idiomas”. (BIBLIOTECA VIRTUAL MÁRIO SOUTO MAIOR, 2006, p.1). Portanto, palavras que designem simbolicamente partes do corpo e algumas práticas relativas à sexualidade aparecem com facilidade no linguajar popular, principalmente pela repressão que permeia essa atividade humana.

Como um componente sociolinguístico, o “palavrão” nunca teve seu uso tão generalizado quanto hoje. Sem dúvida, o povo é quem faz a linguagem, é quem lhe dá o colorido, o pitoresco da gíria e do palavreado. Os gramáticos apenas regulamentam o uso que os falantes imprimem, porém

a verdade é que o povo quase nunca respeita os gramáticos, considerados pessoas muito secas, sem imaginação, e que ao escreverem a gente tem a impressão de estar diante de portavozes do Saara. Falar castiçamente uma língua é horrível; é assim como ir à praia de fraque, cartola e calçado. Sem saber latim ou história, o povo vai falando espontaneamente, criando palavras

novas que os gramáticos acham erradas, palavras essas que depois de algum tempo vão parar no dicionário, alcançando das elites uma espécie de reconhecimento oficial, através de uma vitória natural sobre a resistência das normas de gabinete. Assim é que os dicionaristas já estão registrando palavras e palavrões criados pelo povo, a exemplo de Aurélio Buarque de Holanda, Silveira Bueno e Raimundo Girão. (SOUTO MAIOR, 1998, p.13)

Ora, por que encontramos tantas palavras/“palavrões”/sinônimos para designar essas partes do corpo e algumas práticas sexuais? Por que são expressões que quando escritas ou verbalizadas causam risos, rostos corados, alegria, timidez, surpresa, desejo etc.?

Seria toda a repressão sexual que estamos sofrendo refletida nessas expressões? Ou palavra/“palavrão”/sinônimo/fala popular é um elemento útil para a caracterização do ethos de uma sociedade, ou das constantes de uma cultura, ou da identificação de um tempo social?

Também é importante indagarmos, como diz Barbosa (1984), a razão pela qual acabamos por transgredir as normas, criando palavras/“palavrões”/sinônimos/falas populares para exprimir aquilo de que temos vergonha, pudor ou nojo de expor socialmente (a sujeira, o escárnio, improbidades), e o que não podemos esquecer, o desejo.

Vance (1995 *apud* LOYOLA, 1998, p.27), no modelo de análise antropológica que prioriza influências culturais, vê o núcleo da sexualidade como reprodução. Embora a maioria dos relatos antropológicos de modo algum se restrinja a analisar apenas o comportamento reprodutivo, a sexualidade reprodutiva (interpretada sempre como uma relação heterossexual) parece ser o “feijão-com-arroz do cardápio sexual”, enquanto outras formas, as heterossexuais bem como as homossexuais, são concebidas como tira-gostos, legumes e sobremesas.

Para fechar nossas considerações, mencionamos Gaiarsa (1989, p.57) quando questiona, e instiga: “[...] todos os ‘palavrões’ se referem ao nosso querido inimigo e a tudo que o cerca? Digamos que arroz com feijão começasse a se chamar merda com bosta”. É certo que causaria em alguns espanto, nojo, asco

até. Assim, entendemos que as palavras exercem um grande poder nos aspectos conscientes e inconscientes das pessoas.

Neste capítulo explicaremos cada um dos quatro conjuntos temáticos das palavras pesquisadas, trazendo algumas colocações pertinentes, mas sem nos estender em demasia, pois este não é o núcleo de nossa pesquisa.

2.1 PÊNIS

José Ângelo Gaiarsa, em sua obra *O que é pênis* (1989), traz uma discussão sobre o órgão sexual masculino. Começa de maneira jocosa, como é peculiar em sua escrita:

Esse que não tem nome – ou cujo nome, como o de Jeová, não pode ser pronunciado – tem mil nomes, todos alegóricos, a maior parte grosseiros (mandioca, pau, cacete, peroba, ferro, pistola), muitos vegetarianos (pepino, cenoura, nabo, mandioca outra vez), frutíferos (banana), galináceos (pinto, peru, ganso) ou frios sortidos (lingüiça, salsicha, salame...). (GAIARSA, 1989, p.13)

Por essas palavras jocosas inicia-se uma repressão velada sobre tal parte do corpo, e Gaiarsa (1989, p.12) diz que essa “[...] perseguição começa em nível lingüístico – fundamento da personalidade “moderna”, letrada (em oposição aos povos primitivos, que não sabem escrever)”.

O autor continua afirmando:

[...] há poucas décadas veio se introduzindo sorratamente – sempre disfarçado – o termo pênis, tão asséptico (bem desinfetado, para quem não conhece a palavra); e tão ascético (aquele que mortifica a carne) quanto sua excelentíssima esposa, a vagina [...]. (GAIARSA, 1989, p.15)

Paley (2001, p.81-82) esclarece que foram necessários quase 300 anos para que a palavra pênis passasse a fazer parte do vernáculo inglês.

O termo pênis – cauda, em latim – foi empregado pela primeira vez em inglês em um texto médico, no final do século XVII, e por parecer científico foi usado de modo restrito, como um eufemismo, quando a palavra normalmente usada, “pica”, começou a parecer picante demais.

Os homens tinham de assumir ares, criar cerimônias complicadas, inventar motivos e costumes sociais, todos tendentes a demonstrar e “provar” o quanto a mulher era inferior, inútil, desprezível. “Mas, ao mesmo tempo, são elas que fazem quase tudo o que há para ser feito. Sacanas. Descarados. Mentirosos. Bem no fundo, o homem carece de sentido existencial – porque o sentido do pinto é a mulher”. (GAIARSA, 1989, p.13)

Em relação ao pênis, deve ter “boas” dimensões e uma resposta pronta, que não deixe ficar mal o proprietário. A auto-imagem e a auto-estima do homem continuam dependentes da sua empatia com o pênis. Essa relação continua a ser um elemento característico da sexualidade, no masculino. (GAIARSA, 1989)

Fica expresso, pelas palavras pesquisadas neste trabalho, um culto à masculinidade. No início de um novo século, na era da informação e da globalização, tal culto persiste. O pênis continua, talvez até mais do que nunca, a simbolizar a condição masculina e a masculinidade.

Paley (2001, p.12) afirma que os homens teriam construído um mundo

[...] cheio de coisas que lembram pênis ou funcionam do mesmo modo que eles funcionam. [...] os objetos que lembram pênis geralmente são coisas de homens – armas, carros, foguetes, charutos, arranha-céus. Os homens sentem-se confortáveis por eles e os vêem como símbolos de poder, exatamente como os pênis.

Objeto de rituais públicos na antiguidade, porém tratado com enorme discrição no Ocidente patriarcal, pelo menos na cultura oficial o pênis nunca deixou de ser obsessão para muita gente, homens e mulheres, homo, hetero e bissexuais.

Toda uma cultura falocêntrica oculta a ponta do iceberg que Freud descreveu, em costumes como o de portar armas, fumar charutos, dirigir carros possantes e levantar arranha-céus, e que começou a emergir no fim do século passado, com amplas polêmicas sobre ocorrências¹.

Abaixo colocamos a figura de um pênis e sua formação anatômica, tanto interna quanto externa, para fins de visualização.

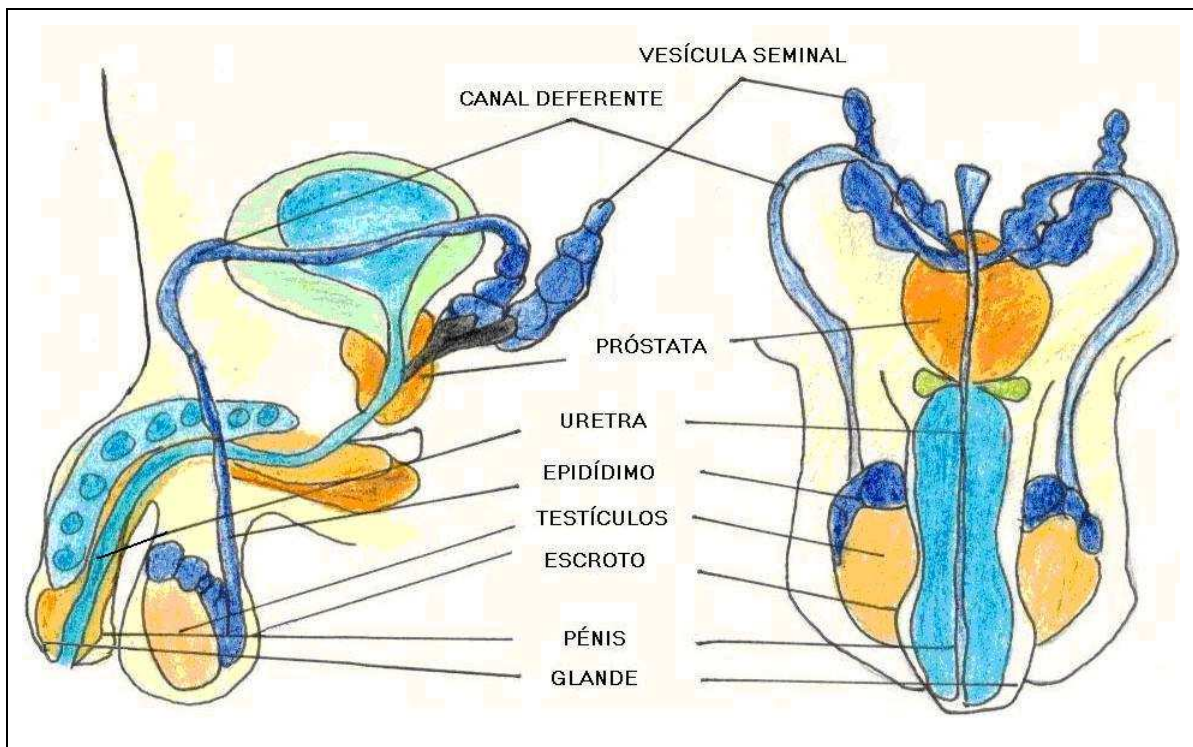


Figura 1: Desenho do Pênis e sua Formação Anatômica

Fonte: Disponível em: <<http://www.clubedasaude.no.sapo.pt/SReprodutor/srf.jpg>>. Acesso em: 19 fev. 2008.

2.2 VULVA

Quando nos propusemos a trabalhar esta temática e ao escolhermos os quatro conjuntos temáticos como itens de pesquisa, refletimos muito em relação à palavra **vulva**, pois um número grande de pessoas utiliza a expressão **vagina** para designar essa parte do corpo. Optamos pela utilização da palavra vulva por

¹ Como a decepção de John Wayne, a feição de Bill Clinton pela estagiária da casa branca e a de Hugh Grant pela prostituta em Los Angeles. (PALEY, 2001)

ser o nome da genitália externa feminina, assim como pênis é a genitália externa masculina.

Blackledge (2004), ao escrever o livro *A História da V – Abrindo a Caixa de Pandora*, afirma que as palavras, para se designar essa parte corporal feminina, são compreendidas como perturbadoras, e assim são mais difíceis de serem verbalizadas.

Para muita gente, o léxico sexual convencional é profundamente insatisfatório. Vulva, reclama-se, é muito clínico, ao passo que vagina, murmuram outros, tem muito de passividade. Chana e outras expressões de gíria, bem, essas sofrem por carregarem um forte estereótipo sexual, e boceta é muito duro de se ouvir. E há o fato de que as palavras para a genitália feminina em geral se superpõem e têm significados variáveis. Vulva em geral descreve a genitália feminina externa, mas nem sempre, ao passo que vagina pode incluir outras partes da anatomia sexual feminina, com exceção do útero, ou se refere especificamente ao órgão interno muscular. (BLACKLEDGE, 2004, p.62)

O autor Zwang (2000) escreveu, em 1967 um interessante livro denominado *O Sexo da Mulher*, que foi reeditado em 1987. Como médico ginecologista, comenta que em meados da década de 60, na Europa, as publicações que havia sobre a vulva tratavam mais sobre as partes internas desse órgão do que sobre sua parte externa. Interessavam mais aos médicos a sua funcionalidade, enfatizando a reprodução, do que a denotação de uma zona de prazer da mulher. Já

o falo, o glorioso órgão viril, o Farol masculino, foi estudado, celebrado, magnificado a fartar. O órgão complementar, o pólo inverso, cavo, por sua penetrabilidade, fornece toda a sua glória à saliência masculina, já que é sua destinação: sem essa cavidade, o Primeiro Sexo seria dotado de um utensílio desprezível, luxuosamente supérfluo. Ora, devemos constatar uma carência tão desoladora quanto universal – ou quase – da glorificação do feminino entalhe, que, no entanto, justifica a espiga masculina. (ZWANG, 2000, p.28)

Deparamo-nos com um número muito menor de material considerado científico ou até leigo sobre a vulva, e assim também há toda uma confusão,

acidental ou não, sobre a nomenclatura dessa região corporal feminina, encontrada neste trabalho.

Vulva raramente é empregada na linguagem falada, principalmente pelas mulheres. Elas devem renunciar a designar com um termo honesto suas partes sexuais, que todos soterram com termos grosseiros e indignos. Incapazes de nomeá-las com precisão, elas falam de ‘embaixo’, ‘lábios’, ‘entre as pernas’ ou se contentam em dizer ‘lá’, com um movimento indicativo do queixo, os olhos baixos. (ZWANG, 2000, p.154, grifos do autor)

Falar o nome vulva, ou vagina, parece ser realmente complicado para a maioria das pessoas, já que são muitos os sinônimos que encontramos neste trabalho, em número de 494, sendo o vocábulo mais citado. As palavras realmente dizem muita coisa. “A língua é capaz de ser um barômetro ímpar das atitudes da sociedade” (ZWANG, 2000, p.64). Os nomes, em geral, refletem as crenças e as idéias do seu tempo, e o campo da anatomia sexual não é uma exceção. Exemplificando:

As palavras ‘genitais’ e ‘genitália’ derivam da representação desses órgãos como partes da geração. Pode-se dizer que há aqui um jogo escondido, já que tal vocabulário atribui uma função específica à genitália. Neste caso, o papel que se firmou foi o da reprodução sexual, que certamente não é a função predominante da genitália de uma pessoa. Conceber crianças definitivamente não é o que a vagina e o pênis mais fazem. É significativo que essa terminologia omita toda e qualquer referência a esses órgãos também como órgãos de êxtase e prazer, capazes de produzir orgasmos, além de bebês. (BLACKLEDGE, 2004, p.63-64, grifos da autora)

Zwang (2000, p.29) realça, em seu livro já citado, a importância da palavra vulva, que em francês oficial (*vulve*), termo que foi “[...] bem inventado, já que sua pronúncia necessita de uma contração reiterada dos lábios, que lembra os dois estágios das pregas do sexo”.

A confusão entre nomear vulva e vagina tem muitas explicações. O mesmo autor explica que

a vagina é apenas a bainha da gloriosa espada viril, o carcás das flechas masculinas. Que honra confiar-lhes armas tão inestimáveis. Desastradamente pudibundos, os hebreus chamavam de “pé” o órgão sexual masculino. A idéia sobreviveu nas freqüentes alusões ao “chinelo para qualquer pé” que é a vagina. [...] Provavelmente é também por falso pudor – para não dizer **vulva** que os italianos e os anglófonos usam **vagina** em lugar de vulva. Isso nos vale exaustivos erros de tradutores superficiais – ou de sexólogos superficiais. (ZWANG, 2000, p.248, grifos do autor)

Para este trabalho optamos por usar a palavra vulva, tendo por justificativa o tema gerador da dinâmica aplicada (SEBRAE, 1992), mas cabe pontuar que no momento da apresentação da dinâmica a maioria dos/das participantes demonstrava não entender o que era vulva, e mesmo com a nossa explicação o que predominava era o sentido de vagina. Ou seja, no imaginário popular vagina é palavra mais bem assimilada como o órgão sexual feminino, como um simbólico buraco, receptáculo para guardar algo, que seria o pênis. Isso fica bem demonstrado nas palavras encontradas na dinâmica aplicada, em que foi considerado o canal vaginal como: *brecha, buraco, caçapa, capô de fusca, depósito de porra, garagem, gruta, porta-jóia e porta-pintos*.

Para esclarecer ainda mais, em materiais de anatomia humana encontramos que a vulva envolve a vagina, a qual fica interna no órgão sexual. Abaixo, colocamos gravuras da vulva e da vagina, expondo as diferenças entre esses órgãos.

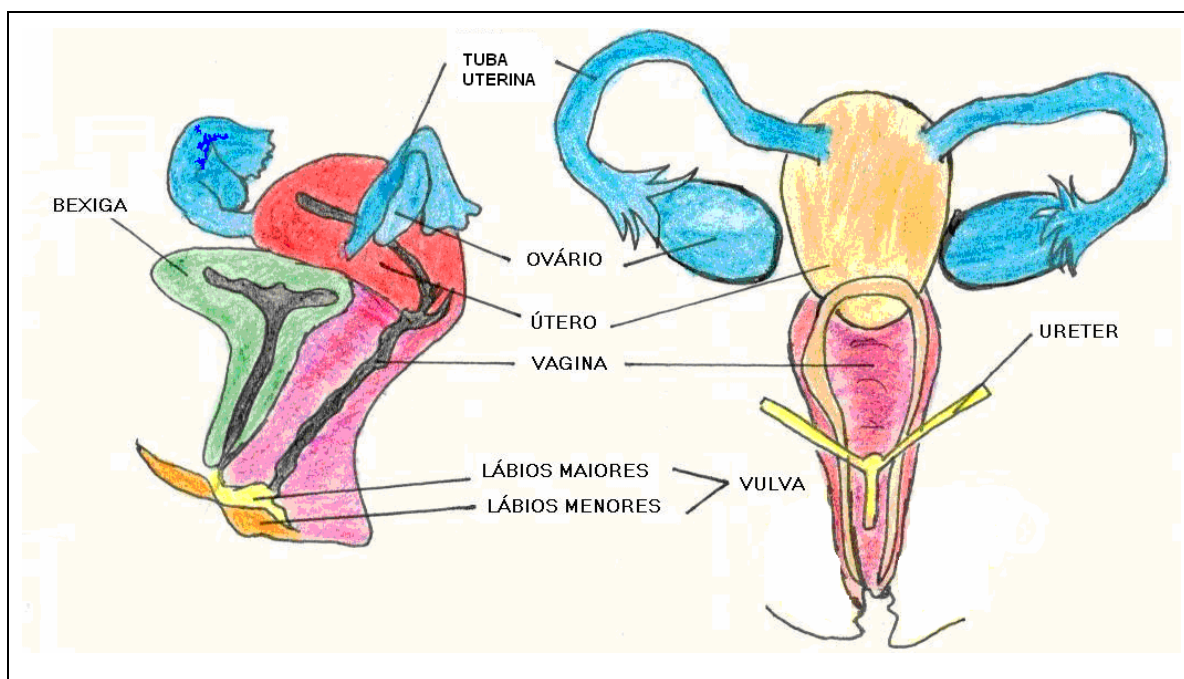


Figura 2: Desenho da Vulva e da Vagina

Fonte: Disponível em: <<http://www.clubedasaude.no.sapo.pt/SReprodutor/srf.jpg>>. Acesso em: 19 fev. 2008.

Rezende (2004) informa sobre a origem da palavra vulva. Escrevia-se volva, e já existia em latim. Sua origem é incerta, e várias hipóteses etimológicas foram sugeridas, todas sem comprovação.

Como termo anatômico, foi primeiramente empregado por Plinius (séc. I d.C.) para designar a matriz ou útero dos animais. Seu uso estendeu-se à anatomia humana, com o mesmo significado de útero, conforme documentou Celsus em seu livro IV. 1. Posteriormente passou a designar a vagina com os órgãos genitais externos e, por fim, somente estes últimos, compreendendo o monte do púbis, grandes lábios, pequenos lábios, clitóris, uretra, vestibulo e óstio da vagina. (REZENDE, 2004, p.2)

Do latim o termo volva, vulva trasladou-se para as línguas modernas, conservando a mesma grafia em português, espanhol, italiano e inglês. Em francês deu-se a troca da vogal final de a para e. (REZENDE, 2004)

Antes de sua incorporação à nomenclatura anatômica vulva já era um termo consagrado em latim. No século VII d.C. Isidoro de Sevilha, em seu livro *Etymologias*, já definia vulva como a “porta do ventre”, “ou porque recebe o sêmen, ou porque dali procede ao feto”. Há em latim outra denominação para os órgãos genitais externos da mulher, de cunho popular, que é *cunnus*. No dicionário de Blancard, de 1718, lê-se: “Vulva est pudendum muliebre, vide *cunnus*.” “*Cunnus* est pudendo muliebre.” (REZENDE, 2004, p.2)

Da nomenclatura em latim, o termo vulva, como nos diz Rezende (2004), recebeu o sinônimo *cunnus*, que não chegou a suplantá-lo, mas deu origem às palavras compostas *cunilíngua* e *cunilingüe*, que significam sexo oral na vulva.

Também encontramos presuntivamente a palavra vulva conexas com o verbo *volvere*, por isso “voltada para dentro de si mesma”. (REZENDE, 2004, p.2)

Para uma terminologia médica, esse autor define que, “[...] a denominação de *pudendum muliebre* é, sem dúvida, um eufemismo perifrástico de vulva, referindo-se às partes pudendas, íntimas, da mulher, que despertam pudor”. (REZENDE, 2004, p.2)

Rezende (2004) esclarece, em se tratando de anatomia, que para a palavra vulva, Hatzfeld, em 1888, escreveu em um dicionário geral da língua francesa, e fora utilizada por Ambroise Pare, no século XVI. Agora, como aceção de órgãos genitais externos femininos, encontra-se dicionarizada em francês desde 1488, em inglês desde 1548, e em espanhol desde 1739.

Já em português, encontramos o seu registro nos léxicos de Domingos Vieira e de Correia de Lacerda, ambos de 1874. “Os dicionários de Aulete (1881) e de Cândido de Figueiredo (1899), além de vulva, abonam os derivados *vulvar* e *vulvite*. Hoje são nada menos de 18 os cognatos averbados no Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras”. (REZENDE, 2004, p.3)

É interessante destacarmos que, inspirados ainda nesse autor, a palavra vulva, como termo anatômico, parece não ser do agrado dos anatomistas.

A *Nomina Anatomica* de Basileia, de 1895, conhecida por BNA, adotou *pudendum muliebris* em lugar de vulva. Na revisão da BNA

aprovada em Jena, na Alemanha, em 1935, pudendum muliebris foi trocado por pudendum femininum, que se manteve daí por diante. No 9º Congresso de Anatomia, realizado no México em 1980, bem como no 11º Congresso realizado em Londres em 1985, foi mantida a denominação anterior de pudendum femininum, porém, a palavra vulva aparece como alternativa na Nomina Histologica. (REZENDE, 2004, p.3)

A última edição da Nomina Anatomica em latim, publicada em 1998 sob o nome de Terminologia Anatomica, admite vulva como termo alternativo de pudendum femininum. Na tradução para a língua portuguesa, entretanto, a Sociedade Brasileira de Anatomia, decidida a manter um só nome para cada órgão, preferiu a tradução literal de pudendum femininum – pudendo feminino. (REZENDE, 2004)

O autor continua seu artigo esclarecendo que:

[...] é óbvio que o nome de vulva e seus cognatos, muito mais simples e de uso tradicional, continuarão a integrar o vocabulário médico. Na literatura médica indexada pela BIREME nos últimos 22 anos, verifica-se a ocorrência de vulva 362 vezes e nenhuma de pudendo feminino. (REZENDE, 2004, p.3)

Tal fato vem nos mostrar cabalmente o divórcio ainda existente entre a terminologia anatômica oficial e a terminologia de uso corrente, objeto deste trabalho.

Outro texto interessante que encontramos foi o do jornalista Osias Alves (2006) sobre a carta que Pero Vaz de Caminha escreveu ao rei de Portugal, D.João VI, traduzida para o português moderno por Leonardo Arroyo, em seu livro *A Carta de Pero Vaz de Caminha*². Lá consta em sua sétima página, que no dia 25 de abril de 1500, um sábado:

ali andavam entre eles (índios) três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas **vergonhas**, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se

² São Paulo: Edições Melhoramentos, 1971. p.49.

envergonhavam.” Para “vagina”, Pero Vaz usou o sinônimo “vergonha”, do português arcaico. Sobre os órgãos sexuais das índias, qualificou-as de “cerradinhas”, “limpas”, “altas” e descreveu-as como “cabeleiras.” “cerradinhas”, conforme Leonardo Arroyo, citando outro autor chamado João Ribeiro, significam “cerradas, ou fechadas e dianteiras, muito à frente ou para cima.” (ALVES JÚNIOR, 2006, p.127, grifo nosso)

Nessa carta, a primeira palavra para designar vulva foi vergonha. Na oitava página de sua carta, Pero Vaz escreveu:

[...] e uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima, daquela tintura e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha!) tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela. (ALVES JÚNIOR, 2006, p.1)

A “vergonha” era tão “graciosa” que Caminha entusiasmou-se, como se pode ler entre parêntesis, escrevendo que ela, a índia, não tinha vergonha de mostrá-la, e prosseguindo, sem temor de ser taxado de “tarado”, disse que “muitas mulheres de nossa terra” (isto é, as portuguesas) teriam até vergonha de suas “vergonhas” não serem “graciosas”, “cerradinhas”, “limpas”, “altas” e possuírem “cabeleiras” como a “dela”, uma índia específica, sua “musa”, com a qual fazia a curiosa comparação. (ALVES, 2006, p.2, grifos do autor)

A vergonha que Caminha relata tem duplo sentido: tanto é usada para a expressão “objeto exposto” (BARBOSA, 1984, p.43), quanto para a reação daquele que o vê. A falta de vergonha está em quem mostra e em quem vê, complementa o autor. Como vimos no primeiro capítulo, a vergonha brota, assim, da fronteira entre o desejo e a proibição.

No dicionário Aurélio (1988, p.1767), vergonha, etimologicamente, significa:

1. Desonra humilhante, opróbrio, ignomínia. 2. Sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem. 3. Sentimento de insegurança provocado pelo medo do ridículo, por escrúpulo etc., timidez, acanhamento. 4. Pudor. 5. Ato, atitudes, palavras etc., obscenos, indecorosos e/ou vexatórios [...].

Constatamos que a palavra que designa o órgão sexual feminino veio sofrendo represálias desde quando foi cunhada. Em nosso trabalho ela é uma das palavras que mais aparecem, como já citamos, provavelmente em decorrência de toda a proibição e de todos os interditos que a terminologia exerce sobre a repressão sexual feminina, desde então.

Como sugestão à socialização dessa palavra, como sinônimo de menor repressão, Zwang (2001, p.310) traz uma sugestão interessante e até hilária: a introdução, na vida, de objetos que a simbolizam, já que os pênis foram e ainda continuam a ser idolatrados e pictografados.

Os símbolos fálicos nos cercam e obcecamos de maneira excessiva, do obelisco ao campanário, até chegar à obscena e mortífera pistola brandida pelo herói de cinema, o que o desobriga de ter que abrir a vista das calças de seu sedutor terno ou de seu “viril” jeans. (grifo do autor)

Encontramos ainda muitos objetos representando o pênis, tais como em chocolates, plásticos, borrachas, brinquedos cômicos etc. Porém, em formato de vulva pouquíssimos são encontrados.

E por que não broches, insígnias, pendentos, brincos, abotoaduras, prendedores de gravata, chaveiros, emblemas, berloques em forma de vulva? Por que seus contornos não poderiam servir de desenhos ornamentais, para a decoração da casa ou de automóveis, de teatros ou mesmo de logradouros públicos? [...]. (ZWANG, 2001, p.311)

Se isso ajudaria ou minimizaria a verbalização ou aceitação visual da vulva, não se pode afirmar, mas poderia se tornar mais corriqueira e comum tanto a palavra quanto como a aceitabilidade corpórea, para a mulher, e para o homem. Isso, desde que muitos padrões culturais, em relação à sexualidade, fossem também modificados, incorporados e discutidos, conforme já citamos.

Terminamos este item com a célebre obra de Gustave Coubert, *A Origem do Mundo*, feita em 1866, que chocou a comunidade francesa principalmente pela

sua atitude crítica e corrosiva em relação à sociedade e à moral burguesas, as quais não perdia ocasião de afrontar. Para representar o tema proposto, pintou a mulher mostrando as coxas e sua vulva, o que abalou profundamente o meio artístico da época, bem como todas as pessoas que achavam a obra um absurdo, o que as deixava envergonhadas. Essa obra o consagrou, apesar da irreverência, proposital, ou talvez mesmo por causa dessa irreverência, como também pela natureza artística de sua produção.



Figura 3: Obra de Gustave Courbet (*A Origem do Mundo*, de 1866).

Fonte: Disponível em: <http://blog.uncovering.org/archives/2008/01/a_origem_do_mun.html>. Acesso em: 19 fev. 2008.

2.3 MASTURBAÇÃO

Essa palavra vem do latim *masturbare*, que pode ter-se derivado da expressão *manu stuprare*, que significa estuprar, violar a si próprio com a mão. (FURLANI, 2003)

Com tal explicação fica perceptível uma repressão, pela própria etimologia da palavra. Vários autores têm utilizado, nos dias de hoje, as seguintes expressões: auto-erotismo, auto-estimulação ou até automanipulação. No nosso trabalho utilizamos a palavra masturbação por achá-la mais adequada para explicação aos/as participantes da pesquisa.

Essa manifestação sexual é extremamente importante em todas as faixas etárias. Na infância, a criança a realiza como uma forma de descoberta do corpo, e isso faz parte do seu desenvolvimento psicosssexual. Os órgãos genitais começam a ser manipulados, numa exploração auto-erótica; há a necessidade do exibicionismo; surge a curiosidade pelo corpo do outro, principalmente do sexo oposto; aparecem fantasias sexuais, sobretudo acompanhadas de auto-erotismo. (FREUD, 1969)

Na fase fálica, os órgãos genitais passam a ser a fonte da libido. O menino sente prazer em manipular seu pênis e a menina o seu clitóris, começando, assim, a perceber as diferenças sexuais. Essa prática é essencialmente importante para o desenvolvimento sexual da criança, que demonstra não só grande curiosidade na observação como também no processo de autoconhecimento sexual. Furlani (2003) afirma que somos uma espécie eminentemente manipuladora, e ao ser reprimida a masturbação estar-se-ia contrariando o estado de independência da criança, que foi alcançado pelo desenvolvimento e pela maturação dos seus órgãos, o que a evolução biológica determinou, como também estaria sendo negado o estágio de desenvolvimento orgânico em que ela se encontra.

Os adolescentes de todas as sociedades se masturbam: a auto-satisfação é um componente filogenético da pessoa, assim como os adultos também. (FURLANI, 2003).

Infelizmente ocorre muita repressão no combate à masturbação, principalmente na expressão da criança, apesar de existirem culturas em que a auto-exploração é encorajada como importante prática de autoconhecimento, tais como na Zâmbia, entre os Ila, e na Colômbia, com os Kajaba (FURLANI, 2003). Romualdo (2001, p.9) diligentemente pergunta “[...] O que explica o fato de um comportamento inerente ao ser humano dificilmente ser tratado com naturalidade?”

Textos antigos do Egito e dos sumérios mostram a masturbação como um ato religioso, pois o sêmen era visto como um fertilizante natural.

O dito piramidal 527, datado de cerca de 2600 a.C., afirma que ‘Aton (deus sol) era criativo, pois começava a se masturbar em Heliópolis; colocou o pênis na mão para que obtivesse prazer da emissão e nasceram o irmão e irmã – Shu e Tefnut.’ Na maioria das vezes, considerava-se que esta masturbação criativa ocorria na água, às vezes com a ajuda da deusa mão – Iusas; a ejaculação culminante formava o rio Nilo, do qual toda a civilização dependia. As sacerdotisas dos templos de Karnak eram conhecidas como ‘mãos de deus’, pois facilitavam o espasmo anual divino. Da mesma forma, na literatura mesopotâmica, Enki ‘ergueu-se cheio de desejo como um touro que ataca, levantou o pênis, ejaculou e encheu o Tigre com água corrente’. (TAYLOR, 1996, p.177)

A atitude de egípcios, romanos e gregos é não-repressiva. Levítico XV, 16-17 fala de Onã, que derramou seu esperma fora da cópula. Tem-se a impressão de que a masturbação não existe na sociedade antiga, o que, sem dúvida, se deve à pouca consideração ou à moderada repressão de que era objeto. (CUNHA, 1980)

Ussel (1980) expõe que no século XVI quem dormia com roupa era considerado doente ou tinha um defeito físico, pois todos dormiam nus, o que promovia a automanipulação genital, com mais tranqüilidade. Antes do século

XVIII havia atitudes tolerantes à masturbação, tanto que do ponto de vista cristão e moral, ainda não havia, até um período avançado do século XVII, qualquer doutrina relativa à sexualidade, conforme trabalhamos no capítulo anterior.

Tolerou-se a auto-satisfação até o século XVIII. Oralmente, e por escrito, os médicos declaravam-se favoráveis a certas formas de auto-satisfação. O médico francês Arnaud de Villeneuve (cerca de 1235-1312) recomendava, partindo de um ponto de vista higiênico, fazer sair do corpo, pela masturbação, o sêmen velho, que, após uma longa retenção, podia ser tóxico. (USSEL, 1980)

Como já dissemos no capítulo anterior, a partir do Puritanismo, uma corrente altamente repressora, é que foi exigido o uso da camisola, como um traje também antimasturbatório, especial para a noite: uma espécie de camisa-de-força, que se assemelhava a um saco. A camisola acabou sendo considerada como uma espécie de segunda virgindade. (USSEL, 1980; LEITES, 1987; CUNHA, 1981)

Ussel (1980) cita que Tissot encorajava a repressão à masturbação, e falava, em 1760, da masturbação terapêutica. Duidava de que a castidade total fosse benéfica e aderiu à opinião de Galeno, para quem, às vezes, a retenção de esperma provocava doenças.

Os conceitos pré-científicos sobre a natureza, a vida, o corpo e as suas funções deviam ser compreendidos sob esse ponto de vista. Existe, sem dúvida, um paralelo entre a “[...] luta contra a masturbação e as regras repressivas, determinadas do exterior, relativas ao fato de escarrar, digerir, peidar, arrotar, bocejar, assoar o nariz, roer as unhas e transpirar”. (USSEL, 1980, p.165)

Foi no princípio do século XVIII que se descobriu a masturbação (como se ela não existisse antes), e também se decidiu que ela produzia danos graves. A campanha contra a masturbação originou-se na Inglaterra e logo se estendeu ao continente. A primeira publicação data de 1710. Era anônima, mas sem dúvida foi escrita pelo médico Bekker. Ele relacionava a masturbação “[...] à história de Onan (Gênesis, 38, 9, 10), mas defendia a relação, que muitas vezes se presumia existir, entre a denominação tirada do nome de Onan e o *coitus interruptus*”

(USSEL, 1980, p.166). Ussel (1980) cita que Villaume dizia, em 1787, que onanismo e masturbação eram termos estranhos e misteriosos, que serviam somente para despertar a curiosidade, e por essa razão deviam ser evitados.

Essa prática sexual, que habitualmente se considera que é condenada pela Bíblia, tem uma história interessante. Onan foi um personagem bíblico, cujo irmão morreu sem ter tido filhos em seu casamento. Segundo uma lei do povo hebreu, o irmão que sobrevivia tinha a obrigação de casar-se com a viúva para dar-lhe filhos. Onan cumpriu a lei, mas pelos motivos que sejam, praticou o coitus interruptus e ejaculou no chão. Por esse motivo, segundo Gênesis, Deus castigou-o matando-o, não por masturbar-se, mas por não ter querido fecundar a mulher do seu irmão e por ter desperdiçado o seu sêmen (RIBEIRO, 1990). Com essa passagem bíblica, muitas pessoas começaram a condenar a masturbação, como um mandato de Deus.

Não se pode ter certeza do momento histórico do combate à masturbação, pois é um fenômeno sociológico, e, assim, de difícil determinação, porém Ussel (1980) comenta que uma história do combate à masturbação começou na Inglaterra em 1710; 25 anos depois apareceram as primeiras publicações alemãs. Por volta de 1760 uma campanha teve início na língua francesa, passando depois para a Alemanha. No século XIX, em contrapartida, a ação foi transferida da Alemanha para a França. Partiu dos meios médicos, vieram depois os educadores e, finalmente, os teólogos da moral. No início do combate à auto-satisfação invocavam-se razões moralistas, e depois razões médicas. Em 1769 Börner aconselhava, ainda, meios farmacêuticos, um regime alimentar ou a hidroterapia, com o objetivo de levar a uma educação corporal.

Essas manifestações acentuaram “[...] o aspecto punitivo da masturbação: os prejuízos eram sérios e estendiam-se do corpo ao psiquismo; as probabilidades de cura eram reduzidas, a terapêutica severa”. (USSEL, 1980, p.169)

Não podemos deixar de pensar que a síndrome antimasturbatória é tão patológica quanto o anti-semitismo. Em geral os autores não usavam um tom

objetivo para discutir o assunto. Em cada cem crianças duas roubavam, mas noventa se masturbavam. (USSEL, 1980)

A explicação do já citado Tissot, por Ussel (1980), é que o abuso na auto-satisfação é causa de enfraquecimento do homem. O coito, para ele, provocava na organização interna do corpo uma desordem total, donde provinham quase todas as doenças. Para a mulher, as conseqüências eram ainda mais desastrosas. Como “[...] o seu sistema nervoso era mais fraco, a mulher tornava-se ‘mais quente’ e acedia à ‘voluptuosidade’ mais facilmente do que o homem, de modo que ficava mais exposta aos perigos de uma doença”. (USSEL, 1980, p.179)

Esse autor comenta que alguns/mas pedagogos/as criaram artifícios para os/as adolescentes confessarem espontaneamente a masturbação, e entre eles, podemos citar: a religião; um regime alimentar; melhores condições de habitação; a cama deveria ser individual agora; o vestuário deveria ser mais adequado; o jovem deveria ter uma ocupação para se distrair; deveria ser feita vigilância total sobre o comportamento dos adolescentes; regras deveriam entrar em vigor nas escolas e, por fim, meios artificiais (bandagens, aparelhos, hidroterapia, intervenções cirúrgicas), com a extrema finalidade de se combater a automanipulação.

Reiterando o que estamos expondo, em Cunha (1980) encontramos citação sobre o médico londrino William Acton (1813-1875), que escreveu um livro chamado *Função e Desordens dos Órgãos Reprodutores*. Acton apresenta teorias altamente repressoras do sexo libertino, para aquela época na Inglaterra, advindos do movimento Vitorianismo. Uma delas era o combate à masturbação, pois:

[...] a perda de esperma levava a uma perda de vigor, saúde e até de sanidade mental. O sexo tinha que ser feito sem muita continuidade e com o propósito procriativo. A masturbação foi considerada um problema grave e sério descrito como causador da “insanidade masturbatória”. (CUNHA, 1980, p.23, grifos do autor)

Essas diversas formas de repressão à masturbação trazem reflexos até os dias atuais. Apesar dos diversos estudos que se apresentam, ainda existem pessoas que se mostram contrárias a essa atividade sexual, quando expressam repúdio, desconhecimento e indevidos esclarecimentos. Isto fica bem explícito na quantidade de sinônimos que colhemos em nossa pesquisa (Apêndice C).

Além dessas proibições, que tanto a Igreja quanto os médicos começaram a apregoar contra a masturbação, não há como negar que nas mulheres essa prática sexual foi ainda mais combatida (ROMUALDO, 2001; FURLANI, 2003; ZWANG, 2000). A maioria das meninas, desde a mais tenra idade, não pode se olhar; não deve ficar com as pernas abertas, pois “é feio”; não pode se tocar, e assim tanto o clitóris quanto a vulva acabam sendo um tabu, para ela e para os/as outros/as, pois aí não se deve enfiar nada, muito menos olhar.

A mulher, portanto, deve resignar-se a possuir um órgão externo ao mesmo tempo essencial, capital e disfarçado, invisível, quase mitológico. [...] O homem não se interroga jamais sobre o seu sexo, que se expõe inocentemente aos olhares e ornamenta inúmeras estátuas: tudo está no mostruário. Ao contrário, entre as coxas femininas se oculta uma zona incerta que serve ao genital, ao urinário e ao digestivo. (ZWANG, 2000, p.152)

Tanto as vulvas quanto as vaginas acabaram sendo exploradas por homens, médicos, que se incumbiram de verificar, analisar, medicar e opinar o que seria melhor às mulheres; porém, sem comentarem ou indicarem sobre o potencial prazeroso da masturbação feminina.

Para Giddens (1993, p.26) o crescente combate à masturbação, tanto de homens quanto de mulheres, é um símbolo terrível da sexualidade fracassada. O autor diz que “[...] a masturbação é amplamente recomendada como uma fonte de prazer e ativamente encorajada como um modo de melhorar a resposta sexual por parte de ambos os sexos”.

Masters e Johnson (1988, p.299) referem que, aos poucos, a partir do princípio do século XX, principalmente a comunidade médica americana começou a entender que a masturbação não causava insanidade, entre outros distúrbios.

Citam que “[...] após os relatórios de Alfred Kinsey (1948 e 1953), a opinião pública tanto quanto a profissional sobre masturbação tinha mudado consideravelmente em relação ao começo do século”.

Romualdo (2001, p.29-30) confirma que a prática masturbatória passou por uma evolução ao longo da história da humanidade. “De pecado a ser condenado e doença a ser tratada, transformou-se em um recurso utilizado para conhecer a sexualidade humana, aceito como comportamento natural e inerente ao desenvolvimento sexual”.

Mas, nem todas as mulheres, ainda de acordo com Zwang (2000, p.168), são capazes de liquidar os “[...] fantasmas nefastos que culpabilizam seu sexo e as alegrias revolucionárias que ele pode generosamente proporcionar, desde que elas saibam o ‘modo de usar’.” (grifos do autor)

Ainda esse autor complementa, numa visão bem otimista e eufórica:

Não atingem esse ponto nem as monjas, nem as putas, nem as frígidas, nem as matronas soterradas por muitos partos, nem as inumeráveis “resignadas”: milênios de dominação masculina, de mutilações, de maus tratos, vinte séculos de cristianismo, treze séculos de Hégira contribuíram para torná-las o maior contingente sobre a terra. Trágico saldo! É preciso realmente para a felicidade de todas – e de todos – que a humanidade liberal predomine sobre a superstição. (ZWANG, 2000, p.169, grifos do autor)

Porém ainda encontramos muita desinformação, ou ainda uma distorção das informações, gerando ou mantendo mitos sobre a atividade masturbatória. Isso pode explicar os sinônimos para a prática, tais como: *bater punheta* (masturbação masculina), e *siririca* (masturbação feminina), que encontramos neste trabalho.

2.4 RELAÇÃO SEXUAL

À flor da Pele
O que será, que será?
Que me queima por dentro
Que me perturba o sono
Que todos os ardores me vêm atiçar
Que todos os meus nervos estão a rogar
Que todos os meus órgãos estão a clamar
Que nem dez mandamentos vão conciliar
Nem todos os unguentos vão aliviar
Nem todos os quebrantos, toda alquimia
O que não tem “remédio” nem nunca terá
O que será?
(CHICO BUARQUE, 1976, p.1)

Explicar teoricamente o que vem a ser uma relação sexual também depende, com certeza, de contextualizações históricas e culturais. O mesmo sucede com as explicações fisiológicas ou emocionais para os fenômenos que possam ocorrer no momento da relação sexual.

A partir do famoso “pecado original” vem-se discutindo, no dito conhecimento científico (tratados médicos, experiências etc.), bem como no popular imaginário (conversas, piadas etc.) o que significa, como se faz, que emoções se sentem, que transformações fisiológicas advêm desse ato, entre outras preocupações.

Fox (1983, p.8) discute que a evolução do comportamento sexual pode ser vista em diversos aspectos. O que primeiro se destaca é a finalidade da reprodução sexuada, que implica determinadas condições: “[...] a única exigência absoluta talvez seja a de os dois sexos terem de ter contatos suficientes para haver permuta de materiais genéticos”.

Quanto mais complexa for a permuta, mais complexas serão as relações entre os sexos. No caso dos mamíferos, são encontradas diversas características de adaptação da própria classe, tais como: sangue quente, viviparidade, aleitamento das crias, gestação interna etc. Essa diversidade que implica na sexualidade humana acabou por muito tempo justificando a relação sexual - que

seria somente para a procriação - como modelo quase único de comportamento sexual. (FOX, 1983)

Neste trabalho, optamos por usar a expressão **relação sexual**, diferenciando-a de ato sexual, por entendermos que é uma das manifestações humanas que pode representar a possibilidade de contato mais íntimo entre os/as envolvidos/as. Nesse momento, dependendo das condições e desejos é que se podem usar os órgãos dos sentidos plenamente: visão, audição, olfato, tato e paladar.

Aratangy (1997, p.60) informa que a preocupação sobre essa manifestação vem sendo mostrada há muito tempo:

[...] muitos templos orientais antigos, principalmente quando situados em locais perigosos, ostentam em volta do telhado painéis de madeira entalhada, representando casais em cópula. Não se trata apenas de uma bizarra junção do sagrado e do profano. Acreditava-se que um casal em cópula está especialmente vulnerável e incapaz de se defender, por isso, recebe proteção especial dos deuses. Ao colocar essas representações em torno de sua igreja, os fiéis acreditavam transferir para a construção a proteção que os deuses destinam aos amantes.

Muitas esculturas, estátuas, pinturas foram encontradas, desde os primórdios, com cenas de relações sexuais, tanto entre homens e mulheres quanto apenas entre homens, ou até com animais.

O que vem a significar, então, uma relação sexual? Por que tantos materiais, considerados científicos ou pornográficos, sobre esse tema? Por que tantos sinônimos para expressar essa manifestação?

Assim como a própria história e a evolução da sexualidade humana, a relação sexual também vem sendo explicada com diversas conotações, tais como: repressão sexual, satisfação, nojo, desejo, excitação etc., isso dependendo da época, da idade das pessoas envolvidas, da questão de gênero, entre outras.

A percepção do desejo e do prazer sexual é subjetiva. Mas como ela se manifesta? – Depende da história da pessoa, diz Blackledge (2004, p.278-279), que ainda atribui que

o cérebro é, de fato, um impressionante e poderoso órgão sexual, talvez o mais poderoso de todos, e tem a suprema capacidade de ignorar sinais sexuais se a história da pessoa lhe ensinou que isso é a “melhor” coisa a fazer, ou a “mais segura”. Na realidade, as pesquisas mostraram que os efeitos físicos da excitação e do orgasmo femininos podem ser ignorados ou “suprimidos”. É mais fácil para as mulheres ignorar ou suprimir as sensações da excitação sexual, já que elas não têm sinais visuais de excitação óbvios para assinalar ou marcar o que seus corpos estão sentindo [...]. Já para os homens, um pênis ereto é um instrumento de informação bem à mão para lembrá-los do que sentem, o que torna mais duro “ignorar” as sensações genitais.

Como vimos, a expressão sexual é aprendida, assim como a relação sexual, neste trabalho entendida como uma atividade corporal, de cunho sexualizado, entre as pessoas. Como coletamos sinônimos para esta expressão, fizemos pesquisas bibliográficas que explorem o que vem sendo entendido e explicado por relação sexual, atualmente.

Masters e Johnson (1988) fizeram um estudo minucioso, nas décadas de 70 e 80, nos EUA, relacionado a vários aspectos da sexualidade humana. Entre eles destacamos um trabalho sobre a fisiologia sexual, buscando interpretações relacionadas às reações sexuais das pessoas. Eles explicam que os detalhes básicos de como o corpo reage à estimulação sexual são idênticos, porém

[...] a resposta sexual humana é multifacetada, recebendo dados de nossos sentimentos e pensamentos, aprendizado e linguagem, valores pessoais e culturais e de muitas outras fontes que combinam nossos reflexos biológicos de forma a criar uma experiência abrangente. (MASTERS; JOHNSON, 1988, p.58)

As respostas corporais advindas da relação sexual foram trabalhadas pelos estudiosos Masters e Johnson (1988) como fontes de excitações diversas. Eles

descrevem que a palavra *tesão* é um sinônimo para excitação sexual, e que esse termo está ligado à noção de força e, assim, de um sistema energético.

Do ponto de vista científico, a excitação sexual pode ser definida como um estado de ativação de um complexo sistema de reflexos que compreendem os órgãos sexuais e o sistema nervoso. O próprio cérebro, que exerce a função de controlar o sistema nervoso, funciona através de impulsos elétricos e químicos transmitidos ao resto do corpo pela medula espinhal e nervos periféricos. Sinais provenientes de outras partes do corpo (como a pele, a genitália e os seios) são integrados e focalizados no cérebro, pois sem pensamentos, sentimentos ou imagens eróticas a resposta sexual se torna fragmentada e incompleta. Muitas vezes a excitação sexual pode ser um evento principalmente cerebral – quer dizer, a pessoa pode estar excitada sem que haja quaisquer alterações físicas visíveis em outra parte do corpo. Em outras ocasiões, as sensações genitais podem ser tão intensas que bloqueiam a consciência de quase todas as outras coisas. (MASTERS; JOHNSON, 1988, p.59)

Assim, para trabalhar o que vêm a ser respostas sexuais, enumeramos aqui as transformações corporais que decorrem das relações sexuais, segundo Masters e Johnson (1988), e também com algumas colaborações de Kaplan (1974).

2.4.1 Transformações Fisiológicas

Como o corpo responde à excitação sexual? – As transformações acontecem em dois níveis: algumas são sistêmicas, isto é, atingem o organismo como um todo; outras são específicas dos órgãos genitais. Os dois níveis atuam simultaneamente e levam ao mesmo resultado: concentrar toda a atenção no que está acontecendo com o corpo naquele momento, o que diminui o alerta para os eventos externos aos/às parceiros/as.

Masters e Johnson (1988) fizeram um estudo minucioso, baseado em observação direta em laboratório, com mais de 10 mil episódios de atividades sexuais, em 382 mulheres e 312 homens. As descobertas desse estudo indicam

que as reações sexuais humanas podem ser descritas como um Ciclo da Resposta Sexual Humana, composto por quatro fases: *excitação*, *platô*, *orgasmo* e *resolução*.

Eles esclarecem que, apesar da conveniência de se utilizar esse ciclo como modelo, com fins descritivos e didáticos, é preciso se lembrar de que “[...] suas fases foram definidas de modo arbitrário” (MASTERS; JOHNSON, 1988, p.61). Elas podem variar muito entre as pessoas, em diversos momentos, e nem sempre são distintamente separadas. Mesmo assim, achamos importante utilizar essa divisão didática, a fim de mostrarmos os ciclos das reações sexuais, bem como colocarmos o gráfico do Ciclo da Resposta Sexual Humana, proposto por Masters e Johnson, em 1970.

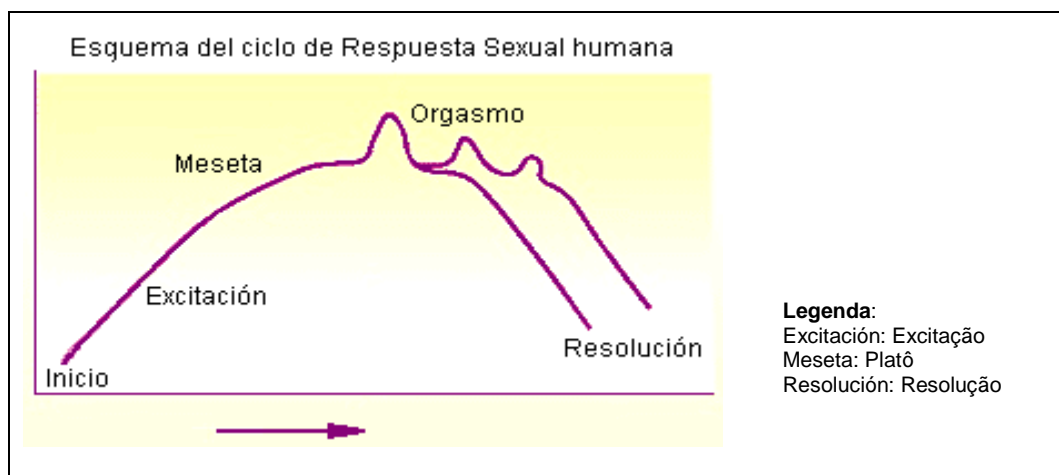


Figura 4: Ciclo da Resposta Sexual Humana

Fonte: Disponível em: <<http://www.sexualidad.es/index.php/MastersyJohnson>>. Acesso em: 19 fev. 2008.

2.4.1.1 Excitação

É o resultado do estímulo sexual, podendo ser físico, psicológico ou uma combinação dos dois. Não somente pelo contato físico direto há a deflagração das respostas sexuais. Assim como outros processos fisiológicos, podem também se presentificar pela visão, pelo olfato, por pensamentos ou emoções.

De início, a respiração se acelera e há um aumento dos batimentos cardíacos, o que impulsiona o sangue pelas artérias e veias com mais força. Para compensar esse aumento de pressão, os vasos sanguíneos da superfície do corpo se dilatam – e é isso que provoca o rubor característico da excitação sexual. Essa dilatação, além de exibir o nível de envolvimento de cada parceiro, torna a pele mais sensível ao tato. (MASTERS; JOHNSON, 1988)

O conjunto de alterações provoca aumento da temperatura do corpo, que é dissipada pela transpiração. A essa altura, as outras secreções do corpo, além do suor, também aumentaram: os olhos ficam injetados e lacrimejantes, a voz enrouquecida, e a respiração mais difícil (porque as narinas entopem com a secreção nasal). (ARANTAGY, 1997)

a) Na mulher

A excitação se denuncia pela lubrificação da vagina, provocada por um processo parecido com o da transpiração, que produz um líquido untuoso. Essa secreção vaginal, somada à secreção das glândulas de Bartholin, situadas na abertura da vagina, sinaliza a preparação para a relação sexual e facilita a penetração do pênis, impedindo o provável desconforto durante os movimentos de vaivém intravaginais. (ARATANGY, 1997; MASTERS; JOHNSON, 1988)

A vasocongestão nas paredes da vagina faz com que um líquido se infiltre, atravessando seu revestimento, num processo chamado transudação. (MASTERS; JOHNSON, 1988)

A seguir, os grandes lábios se achatam e recuam, facilitando a exposição do clitóris e dos pequenos lábios, que ingurgitam e mudam de cor, passando do rosa pálido ao vermelho forte. O clitóris – que, nesse enredo, já foi mero figurante e depois passou a protagonista (como herói ou vilão) – tem um comportamento peculiar. No início da excitação ele intumesce e se projeta para fora, como que ampliando sua superfície e se expondo para ser excitado (impressão que fica

acentuada pelo achatamento dos grandes lábios). Nenhuma outra região do corpo tem a mesma densidade de terminações nervosas, e é por isso que, ultrapassado certo limiar de excitação, a estimulação direta do clitóris torna-se dolorosa, e não mais prazerosa. (ARATANGY, 1997)

Caracteristicamente, os mamilos da mulher ficam eretos durante a fase de excitação, como resultado da contração de pequenas fibras musculares. Mais tarde, e novamente como resultado da vasocongestão, as veias tornam-se mais visíveis, podendo ocorrer um pequeno aumento no tamanho do busto. (MASTERS; JOHNSON, 1988)

b) No homem

No homem, as alterações sistêmicas provocadas na relação sexual são semelhantes às que ocorrem com a mulher. A maior diferença está na ereção peniana, resultado de um processo complicado e delicado, que envolve o sistema nervoso e o aparelho circulatório. (ARATANGY, 1997)

Do ponto de vista fisiológico, impulsos nervosos promovem a dilatação das artérias penianas, o que faz com que o sangue preencha o tecido esponjoso que forma o pênis, contornando a uretra. À medida que o tecido ingurgita as veias são comprimidas, o que evita o retorno do fluxo sanguíneo. O processo continua até atingir um ponto de equilíbrio, em que não é mais possível o sangue entrar pelas artérias nem retornar pelas veias. Esse é o ponto de ereção máxima. A rigidez atingida depende de vários fatores que não estão sob o controle voluntário do homem, nem têm relação com a intensidade do afeto que ele nutre pelo/a parceiro/a. (ARATANGY, 1997)

Além da ereção, as rugas da pele do saco escrotal começam a atenuar-se e os testículos são parcialmente levados para junto do corpo. (MASTERS; JOHNSON, 1988)

2.4.1.2 Platô

Na fase de platô, são mantidos e intensificados altos níveis de excitação sexual, que também têm grande variação, tanto para homens quanto para mulheres. (MASTERS; JOHNSON ,1988)

a) Na mulher

Masters e Johnson (1988) expõem que a vasocongestão no terço externo da vagina ocasiona uma inchação dos tecidos, denominada plataforma orgásmica, ocasionando uma pressão maior no pênis. Dois terços internos da vagina se expandem um pouco mais em tamanho, enquanto o útero assume uma posição mais elevada. É freqüente também a lubrificação vaginal diminuir nessa fase.

O clitóris se retrai para junto do osso púbico e os pequenos lábios aumentam, como resultado do ingurgitamento sangüíneo. Quando isso ocorre, os grandes lábios são afastados, propiciando um acesso mais imediato à abertura vaginal.

Os autores também se mantiveram atentos às alterações na coloração da pele. Durante essa fase ela se apresenta avermelhada e recoberta de pontos, assemelhando-se a sarampo. Esse “rubor sexual”, conforme eles assinalam, de modo geral começa logo abaixo do osso peitoral, na região superior do abdômen, e então se espalha rapidamente sobre os seios e a frente do tórax. Ele é resultante das alterações no padrão do fluxo sangüíneo, logo abaixo da superfície da pele.

b) No homem

Nessa fase aumenta ligeiramente o diâmetro da cabeça do pênis junto à crista coronal. Os testículos incham-se devido à vasocongestão, tornando-se 50 a 100% maiores que seu tamanho original. Elevam-se e giram para frente de modo que sua superfície posterior fique em contato com o períneo. (MASTERS; JOHNSON, 1988)

Pequenas quantidades de líquido transparente podem, algumas vezes, aflorar da uretra masculina durante essa fase, que, para os autores, podem ser originárias das glândulas de Cowper.

Em comum, nessa fase os homens e as mulheres experimentam várias alterações corporais, tais como: nas nádegas e nas coxas há um aumento generalizado da tensão neuromuscular. O batimento cardíaco dispara mais rapidamente e a respiração fica mais acelerada, aumentando também a pressão sangüínea.

2.4.1.3 Orgasmo

O orgasmo é definido por Masters e Johnson (1988, p.71) como uma descarga corporal e repentina da “[...] tensão sexual acumulada através de um ponto máximo de excitação sexual [...]”. Eles apresentam, didaticamente, as diferenciações entre as respostas físicas e as psíquicas do orgasmo.

Do ponto de vista biológico, o orgasmo é a fase mais curta do ciclo de resposta sexual, que normalmente dura apenas alguns segundos durante os quais contrações musculares ritmadas produzem sensações físicas internas seguidas por um rápido relaxamento. Do ponto de vista psicológico, o orgasmo é geralmente um momento de prazer e de suspensão dos pensamentos – a mente se volta para dentro a fim de usufruir essa experiência pessoal. (MASTERS; JOHNSON, 1988, p.71)

Os autores deixam claro que é muito difícil descrever o orgasmo, já que significam resultados subjetivos, incluindo muito mais dimensões psicossociais e fisiológicas.

a) Na mulher

No momento do orgasmo, são exacerbadas todas as reações do período de excitação. Os batimentos cardíacos podem passar de 110 para 180 batidas por minuto; a taxa respiratória pode ser superior a 40 por minuto. As aréolas dos seios, que durante a fase de excitação sofreram acentuado ingurgitamento, quase escondendo os bicos, passam agora por uma rápida detumescência, o que dá a falsa impressão de ereção dos mamilos. Todo o assoalho pélvico, desde o terço anterior da vagina até o ânus, entra em rápidas contrações. (ARATANGY, 1997)

Masters e Johnson (1988) trazem mais dados para o orgasmo feminino. As contrações musculares ritmadas e simultâneas do assoalho pélvico são, em primeiro momento, mais intensas e próximas umas das outras (a intervalo de 0,8 segundo) no início e, à medida que o orgasmo prossegue a intensidade e a duração das contrações diminuem, ocorrendo com intervalos menos regulares.

b) No homem

Ao contrário da mulher, o orgasmo masculino ocorre em duas fases distintas. Na primeira, os vasos deferentes, a próstata e as vesículas seminais iniciam uma série de contrações que empurram o sêmen para o bulbo da uretra. Ao iniciarem essas contrações, Masters e Johnson (1988, p.74) explicam que o homem tem a sensação de inevitabilidade ejaculatória, que significa “[...] a sensação de ter atingido o limite do controle [...] pois nesse ponto a ejaculação não pode ser detida”.

Na segunda fase do orgasmo masculino, as contrações da uretra e do pênis se combinam às contrações na próstata, causando assim a ejaculação. Nesse momento o colo da bexiga se fecha hermeticamente, para que o sêmen evite entrar em contato com a urina. Por ter altas quantidades de uréia, ela destruiria os espermatozoides.

Durante o orgasmo, o esperma é fortemente impulsionado para fora, pela uretra, em contrações rítmicas, que começam a intervalos de 0,8 segundo, assim como nas mulheres, e depois ficam mais espaçadas.

O orgasmo é então percebido como contrações agudas que causam prazer intenso, compreendendo o esfíncter anal, o reto, o períneo e a genitália, e que alguns homens descrevem como uma sensação de bombeamento. (MASTERS; JOHNSON, 1988, p.75)

2.4.1.4 Resolução

O período de retorno ao estado de ausência de estimulação constitui a fase de resolução. Após a ejaculação o pênis relaxa gradativamente, assim como o resto do corpo. Ao contrário da mulher, que pode ter sucessivos orgasmos ininterruptamente, o homem passa por um período refratário após a ejaculação, em que não lhe é possível envolver-se em outro processo de excitação. (ARATANGY, 1997)

A duração desse período é variável, tanto para homens quanto para mulheres, dependendo de diferentes fatores, psíquicos e físicos.

a) Na mulher

A plataforma orgásmica desaparece quando as contrações musculares do orgasmo bombeiam o sangue, retirando-o desses tecidos.

O útero volta à sua posição normal, a alteração de cor dos lábios desaparece, a vagina começa a diminuir tanto em largura como em comprimento e o clitóris retorna a seu tamanho e posição normais. [...] Se os seios aumentaram anteriormente no ciclo de resposta, seu tamanho diminui nesse momento, e o tecido areolar se aplaina mais depressa do que os próprios mamilos, dando a impressão de que estes estão eretos de novo. [...] A estimulação do clitóris, dos mamilos ou da vagina pode ser desagradável ou irritante durante a fase pós-orgásmica. (MASTERS; JOHNSON, 1988, p.78-79)

b) No homem

Já, nos homens, a ereção diminui em dois estágios: no primeiro há uma perda parcial da ereção, como resultado das contrações orgásmicas que retiram o sangue do pênis, por bombeamento. Já no segundo momento, que é mais lento, o fluxo sangüíneo genital volta aos padrões normais. Os testículos diminuem de tamanho e descem para a bolsa escrotal. (MASTERS; JOHNSON, 1988)

As fases descritas que envolvem uma relação sexual, como já dissemos, são individuais, sentidas diferentemente pelas pessoas, pois a resposta sexual humana é multifacetada, recebendo vários estímulos de sentimentos e pensamentos, que advêm de valores pessoais e culturais, de aprendizado e da linguagem de cada um/a.

Complementando o trabalho de Masters e Johnson, iniciado na década de 60 do século passado, Helen Singer Kaplan, psiquiatra norte-americana, inclui uma primeira fase – o desejo sexual – antes não verificado por eles. Kaplan (1974, p.23) acaba adotando, em seus estudos, três respostas para o ciclo: desejo, excitação e orgasmo, não trabalhando nem enfatizando a questão do platô, defendida pelos primeiros, “[...] pois não se justifica o platô, em vista de ser a excitação crescente o que conduz ao orgasmo”.

Por desejo, Kaplan (1974) entende que é primeira fase sexual, quando os instintos são estimulados e os apetites crescem. O desejo, ou a sensualidade, é uma experiência subjetiva que incita a pessoa a buscar atividade sexual. Em

termos cerebrais, há mensagens neurofisiológicas que motivam a busca por sexo. Já as definições de excitação e orgasmo são similares às dos primeiros estudiosos.

Mas em um novo livro, intitulado *Heterossexualidade*, Masters, Johnson e Kolodny (1997, p.57) reconhecem a fase do desejo, mantendo as anteriores – excitação, platô e orgasmo. Assim se expressam:

Apesar dessa complexidade, é verdade que o desejo serve como um trampolim para a subseqüente excitação sexual. Se os níveis de desejo estiverem elevados, a intensidade e o tempo das respostas sexuais de uma pessoa tendem a ser acelerados. Ao contrário, quando os níveis de desejo estão na zona negativa, isso não só faz diminuir a excitabilidade de uma pessoa como pode por vezes evitar a ocorrência da excitação. Portanto, é bom ver o desejo como a primeira fase do ciclo de resposta sexual humana, como sugerido pela psiquiatra Helen Singer Kaplan.

Como já enfatizamos, as respostas sexuais são individuais, inseridas e expressas em corpos disciplinados e culturalmente adestrados com sentidos sociais, devidamente aceitos e regulamentados nas sociedades vigentes.

Louro (2001, p.11) discute que muitos/as ainda consideram a expressão da sexualidade como algo que possuímos “naturalmente”.

Aceitando esta idéia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, **linguagens**, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. (grifo nosso)

Definidas as palavras que denominam as genitálias masculina e feminina e algumas práticas sexuais humanas, bibliografias nos dão subsídios para que possamos analisar os sinônimos que são trabalhados nesta pesquisa.

A partir desse estudo, palavras/“palavrões”/sinônimos/falas populares nos mostram uma parcela de aspectos da repressão que permeia o imaginário das pessoas, que nascem em um mundo com regras, tabus, parcimônias, preconceitos, injunções disciplinadoras, retratando assim um discurso sexual repressivo.

No próximo capítulo analisaremos o universo pesquisado dos sinônimos, detendo-nos nos significados que trazem, com denotativos diferentes e, geralmente, com conotações jocosas, debochadas, discriminatórias, infantilizadas, preconceituosas, assépticas, desejantes e vulgares.

3 MÉTODO

PALAVRAS

Palavras não são más,
Palavras não são quentes.
Palavras são iguais
Sendo diferentes.
 Palavras não são frias,
 Palavras não são boas.
 Os números pros dias
 E os nomes pras pessoas.

Palavras eu preciso,
Preciso com urgência.
Palavras que se usem
Em caso de emergência.
 Dizer o que se sente
 Cumprir uma sentença
 Palavra que se diz
 E diz e não se pensa.

Palavras não têm cor
Palavras não têm culpa.
 Palavras de amor
 Pra pedir desculpas.
 Palavras doentias,
 Páginas rasgada.

Palavras não se curam
Certas ou erradas.
Palavras são sombras
As sombras viram jogos.
 Palavra pra brincar
 Brinquedos quebram logo.
 Palavras pra esquecer
 Versos que repito.

Palavras pra dizer
De novo o que foi dito.
Palavras pra esquecer
Versos que repito.
Palavras pra dizer
De novo o que foi dito.
 Todas as folhas em branco
 Todos os livros fechados.
 Tudo por todas as letras
 Nada de novo debaixo do sol.

(SÉRGIO BRITO E MARCELO FROMER, 1997, p.1)

3 MÉTODO

Esta pesquisa surgiu de um trabalho como conferencista, quando nos deslocávamos para várias cidades do Brasil, atuando em cursos de formação continuada no campo de Orientação Sexual Escolar. Como a temática Sexualidade na Escola parece mobilizar os/as participantes, fossem professores/as, pais/mães, funcionários/as, equipe diretiva ou alunos/as, pensamos em verificar como se referiam as algumas palavras relacionadas à temática, o que passou a constituir, assim, o fulcro da nossa pesquisa.

Além disso, Ussel (1980) suscitou em nós uma indagação com sua obra *Repressão sexual*, em que trabalhou com vários aspectos em relação à expressão lingüística. Como expusemos no capítulo anterior, e apenas para reforçar o sentido da nossa investigação, o autor diz que na França foram encontrados muitos sinônimos para indicar as partes genitais. Isso ocorria desde a Antiguidade, época em que “[...] não se deveria empregar a terminologia dos anatomistas (pênis, glândula, vagina, útero), mas apenas a expressão “órgão da procriação” para os rapazes e as moças” (USSEL, 1980, p.211), o que demonstra a repressão sexual desde épocas remotas.

Inclinada a estudar palavras/“palavrões”/sinônimos/falas populares que denominam órgãos sexuais e algumas práticas sexuais, aplicamos uma dinâmica retirada do manual *Adolescência: administrando o futuro*, feito pelo SEBRAE (Serviço de Apoio à Pequena Empresa), em 1992, o qual, entre outros temas, trabalha a sexualidade, enfatizando sua aplicação a adolescentes. A dinâmica está, na íntegra, em Anexo.

A atividade aplicada envolve um rodízio de papéis contendo as palavras pesquisadas: **Pênis**, **Vulva**, **Masturbação** e **Relação Sexual**, entre outras sete palavras, a saber: mulher, homem, seios, homossexual, testículo, menstruação e sexo oral. Escolhemos as quatro primeiras devido ao número de expressões, que seria demasiado para um trabalho de pesquisa como este.

Para a aplicação da dinâmica os/as participantes eram divididos em quatro subgrupos, registravam os nomes que lhes ocorressem naquele momento. Todos os grupos recebiam os quatro papéis, escrevendo sinônimos para os nomes pesquisados, desde que não se repetissem. Após o término do rodízio líamos todos os sinônimos, observando, principalmente, a forma como reagiam os/as participantes ao ser realizada a leitura.

Propusemo-nos a aplicar esta dinâmica a um universo de 3 mil pessoas, pois achávamos que esse número seria suficiente para uma análise adequada dos dados. Porém, os/as participantes dos cursos foram além dessa estimativa, totalizando 4.916, nas quatro regiões brasileiras.

Preocupamo-nos com a necessidade de providenciar a autorização e o aval da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CONEP). Em consulta ao órgão representante, na universidade onde atuamos (UEM), a orientação foi de que não haveria necessidade desse procedimento devido ao fato de o número de participantes ser extenso, e de que tivéssemos alguns cuidados éticos necessários, tais como explicação anterior e detalhada aos/às participantes; compromisso de que não seriam citados seus nomes, nem as cidades onde foram aplicadas as dinâmicas de coleta de dados.

Tais procedimentos foram respeitados, e assim houve consentimento voluntário dos/as participantes. Caso não quisessem participar, poderiam se sentir à vontade para isso.

Esclarecemos também que fizemos análise de documentos, em várias dinâmicas aplicadas, no decorrer de nossa jornada profissional.

Foram então contatadas 4.916 pessoas, 3.209 mulheres e 1.707 homens. A presença maior do público feminino pode ser explicada por ser uma atividade exercida por profissionais da educação, que geralmente se compõem de mulheres, e a pais/mães, cujo número maior é de mães.

Tabela 1: Dados dos/as Participantes

REGIÃO	PARTICIPANTES	SEXO	FAIXA IDADE	NÚMERO
Sul	Pais/mães	Feminino	De 18 a 28 anos	126
			De 29 a 48 anos	258
			De 49 a 68 anos	101
		Masculino	De 18 a 28 anos	37
			De 29 a 48 anos	89
			De 49 a 68 anos	64
	Professores/as	Feminino	De 18 a 28 anos	143
			De 29 a 48 anos	373
			De 49 a 68 anos	178
Masculino		De 18 a 28 anos	73	
		De 29 a 48 anos	117	
		De 49 a 68 anos	68	
Centro - Oeste	Pais/mães	Feminino	De 18 a 28 anos	139
			De 29 a 48 anos	248
			De 49 a 68 anos	69
		Masculino	De 18 a 28 anos	63
			De 29 a 48 anos	104
			De 49 a 68 anos	76
	Professores/as	Feminino	De 18 a 28 anos	104
			De 29 a 48 anos	290
			De 49 a 68 anos	67
Masculino		De 18 a 28 anos	83	
		De 29 a 48 anos	174	
		De 49 a 68 anos	65	
Nordeste	Pais/mães	Feminino	De 18 a 28 anos	105
			De 29 a 48 anos	108
			De 49 a 68 anos	68
		Masculino	De 18 a 28 anos	32
			De 29 a 48 anos	67
			De 49 a 68 anos	26
	Professores/as	Feminino	De 18 a 28 anos	83
			De 29 a 48 anos	137
			De 49 a 68 anos	56
Masculino		De 18 a 28 anos	58	
		De 29 a 48 anos	129	
		De 49 a 68 anos	88	
Sudeste	Pais/mães	Feminino	De 18 a 28 anos	40
			De 29 a 48 anos	116
			De 49 a 68 anos	65
		Masculino	De 18 a 28 anos	28
			De 29 a 48 anos	64
			De 49 a 68 anos	37
	Professores/as	Feminino	De 18 a 28 anos	45
			De 29 a 48 anos	231
			De 49 a 68 anos	58
Masculino		De 18 a 28 anos	21	
		De 29 a 48 anos	109	
		De 49 a 68 anos	36	
TOTAL				4.916

Tabela 2: Número total de Pais/Mães e Professores/as por Faixa Etária

FAIXA IDADE	PAIS	MÃES	TOTAL	PROFESSORES	PROFESSORAS	TOTAL
18 a 28 anos	160	410	570	235	375	610
29 a 48 anos	324	731	1055	529	1031	1560
49 a 68 anos	202	303	505	257	359	616
TOTAL						4916

Tabela 3: Número total de Pais/Mães e Professores/as

PAIS	PROFESSORES	TOTAL	MÃES	PROFESSORAS	TOTAL
686	1.021	1707	1.444	1.765	3.209
Total					4.916
Total de Pais/Mães	2.130	Total de Prof/Prof^a	2.786		

A título de esclarecimento, porque esta pesquisa se fez mais quantitativa do que qualitativa, o número total de pais, em todas as regiões, foi de 686 e de mães, 1.444, quanto ao número de professores, ficou em 1.021 e das professoras em 1.765. Isso vem indicar a presença maior de mulheres na educação, e das mães, como mais participantes em encontros, reuniões, atendimentos sobre a filhos/as realizados pelas escolas. Quanto às professoras, ainda se interpreta o magistério como atividade tipicamente feminina. Justifica-se aí uma questão de gênero, em como se situar um espaço que se faz tipicamente feminino. Essa ocupação foi relegada à mulher por ser uma atividade que se baseia na reprodução do espaço privado do lar e por lembrar a rotina de suas casas, bem como os cuidados para com próprios/as filhos/as. Confirma-se, assim, como um espaço profissional que era e ainda é permitido e referendado às mulheres. (BRAGA, 2002)

Quanto à faixa etária que mais encontramos, entre pais/mães e professores/as, ficou de 29 a 48 anos, as idades de pais/mães com filhos/as em escolas, e professores/as no auge das atividades acadêmicas.

Para esclarecer, aos/às participantes distribuídos nas situações de coleta, descrevemos como subgrupos aquelas pessoas que participaram do curso em diferentes regiões. Sendo assim, embora não caracterizem grupos diferentes para análise dos dados, os subgrupos demarcam as diferentes situações de coleta.

Quanto às dinâmicas, aplicadas num espaço de três anos, tomamos o cuidado de efetuar sempre o mesmo procedimento, como já explicamos.

Nesse sentido, a dinâmica ocorreu em 115 cursos, distribuídos em seis estados brasileiros: Ceará, São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Santa Catarina, compreendendo as regiões Sul, Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste. Evidentemente que há diferenças culturais, mas para a análise de dados essas não foram consideradas.

O número de participantes em cada região foi o seguinte: Sul: 1.627; Centro-Oeste: 1.482; Nordeste: 957 e Sudeste: 850, totalizando 4.916 pessoas.

Tabela 4: Número de Participantes por Região

REGIÕES	SUL	CENTRO OESTE	NORDESTE	SUDESTE	TOTAL
	1.627	1.482	957	850	4.916

4 RESULTADOS

4 RESULTADOS

No agrupamento da coleta de dados recolhemos 115 páginas escritas, e o volume pesquisado contemplou o principal objetivo do trabalho, que era verificar e analisar sinônimos atribuídos aos órgãos sexuais masculino e feminino (**pênis** e **vulva**) e a algumas práticas sexuais (**masturbação** e **relação sexual**), na cultura brasileira, e também os entrecruzamos com a repressão sexual que também advém da instituição escola.

A análise permitiu a reunião de 5.342 palavras, no total, sobre os temas acerca de sexo/sexualidade. Foram contadas assim por se repetirem. Dessas, 1.308 referiram-se aos temas pesquisados. Dessa forma, por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), as palavras foram agrupadas em quatro conjuntos temáticos: 1) **Pênis**, 2) **Vulva**, 3) **Masturbação** e 4) **Relação Sexual**.

A figura abaixo ilustra o número de sinônimos, distribuídos entre as 1.308 palavras que se referiram aos agrupamentos temáticos.

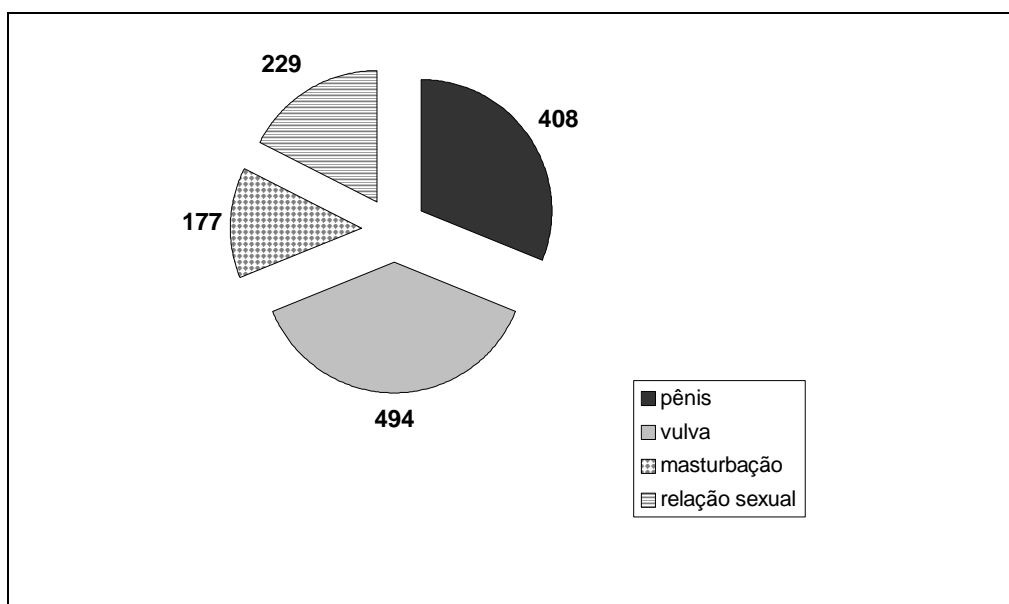


Figura 5: Número de Sinônimos por Agrupamento

Em cada situação de coleta de dados uma tabela foi organizada, contendo apenas os 20 nomes mais freqüentes daquele subgrupo de participantes, exceto os sinônimos para masturbação, que não chegaram a esse tanto. A totalidade dos sinônimos consta nos Apêndices A, B, C e D.

As tabelas com os 20 nomes que mais aparecem em cada grupo servem para uma visualização do que existe em comum entre as pessoas pesquisadas, a título de exemplificação.

Também esclarecemos que palavras com grafias assemelhadas, quer seja por erros cometidos, quer seja por regionalismos, foram agrupadas para que a contagem ficasse mais próxima da realidade, a exemplo dos sinônimos *chana* e *xana*.

Os dados estatísticos também constam em anexo (Apêndice E), contendo os quatro conjuntos temáticos, que foram analisados em freqüência absoluta e relativa de palavras, para se visualizar melhor os sinônimos citados.

Em cada agrupamento temático (**Pênis, Vulva, Masturbação e Relação Sexual**) descrevemos palavras/"palavrões"/sinônimo/falas populares atribuído pelos/as participantes em ordem decrescente de freqüência absoluta. Cada palavra pesquisada, apresentada aqui como agrupamento temático, reuniu os sinônimos em freqüência, para posterior análise.

Fundamentando-nos em Bardin (1977), optamos por designar como temática as palavras pesquisadas, e como categoria os sentidos dados a elas; por exemplo: nomes próprios, de animais, comestíveis etc., conforme explicitado na tabela a seguir.

Tabela 5: Grupos Temáticos e Categorias Pesquisadas

CATEGORIAS	PÊNIS	VULVA	MASTURBAÇÃO	RELAÇÃO SEXUAL
	1.Força, virilidade	1.Força, violência, vergonha	1.Masturbação Masculina	1.Agressividade
	2.Diminutivos	2.Diminutivos	2.Masturbação Feminina	2.Suavidade
	3.Nomes Próprios	3.Nomes Próprios		3.Modismos
	4.Alimentos	4.Alimentos		
	5.Nomes de Animais	5.Nomes de Animais		
		6.Receptáculos		

De antemão, é importante destacar que os levantamentos bibliográficos realizados para esta revisão apontam uma exígua produção, tanto em âmbito nacional quanto internacional, a respeito das temáticas pesquisadas.

4.1 ÓRGÃO SEXUAL MASCULINO: O PÊNIS

Este agrupamento temático evidenciou 408 nomes. O mais freqüente foi *Pau*⁵, com 106 ocorrências, conforme consta na tabela a seguir. Parece que esse nome tem um enorme valor para as pessoas quando citam sinônimos para pênis. Além da simbologia fálica, sugere algo agressivo, que pode ser empregado para matar, machucar, inerente às estimulações dadas aos meninos, desde pequenos, tais como jogos, brinquedos e brincadeiras considerados mais violentos.

⁵ Todos os sinônimos que coletamos são grafados em itálico.

Tabela 6: Lista das Palavras mais freqüentes como Sinônimo para Pênis

PALAVRAS/"PALAVRÕES"/"SINÔNIMOS"/FALAS POPULARES	N.ABSOLUTO
<i>PAU</i>	106
<i>PINTO</i>	105
<i>CARALHO (CARAIO)</i>	94
<i>CACETE</i>	89
<i>BRÁULIO</i>	82
<i>ROLA</i>	73
<i>PIPI</i>	70
<i>BILAU</i>	59
<i>PIRULITO</i>	55
<i>PINGOLIN (PINGULIN/ PIGULIN)</i>	50
<i>PICA</i>	50
<i>PIUPIU</i>	37
<i>PASSARINHO</i>	35
<i>PISTOLA</i>	34
<i>PERU/PIRU</i>	31
<i>COBRA</i>	28
<i>MANDIOCA</i>	21
<i>SACO</i>	20
<i>VARA</i>	20
<i>ZEZINHO</i>	20
<i>PIROCA</i>	20
<i>BINGULIN (BINGOLIN)</i>	19
<i>LINGÜIÇA</i>	17
<i>PINGOLA</i>	17
<i>JÚNIOR</i>	16
<i>MINHOCA</i>	16

4.1.1 Força, Virilidade

Constatamos que, entre os sinônimos para pênis, a maioria tem conotação de força, virilidade, tais como: *alavanca de Arquimedes, aquilo roxo, bagacete, baitola, baitolo, barbudo, barraca armada, bengala, bengala, berimbau, bicho ereto, bigorna, bilão, bilau, biroba, birosca, bitelo, bombeador, borrachão, cabeção, cabeçudo, cabo, cabo de vassoura, cacetão, cacete* (em número de 89 vezes), *cacetete, cajado, cajebre, câmbio, caminhão, canhão, cano, caralho* (com 85 vezes), *cavalo, cobra, cocô duro, cunhão, cuspideira, escroto, espada, estrovenga, faca, facão, ferro, fumo, fura bucho, gerobão, grossão, manguaça, máquina mortífera, martelo, mastro, mete medo, míssil, negócio, nervoso, o cara, penetrador, peru, pica, pistola, porrete, ranca sangue, rojão, trabuco, troço grande, vergalhão*. Esses sinônimos têm como objetivo demonstrar agressividade, com a conotação de falo como símbolo de poder. Saffioti (1987, p.19) lembra que nessa concentração dita agressiva, quanto à genitália masculina, também há uma construção cultural de poder. Refere-se ela à

[...] expressão falocracia (falo=pênis), ou seja, o poder do macho. Pode-se também inverter o raciocínio e afirmar que a consolidação da supremacia masculina, ao longo de milênios de história, conduziu ao endeusamento do pênis, anulando ou pelo menos reduzindo o prazer que o homem pode sentir em outras áreas de seu corpo. Desta sorte, o homem paga um preço pelo poder de que desfruta.

Tal é o preço pago, em sua maioria, por uma sociedade culturalmente genitalizada no poder masculino, Isto é, o processo histórico conduziu o homem a concentrar sua sexualidade nos órgãos genitais, acontecendo, às vezes, de esse homem nem saber que pode desfrutar de muitos prazeres de outras partes do seu corpo. (SAFFIOTI, 1987)

Corroborando a necessidade falocêntrica de poder como um processo cultural e plural, ao homem cabe cultuar seu pênis. E como diz Gaiarsa (1989, p.16-17) “[...] excluído das palavras dignas, eis que ele (pênis) reaparece na linguagem dos ‘palavrões’, dos quais um dos mais sonoros é ‘CARALHO’. [...]

como palavrão, ele é usado para ofender, para agredir, para desprezar”. “Cacete, ferro, vara etc. lembram, incoercivelmente, agressão, pancadaria, briga.”

Agressividade seria sinônimo de força, virilidade e maior valência, como se isso fosse necessário para o homem conseguir “[...] estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência” (LOURO, 2001, p.12), que nesse caso seria o grupo masculino, o qual precisa se mostrar viril, dominador e, assim, agressivo, conforme expresso na maioria das palavras coletadas nessa temática.

4.1.2 Diminutivos

Alguns nomes aparecem no diminutivo, tais como: *amiguinho, bigolinho, bimbim, bingulinho, brinquedinho, cheirinho, dilim, dindin, garrafinha de refrigerante, geladinho, lindinho, mangueirinha, menininho, minhoquinha, pagodinho, passarinho, peruzinho, pichulinho, pintinho, pipi, pipito, pipizinho, piupiu, rapazinho, rolinha, sininho, tikinho, torneirinha, tubinho*, em sua maioria, usados para denominar o pênis das crianças pequenas, conforme os/as participantes dos cursos relataram. Ao atribuir nomes com sufixos “inho”, parece que as pessoas minimizam o órgão genital da criança, infantilizando-o, dando-lhe um valor menor parecendo demonstrar assim uma assexualidade infantil.

Um dos motivos que nos levam a refletir sobre a verbalização de palavras no diminutivo, principalmente em se tratando do pênis infantil, é que a maioria dos/as participantes da pesquisa são mulheres. As palavras de Gaiarsa (1989, p.33) explicitam a grande diferença de gênero:

Vamos tentar nos pôr na pele de uma mulher. Desde que ela nasce ouve dizer, em palavras, mas principalmente em caras, tons de voz e olhares, que “ele” é seu maior inimigo. Cuidado com ele, fascínio e desgraça de todas as mulheres. “Melhor, querida filhinha, que você continue adormecida na sua inocência – falsa como Judas. Você tem como sua **primeira** obrigação **jamais** pensar em uma coisa dessas. Isso não existe, viu?” [...]. (grifos do autor)

Mães e professoras, provavelmente, tiveram esse tipo de educação sexual e a repetem às crianças das quais têm a incumbência de cuidar, tratar e, querendo ou não, educar sexualmente, com um misto de cuidados, bloqueios e repressão. À criança resta internalizar esse conhecimento, pois

[...] desde que nasce já vai incorporando a sua cultura de origem, descobrindo que seu modo de agir depende da interação com outros seres humanos, principalmente os adultos. O comportamento da criança recebe, então, influência dos costumes e objetos da sua cultura, e assim ela assimila, ativamente, habilidades que foram construídas pela história social ao longo de milênios. (BRAGA, 2002, p.98)

Utilizar sinônimos para pênis no diminutivo parece que suaviza falar “daquilo”, como diz Gaiarsa (1989). Como também representa um modo de minimizar a dificuldade dos adultos em reconhecer a sexualidade das crianças. Ocorre, assim, uma aparente educação sexual tranqüila e não agressiva, mostrando às crianças que não *necessitam* e não *podem* pensar nisso!

4.1.3 Nomes Próprios

Aparecem também muitos nomes de pessoas, como por exemplo *Bráulio* (71 vezes), em alusão a uma propaganda de cuecas muito popular na televisão, no início dos anos 90. Outros nomes: *Biro, Chico, Chiquinho, Dick, Dito, Elvis Presley, Eros, Genésio, James, Jarbas, João, Joãozinho, Jonas, JR, Juninho, Junior, Juquinha, Nicolau, Pedrão, Picasso, Riba Junior, Ricardão, Rodolfo, Ticão, Tico, Zé, Zeca, Zecão, Zezim e Zezinho*. A alusão a nomes de pessoas parece ter a intenção de personalizar essa parte do corpo, com um quê de deboche. (GAIARSA, 1989)

Paley (2001, p.12) esclarece que a diferença mais óbvia entre homens e mulheres é que os primeiros têm os órgãos sexuais externos. “Toda vez que um homem olha para baixo, lá está seu pênis – seu amiguinho.” O homem o toca continuamente, pelo menos ao fazer xixi, cheira-o, manipula e o nomeia com

palavras intimistas, numa apologia à propriedade particular e, obviamente, mais grosseira e forte em se falando de adolescentes e adultos, simbolizando potência e virilidade. Quando se fala em criança pequena, os órgãos masculinos são nominados no diminutivo, por serem ainda pequeninos e inocentes – sexualmente falando.

Interessante colaboração que encontramos em Paley (2001, p.23) é de que os gregos, desde o Período Neolítico até o Cristianismo se espalhar pela Europa, quase todas as outras culturas, tinham deuses com pênis notórios.

Priapo era um deles, Dionísio, outro. Ainda havia Hermes – na verdade Hermes é uma palavra para pênis em grego. Baco, também chamado de Líber, era o deus do pênis em Roma. Osíris, o deus egípcio do pênis. Shiva era o deus indiano do pênis e ainda existe um oratório do falo dedicado a ele em cada templo hindu.

Nomear o pênis, então, seria celebrá-lo e divinizá-lo. Mas há também até um sentido de nomeá-lo como se fosse outra pessoa, ou outro “ser”, como nos momentos daqueles impulsos. “[...] imorais, sexuais e agressivos [...] fala-se ‘dele’, como não fosse seu e, mediante a tão temível situação de falha masculina na hora H, fica fácil então dizer: ‘não sei o que está acontecendo com ele’.” (PALEY, 2001, p.19)

Ao se culpabilizar o pênis, nomeando-o, transfere-se uma falha que o homem teria dificuldade em assumir, devido a uma educação machista, segundo a qual tem de se mostrar viril, porque não se permitem eventuais faltas de ereção.

4.1.4 Alimentos

Muitos nomes foram encontrados simbolizando comestíveis. Como diz Gaiarsa (1989), podem ser relativos a vegetal, fruto e frios sortidos. Oram aqui registrados: *amendoim, baguete, banana, bananão, berinjela, biscoito, cenoura, cenourão, champion, charuto, chips, croquete, lingüiça, lingüição, mandioca,*

mandiocão, mortadela, palmito, pepinão, pepino, picolé, pirulito, quibe, salame, salsicha, salsichão, sorvetão e vagem. Esses nomes representam objetos fálicos em formato de pênis, correlacionando-se o ato de comer a uma relação oral.

4.1.5 Nomes de Animais

Também encontramos sinônimos de animais: *anaconda, cavalo, cobra, ganso, jegue, jumento, mandruvá, minhoca, papagaio, pelicano, peru, pica-pau, pinto e rolinha.* Os animais contemplados aqui lembram objetos fálicos (compridos, circulares, grossos, aduncos), o que corrobora o simbólico do poder atribuído ao pênis no imaginário humano. (GAIARSA, 1989; PALEY, 2001)

4.2 ÓRGÃO SEXUAL FEMININO: A VULVA

Coletamos 494 palavras para Vulva, e as que mais apareceram estão na tabela a seguir. Diferentemente dos sinônimos para Pênis, essas palavras exprimem mais suavidade, mais delicadeza.

Tabela 7: Lista das Palavras mais freqüentes como Sinônimo para Vulva

PALAVRAS/"PALAVRÕES"/"SINÔNIMOS"/FALAS POPULARES	N.ABSOLUTO
<i>PERERECA</i>	105
<i>CHANA (XANA)</i>	102
<i>BUCETA</i>	100
<i>PERIQUITA/PIRIQUITA</i>	94
<i>PERSEGUIDA</i>	83
<i>XOXOTA (CHOCHOTA)</i>	79
<i>ARANHA</i>	60
<i>PREXECA (PRECHECA)</i>	54
<i>XERECA/CHERECA</i>	46
<i>XAVASCA (CHAVASCA, JAVASCA)</i>	43
<i>VAGINA</i>	36
<i>XEXECA/CHECHECA</i>	35
<i>CAPÔ DE FUSCA (CAPU DE FUSCA)</i>	33
<i>XECA (CHECA, SHECA, XHECA)</i>	32
<i>POMBINHA</i>	30
<i>POMBA</i>	25
<i>FLORZINHA</i>	17
<i>GARAGEM</i>	17
<i>BOLACHA</i>	16
<i>CHEIROSA (XEROSA)</i>	15
<i>TITINHA</i>	16
<i>BORBOLETA</i>	13
<i>XANINHA</i>	13

4.2.1 Força, Violência, Vergonha, Desprezo

Os nomes associados a força, violência, aparecem pouco em relação ao órgão feminino, diferentemente do pênis, como já discutimos. Alguns nomes simbolizam desprezo: *amaldiçoada, boca da cabaça, buceta (que sempre aparece como forma de agressão), buraco negro, carne mijada, coisa feia, condenada, danada, fudida, judiada, mal agradecida, maldita, malvada, patente, perdida,*

quebra rola, racha, rachada, reganho, traiçoeira, vem cá meu puto, xavasca. Esses sinônimos são em número muito menor e não demonstram o mesmo grau de agressividade que os usados para pênis, o que revela a questão das diferenças de gênero culturalmente construídas.

Zwang (2000, p.28), ao analisar vocábulos sobre a vulva, declara que “a terminologia sexual se mostra, ao mesmo tempo, inesgotavelmente rica de palavras visuais, porém grosseiras ou ofensivas, e relativamente pobres em vocábulos honestos”.

Richards (1980, p.58) em seu livro *O Pênis*, relata:

Devido à sua forma física, o pênis costuma ser visto inconscientemente como um ser autônomo, de vida própria. Isso faz com que ele seja tratado de maneira especial tanto por homens quanto por mulheres. Vários homens põem apelidos no seu pênis. Ele é quase uma terceira pessoa na relação e a disputa pela posse desta “pessoa” é que faz os homens se comportarem como bestas, pois não admitem perder seu pênis em hipótese alguma.

O autor ainda acrescenta:

[...] sagrado será o dia em que todos os homens deixarem de achar que seus pênis são uma arma, e que juntamente com as mulheres resolvam reestruturar o comportamento sexual da sociedade eliminando os tabus que provocam tantos encontros e frustrações. (RICHARDS, 1980, p.58)

Essas argumentações, demonstrando as diferenças culturais entre os gêneros masculino e feminino, podem explicar por que os sinônimos dados ao pênis são mais agressivos, e os dados à vulva são mais suaves e aceitáveis aos ouvidos e às bocas dos/das adultos/as, que se mostram receosos/as ou envergonhados/as ao pronunciarem ou escutarem tais palavras.

Interessante, também, é a afirmação de Blackledge (2004, p.27) de que alguns registros de tribunais do ano de 1956, nos EUA, levavam em conta

o princípio geral, de que é “ilegal insultar as partes baixas das mulheres”. Imagine se o uso injurioso da palavra “boceta” fosse declarado ilegal no ocidente. Essa idéia parece tão herética quanto à de mulheres orgulhosas de sua genitália, e de tudo o que ela representa. Mas ambas existem. Para certas pessoas, é importante defender o bom nome da genitália feminina. (grifos da autora)

Bem anterior a esse período, e com propósitos depreciativos, Santo Agostinho (354-430), um dos mais influentes teólogos dos começos da igreja cristã, tornou clara a sua visão da vulva, com o comentário de que todos nascemos *inter feces et urinam*, “[...] entre fezes e mijo”. “Encontram-se ecos dessa crença na linguagem – uma palavra alemã bem crua para vulva é Damm, barragem, a barragem entre as fezes e a urina, um lugar imundo.” (BLACKLEDGE, 2004, p.57-58).

4.2.2 Diminutivos

Encontramos aqui 74 sinônimos para vulva escritos no diminutivo, o dobro do que foi usado para o pênis. São eles: *amorzinho, bacurinha, baratinha, barquinho, beicinho, besourinha, bichinha, bimbinha, bistequinha, boquinha, borboletinha, bucetinha, bundinha, buraquinho, burburinha, caixinha, cebolinha, charmosinha, cheirosinha, Chiquinha, choquinha, coisinha, coitadinha, conchinha, fididinha, florzinha, fofinha, folhinha, franguinha, fusquinha, gatinha, gominho, gordinha, gorduchinha, gostosinha, grilinho, grutinha, igrejinha, joaninha, Julinha, leãozinho, lindinha, lingüinha, menininha, molhadinha, montinha, naninha, passarinha, passinho, Patricinha, peixinho, petequinha, pimbinha, piquita, pitoquinha, piupiuzinha, pixiriquinha, pombinha, queijinho, queridinha, rachinha, Ritinha, Rosinha, rosquinha, saltadinha, segredinho, titinha, titiquinha, vagininha, xaninha, xolinha, xoxinha, xoxotinha, Xuxinha.*

Novamente se nota aqui uma questão de gênero. Não se pode olhar, tocar e muito menos nomear a vulva, até na fase adulta, mas enquanto criança isso se

mostra menos proibido. Nunes e Silva (2000, p.32) trazem uma interessante trajetória histórica sobre o desenvolvimento da infância. Embora não nos detenhamos nesse tema, enfatizamos, com eles que

[...] a partir do final do século XVI a infância adquiria uma significação representada como um estado de **fraqueza** e **inocência** associadas ao reflexo da pureza divina, o que colocava a educação na situação de primeira obrigação humana. (grifos dos autores)

O que parece é que os/as adultos, neste caso pais/mães e professores/as acreditam que têm realizado sua missão de educar a contento, a partir dos sinônimos encontrados na pesquisa. Acreditam que a criança seja pura, angelical, e falar-lhes sobre os órgãos sexuais, quiçá com os nomes considerados científicos trabalhados aqui, iria macular a personalidade desses infantes.

Quanto ao desenvolvimento da sexualidade infantil, estamos fazendo muito pouco para que, pelo menos, a criança aprenda a ler e assumir seu próprio corpo. O corpo que é ela própria, constitui seu ser, que vai vivenciá-lo pelo resto da vida e que deverá ser um instrumento de trabalho e prazer. O perigo, aliás, está em negar este último. Frequentemente vemos atribuída à sexualidade uma significação de zona proibida para crianças. Muitas vezes o sexo é a linha divisória entre a “menoridade” e a maioridade como se somente os maiores e juridicamente emancipados tivessem sexo e fossem potenciais agentes sexuais. (NUNES; SILVA, 2000, p.51)

Camargo e Ribeiro (1999, p.26) discutem que algumas áreas do conhecimento, tais como a Psicologia, a Biologia e a Pedagogia, interessaram-se pelo estudo do desenvolvimento infantil a partir do final do século XIX, e assim como também pelos aspectos da sexualidade na criança. Porém,

[...] os desejos das crianças passaram a ser definidos pelo adulto, que os expressava em nome delas. Ao mesmo tempo, ia-se acumulando um grande número de publicações científicas, nas quais se admitia a existência da sexualidade infantil, embora esta fosse considerada sinônimo de patologia, anormalidade e, principalmente, manifestação deplorável.

Louro (2001, p.26), ao abordar sobre a sexualidade infantil na escola, comenta:

[...] a sexualidade deverá ser adiada para mais tarde, para depois da escola, para a vida adulta. É preciso manter a “inocência” e a “pureza” das crianças (e, se possível, dos adolescentes), ainda que isso implique no silenciamento e na negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias e as práticas sexuais.

Adultos/as que assim agem com as crianças, enfatizando-se aqui os/as professores/as, acabam repetindo a educação sexual que tiveram, repressora, acrítica e perpetuadora dos valores burgueses, inspiradores do consumismo e, portanto, de um sexismo que reforça a questão de gênero vigente.

4.2.3 Nomes Próprios

Assim como no pênis, os nomes são assim atribuídos são para designar a vulva da criança com uma conotação mais “suave”, como dizem os/as participantes, pois “é muito feio falar vulva” (*sic*). Também aqui encontramos dificuldade em se aceitar ou se falar sobre a sexualidade na infância, resultando isso na pretensão da sexualidade da criança.

Muitos sinônimos são também tirados de nomes próprios ou apelidos: *Biba, Bimba, Bin Laden, Chica, Chiquinha, Chiquita, Clotilde, Creusa, Dirce, Dita, Geni, Gina, Joaninha, Julinha, Jurema, Lili, Magali, Margarida, Ofélia, Patricinha, Priscila, Quincas, Rita, Ritinha, Rosinha, Vasco, Verusca, Xuxa e Xuxinha*. Novamente parece que atribuir nomes próprios aos órgãos genitais demonstra uma propensão para o deboche, como também busca trazer proximidade do órgão à pessoa.

Paley (2001, p.12) diz que as mulheres “[...] não têm a mesma amizade por suas vaginas ou vulvas, sem dúvida, porque é preciso fazer um esforço para enxergá-las. É difícil ficar amiga de quem não se consegue ver”.

Assim, os nomes próprios que aparecem aqui são, como nos citados para pênis, usados para intimizar essa parte corporal, mas com conotações mais suaves e distanciadas de valor viril e potente.

Os pênis são nomeados e divinizados, como citamos acima, mas isso não ocorre com as vulvas, as quais foram usadas como símbolos de boa sorte em algumas culturas, propiciando a capacidade de melhorar a vida, e até foram esculpidas do lado de fora de algumas igrejas irlandesas (PALEY, 2001; BLACKLEDGE, 2004; ANGIER, 2000). Porém, não encontramos nomes para deusas simbolizando a vulva, como para o pênis.

4.2.4 Alimentos

Alguns comestíveis também são encontrados: *bife, biscoito, bistequinha, bolacha, empadão, esfirra, gomo de mixirica, lasanha, maçã, mixirica, paçoca, pastel, queijinho, rosquinha e torresmo*, mas em número muito menor do que para pênis, o que revela que a vulva é algo para ser “comido, experimentado, deliciado” (BLACKLEDGE, 2004, p.79), principalmente para o prazer masculino.

4.2.5 Nomes de Animais

Nomes de animais também foram encontrados aqui: *aranha, bacalhau, barata, besourinha, borboleta, caranguejeira, chana/xana, franga, marreca, passarinha, periquita, piranha, pomba, sardinha, tartaruga, tatu, taturana*. Alguns, como *aranha* e *taturana*, simbolizam a região dos pêlos pubianos, que lembram uma caranguejeira. Outros, pelo cheiro, estão associados a peixe: *bacalhau, sardinha*; e outros ainda a pássaros, pela mobilidade. O nome que mais aparece é *perereca*, um anfíbio, mais usado para nomear a vulva da menina.

Em relação aos nomes relacionados a peixes, Angier (2000) relata que há um grande equívoco (talvez proposital) em relacionar a vulva ao mau cheiro, de peixe podre. Livoti e Topp (2006) esclarecem que a mulher, em seu período menstrual – na primeira metade do ciclo – possui, entre outras substâncias, uma secreção semelhante à gema do ovo cru, produzida pela vagina e pelo colo do útero, estimulada pelo estrogênio. Essa secreção é transparente, elástica e possui alta concentração de sal (ambiente propício para o espermatozóide). Já, no meio do ciclo, a progesterona começa a atuar, juntamente com o estrogênio, mudando o volume da secreção vaginal. Ela fica mais “[...] cremosa e grudenta, fechando o colo do útero e impedindo, assim, a entrada dos espermatozóides” (LIVOTI; TOPP, 2006, p.49). Essa secreção cremosa fica mais forte à medida que o período menstrual se aproxima, e pode ficar com um odor ligeiramente desagradável (daí a reputação de ter cheiro de bacalhau). Também pode ter esse cheiro característico caso a mulher não faça uma higiene adequada em sua genitália, tanto externa quanto interna.

Talvez por desconhecimento sobre o que foi descrito acima, a vulva ainda continua a ser denominada por nomes pejorativos, como *bacalhau*, num propósito ofensivo, como se fosse suja ou fétida.

Quanto a vulva ser chamada por *xana* ou *chana*, que é um diminutivo da palavra bichana, sinônimo para gata, usado no Brasil e encontrada em um número grande na pesquisa (106 ocorrências), Blackledge (2004, p.24), relata que

[...] é curioso notar que os gatos continuam indissolúvelmente associados à genitália e às coisas femininas em geral. Na Bretanha, *pusse* surgiu em 1662 como adjetivo de vaginas; hoje o termo se tornou *pussy*. Na Itália, gata é *chatte* e *gatta*, que também significam vagina. Os gatos, em muitas culturas também estão associados com sexo, sexualidade feminina e, eventualmente, prostituição. As mulheres são felinas; os homens nunca. Várias culturas reconhecem e respeitam os gatos como possuidores de poderes místicos, como companheiros de bruxas, por exemplo, enquanto outras, o Japão, em particular, acreditam que os gatos dão sorte. Os bordéis japoneses também usam o gato como sinal indicativo da natureza do estabelecimento – um

lugar onde se pode ver a vagina, e muito mais. Apesar dos séculos de distância, gatos e vaginas continuam associados, da mesma maneira que a exibição da vulva com a deusa felina dos prazeres no Egito, Bast.

Com essa explicação, podemos entender a relação de maledicência que geralmente o gato traz em nossa cultura, associado ainda à bruxaria, à desconfiança, que esse felino carrega.

4.2.6 Receptáculos: Suavidade e Prazer

Muitos nomes significam receptáculos, como *cabaça*, *cabaço*, *caçapa*, *caixa*, *caverna do dragão*, *gaiola do periquito*, *garagem*, *ocada*, *vagina*. Nessa categoria, uma das palavras mais encontradas foi *buceta* ou *boceta*, que é, propriamente, caixa, caixinha, escrínio, com o predomínio desses sentidos em Portugal, onde existe como nome (sobrenome) familiar e onde ainda se diz “*boceta de Pandora*”, caixa da primeira percepção mitológica da mulher, receptáculo do qual escaparam todos os bens, restando apenas a esperança. Para receptáculos, ou seja, local onde se guarda ou se acondiciona algo, podemos inferir a questão de ser um local de recepção do pênis. Também interpretamos como um local, a saber – a vagina –, como “[...] ícone, sagrada, inviolável, venerada. O lugar e a fonte de onde brota toda a vida humana. A fonte de toda nova vida. A origem do mundo” (BLACKLEDGE, 2004, p.47). Portanto, um local onde se alberga alguma coisa, quer seja um pênis, objetos [...]. Reafirmando, “[...] ela acomoda o homem.” (ZWANG, 2000, p.249)

Blackledge (2004) traz uma colaboração interessante, ao corroborar que a palavra vagina, em latim, originalmente implicava uma bainha ou um estojo de proteção da lâmina de uma arma branca, a cobertura protetora de uma espada. E acrescenta:

no século XVI, no entanto esse significado começou a mudar, e a palavra a ser usada em associação com uma parte específica da anatomia sexual feminina. Acredita-se que tenha sido o anatomista italiano Matteo Relado Colombo a primeira pessoa a usar “vagina” nesse sentido. Colombo, em 1559, ao escrever seu *De Re Anatomica*, descreveu o órgão sexual muscular erétil interior de uma mulher como “aquela parte na qual se insere a *mentula* (talo de menta/pênis) como se fosse uma vagina (bainha)” Como viu esse homem do Renascimento, essa parte especial da anatomia sexual feminina envolve o pênis da mesma maneira que uma bainha cobre uma espada. Logo, para ele, era uma vagina. (BLACKLEDGE, 2004, p.65, grifos da autora)

Novamente constatamos a implicação de que a vagina seja um local para receber algo, nesse caso o pênis, assim considerando-se esse órgão como um receptáculo e não como um local de prazer feminino.

Uma colocação se faz pertinente: deixamos a palavra vagina – que apareceu 36 vezes – mesmo sendo categorizada como científica, e não como “palavrão” para vulva, pois as pessoas, conforme já citamos, a utilizam como similar ao órgão sexual feminino.

4.3 SIMILARIDADES ENTRE PÊNIS E VULVA

Aparecem alguns sinônimos citados tanto para pênis quanto para vulva: *amigo/amiga, área de lazer, biba, bimba, Bin Laden, biriba, biscoito, cabaço, cabeludo/cabeluda, cano, careca, Chico/Chica, Chiquinho/Chiquinha, compadre/comadre, dito cujo/dita cuja, mala, menino/menina, mixaria, pacote, parque de diversões, passarinho/passarinha, peludo/peluda, perigoso/perigosa, periquito/periquita, perseguido/perseguida, pila, pipa, pipiu, poderoso/poderosa, pombo/pomba, rola, tchan, tico/tica, titico/titica*. A maioria deles é empregada em relação a crianças pequenas, como simbologia da indistinção entre os sexos, como se a criança não possuísse desejos sexuais.

Ainda permeia, como já dissemos, o imaginário de que as crianças são seres assexuados e inocentes; portanto a própria imagem do anjinho – aquele

que não tem sexo. Daí, portanto, a indistinção entre os sinônimos dados aos órgãos genitais, tanto masculino quanto feminino.

Camargo e Ribeiro (1999, p.56) trazem fala coletada em uma pesquisa que fizeram para seu livro *Sexualidade(s) e Infância(s)*, que bem explica essa dificuldade. “Eu não tenho coragem de falar os nomes das partes íntimas pra (sic) ninguém, muito menos para meus filhos. (professora de Educação Infantil e mãe)”. Isso é muito freqüente na prática educativa, e reflete a ansiedade, o desconforto, a inadequação na utilização das palavras e em atitudes impróprias em relação às manifestações sexuais das crianças, tanto nas educadoras quanto nos pais e nas mães.

4.4 PRÁTICA SEXUAL: MASTURBAÇÃO

Foram evidenciados 177 sinônimos para Masturbação. Desses, há uma maioria para demonstrar a masturbação masculina (157 palavras). Em diversas vezes que aplicamos a dinâmica não apareceram sinônimos para a masturbação feminina, e ao denunciarmos isso na leitura dos nomes, os/as próprios/as participantes se espantaram com o fato, principalmente algumas mulheres, que alegavam não ter sequer cogitado a possibilidade de escreverem sinônimos de masturbação para as mulheres.

Interessante também dizer é que, entre os/as participantes, algumas vezes apareceram questionamentos como: Quem se masturba mais, homens ou mulheres? Ou ainda: As mulheres se masturbam? – Essas indagações revelam o preconceito que ainda está enraizado em nossos valores, acreditando-se que a atividade masturbatória seja um comportamento tipicamente masculino.

Tabela 8: Lista das Palavras mais freqüentes como Sinônimo para Masturbação

PALAVRAS/"PALAVRÕES"/"SINÔNIMOS"/FALAS POPULARES	N.ABSOLUTO
<i>BATER PUNHETA</i>	58
<i>SIRIRICA</i>	49
<i>CINCO CONTRA UM</i>	41
<i>DESCASCAR A BANANA</i>	31
<i>BATER UMA</i>	24
<i>DESCABELAR O PALHAÇO</i>	23
<i>BATER BRONHA</i>	19
<i>AFOGAR O GANSO</i>	15
<i>ARREPIAR O SABIÁ</i>	14
<i>DESCASCAR O SABIÁ</i>	8
<i>ALIVIAR, GOZAR, MARIQUINHA MARICOTA</i>	7
<i>DESCASCAR A MANDIOCA, MOLHAR O BISCOITO, TOCAR UMA SAFIRA, TROCAR O ÓLEO</i>	6
<i>DESCASCAR, TOCAR UMA, 69</i>	5
<i>BOQUETE, CHUPETA (CHUPETINHA), CHUVEIRINHO, JOGAR DADO, JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS</i>	4
<i>CALO NA MÃO, COVARDIA, DÁ UM MOUSE (CLICAR UM MOUSE) DÁ UMA, DEDICAR UMA, DESCABELAR O PALHAÇO, DESCASCAR O BEM-TE-VI, DESFOLHAR A MARGARIDA, FAZER UMA HOMENAGEM, ROÇA-ROÇA, TOCAR PIANO, TOCAR VIOLA</i>	3

4.4.1 Masturbação Masculina

Os nomes referentes à manipulação erótica no homem, que não colocamos aqui por representarem um número muito grande, constam no Apêndice C. São palavras que expressam muitas emoções corporais, tais como: alívio (*afogar o ganso, aliviar a rola*), descarga emocional e física (*castigar o coitado, desafogar, gozar*), virilidade (*espancar o palhaço, justiça com as próprias mãos*), agressividade (*manchar a parede, pau no cu*) e proibição (*bacanal, covardia, mão morta, porcaria, sujeira*). Parece que a masturbação masculina é muito mais valorizada pelo fato de o homem poder, desde pequeno, se mostrar e se tocar mais, o que até é estimulado pela própria família.

Novamente a questão de gênero revela-se pelo uso das palavras: ao menino é permitido o toque, com incentivos, e à menina é proibido e desestimulado masturbar-se, conforme esclarecemos abaixo.

Romualdo (2003, p.34) traz uma importante contribuição, dizendo que:

enquanto para os bebês masculinos há todo o orgulho dos pais em visualizar e, muitas vezes, até exibir para os mais íntimos os genitais de seu filho, confirmando que ele é realmente homem; isto dificilmente acontece quando o bebê é do sexo feminino.

Por gozar, palavra expressa por alguns/mas participantes, encontramos em Masters e Johnson (1988) a explicação de que essa palavra também simboliza orgasmo. Assim, significa um momento de relaxamento físico e psíquico.

4.4.2 Masturbação Feminina

Os sinônimos encontrados para masturbação feminina, em número de 20, são: *bater bolacha, bater sininho, bilu bilu na moedinha, cheque cheque, chuveirinho, clicar um mouse, cola velcro, dar um mouse, dedada, dedicar uma, dedo milagroso, desfolhar a margarida, esfrega bombriil, lamber com a língua, liberar adrenalina, Mariquinha Maricota, roçar o grelo, siririca, socar o dedo e tocar o dedo.*

Como afirmamos, há um número mínimo de sinônimos encontrados para masturbação feminina, numa proporção de 11,3% em relação à masturbação masculina, pois a mulher ainda é muito desencorajada a olhar e a se tocar “lá embaixo”, como dizem muitas pessoas que demonstram dificuldade em conversar com a menina sobre sua vulva.

Masters e Johnson (1988, p.72) dizem que:

[...] até meados do século XX, muitas pessoas (inclusive algumas autoridades médicas) acreditavam que as mulheres eram incapazes de atingir o orgasmo. Não há dúvida de que essa crença refletia um preconceito cultural: encarava-se o sexo como algo que o homem fazia com a mulher para seu próprio deleite. Durante séculos foi dito que “cumprissem seu papel de esposas”, estando disponíveis para fazer sexo com seus maridos, ao passo que se dizia a elas também que mulheres “direitas” não gostavam de sexo.

Desde pequenas as meninas brincam com seus órgãos genitais, da mesma maneira que exploram e tocam outras partes do corpo. Porém há um maior controle repressor dos pais nessas atitudes, impedindo a automanipulação. Aparece nas pessoas que cuidam dessa criança, geralmente mães e professoras, um tom de negação sexual, explícito ou não, que pode resultar em ansiedades e inibições sobre o sexo e sobre sua anatomia sexual em particular. (MASTERS; JOHNSON, 1988)

É muito comum, durante toda a infância, que os pais repreendam de maneira muito mais enérgica a menina quando toca seus genitais do que os meninos. Essa atitude também é comum em escolas para crianças pequenas, enfatizada pelas professoras, pois geralmente são mulheres que atuam diretamente com essas crianças (BRAGA, 2002). Frases como

[...] “tire a mão daí que é sujo!” “não sente de pernas abertas”, “é feio mostrar a calcinha!”... foram ouvidas por um sem número de mulheres quando ainda eram garotinhas. Assim, para as mulheres, se já era difícil o contato com os genitais pela sua anatomia, qualquer tentativa de explorá-los ficaria também inibida pela educação dada nos primeiros anos de vida (ROMUALDO, 2003, p.34, grifos da autora).

As meninas, em sua maioria e desde a mais tenra idade, são educadas para serem pequenas mocinhas, delicadas, carinhosas, meigas e gentis.

Muitas mulheres têm grandes dificuldades em olhar, tocar e nomear as partes de sua anatomia sexual devido ao que acabamos de citar. Assim, como para se masturbar há necessidade de se tocar e de, a partir daí, conhecer os pontos sensíveis e prazerosos, a masturbação feminina é menos declarada. Isso apareceu em nossa pesquisa com as poucas palavras relativas à masturbação feminina.

Livoti e Topp (2006) em seu livro *Vagina – manual da proprietária*, também trazem notícias interessantes nesse sentido. Afirmam que a maioria das mulheres jamais verá a própria vulva, pois, além de não estar em um local exatamente conveniente para exame, são desestimuladas a se tocarem, manipularem e até cheirarem, contrariamente aos homens, que são mais encorajados pela sociedade. As autoras provocam as mulheres, dizendo:

[...] essas mulheres são as mesmas que inspecionam cada poro dilatado do rosto, cada defeito no esmalte e cada fio de cabelo fora do lugar, contudo a vulva e seu ambiente permanecem como um bem não reclamado pela proprietária, examinado por outros, mas deixado de lado durante boa parte do tempo. (LIVOTI; TOPP, 2006, p.14)

Com a pouca prevalência de sinônimos para a masturbação feminina podemos dizer que, semelhantemente a tudo que acontece com a vulva, ela não é tão intuitiva e tão conhecida, pelas mulheres.

Assinalamos que os sinônimos que aparecem são referentes à estimulação do clitóris, região onde a mulher experimenta maior sensação orgástica, estimulada pela manipulação.

4.5 PRÁTICA SEXUAL: RELAÇÃO SEXUAL

Para relação sexual ocorreram 229 sinônimos, os quais são mais representativos de um ato humano agressivo, violento, do que propriamente prazeroso, principalmente do homem em relação ao corpo feminino.

Tabela 9: Lista das Palavras mais freqüentes como Sinônimo para Relação Sexual

PALAVRAS/"PALAVRÕES"/<i>SINÔNIMOS/FALAS POPULARES</i>	N.ABSOLUTO
<i>TRANSAR</i>	53
<i>METER</i>	52
<i>AFOGAR O GANSO</i>	50
<i>TREPAR</i>	49
<i>DAR UMA</i>	47
<i>FODER (FUDER)/TCHACA TCHACA NA BUTCHACA</i>	44
<i>COMER</i>	43
<i>NHANHAR (NHANHÁ)</i>	42
<i>MOLHAR O BISCOITO</i>	40
<i>FAZER AMOR</i>	39
<i>TROCAR O ÓLEO</i>	28
<i>RAPIDINHA</i>	27
<i>FURUNFAR</i>	24
<i>FODA</i>	23
<i>RALA E ROLA</i>	19
<i>TREPADA</i>	18
<i>CANGURU PERNETA</i>	15
<i>PAPAI E MAMÃE/69</i>	12
<i>SEXO/SURUBA</i>	10
<i>DESCABELHAR O PALHAÇO</i>	9

4.5.1 Agressividade

Como sinal de agressividade, encontramos sinônimos como: *arrombar, atolar, bombar, bimbada, carcar, carcar a bets, carcar o finx, catracada, cavocar, chicotar, coisar, comer, cruzar, cutucada, cutucar o rim, dar* (com 27 variantes, como por exemplo: *dar uma rachada, dar um cutuco*), *encaibar, esfaquear peria, estuprar, fazer besteira, finca, fincão, fincar o palmito, fincar o pau, foda, foder, fornicar, fudida, furar o couro, mandar a vara, martelar, matar a pau, metão, meteção, meter, metida, montar, pancadão, passar o rolo, pimbada, pisá, plantar mandioca, quebrar barraco, rala coxa, sapecar, socada, tapa na boca do sapo, tapa na macaca, traçar, trafiar, tranco, trepar, violência e vou pro crime.*

São sinônimos que reforçam a virilidade masculina e o domínio sobre o corpo do/a outro/a, com uma apologia ao poder fálico, atribuído por segmentos da sociedade que cultuam o falocentrismo. As palavras colhidas, e muitas verbalizadas pelos/as participantes, são denotativas de uma ação humana realizada mais pelos homens com o corpo feminino, assim, mais sentido e explorado por eles.

Uma afirmação importante para explicar o motivo por que são usados sinônimos que parecem tão agressivos, e muitas vezes palavrões grosseiros para nomear relação sexual seria a enorme dificuldade encontrada pela maioria das pessoas em verbalizar sobre essa prática sexual, tão mal falada, explorada, vivenciada e expressa. Novamente, é o conhecimento popular, o corriqueiro, denotando uma repressão internalizada, e também porque gera preconceito e desconforto na sociedade. Além disso, sem esses eufemismos ficaria exposta a mais pura nudez, metaforicamente falando.

Gaiarsa (1989, p.25) justifica a dificuldade que as pessoas apresentam sobre a relação sexual dizendo:

Mestre Reich está certo: as relações sexuais usuais *parecem* – portanto SÃO (as aparências NÃO enganam) mais desesperadas, muito ansiosas, apressadas e agressivas. De que outro modo poderiam ser, com esta espécie de despreparo, com tanta

suspeita e medo implícito, e tão péssima aceitação pública?
(grifos do autor)

Assim, se parece existir bloqueios nas pessoas em realizarem uma relação sexual, é na expressão verbal que encontramos essas dificuldades. O usual é refletido no léxico. E novamente citamos Gaiarsa (1989, p.66): “Por que – como fazemos com as palavras – transformamos o melhor em pior?” E mais: “Damos aos *piores* momentos da vida o nome dos *melhores* momentos da vida”. (GAIARSA, 1989, p.56)

Esses sinônimos (em número de 35) foram, em sua maioria, citados por participantes homens, que até os diziam em voz alta no momento da aplicação da dinâmica. Uma educação para meninos ainda se pauta na obrigação social de que homem precisa ser *macho* e, assim sendo, numa comprovação realista, *pode* e *deve* falar de sexo e das suas conquistas sexuais. Essa fala não pode ser delicada, meiga e superficial, pois assim mostraria uma qualidade feminina, como já dissemos. Expressar-se fortemente e até agressivamente, faz reafirmar sua qualidade de homem (*macho*), que precisa se mostrar adequada à sua condição masculina de poder e virilidade. (GAIARSA, 1989)

Uma interessante contribuição que encontramos é a definição para a palavra *fornicar*. Zwang (2000, p.249) diz que “[...] o *forno*, o *fornax* latino (forno de pão) talvez tenha dado origem, em parte, à raiz de *fornicação*. O fundo da vagina continua a ser chamado de *fórnix* [...]”. (grifos do autor). Isso vem a justificar, novamente, a idéia de vagina como sendo usada pelo pênis.

4.5.2 Suavidade, Prazer

Alguns sinônimos encontrados simbolizam atos mais leves e prazerosos: *abre a porta da felicidade, bem-bom, brincar, brincar de corujinha, brincar de médico, coelhinho, dourada, fazer amor, festa, ficar, floque-floque, fodinha, fofar, furunfar, hora do recreio, momô, pananam, papai e mamãe, pimba na gorduchinha, prazer, rosadinha, trabalhadinha, ver a cidade de cima, virar o*

zoinho e vup vap. Esses nomes parecem explicitar uma relação sexual infantilizada, sem conotação sexual propriamente dita. Tal análise vem denunciar a repressão sexual que ainda permeia o imaginário humano, demonstrada nas expressões colhidas, para a maioria das pessoas. (BLACKLEDGE, 2004; ARATANGY, 1997)

4.5.3 Modismos

Muitos nomes de modismos aparecem, representando momentos culturais específicos: *afogar o ganso, canguru pernetta, fuc-fuc, furdunço, molhar o biscoito, nheco nheco, rala e rola, rala o tchan, repartir a peruca, ripa na chulipa, sassaricar e trocar o óleo*. Essas palavras são encontradas principalmente na mídia, em programas televisivos e em letras e coreografias de algumas músicas, o que acabam por estimular o uso pelas pessoas que assistem e escutam a eles, não sendo esclarecedores mas somente perpetuadores do status quo sobre sexualidade.

Ceccarelli (1998, p.2), em seu artigo *O sexual da violência*, enfatiza a exploração que a mídia faz, principalmente a televisão, sobre a questão da sexualidade.

Tal situação é particularmente dramática nas camadas sociais menos favorecidas, vítimas potenciais da propaganda (perversa?) do capitalismo. Mas a “garantia” de que a satisfação pulsional tanto adiada será, finalmente, alcançada, atinge a todos com a promessa de que, através do consumo, a dimensão do desejo, falta fundadora do sujeito humano, será abolida.

O consumo desenfreado a que a maioria das pessoas se vê exposto/a, nos vários meios de comunicação, e, no caso desta pesquisa – em relação à sexualidade, enfatizada em filmes, novelas, propagandas, seriados etc., em que a visualização sexual é bastante notória, pode exacerbar nas pessoas uma busca pelas “dicas” e propostas do momento, visando a uma satisfação pulsional imediata. (CECCARELLI, 1998)

Na questão dos sinônimos sobre relação sexual, a mídia explora palavras baseadas em atividades sexuais, como por exemplo a palavra *transar*, citada 53 vezes na pesquisa, sendo a mais escrita. Esse termo significa “1. Fazer transa a respeito de; combinar, acordar, tramar, maquirar, pactuar. 2. Ter transa. *Int.* 3. Ter transa com alguém” (AURÉLIO, 1988, p.644). E a palavra transa significa “Palavra-ônibus que traduz idéias de entendimento, pacto, comunicação, ligação, trama, conluio, maquiração, relação amorosa” (AURÉLIO, 1988, p.644). Nessa concepção, o corpo estaria à venda, como se faz com uma mercadoria (móvel ou imóvel). A palavra aparece também como expressão de relação amorosa, mas conectada à venda corporal.

Esse capítulo procurou realizar uma análise das palavras pesquisadas e empreender sua correlação com a repressão sexual que possa existir ao se fazer uso delas.

É fácil encontrarmos essas palavras no cotidiano escolar, por meio de verbalizações ou pela escrita nas carteiras, nas portas dos banheiros, em bilhetes, muros etc. As pessoas que as proferem ou as escrevem não são somente alunos/as, mas muitas vezes educadores/as, que, ou por desconhecimento, por falta de esclarecimento, ou por vergonha, acabam reproduzindo esses sinônimos. Principalmente as professoras da Educação Infantil, em sua maioria mulheres, utilizam os nomes dos órgãos genitais da criança no diminutivo, ou então com nomes de bichos, como por exemplo: *pererequinha*, *chaninha* para a vulva, e *pipi* ou *pintinho* para o pênis. (BRAGA, 2002)

Se a escola é o espaço privilegiado para o saber científico, e não um mero apêndice ou uma continuidade das lógicas do espaço doméstico, assim é fundamental que não reproduza o que ocorre no cotidiano da sociedade. Ao se trabalhar com os nomes estipulados pelo saber da ciência, **Pênis** e **Vulva**, como também os nomes complementares ligados à sexualidade: **Masturbação** e **Relação Sexual**, a instituição educativa pode também se propor a trabalhar um projeto de Orientação Sexual escolar com todos/as os/as participantes desse universo.

É preciso observar ainda, como destaca Louro (2004, p.72), que “[...] sem a sexualidade não haveria a curiosidade, e sem a curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender”. Assim, a escola, que tem a obrigatoriedade e a oportunidade de explorar a curiosidade humana, deve também trabalhar com aspectos gerais da sexualidade, trazendo projetos adequados de Orientação Sexual escolar, para todos/as da comunidade educativa: pais/mães, professores/as, alunos/as, funcionários/as e equipe administrativa e pedagógica. É o que veremos no próximo capítulo.

5 EDUCAÇÃO ESCOLAR, PALAVRAS E “PALAVRÕES”

5 EDUCAÇÃO ESCOLAR, PALAVRAS E “PALAVRÕES”

A orientação sexual tem obviamente a função de romper o véu de hipocrisia e de silêncio imposto culturalmente às questões vinculadas à sexualidade. [...] refere-se à própria construção da cidadania, ou seja, ao desenvolvimento e aquisição da capacidade plena do exercício do amor e do trabalho criativo. (KUPERMANN, 1999, p.13)

Esta pesquisa nos remete também ao mundo escolar. Atuando como psicóloga educacional, sempre nos preocupamos com a Orientação Sexual dada nas escolas.

Com mais de 20 anos de trabalho em escolas, percebemos que alguns/mas pais/mães e professores/as demonstram insegurança, medo, dificuldade, e até reprimem o/a aluno/a ao tratar de assuntos relacionados à esfera sexual.

Em nossa caminhada acadêmica em pós-graduações, buscamos cursos, eventos, artigos, monografias que nos levassem a essas discussões. No mestrado, defendido em 2002, no Programa de Pós-graduação em Psicologia (BRAGA, 2002), na UNESP-Assis, trabalhamos com a temática da sexualidade infantil, no universo de uma creche universitária, verificando a reação das educadoras nas manifestações sexuais das crianças, com faixa etária entre zero a três anos.

Nas entrevistas realizadas, para a dissertação, constatamos as dificuldades que essas educadoras tinham em esclarecer e/ou resolver questões relativas às expressões sexuais das crianças. Para nomear as partes do corpo delas, as educadoras também utilizavam sinônimos, quase não aparecendo expressões coerentes ou fidedignas. Naquele trabalho, não era nosso objetivo investigar tal ponto com as educadoras, mas foi um aspecto que nos chamou a atenção.

Continuando nosso trabalho em instituições educativas e em cursos de formação continuada para educadores/as, percebemos que os agentes do processo, tanto a equipe pedagógica (professores/as, funcionários/as), pais/mães quanto alunos/as, em sua maioria demonstram dificuldades em lidar com a temática da sexualidade, quer seja nas atitudes (gestos obscenos), na verbalização (uso de palavrões), ou nas expressões escritas, encontradas geralmente em carteiras, portas de banheiros, bilhetes, revistas pornográficas etc., enfatizando sempre os sinônimos para determinadas manifestações sexuais.

Como já vimos, nos três últimos séculos, sem deixar de levar em consideração suas transformações históricas, há em torno do sexo uma verdadeira explosão discursiva (FOUCAULT, 1988). Há uma variedade de aparelhos inventados para se falar de sexo, para nos fazer falar, para escutar, registrar, classificar o que dele se diz, mas, ao mesmo tempo, valorizando-o como segredo. Nessa explosão discursiva, sem dúvida há um refinamento do vocabulário utilizado: as palavras para expressá-lo são controladas, definiu-se quando e onde falar dele, em quais situações, quais locutores e interlocutores. Entre esses aparelhos inventados está a instituição **escola**.

Tais fatos chamam a nossa atenção por ocorrerem em instituições educativas, principalmente por serem os locais onde há “[...] a aprendizagem de conhecimentos por meio da constituição de esquemas de pensamento que dêem conta das possibilidades de aprender, bem como o desenvolvimento de uma atitude diante do conhecimento.” (GUIRADO, 1997, p.35)

A escola, que tem por função social a transmissão da aprendizagem formal, científica e organizada historicamente, ainda apresenta inúmeras dificuldades em trabalhar a temática da sexualidade, em todos os aspectos, incluindo aí os sinônimos que pesquisamos em nosso trabalho. Louro (2001, p.30), a respeito afirma que:

[...] as escolas – que, supostamente, devem ser um local para o conhecimento – são, no tocante à sexualidade, um local de ocultamento. [...] O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância.

Essa instituição é um espaço privilegiado para a apresentação de saberes que se pretendem universais, mas também locus de particularidade e parcialidade de manifestações culturais de grupos específicos.

Querendo ou não, a escola fala sobre sexo. Bonato (1996, p.41) nos diz que

a escola vem falando sobre sexo há séculos. Ao contrário do que se diz, não há nesta instituição, como na sociedade em geral, mutismo em relação ao sexo. Os colégios do século XVIII, vistos em sua totalidade, parecem omitir-se, mas observados e analisados os seus mecanismos de funcionamento, articulados entre si, fala-se, o tempo todo, de sexo. O colégio surge como um microespaço de poder que controla os corpos e o sexo dos alunos, de forma pensada e articulada.

As manifestações sexuais que aparecem na escola demonstram, a cada momento, as dificuldades que as instituições educativas apresentam quando tratam da temática da sexualidade em seu cotidiano. Uma proposta de orientação sexual adequada, consciente e emancipadora poderia contribuir para o objetivo de tornar toda a comunidade educativa apta a discutir assuntos importantes para o discernimento, na área da sexualidade.

Louro (2001) apregoa que não se deve atribuir à escola nem o poder nem a responsabilidade de trabalhar e explicar as identidades sociais, determinando-as de formas definitivas, como também não pode ser seu dever exclusivo e decisório atuar sobre as questões de sexo e sexualidade. Porém, Alvarenga (2004, p.70), relata que

a escola configura-se como mais uma instância onde circulam saberes sobre o corpo e a sexualidade. Nós, professores, estamos comprometidos diretamente com a (de)formação dos corpos dos estudantes. Portanto não somos meros observadores. As suas identidades não estão prontas, nem nunca estarão. Participamos desse processo de (des)construção das identidades, com o que falamos, ensinamos (com nossa presença) e também com o que silenciemos (por nossa ausência).

Que na escola ocorrem, cotidianamente e em todos os níveis educativos, cenas, eventos, **palavras**, gestos etc. referentes à sexualidade, é incontestável. O que observamos ainda é que a comunidade educativa, entendida como pais/mães, professores/as, direção, equipe pedagógica, administrativa e funcionários/as acabam provocando, voluntária ou involuntariamente, marcas nos corpos dos/as alunos/as, principalmente em cenas relativas à expressão sexual.

Há uma aparente dessexualização no espaço escolar, que não consegue se perpetuar, pois os fatos ocorrem, querendo ou não. A escola acaba disciplinando e escolarizando corpos.

Assim, Louro (2001, p.18) fala da sua experiência, nesse particular:

Jovens escolarizados, [...] aprendem a suportar o cansaço, e a prestar atenção ao que professores e professoras diziam; a utilizar códigos para debater, persuadir, vencer; a empregar os gestos e os comportamentos adequados e distintivos daquelas instituições. Os propósitos desses investimentos escolares eram a produção de um homem e uma mulher “civilizados”, capazes de viver em coerência e adequação nas sociedades [...]. (grifos da autora)

Um corpo escolarizado, portanto disciplinado, é treinado no silêncio e também é capaz de ficar sentado por muitas horas, com gestos, ações e **palavras** treinados para serem comedidos e isentos de sensações mais fortes, como, por exemplo, de quaisquer atributos sexuais.

Mas, o que vem a ser e para que serve se fazer um trabalho de Orientação Sexual?

Portanto, novamente nos mergulhamos no estudo do histórico da Orientação Sexual na Escola do Brasil, que já discutimos em nossa dissertação de Mestrado (BRAGA, 2002). Trazemos este assunto aqui, mais uma vez, com vistas a atingir o objetivo deste trabalho, que é o de relacionar a linguagem com as atitudes e os comportamentos sexuais das pessoas. A partir desse estudo histórico podemos justificar a importância da Orientação Sexual na escola, tentando minimizar as dificuldades encontradas na abordagem de aspectos da sexualidade ou levar esclarecimentos sexuais adequados aos/às envolvidos/as no processo educativo.

Inicialmente devemos esclarecer o que vem a ser Orientação Sexual escolar. “O tema é polêmico visto que o termo adquire distintos significados de acordo com o lugar em que é pronunciado. No sistema educacional, opõe-se a outro termo: educação sexual (GTPOS, 1994)” (ROSISTOLATO, 2007, p.23).

Ribeiro (1990, p.2-3) já discutia esse termo, explicando:

Educação sexual refere-se aos processos culturais contínuos, desde o nascimento, que, de uma forma ou outra, direcionam os indivíduos para diferentes atitudes e comportamentos ligados à manifestação de sua sexualidade. Esta educação é dada indiscriminadamente na família, na escola, no bairro, com amigos, pela televisão, pelos jornais, pelas revistas. É a própria evolução da sociedade determinando os padrões sexuais de cada época e, conseqüentemente, a educação sexual que será levada ao indivíduo. **Orientação sexual** refere-se a uma intervenção institucionalizada, sistematizada, organizada e localizada, com a participação de profissionais treinados para este trabalho. (grifos do autor)

Em nosso estudo optamos por esta terminologia – Orientação Sexual – por se tratar de uma expressão indicativa de um trabalho organizado e sistematizado dentro de uma instituição educativa e que foi instituído a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997).

Esclarecemos que no capítulo 2, onde discutimos sobre as palavras pesquisadas, usamos a terminologia **Orientação Sexual** para designar os diferentes rumos do desejo sexual: heterossexualidade, homossexualidade e

bissexualidade, conforme vem sendo discutido na contemporaneidade. No presente capítulo utilizamos o mesmo termo, conforme explicamos acima, para tratar dos projetos de Orientação Sexual escolar como um aspecto organizado e sistematizado dentro do espaço educativo, conforme já explicitamos.

Para este estudo investigamos os mais importantes marcos da educação sexual e da Orientação Sexual escolar ao longo da história da sociedade brasileira, e os sintetizamos a seguir.

Ribeiro (2004) faz um interessante estudo de seis momentos de destaque na educação sexual no Brasil, para chegar aos programas de Orientação Sexual nas escolas.

No primeiro momento, diz que desde os tempos da Colônia, no século XVI, a sexualidade foi polêmica no cotidiano brasileiro. O comportamento sexual do brasileiro do sexo masculino era bastante lascivo. “Nos primeiros anos de colonização, unia-se às índias, a várias índias, tinha com elas muitos filhos. O concubinato era comum, até padres eram amancebados com índias.” (RIBEIRO, 2004, p.17-18). O autor cita Vainfas (1997) e Freyre (1978), que também discutem esse momento. Tais autores relatam que, nos engenhos, os rapazes eram incentivados a se relacionarem com as escravas e as mulatas, mostrando ao pai, o patriarca, que honravam o seu nome.

À mulher branca e dominante era indicado um comportamento sexual reservado e continente, primeiramente pelo pai e depois pelo jugo do marido, um senhor de mais de 40 anos com quem se unia aos 15 ou 16 anos, em casamento arranjado pelas famílias (FREYRE, 1978).

A Igreja Católica apregoava, como discurso defendido pelos jesuítas naquele momento, uma vida não licenciosa, condenando as práticas sexuais correntes. (VAINFAS, 1997)

Assim, o *primeiro momento da educação sexual* no Brasil tinha como maior objetivo o “[...] sexo pluriétnico libidinoso para o homem; submissão e repressão do comportamento sexual da mulher; e normas, regras e condenações por parte da Igreja”. (RIBEIRO, 2004, p.16)

Os séculos XVII e XVIII vêm com poucas mudanças nessa área, a não ser pelo fato de os homens da Colônia e da recente República terem substituído as mulheres indígenas pelas escravas negras.

Já no século XIX, com o avante crescimento da urbanização, os costumes também mudam, embora o patriarcalismo continue. O discurso religioso começa a ser substituído pela recente discussão médica, advinda dos Estados Unidos e da Europa. A sexualidade agora é discutida como caso de saúde e higiene, principalmente pelos riscos trazidos à saúde por conta de comportamentos promíscuos. Não há mais tanta ênfase na punição religiosa, e sim um controle sobre o corpo humano a partir da ótica médica (RIBEIRO, 2004).

Essa característica demarca o *segundo momento da educação sexual* no Brasil. A normatização da moral médica vem agora explícita em manuais, teses e livros. Os estudos pautavam-se no combate à masturbação infantil, que era considerada nociva e deveria ser contida. As crianças, principalmente os meninos, deveriam ir para os colégios internos, onde a nova geração estaria livre de “[...] influências perniciosas” (RIBEIRO, 2004, p.18).

A reunião de estudos anteriores e a consolidação científica, a partir da Medicina, marcam o *terceiro momento da educação sexual* brasileira. Surge um estudo denominado *sexologia*, com a publicação de dezenas de livros de educação e orientação sexual, entre as décadas de 20 a 40, no século passado. A legitimação do discurso médico, também amparado por professores e sacerdotes, vem corroborar a idéia de que a educação sexual precisava passar por um controle corporal, visando à saúde e à higiene. (RIBEIRO, 2004)

Até a década de 50 perduraram essas idéias, mas a partir da década seguinte mudanças culturais, políticas e sociais aconteceram no cenário brasileiro. As escolas, principalmente as dos grandes centros, incluem educação sexual em seus currículos. As discussões começam a se intensificar na área, mudando a denominação de educação sexual para orientação sexual. Esses acontecimentos marcam o *quarto momento da educação sexual*.

Após as décadas de 80 a 2000, algumas intervenções ocorrem na esfera da Orientação Sexual escolar, quando órgãos públicos, algumas Secretarias de Educação, tanto municipais quanto estaduais, assumem projetos dessa instância, nas escolas. Alguns, inicialmente, foram baseados na preocupação com a gravidez na adolescência e com a prevenção de DST/AIDS. Ribeiro (2004, p.23) destaca a importância desses projetos, que vêm justificar o *quinto momento da educação sexual*:

Enquanto balizadores de espaços para o debate de temas da sexualidade e da orientação sexual na esfera educacional escolar, vários deles com resultados muito significativos, mas a interrupção do seu desenvolvimento nas mudanças dos governos foi uma característica observada que contribuiu para que não tivéssemos, necessariamente, projetos contínuos que fossem realizados devido à sua necessidade e qualidade, em detrimento da política partidária vigente, a cada mudança de prefeito ou governador.

E, finalizando, o *sexto momento da educação sexual* se fez com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases “Darcy Ribeiro”, em dezembro de 1996, e também com o estabelecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, com linhas e metas a serem seguidas pelas escolas, o que refletiu em uma educação para o exercício da cidadania. O volume 10, dessa coleção de 10 livros, contempla a Orientação Sexual, enfatizando a sua importância enquanto ação educativa escolar.

Sayão (1997) fez uma retomada histórica muito interessante sobre a “entrada” da sexualidade na escola, ressaltando alguns fatos e algumas datas significativas, tanto em outros países quanto no Brasil. Achamos importante contextualizar historicamente a educação sexual oferecida na escola, porque isso nos faz compreender, ou pelo menos constatar, como estamos pensando ou agindo atualmente sobre esse aspecto, no espaço da escola.

A autora inicia a caminhada histórica informando que

[...] alguns estudiosos apontam que, na França, a partir da segunda metade do século XVII, a chamada educação sexual começou a preocupar os educadores, coincidindo com o desenvolvimento de noções relativas à repressão das manifestações da sexualidade infantil. (SAYÃO, 1997, p.107)

Comenta que o foco de repressão concentrava-se na masturbação, tendo como pano de fundo as idéias do educador Rousseau, que apregoava que a ignorância era a melhor garantia de manutenção da pureza infantil. Como a ignorância não era de todo possível, a repressão e a informação dirigidas a quaisquer atos considerados sexualizados eram considerados os mais adequados métodos educativos, à época.

No final do século XIX, ainda na Europa, a preocupação segue agora com informação sobre as doenças venéreas⁶, a degenerescência da raça e o aumento dos abortos clandestinos.

No início do século XX, a educação sexual escolar ganha novos valores, como “[...] ensinar aos jovens a transmitirem a vida, dada a ligação entre instinto sexual e reprodução humana.” (SAYÃO, 1997, p.107). No período pós-guerra, ainda na França, os projetos sobre a intenção de incluir a educação sexual nos currículos escolares ganham força. Em 1973 há um decreto oficializando esses projetos.

No Brasil, a história da educação sexual escolar é marcada por avanços e recuos (BARROSO; BRUSCHINI, 1982). No início do século XX, com o avanço das idéias médico-higienistas, que estavam em voga na Europa, surgem as primeiras idéias sobre educação sexual na escola, que tinham como objetivo o

⁶ A locução *doença venérea* tem origem no mito da deusa grega Vênus – deusa da formosura, dos prazeres, do amor. Portanto estava relacionada ao prazer e preconizava que deviam ser reprimidas quaisquer expressões ligadas à sexualidade. Hoje é mais utilizado o conceito DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis –, ou também IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis.

combate à masturbação e às doenças venéreas, e visavam também a preparação da mulher para ser mãe e cumprir o seu exercício de esposa.

Na década de 20 os movimentos feministas imperavam, e com a influência de Berta Lutz (SAYÃO, 1997), a reivindicação pela educação sexual escolar ganha novos rumos. Essa bióloga queria que um programa baseado em sua proposta fosse diferente das correntes médico-higienistas usuais na Europa.

Apregoava um projeto voltado para a proteção à infância e à maternidade. As suas propostas eram:

[...] consideradas fundamentais para o bom desenvolvimento da sociedade. Orientar as mães para a maternidade saudável, assim como para o cuidado com os filhos, deveriam ser tarefas da escola. Quanto aos rapazes, precisavam ser educados para que pudessem assumir sua posição no matrimônio e no cuidado com os filhos. A feminista apresentava uma proposta divergente dos ideais de educação sexual europeus posto que acreditava que a função da escola não era implementar qualquer tipo de controle sanitário. A educação sexual não deveria ser organizada através da repressão às práticas sexuais. Ao contrário, era necessário que ela incentivasse a reflexão individual acerca da importância da maternidade, da paternidade e da infância na sociedade brasileira. (ROSISTOLATO, 2007, p.23)

As idéias de Berta Lutz não chegaram a atingir os objetivos iniciais, mas marcam o princípio de mudanças significativas nas “[...] expectativas sociais relacionadas ao papel da escola quando convocada a intervir em campos antes circunscritos à atuação da igreja, da família e da ciência médica. (ROSISTOLATO, 2007, p.23)

A partir disso outros avanços começam a ocorrer. Em 1928 foi aprovada, em congresso nacional de educadores, uma proposta para educação sexual nas escolas. (SAYÃO, 1997)

Outras iniciativas ocorreram, entre os anos de 1930 e 1970. Alguns colégios, tanto públicos quanto particulares, incluíram o ensino da evolução das espécies e da educação sexual em seus currículos, mas sofreram severa repressão por parte da Igreja Católica (SAYÃO, 1997), além da resistência das

famílias dos estudantes. A educação sexual era socialmente classificada como um grande perigo para a adolescência, porque foi entendida como incentivo à iniciação sexual. O perigo estava na possibilidade de poluição da pureza virginal das moças, que tinham como maior objetivo o casamento. “A alternativa à poluição era a manutenção da ignorância relativa à vivência sexual, que era garantida através da construção social de diversos segredos relativos à iniciação sexual. Os mistérios tinham como alvo principal as moças e os rapazes solteiros”. (ROSISTOLATO, 2007, p.24)

Em 1930 o jornal “Diário da Noite” realizou uma pesquisa, obtendo apoio sobre a educação sexual na escola mas apontando divergências quanto às estratégias de ensino e conteúdos programáticos. No Rio de Janeiro, nesse mesmo ano, o Colégio Batista inclui no seu currículo o ensino da evolução das espécies e a educação sexual. Por causa dessa inovação

[...] o professor Stawarski, responsável pela iniciativa, sofreu processo jurídico e foi demitido posteriormente, muito embora o programa inicialmente se restringisse à análise do papel da mulher na reprodução, e, cinco anos mais tarde, incluísse o estudo do comportamento sexual masculino. (SAYÃO, 1997, p.108)

Nas décadas de 30 a 50, poucas iniciativas foram encontradas nessa área, constituindo uma época em que a Igreja Católica mantinha severa repressão ao tema. Nos anos 60 surgem livros do padre Charbonneau, apresentando escritos sob a ótica da moral católico-cristã, que foram bastante difundidos entre pais e educadores.

Essa década foi bastante importante para a educação sexual na escola. Nos anos entre 63 e 66, um colégio em Minas Gerais manteve um programa de educação sexual para alunos do então quarto ano ginasial (atualmente, oitava série do Ensino Fundamental); no Rio de Janeiro, o Colégio Pedro de Alcântara, em 1964, adotou a educação sexual para todas as séries. Ainda nessa cidade, em 1968 os colégios André Maurois, Infante Dom Henrique e Orlando Rebouças introduziram a educação sexual em seus currículos. (SAYÃO, 1997)

Em São Paulo também ocorreram experiências importantes no âmbito da educação sexual na escola. As escolas públicas foram amparadas, entre 1954 e 1970, pelo Serviço de Saúde Pública do Departamento de Assistência ao Escolar, que oferecia aulas de educação sexual às meninas da quarta série primária. Eram repassadas noções sobre a puberdade também para as mães. Esse programa foi interrompido pela Secretaria de Educação, em 1975.

Ainda em São Paulo, muitas escolas começaram a adotar a educação sexual, tendo como objetivo “[...] a informação dos aspectos biofisiológicos, e tinham como meta a normatização de condutas”. (SAYÃO, 1997, p.109). Orientadores Educacionais e professores de Ciências eram os responsáveis pela transmissão dessas informações.

Os projetos de leis enfatizando a educação sexual nas escolas começaram a proliferar.

Em 1968, a deputada Júlia Steimbruck, do Rio de Janeiro, apresentou um projeto de lei que propunha a introdução obrigatória da educação sexual em todas as escolas do país. Em novembro de 1970, esse projeto de lei ainda se encontrava em tramitação. Apesar de ter recebido apoio por parte dos deputados, intelectuais e educadores, teve maior peso o parecer contrário apresentado pela Comissão Nacional de Moral e Civismo, que, no mesmo ano, pronunciou-se radicalmente contra a introdução da educação sexual nas escolas. Uma frase já famosa desse parecer, ao defender as supostas inocência, pureza e castidade das crianças dizia: ‘Não se abre à força um botão de rosa, sobretudo com as mãos sujas’. (SAYÃO, 1997, p.109)

Com o regime militar dominando a política brasileira, as propostas inerentes ao trabalho de educação sexual na escola foram reprimidas, principalmente sob a alegação de que era da responsabilidade da família a educação sexual das crianças.

Já no decorrer da década de 80, as escolas de orientação religiosa da rede privada de ensino se preocuparam com a educação sexual dos seus alunos (principalmente dos adolescentes), por causa do aumento da gravidez indesejada entre os adolescentes e o surgimento da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência

Adquirida). Os espaços abertos para o debate sobre a sexualidade eram muito incipientes. Eram convidados palestrantes, como por exemplo psicólogos e médicos, para debaterem a temática.

Em 1989, sob responsabilidade do Professor Paulo Freire, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo decidiu implantar a educação sexual nas escolas públicas de primeiro grau e depois na Educação Infantil. Esse trabalho foi assessorado pelo já citado GTPOS, com a incumbência de formar profissionais sobre assuntos relacionados à educação sexual, “[...] com o acompanhamento continuado em supervisão semanal”. (SAYÃO, 1997, p.111)

Muitos trabalhos semelhantes a esses foram implantados em várias capitais e grandes cidades brasileiras, como Recife, Campo Grande, Santos, Florianópolis, Goiânia e Belo Horizonte, e também muitas instituições de natureza não-governamental, tais como SOS CORPO, ABIA, ECOS, foram criadas, com a finalidade de produzir materiais didáticos e atuar na formação de profissionais para os trabalhos de educação sexual e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, enfatizando-se a AIDS.

Como já citamos, em 1996 o Ministério da Educação e Cultura – MEC coordenou a elaboração dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), (BRASIL, 1996) incluindo a educação sexual como um dos “temas transversais”. Esse tema foi apreciado pelo Conselho Nacional de Educação e está contemplado no volume X, aliando-se a um trabalho articulado com outras disciplinas e outros temas, como: ética, saúde, meio ambiente e pluralidade cultural.

Já em 1998, o MEC (Ministério de Educação e Cultura) elaborou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, importante balizador de parâmetros para a educação infantil, que inclui a creche. Destaca-se um capítulo sobre a importância da educação sexual para as crianças, como também a necessidade de os educadores se atualizarem nesta temática, discutindo o assunto em equipe.

Pelo histórico acima apontado vê-se que a Orientação Sexual na escola passou por diferentes abordagens: de caráter formativo; biologizante; repressivo às manifestações sexuais; e informativo quanto às Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST e a gravidez precoce.

A proposta de se trabalhar, nas escolas, o aspecto da sexualidade a partir das temáticas *gravidez precoce* e *AIDS* passa a ter um grande sentido junto à sociedade. “A Aids acaba por aproximar os profissionais de saúde e da educação que até aquele momento trabalhavam separados porque foram eles os agentes sociais considerados mais legítimos para a luta contra a doença”. (ROSISTOLATO, 2007, p.31)

Os profissionais de saúde (principalmente os médicos – homens) passam a oferecer capacitação aos profissionais da educação para que possam desenvolver trabalhos relacionados à prevenção da Aids e de outras doenças sexualmente transmissíveis nas escolas, junto a seus/suas alunos/as. Tal capacitação é alcançada por meio de palestras, em dias de reuniões pedagógicas, ocasião em que se discutem termos médicos relacionados a doenças.

A educação para a prática sexual entre os jovens passa para a “ordem do dia” das escolas a partir do momento em que é relacionada a dimensões epidêmicas e a mudanças nos padrões de comportamento sexual. Acredita-se que ao colocar o sexo em discurso é possível produzir sujeitos autodisciplinados com relação à própria sexualidade; uma expectativa orientada pela perspectiva da existência de uma conexão entre saber-poder-sexualidade. Articulados, produziram uma progressiva docilização dos corpos, da mesma maneira que Foucault (1999) percebeu nas sociedades européias. (ROSISTOLATO, 2007, p.32, grifos do autor)

A partir do relato sobre a trajetória das propostas de Orientação Sexual nas escolas, podemos constatar que muito há para ser feito. Figueiró (2004, p.124), em seus estudos sobre a formação continuada de professores em educação sexual, diz que

[...] a sexualidade é uma das questões que mais tem trazido dificuldades, problemas e desafios aos educadores, no seu trabalho cotidiano de ensinar. A manifestação da sexualidade dos alunos no espaço escolar ou, mais comumente, na sala de aula, está, de modo geral, exacerbada, tendo em vista a forma como a sociedade atual e os meios de comunicação, em especial, abordam-na. Temos observado forte instigação ao sexo, como também um rompimento com os valores morais e sexuais há muito estabelecidos.

Complementando a importância de um trabalho de Orientação Sexual escolar, Maia (2004) apregoa que a discussão sobre saúde e sexualidade deveria ser um direito assegurado a todas as pessoas.

Esse direito deveria ser incluído nas propostas educativas em diferentes instituições educacionais e estendido a todos os cidadãos, não como um favor feito para os indivíduos à parte do contexto e do grupo social, numa dada cultura, em que o sujeito vive, mas sim como consequência da luta das minorias excluídas e por isso com uma dimensão histórica e social. (MAIA, 2004, p.154)

Para Ribeiro (1990), a escola seria um dos campos mais propícios a projetos de Orientação Sexual, pois ela pode promover a cidadania, na medida em que fosse eficaz na divulgação de informações sobre sexualidade, buscando uma reflexão crítica sobre o tema.

Hoje, a discussão da necessidade da Orientação Sexual na escola deveria estar superada, uma vez que

[...] as consequências da ausência de informações sobre a sexualidade podem ser claramente sentidas em nossa sociedade, em que a liberdade de expressão é exercida quase na sua totalidade e a sexualidade é mostrada na televisão e em folhetins de forma fragmentada e freqüentemente deturpada. Assim, é inconcebível que o tema não seja tratado de forma sistemática, consciente e responsável na escola. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.40)

Porém, não é o que vemos acontecer no cotidiano escolar, quer seja em escolas públicas ou privadas. (BRAGA, 2002)

Nesse sentido, Maia (2004) analisa que atualmente estão ocorrendo iniciativas de programas de Orientação Sexual, tanto de agentes educativos dentro das escolas, a exemplo de estagiários/as de Pedagogia, Psicologia e Biologia, quanto de iniciativas governamentais. Complementa dizendo que há uma série de possibilidades, desde que partam de discussões e reflexões críticas à luz de uma Orientação Sexual emancipatória. Caso não ocorra um debate mais profundo, com cursos de formação continuada para professores/as, algumas conseqüências podem acontecer, tais como:

a) uma atitude conservadora e silenciosa de abandono da proposta, alegando que o tema é por demais complexo; b) propostas reprodutivistas, superficiais, que caem no vazio e no esquecimento; c) propostas entusiastas e exageradas, que priorizam o prazer em detrimento da responsabilidade; d) uma postura moralista com propostas dogmática e ideológica, enviesando a leitura científica. (MAIA, 2004, p.165)

Para que um trabalho efetivo e adequado de Orientação Sexual escolar se concretize, Nunes e Silva (2000, p.69) defendem:

Este trabalho só será frutífero à luz da teoria e da ciência. Do contrário poderá transformar-se em terapia de grupo, abordagem religiosa ou até mesmo formas de reprodução de preconceitos e concepções de senso comum, entre outros ecletismos e improvisações.

Kupermann (1999) pergunta qual seria a formação adequada para o/a professor/a poder exercer seu papel na Orientação Sexual. Ou então, quais seriam os atributos que deveria ter para realizar essa tarefa. Com certeza, muita informação a respeito do que seja a sexualidade e suas várias formas de manifestação, em cada período do desenvolvimento humano, “[...] mas principalmente a capacidade de escuta para com o que inquieta e aflige seus alunos, tolerância para com a diferença, em relação à vivência e aos ideais sexuais de cada um, e respeito ao próximo [...]”. (KUPERMANN, 1999, p.92-93)

Há muito que se fazer ainda nessa área. Enquanto encontrarmos deboches, críticas não pertinentes, expressões vulgares, discriminação, preconceitos,

sinônimos etc., principalmente no ambiente das escolas, mais se justificam projetos adequados de Orientação Sexual escolar visando a diversos aspectos, entre os quais: reflexão sobre a educação sexual atualmente existente, considerando cada pessoa em sua singularidade e inserção cultural; fornecimento de informações e organização de espaços para reflexões e questionamentos sobre sexualidade; esclarecimento sobre os mecanismos sociais de repressão sexual a que estamos condicionados; ajuda às pessoas, para que possam obter uma visão mais positiva da sexualidade; ênfase ao aspecto social e cultural, a partir do coletivo, sem perder de vista o indivíduo, mas não tendo caráter de aconselhamento psicoterápico individual, isolado de um contexto histórico.

Figueiró (2006, p.38) apregoa que a Orientação Sexual escolar ainda ocupa uma

Posição marginal na qual esteve e ainda está colocada a educação sexual, e tem sido caracterizada por diversas formas:

- Não é considerada uma questão prioritária na educação escolar;
- Não é colocada em prática na maioria das escolas brasileiras;
- É praticada em um número restrito de escolas, por iniciativa de alguns professores, isoladamente;
- É praticada em algumas escolas de rede pública, por iniciativa, principalmente, de órgãos oficiais da educação ou da saúde, as quais depois de um pequeno número de anos, interrompem o apoio efetivo;
- É criticada por uma parcela pequena, porém efetivamente significativa de professores e elementos da comunidade como um trabalho não da escola, mas da família.

Essas situações são encontradas ainda em diversas instâncias educativas, tanto públicas quanto privadas. Muito há para se fazer, em estudos, discussões, desvelamentos etc.

Ampliando essa discussão, encontramos em Reis e Ribeiro (2002, p.93) que o objetivo de uma adequada Orientação Sexual escolar só será atingido caso ocorra uma adequada formação, que inclua:

1. conhecimentos gerais de anatomia, fisiologia, psicologia do desenvolvimento, psicologia da infância e da adolescência, psicologia das relações humanas, aconselhamento psicológico;
2. conhecimentos específicos de sexualidade humana (desenvolvimento psicosssexual, sentimentos e funções, repressão sexual, doenças sexualmente transmissíveis);
3. conhecimentos didáticos que incluam didática da orientação sexual, dinâmica de grupo, metodologia do ensino;
4. que toda esta formação seja permeada com uma postura crítica que provoque reflexão e questionamentos, para que o educador sexual reformule suas atitudes frente ao sexo, reveja tabus e preconceitos e seja capaz de tratar com naturalidade os alunos e suas questões polêmicas.

Todo esse trabalho implica uma visão de conjunto e um quadro de referências alimentado pelo diálogo, por princípios de justiça, equidade e valores democráticos. Nesse sentido, devem-se evitar posturas balizadas por pressupostos assimilacionistas, essencializantes ou medicalizados, bem como os posicionamentos embalados por disposições diferencialistas, particularistas, regressivas ou separatistas. (FOUCAULT, 1988)

Maia (2006, p.14) enfatiza:

A discussão sobre a sexualidade (ampla, histórica e social) deveria ser imperativa entre pais, educadores e profissionais. Porque, nessa relação educativa, as pessoas vão lidar com as questões da sexualidade humana, valores, concepções e preconceitos que devem, constantemente, ser refletidos e questionados em todas as instâncias sociais, como a família, a escola, a igreja, o direito (legislação) e os meios de comunicação em massa, almejando um processo de educação sexual emancipatório, que torne possível às pessoas atingir a utopia da liberdade em uma sociedade repressiva.

Trata-se de um processo que, como tudo o que concerne à edificação da cidadania (que é também a construção das identidades, das relações, dos saberes, do conhecimento sobre os corpos e os sentidos etc.), é contínuo, inacabado, sempre suscetível de ser revisto, ampliado e aperfeiçoado. E por também estar sujeito a ameaças e retrocessos, esse processo requer sempre maior empenho, capacidade de articulação, criatividade, responsabilidade e ousadia, em diversos espaços, níveis, direções e sentidos.

Vemos, assim, a importância do/a orientador/a sexual, que anima, traduz e busca resgatar todo o universo abarcado pela educação, produzindo informações e conhecimentos, influenciando mentes e corações, e trazendo esses conteúdos a partir de uma perspectiva emancipatória.

A escola pode deixar de ser um espaço de opressão e repressão na questão da sexualidade, para se tornar um ambiente efetivamente seguro, livre e educativo para todas as pessoas. E, hoje, não é mais possível que as questões relativas à sexualidade passem despercebidas ou que sejam tratadas com deboche ou indignação moral.

Com certeza, a luta é árdua e longa, “mas devidamente necessária, e está nas mãos de todos/as os/as envolvidos/as neste processo. Basta tentar”. (BRAGA, 2007, p.218). E querer!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nem todos os pensamentos são livres, somente os sonhos o são. (GRUBER *apud* FAFE, 2007, p.19)

Sonhar e fazer um Doutorado e na área de Educação me instigava a continuar estudando a temática sobre a sexualidade humana e, principalmente, voltada à escola.

Buscar uma instituição de ensino superior onde houvesse pesquisadores/as que se interessassem pelo assunto não foi tão difícil, no sentido de ter encontrado na UNESP/Araraquara um Doutorado em Educação e um pesquisador que se interessasse pela temática, que foi um presente que ganhei em um café da manhã, num hotel em Salvador, no qual estávamos para participar de um Congresso em Psicologia Escolar, no ano de 2003. Isso, a partir de uma conversa informal com uma também congressista, um ano após o término do Mestrado.

De lá até aqui foi um percurso encantador, porém também árduo, entre milhares de quilômetros de idas e vindas de Maringá a Araraquara, de muitas histórias e muitos casos em ônibus; de milhares de horas de estudos; de apresentações de trabalhos; de encontros com colegas do Doutorado, com os grupos de pesquisa; de supervisão com meu orientador; da confecção da tese etc. Porém, a satisfação em terminar um estudo como este, nos remete à alegria de defender um tema que nos encanta.

Ao fazer os créditos do Doutorado, sempre refletíamos sobre a cientificidade de uma tese. Sobre as obrigações que advinham da escolha do tema, sobre a necessidade de objetivos claros, leituras adequadas, metodologia clara e precisa, fundamentação teórica coerente, um tema inédito e correlação entre a temática estudada e minha atuação profissional.

Alves (1994, p.31), em uma fala apaixonada, nos traz uma impressão na qual acreditamos enquanto pesquisadora, e que nos fez escrever este trabalho e continuar a estudar esta temática:

E agora eu me perguntaria sobre o discurso que tem fluído de nossas práticas educativas, do jardim de infância às pós-graduações... Que amores têm sido inflamados? Que horizontes utópicos têm sido propostos? Eu me pergunto se não vai cair sobre as nossas cabeças a quase maldição de Weber: **Especialistas sem espírito, sensualistas sem coração. Esta nulidade imagina haver atingido um nível de civilização nunca dantes alcançado.** (grifos do autor)

Isto nos preocupava, porém sempre refletíamos, pautadas em Bachelard (1971, p.28):

As perguntas que propus parecem palavras de um insano. Mas a questão da ciência é exatamente o seu oposto – a investigação desapaixonada, o rigor, a análise... Ausências celebradas? Utopias? Mas não é verdade que tanto as caudais positivistas quanto as marxistas já declararam defuntas tais questões? Não é verdade que os acordos silenciosos da educação e, em especial, a educação científica, pressupõem que todo traço de valorização é um mau sinal, para um conhecimento que visa à objetividade. Um valor, neste domínio, é a marca de uma preferência inconsciente.

Nossa preocupação era que tanto o material escrito quanto a pesquisa realizada viessem contribuir com a tônica da sexualidade nas escolas, portanto, dentro do curso de Pedagogia onde lecionamos, ainda mais porque é um espaço privilegiado de temas relacionados à educação formal, incluindo-se aí a sexualidade, em contexto amplo.

Também nos preocupávamos com o que incidia no momento do estudo, ou seja, que não ficássemos com cérebros esquecidos de tudo o mais, concentração total, como se o mundo tivesse se apagado, o que se torna muito comum em um

momento de pesquisa como este. Não há como negar que passamos muitos momentos assim, porém, com entusiasmo pelo tema e também o de pessoas que nos rodeiam, chegamos a um final: a esta tese.

Uma das perguntas que sempre ouvíamos, quando algumas pessoas nos abordavam, era: *“a sua tese é em quê?”* A resposta mais imediata que dávamos era: é um Doutorado na área da Educação, e trabalho com a temática da sexualidade. A simples referência a essa palavra parece que causava espanto e surpresa, com expressões como: *“que bom”, “deve ser interessante”*. As reações eram surpreendentes e até instigantes, ainda mais pelo tema que estudamos. Essas manifestações nos instigavam mais e mais, na busca de uma amplitude na área da sexualidade, porém sem a pretensão de uma plenitude, pois isso seria uma contradição, ainda mais nesta área.

Penso que, como todo término de trabalho, a maioria dos/as pesquisadores/as sente a ansiedade do processo: - Será que está bom? - Faltam materiais? - Que caminhos metodológicos poderíamos ter percorrido? - O que outros/as profissionais da área pensam sobre o tema? Entre outras reflexões, a mais importante é a importância da utilização deste material para a educação, entrelaçada à questão da repressão sexual, a qual as palavras pesquisadas evidenciaram.

Trabalhar com a sexualidade no ambiente escolar ainda sinaliza um longo caminho. Talvez com mais clareza, desejos, discernimentos, mas ainda é preciso muito para que a Orientação Sexual escolar se faça presente enquanto um projeto pedagógico coerente e adequado.

A luta, a vontade de estudar, de defender uma proposta de sexualidade a ser debatida no ambiente escolar, como já dito anteriormente, com nosso trabalho no curso de Pedagogia e em outros cursos de Licenciatura, advêm de entender a importância dessa discussão enquanto fazendo parte do conteúdo programático dos cursos de formação para professores/as.

Araújo (1997, p.235) nos aponta:

Temos, então, apenas quatro décadas em que o sexo foi tratado objetivamente, o que não significa que já tenhamos superado a repressão à sexualidade. [...] Que dizer então quando uma determinada pessoa vai planejar um trabalho de educação sexual e começa pelas doenças sexualmente transmissíveis? Ou das discussões sobre sexualidade nas quais não se leva em conta a questão do sexo como uma forma de crescimento pessoal? Ou das professoras da escola primária ou do pré-escolar que ficam extremamente perturbadas com as brincadeiras infantis ou com a manipulação genital? Ou ainda das mães que fingem que não vêem ou não sabem que seus filhos já estão engajados em atividades sexuais, por não saberem o que dizer para eles? Ou ainda da jovem que apenas quer se relacionar com seu namorado e engravida, pois não tomou providências para não engravidar? Ou do(a) médico(a) que desconversa quando o(a) cliente fala da sua própria sexualidade, por não saber o que dizer? Os cursos de medicina, fisioterapia, enfermagem, educação física têm a cadeira de sexualidade humana? Os professores de primeiro e segundo grau recebem treinamento para lidar com o jovem e seus questionamentos? Ou ainda se pratica a pedagogia do silêncio em muitas ocasiões?

A partir destas reflexões percebemos que temos muito a fazer ainda nesta área. Até lutar dentro do próprio espaço profissional, enquanto professora universitária, pois, como diz Bonato (1996, p.100),

ainda há nas faculdades de educação certo mutismo sobre a questão. Os pedagogos e professores não vêm se colocando como interlocutores com outros profissionais que vêm falando, de uma forma ou de outra, sobre sexualidade. Dessa maneira, se omitem em pensar em uma das mais antigas e importantes formas de expressão do homem neste mundo - a sexualidade. Que pense e repense a sua atuação e participação nesta área de reflexão teórica, e sua contribuição para a escola pública. A universidade é um local de produção de conhecimento; no entanto, o currículo de formação do professor e do "especialista" se exime do tema. Afinal, falar sobre sexualidade significa mexer com quem ouve e com quem fala - o homem, sujeito e "objeto". (grifos da autora)

Optar por este tema e pela pesquisa que ele nos suscitou foi deveras interessante. Palavras, sinônimos, "palavrões" ou fala popular que encontramos na pesquisa, que descreveram os órgãos sexuais masculino e feminino e algumas

práticas sexuais, com certeza, foram muito gratificantes, e, por que não dizer: **divertido!!** Descobrir palavras do cotidiano, do senso comum, com a irreverência que isso nos traz, e analisá-las, em contraposição à nomenclatura erudita, trouxe-nos indagações, dúvidas, discernimentos, numa busca incansável em traduzi-las, e ainda alegrias, decepções e muitas outras emoções, mas, a melhor de todas: o desejo em trabalhar um tema que consideramos tão importante à educação escolar: a questão da sexualidade.

Trabalhar as palavras de ordem sexual nos incita a pensar o quanto a sexualidade é ainda encoberta, interdita, reprimida, negada e velada, em quaisquer instâncias. No ambiente escolar, querendo ou não, ela aparece constantemente e por motivos diversos, como já discutimos. Necessita, assim, ficar, para atingir objetivos de uma ideologia dominante. E a escola, enquanto instituição formal, aparece também como um microespaço de poder, na perspectiva foucaultiana, na qual circulam discursos e atitudes sobre a sexualidade, pois “[...] o falar e o ‘deixar falar’, em suas variadas formas, explícita, ou mesmo implicitamente, nada mais são do que uma forma de controle sobre aquele.” (BONATO, 1996, p.14, grifos da autora)

Quando fechamos a aplicação das dinâmicas e catalogamos as palavras, muitas pessoas que souberam do tema contribuíam com mais sinônimos, pedindo para que fossem acrescentados. Claro que foi tentador; parecia-nos que aumentar o número de palavras enriqueceria mais o enredo da pesquisa, porém, como dissemos anteriormente, não seriam necessários mais sinônimos, pois as significações e as classificações que fizemos não seriam acrescentadas ou modificadas; somente seriam incorporadas ao montante final pesquisado. Com certeza, muitos são os sinônimos para as temáticas, o que somente enriquece e confirma nosso objetivo principal, que era verificar e analisar sinônimos atribuídos aos órgãos sexuais masculino e feminino (**pênis** e **vulva**) e a algumas práticas sexuais (**masturbação** e **relação sexual**), na cultura brasileira, e também os entrecruzamos com a repressão sexual que também advém da instituição escola.

Se a linguagem popular que encontramos pode significar uma questão de repressão sexual, conforme esclarecemos, imagine-se o quanto se necessita ainda trabalhar esta temática!

Atualmente, muitos trabalhos, grupos de pesquisa, de estudo, encontros científicos, dissertações, teses, palestras etc., podem ser encontradas em relação à sexualidade. São materiais excelentes, com pesquisadores/as envolvidos/as e interessados/as em discutir um tema tão envolvente e apaixonante.

Esperamos que mais este trabalho possa contribuir com a área e que seja tão frutífero e instigante quanto nos foi sonhá-lo, pensá-lo, aplicá-lo e escrevê-lo.

Vemos a necessidade de reiterar uma fala nossa sobre os sinônimos: não vemos como necessário ou importante, e até como um radicalismo no sentido de se utilizarem palavras consideradas cientificamente adequadas, que utilizamos neste trabalho (pênis, vulva, masturbação e relação sexual). Que sejam empregadas as que se acharem mais coerentes e em momentos propícios; porém, que também sejam mostradas as primeiras palavras, principalmente no espaço escolar, na Educação Infantil prioritariamente, em que as professoras trabalham o esquema corporal, destacando as partes da cabeça, do tronco e dos membros superiores e inferiores, ausentando-se de verbalizar sobre os órgãos sexuais, numa alusão de que não existem, pois, como a maioria das educadoras relata, “não há a necessidade de se trabalhar essas partes”, ou então “os/as pais/mães vão se incomodar ou proibir”.

É nítido que o que está por trás, e explicitamente pela frente também, dessa afirmação é um traço conservador altamente repressor sobre a sexualidade, que perpassa pela escola. Temos clareza de que não se pode mudar a sociedade a partir de e exclusivamente pela escola, mas podem-se lançar alternativas, desenhar novas possibilidades, ensinar a abrir caminhos e mostrar que nós podemos ter escolhas na questão da sexualidade. E que ela, assim, possa ser mais livre, menos conturbada, mais vívida e prazerosa.

A escola, interditando e se dessexualizando, acaba por permitir ou coibir o “[...] uso de uma **linguagem** da sexualidade que nos diz, aqui, agora, sobre o que falar e sobre o que silenciar, o que mostrar e o que esconder, quem pode falar e quem deve ser silenciado” (LOURO, 2001, p.33, grifo nosso). Os gestos, desenhos, as cenas e **palavras** – como pesquisamos – continuarão a permear o universo escolar, querendo ou não, por mais que os/as dirigentes escolares criem mecanismos de repressão, velados ou explícitos. Não trabalhar, motivar, discutir, dinamicizar a comunidade educativa para um trabalho de Orientação Sexual acaba por perpetuar e proporcionar aos/às integrantes desse espaço – no caso, os/as alunos/as – desconhecimentos, ações deliberadas e escondidas, como sinais de protesto e de provocação.

O debate sobre a sexualidade no espaço escolar se faz necessário, urgente; isto é, dependendo dos significados que se têm para esse discurso. Que não seja desvinculado de seus aspectos culturais, sociais, históricos e pedagógicos!

São bem adequadas aqui, para finalizar, as palavras de Catonné (2001, p.100):

O ser humano inventa o ser humano, escrevia Sartre. Falta-nos ainda inventar, de fato uma sexualidade para um projeto de existência livre. A existência é sexuada, porque o existente tem um corpo sexuado. A sexualidade faz parte de nossa existência. E o projeto de uma bela existência implica o de uma livre sexualidade.

Acreditamos que dá para se lutar ainda, e muito mais, pela proposta de uma Orientação Sexual escolar que busque desarranjar, reinventar, criticizar, polemizar as “verdades” e os “valores” sobre os discursos acerca da sexualidade e “[...] isso terá que ser conquistado com o tempo e o compromisso, que demandam continuidade e perseverança”. (GUIMARÃES, 1995, p.111)

Fica aqui o convite!

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Luiz Fernando Calage e Dal Igna. Corpo e sexualidade na escola: as possibilidades estão esgotadas? In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. **Corpo, Gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p.63-72.

ALVES JÚNIOR, Osias. **As “vaginas” que deslumbraram Pero Vaz de Caminha**. Disponível em: <<http://www.bigua.com.br/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=18>>. Acesso em: 16 nov. 2006.

ALVES, Rubem. O corpo e as palavras. In: BRUHNS, Heloísa Turini (Org.). **Conversando sobre o Corpo**. 5.ed. Campinas: Papyrus, 1994. p.17-42.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia Completa e Prosa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973.

ANGIER, Natalie. **Mulher**: uma geografia íntima. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ARANTAGY, Lídia Rosenberg. **Sexualidade**: a difícil arte do encontro. São Paulo: Ática, 1997.

ARAÚJO, Maria Luiza Macedo de. Sexualidade: (re)pensando a repressão. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v.8, n.2, p.230-237, 1997.

ARIÈS, Phillippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1979.

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

BACHELARD, Gaston. **A Epistemologia**. Tradução de Fátima Lourenço Godinho e Mário Cármino Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

BARBOSA, Gustavo. **Grafitos de Banheiro**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, C. **Educação Sexual**: debate aberto. Petrópolis: Vozes, 1982.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**: o proibido e a transgressão. Lisboa: Moraes, 1980.

BÉJIN, André. O poder dos sexólogos e a democracia sexual. In: FOX, Robin. **Sexualidades Ocidentais**. Lisboa: Contexto, 1983. p.9-25.

BIBLIOTECA VIRTUAL MÁRIO SOUTO MAIOR. Disponível em: <<http://www.fgf.org.br/bvmsm>>. Acesso em: 19 dez. 2006.

BLACKLEDGE, Catherine. **A História da V**: abrindo a caixa de Pandora. São Paulo: Degustar, 2004.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. **Educação [Sexual] e Sexualidade**: o velado e o aparente. 1996. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BRAGA, Eliane Rose Maio. A questão do gênero e da sexualidade na educação. In: RODRIGUES, Elaine; ROSIN, Sheila Maria. **Infância e Práticas Educativas**. Maringá: EDUEM, 2007. p.211-220.

BRAGA, Eliane Rose Maio. **Sexualidade Infantil**: uma investigação acerca da concepção das educadoras de uma creche universitária sobre educação sexual. 2002. 195f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UNESP, Assis.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRITO, Sérgio; FROMER, Marcelo **Palavras**. Acústico MTV. Rio de Janeiro: Wea Music, 1997.

BRUHNS, Heloisa Turini (Org.). **Conversando sobre o Corpo**. 5.ed. Campinas: Papirus, 1994.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidades e Infância**. São Paulo: Moderna; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1999. (Educação em Pauta: Temas Transversais).

CARVALHO, Flávio Augusto. **Libido**. São Paulo: Agenda da Tribo, 2007.

CATONNÉ, Jean-Philippe. **A Sexualidade, Ontem e Hoje**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CECCARELLI, Paulo Roberto. O sexual da violência. **Boletim de Novidades da Livraria Pulsional**, São Paulo, ano 11, v.106, p.78-81, fev. 1998. Disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/osexualdaviolencia.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHICO BUARQUE. **O que Será, que Será**. Rio de Janeiro: Universal Music, 1976.

COSTA, Jurandir Freire. **A Inocência e o Vício**: estudos sobre o homoerotismo. 4.ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

COSTA, Jurandir Freire. Prefácio. In: USSEL, Jos Van. **Repressão Sexual**. Rio de Janeiro: Campus, 1980. p.13-19.

CUNHA, Paulo Fernando Lapa da. A longa história da repressão sexual. **Psicologia em Curso**, São Paulo, v.2, n.8, p.19-26, out./dez. 1981.

DESENHO DA VULVA E VAGINA. Disponível em: <http://www.cursosmedicos.com.br/detalhes.asp?id=15&cat_nome=H.P.V.&cat_id=4&nome=H.P.V> Acesso em: 19 fev. 2008.

DESENHO DE A ORIGEM DO MUNDO DE GUSTAVE COUBERT. Disponível em: <http://blog.uncovering.org/archives/2008/01/a_origem_do_mun.html> Acesso em: 19 fev. 2008.

DESENHO DO PÊNIS. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/aparelho-reprodutor-masculino>> Acesso em: 19 fev. 2008.

FAFE. Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (USP). **Programa Ética e Cidadania**: construindo valores na escola e na sociedade: relações étnico-raciais e de gênero. Equipe de elaboração Ulisses F. Araújo... [et al.]. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/2_rel_conviv_democ.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2008.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de Educadores Sexuais**: adiar não é mais possível. Campinas: Mercado das Letras; Londrina: EDUEL, 2006. (Coleção Dimensões da Sexualidade).

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. O professor como educador sexual: interligando formação e atuação profissional. In: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Sexualidade e Educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte&Ciência, 2004. p.115-131.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. 1.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOX, Robin (Org.). As condições da evolução sexual. In: _____. **Sexualidades Ocidentais**. Lisboa: Contexto, 1983. p.9-25.

FREUD, Sigmund. A sexualidade infantil. 1905. In: _____. **Obras Completas**: três ensaios sobre a sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, Ed. Standard Brasileira, 1969. v.7 (1901-1905), p.163-217.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1978.

FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GAIARSA, José Angelo. **O que é Corpo**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

GAIARSA, José Angelo. **O que é Pênis**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**: sexualidade, amor, e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GORDON, Richard. **A Assustadora História do Sexo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

GRÁFICO DA RESPOSTA SEXUAL HUMANA. Disponível em: <http://www.sexualidad.es/index.php/Masters_y_Johnson>. Acesso em: 19 fev. 2008.

GREGERSEN, Edgar. **Práticas Sexuais**: a história da sexualidade humana. São Paulo: Roca, 1983.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na Escola**: mito e realidade. Campinas: Mercado das Letras, 1995. – (Coleções Dimensões da Sexualidade)

GUIRADO, Marlene. Sexualidade, isto é intimidade: redefinindo limites e alcances para a escola. In: AQUINO, Julio Groppa. **Sexualidade na Escola**: alternativas teóricas e práticas. 3.ed. São Paulo: Summus, 1997. p.25-42.

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In: _____ . **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p.40-58.

KAPLAN, Helen Singer. **A Nova Terapia do Sexo**: tratamento dinâmico das disfunções sexuais. Tradução de Oswaldo Barreto e Silva. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.

KUPERMANN, Daniel. Afinal, o que fazer com o “Juquinha”? Um ensaio sobre a orientação sexual no ensino fundamental. In: DUNLEY, Gláucia (Org.). **Sexualidade & Educação**: um diálogo possível. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999. p.47-63. (Educação em Diálogo; v.2).

LEITES, Edmund. **A Consciência Puritana e a Sexualidade Moderna**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LIVOTI, Carol; TOPP, Elizabeth. **Vaginas**: manual da proprietária. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2001. p.9-32.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOYOLA, Maria Andréa (Org.). **A Sexualidade nas Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

LUCERO, Nelson A. A. O corpo redescoberto. In: ROMERO, Elaine. **Corpo, Mulher e Sociedade**. São Paulo: Papirus, 1995. p.43-54.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.). **Sexualidade e Educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte&Ciência, 2004. p.153-179.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Sexualidade e educação sexual: questões sobre a repressão. In: MAIA, A. C. B.; SANTOS, B. R.; SEQUEIRA, C. M. (Orgs.). **Infância e Adolescência em Perspectiva**. São Paulo: Prefeitura de São Vicente, 2006. p.9-17.

MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. **O Relacionamento Amoroso**: segredo do amor e da intimidade sexual. Tradução de Heloísa Gonçalves Barbosa [et. al.]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

MASTERS, William; JOHNSON, Virginia; KOLODNY, Robert. **Heterossexualidade**. Tradução de Maria Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MEIRELLES, João Alfredo Boni de. Os Ets e a gorila: um olhar sobre a sexualidade, a família e a escola. In: AQUINO, Julio Groppa. **Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas**. 3.ed. São Paulo: Summus, 1997. p.71-86.

MELO, Sonia Maria Martins de. **Corpos no Espelho: a percepção da corporeidade em professoras**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. (Coleção Dimensões da Sexualidade).

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: _____ . **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p.5-16.

MORAES, Márcia. **Ser Humana: quando a mulher está em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MORENO, Montserrat. **Como se Ensina a ser Menina**. O sexismo na escola. Tradução de Ana Venite Fuzatto. São Paulo: Moderna; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999. (Educação em Pauta: Escola e Democracia).

NUNES, César; SILVA, Edna. **A Educação Sexual da Criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas: Autores Associados, 2000. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo: 72).

PALEY, Maggie. **O Livro do Pênis**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. Lisboa: Ática, 1996.

PORPINO, Karenine de Oliveira. O. **O Corpo, esse Nosso (Des)Conhecido**. 1999. Disponível em: <<http://www.ettrn.br/revista/karenine.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2008.

PORTER, Roy; TEICH, Mikulás (Orgs.). **Conhecimento Sexual, Ciência Sexual: a história das atitudes em relação à sexualidade**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. Revisão de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (UNESP/Cambridge), 1998.

REIS, Giselle Volpato dos; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A orientação sexual na escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais. In: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.). **Sexualidade e Educação Sexual**: apontamentos para uma reflexão. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002. p.81-96.

REZENDE, Joffre M. de. **Linguagem Médica**: vulva. 2004. Disponível em: <<http://cultura.com.br/jmrezende>>. Acesso em: 3 ago. 2007.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. A sexualidade como um dispositivo histórico de poder. In: SEFFNER, Fernando et al. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: problematizando práticas educativas e culturais. Rio Grande: Ed. da FURG, 2006. p.108-118.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.). **Sexualidade e Educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação Sexual além da Informação**. São Paulo: EPU, 1990.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. **Cadernos CECEMCA**: sexualidade e infância. Bauru: Faculdade de Ciências/UNESP; Brasília, DF: Ministério da Educação, 2005. p.17-33.

RICHARDS, Brian. **O Pênis**. São Paulo: Atlante, 1980.

ROMUALDO, Cristina. **Masturbação**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2001.

ROSISTOLATO, Rodrigo Pereira da Rocha. **Orientação Sexual com “Jeitinho” Brasileiro**: uma análise antropológica da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes. 2007. 184f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Julio Groppa. **Sexualidade na Escola**: alternativas teóricas e práticas. 3.ed. São Paulo: Summus, 1997. p.107-118.

SEBRAE. **Adolescência**: administrando o futuro. Curitiba: Bamerindus, 1992.

SNOEK, Jaime. **Ensaio de Ética Sexual**. São Paulo: Paulinas, 1981.

SOUTO MAIOR, Mário. **Dicionário do Palavrão e Termos Afins**. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

TAYLOR, Timothy. **A Pré-História do Sexo**: quatro milhões de anos de cultura sexual. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

TELAROLLI JÚNIOR, Rodolpho. Sociedade, cultura e desejo: a sexualidade humana. In: KUPSTAS, Márcio (Org.). **Comportamento Sexual**. São Paulo: Moderna, 1997. p.21-38.

TITÃS. **Palavras**. Acústico MTV. Rio de Janeiro: Wea Music, 1997.

TONIETTE, Marcelo Augusto. Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo: Iglu. v.17, n.1, p.42-52, jan./jun. 2006.

USSEL, Jos Van. **Repressão Sexual**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VAINFAS, Ronaldo. Moralidades brasílicas. In: NOVIS, J. A. (Coord.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.221-273.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.34-82.

ZWANG, Gérard. **O Sexo da Mulher**. Tradução de J. M. Bertolote. São Paulo: UNESP, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A TOTALIDADE DE SINÔNIMOS PARA PÊNIS

PALAVRAS/"PALAVRÕES"/ SINÔNIMOS/FALAS POPULARES	TOTAL
1. ALAVANCA DE ARQUIMEDES	1
2. AMENDOIM	2
3. AMIGÃO	1
4. AMIGO	1
5. AMIGUINHO	2
6. ANACONDA	3
7. AQUILO ROXO	1
8. ÁREA DE LAZER	1
9. ÁRVORE	1
10. BADALO	3
11. BAGACETE	1
12. BAGADA	1
13. BAGU	1
14. BAGUETE	1
15. BALANGANDAN	1
16. BAMBU	3
17. BANANA	13
18. BANANÃO	2
19. BANDALO	1
20. BAITA	3
21. BAITOLA	1
22. BAITOLO	1
23. BARBUDO	1
24. BARRACA ARMADA	1
25. BENGA	12
26. BENGALA	8
27. BERIMBAU	11
28. BERINJELA	1
29. BETIS	1
30. BIBA	1
31. BICA	1
32. BICHO ERETO	1
33. BIGOLINHO	2
34. BIGOLO	1
35. BIGORNA	1
36. BILÃO	3
37. BILAU	59
38. BILECO	1
39. BILELEU	1
40. BILILAU	1
41. BILILIU	1
42. BILI SECRETÁRIO	1
43. BILL PINTON	1
44. BILOLA	4
45. BILU	1

46. BILURO	1
47. BIMBIM	2
48. BIMBO	1
49. BIN LADEN	1
50. BINGA	3
51. BINGO LINGO	1
52. BINGOLA	3
53. BINGOLINO	1
54. BINGUELO	1
55. BINGULIN/BINGOLIN	19
56. BINGULINHO	6
57. BIRIBA	1
58. BIRO	1
59. BIROBA	1
60. BIROLA	2
61. BIROSCA	1
62. BISCOITO	6
63. BITELO	4
64. BOLA	1
65. BOM	1
66. BOMBEADOR	1
67. BONEQUINHO SEM BRAÇO	1
68. BORRACHÃO	1
69. BRAULIO	82
70. BREGNAIT	1
71. BREGOJELO	1
72. BREGULIN	1
73. BRINQUEDINHO	1
74. BRINQUEDO	1
75. BRONHA	1
76. BROXA	1
77. CABAÇO	4
78. CABEÇA	1
79. CABEÇÃO	2
80. CABEÇUDO	4
81. CABELUDO	1
82. CABO	1
83. CABO DE VASSOURA	1
84. CACETÃO	1
85. CACETE/CASSETE	89
86. CACETETE	4
87. CAJADO	1
88. CAJEBRE	1
89. CÂMBIO	2
90. CAMINHÃO	1
91. CANHÃO	3
92. CANO	3
93. CANO LONGO	1
94. CARALHO/CARAIO	94
95. CARALHO AQUÁTICO	1
96. CARECA	1

97. CATZO	1
98. CAVALO	1
99. CAXO	1
100. CENOURA	5
101. CENOURÃO	3
102. CHAMPION	1
103. CHARUTO	1
104. CHECO	1
105. CHEIRINHO	1
106. CHEIRO DAS MENINAS	1
107. CHICO	1
108. CHIPS	1
109. CHIQUINHO	1
110. CHORÃO	1
111. CHUVEIRO	1
112. CIDADÃO	1
113. COBRA	28
114. COBRA MOLE	1
115. COCK	1
116. COCÓ DURO	1
117. COLEGA	1
118. COMPADRE	1
119. COMPANHEIRO	1
120. CORNETA	1
121. CUMPRIDO	1
122. CUNHÃO	1
123. CUSPIDEIRA	1
124. CUTUVELO	1
125. DEDÃO SEM UNHA	1
126. DEDO SEM UNHA	1
127. DEFUNTO	1
128. DEZOITÃO	1
129. DICK	1
130. DILIM	1
131. DINDIN	1
132. DITO CUJO	1
133. DOCUMENTO	6
134. ELVIS PRESLEY	1
135. EMBORNAL	1
136. EQUIPAMENTO	1
137. EROS	1
138. ESCROTO	1
139. ESPADA	11
140. ESPADACHIN	1
141. ESPINGARDA	3
142. ESTROVENGA	1
143. FAÇA	1
144. FACÃO	1
145. FALO	3
146. FAZEDOR DE FILHO	1
147. FERRAMENTA	1

148. FERRO	6
149. FIOTE	1
150. FUMO	4
151. FUMO DE CORDA	1
152. FURA BUCHO	1
153. GAMORO	1
154. GANSO	13
155. GARFO	1
156. GAROTÃO	1
157. GARRAFINHA DE REFRIGERANTE	1
158. GEBA	3
159. GELADINHO	1
160. GENÉSIO	1
161. GEROBÃO	1
162. GIROMBA	1
163. GOSTOSÃO	2
164. GOSTOSO	3
165. GRANDÃO	2
166. GRANDE	2
167. GROSSÃO	1
168. GROSSO	3
169. GUASCA	1
170. HÉRNIA	1
171. JAMES	1
172. JARBAS	1
173. JEBA	2
174. JEBONA	1
175. JECA	1
176. JEGÃO	2
177. JEGUE	3
178. JEQUERÊ	1
179. JIBA	1
180. JOÃO BOBO	1
181. JOÃOZINHO	1
182. JONAS	1
183. JR	3
184. JUMENTO	3
185. JUNINHO	7
186. JUNIOR	16
187. JUQUINHA	1
188. K 7	1
189. KARAI	1
190. LANG DONG	2
191. LELÊ	1
192. LERGUINO	1
193. LINDINHO	1
194. LINGÜIÇA	17
195. LINGUIÇÃO	4
196. LOLA	1
197. LUGO	1
198. LUNETTA	1

199. MALA	4
200. MAMADEIRA	1
201. MANDIOCA	21
202. MANDIOCÃO	2
203. MANDÓCA	1
204. MANDRUVÁ	1
205. MANGUABA	1
206. MANGUAÇA	7
207. MANGUASPA	1
208. MANGUEIRA	12
209. MANGUEIRINHA	1
210. MANIVELA	1
211. MANJEBA	1
212. MÁQUINA MORTÍFERA	1
213. MARECA	1
214. MARGALHO	1
215. MARTELÃO	1
216. MARTELO	1
217. MASTRO	6
218. MEMBRO	2
219. MENINÃO	3
220. MENININHO	4
221. MENINO	3
222. METE MEDO	1
223. MEU	1
224. MICHARIA	1
225. MIJADOR	1
226. MINHOCA	16
227. MINHOCÃO	3
228. MINHOQUINHA	1
229. MÍSSIL	1
230. MORTADELA	1
231. NECA	1
232. NEGOÇÃO	1
233. NEGÓCIO	3
234. NENÉM	2
235. NERVOSO	2
236. NERVUDO	1
237. NICOLAU	1
238. O CARA	1
239. OBJETO DO SEXO	1
240. PACOTE	1
241. PAGODINHO	1
242. PAÍSES BAIXOS	1
243. PALMITO SELVAGEM	1
244. PANGOLA	1
245. PAPAGAIO	1
246. PARQUE DE DIVERSÃO	1
247. PASSARINHO	35
248. PAU	106
249. PAU DE FUMO	1

250. PAU DE NOIVO	1
251. PAU DE SEBO	1
252. PAU DE TODE	1
253. PAU DURO	1
254. PAU GOSTOSO	1
255. PAU GRANDE	1
256. PÉ DE MESA	3
257. PEDRÃO	1
258. PEGA	1
259. PELICANO	1
260. PELUDO	1
261. PENCA	1
262. PENETRADOR	1
263. PENISLONGO	2
264. PÉPE	2
265. PEPINÃO	1
266. PEPINO/PIPINO	11
267. PERIGOSO	4
268. PERIQUITO/PIRIQUITO	10
269. PERSEGUIDO	1
270. PERU/PIRU	31
271. PERUZINHO	2
272. PIBA	1
273. PICA	50
274. PIÇA	1
275. PICÃO	1
276. PICA-PAU	2
277. PICARETA	1
278. PICASSO	1
279. PICHOLINHO/PICHULINHO	2
280. PICOLÉ	3
281. PILA	1
282. PILIM	1
283. PILOLA	1
284. PIMPÃO	1
285. PIMPOLHO	11
286. PINDOLA	2
287. PINGOLA	17
288. PINGOLIN/PINGULIN/PIGULIN	50
289. PINGOLO	1
290. PINGUELO	3
291. PINGULIO	1
292. PINOLINGO	1
293. PINTÃO	10
294. PINTINHO	7
295. PINTO	105
296. PINTOCA	2
297. PINTUDO	1
298. PINTULÃO	1
299. PIPA	1
300. PIPI	70

301. PIPITO	1
302. PIPIU	1
303. PIPIZINHO	1
304. PIPO	1
305. PIRI	1
306. PIRINGOLA	1
307. PIROCA	20
308. PIROLA	2
309. PIROSCA	1
310. PIRULITO	55
311. PISSULIN	1
312. PISTÃO	1
313. PISTOLA	34
314. PISTOLÃO	2
315. PISTULIN	2
316. PITCHULO	1
317. PITITA	1
318. PITO	1
319. PITOCA	3
320. PIUPIU	37
321. PODEROSO	2
322. POMBA	3
323. PORRA	3
324. PORRETE	3
325. POSTE	2
326. PRECHOCO	1
327. PREGOGÊ	1
328. PRIAPO	1
329. PVC	1
330. QUIBE	1
331. RANCA SANGUE	1
332. RAPAZ	1
333. RAPAZINHO	1
334. REMO	1
335. REVÓLVER	3
336. REX	1
337. RIBA JÚNIOR	2
338. RICARDÃO	3
339. RODOLFO	1
340. ROJÃO	1
341. ROLA	73
342. ROLÃO	3
343. ROLINHA	2
344. SABUGO	1
345. SACO	21
346. SACO MUCHO	1
347. SAIMON	1
348. SALAME	8
349. SALSICHA	10
350. SALSICHÃO	4
351. SININHO	1

352. SORVETÃO	1
353. SPADA	1
354. SUCURI	1
355. SUMIDO	1
356. TACO	1
357. TACO DE SINUCA	1
358. TARUGO	1
359. TATU	1
360. TATU FUGIDO	1
361. TCHAN	3
362. TELESCÓPIO	1
363. TERCEIRA PERNA	1
364. TERMÔMETRO	1
365. THE BEST	1
366. TICÃO	1
367. TICO	4
368. TIGRÃO	1
369. TIKINHO	1
370. TIKO	1
371. TITA DOIDA	1
372. TITICO	1
373. TOCO	1
374. TORA	8
375. TORNEIRA	2
376. TORNEIRINHA	6
377. TORRE FIEL	1
378. TORTO	2
379. TORTÃO	1
380. TRABUCO	1
381. TREM	1
382. TREM BÃO	1
383. TREMENDÃO	1
384. TRÊS PERNAS	2
385. TRIPÉ	3
386. TROÇO GRANDE	1
387. TROFÉU	3
388. TROLHO	2
389. TRONCO	4
390. TROXA/TROUXA	2
391. TRUMBA	1
392. TUBINHO	1
393. VAGEM	1
394. VANGA	1
395. VARA	21
396. VARA DE PESCAR	1
397. VEIUDO	1
398. VERGA	3
399. VERGALHÃO	1
400. VERMELHÃO	1
401. VITAMINA P	1
402. VOSSA EXCELÊNCIA	1

403. ZÉ	5
404. ZÉ SEM OSSO	2
405. ZECA	1
406. ZECÃO	2
407. ZEZIM MEU	1
408. ZEZINHO	21
TOTAL: 408 NOMES	1912

Palavras mais citadas de sinônimos para pênis

PALAVRAS/"PALAVRÕES"/<i>SINÔNIMOS/FALAS POPULARES</i>	N. ABSOLUTO
<i>PAU</i>	106
<i>PINTO</i>	105
<i>CARALHO (CARAIO)</i>	94
<i>CACETE</i>	89
<i>BRÁULIO</i>	82
<i>ROLA</i>	73
<i>PIPI</i>	70
<i>BILAU</i>	59
<i>PIRULITO</i>	55
<i>PINGOLIN (PINGULIN/ PIGULIN)</i>	50
<i>PICA</i>	50
<i>PIUPIU</i>	37
<i>PASSARINHO</i>	35
<i>PISTOLA</i>	34
<i>PERU/PIRU</i>	31
<i>COBRA</i>	28
<i>MANDIOCA</i>	21
<i>SACO</i>	20
<i>VARA</i>	20
<i>ZEZINHO</i>	20
<i>PIROCA</i>	20
<i>BINGULIN (BINGOLIN)</i>	19
<i>LINGÜIÇA</i>	17
<i>PINGOLA</i>	17
<i>JÚNIOR</i>	16
<i>MINHOCA</i>	16
<i>BANANA</i>	13
<i>GANSO</i>	13
<i>BENGA</i>	12
<i>MANGUEIRA</i>	12
<i>BERIMBAU</i>	11
<i>ESPADA</i>	11
<i>PEPINO/PIPINO</i>	11
<i>PIMPOLHO</i>	11
<i>PERIQUITO/PIRIQUITO</i>	10
<i>PINTÃO</i>	10
<i>SALSICHA</i>	10
<i>BENGALA</i>	8
<i>SALAME</i>	8
<i>TORA</i>	8
<i>JUNINHO</i>	7
<i>MANGUAÇA</i>	7
<i>PINTINHO</i>	7

APÊNDICE B TOTALIDADE DE SINÔNIMOS PARA VULVA

PALAVRAS/"PALAVRÕES"/ SINÔNIMOS/FALAS POPULARES	TOTAL
1. ALEGRIA MASCULINA	1
2. AMALDIÇOADA	1
3. AMIGA	1
4. AMORZINHO	1
5. ARANHA	60
6. ARANHA PRETA	1
7. ÁREA DE LAZER	3
8. BABUSCA	1
9. BACALHAU	6
10. BACORINGA	1
11. BACURINHA	1
12. BAINHA	2
13. BAITELA	1
14. BARATA	7
15. BARATINHA	4
16. BARQUINHO	1
17. BAT CAVERNA	1
18. BATEDEIRA	1
19. BEICINHO	1
20. BEIÇO	2
21. BEIÇUDA	1
22. BENDITA	1
23. BERÇO DE VACA	1
24. BESOURINHA	1
25. BEXIGA	1
26. BIBA	1
27. BICHA	1
28. BICHINHA	3
29. BICHO BOM	1
30. BICHO CABELUDO	1
31. BIFE	1
32. BILBA	1
33. BILHETA	1
34. BILÓIA	1
35. BIMBA	1
36. BIMBINHA	1
37. BIN LADEN	1
38. BIRIBA	1
39. BIRICA	1
40. BISCOITO	1
41. BISTEQUINHA	1
42. BIU	1
43. BOCA DA CABAÇA	1
44. BOCA DE BAIXO	1

45. BOCA DE CABELO	1
46. BOCA DE VÉIA	1
47. BOCÓ	1
48. BOLACHA	16
49. BOLACHÃO	1
50. BOMBRIL	6
51. BONITA	1
52. BOQUINHA	2
53. BORBOLETA	9
54. BORBOLETINHA	2
55. BRECHA	1
56. BUBUCA	2
57. BUÇA	3
58. BUÇANHA/BUSSANHA	7
59. BUCE	1
60. BUCETA	100
61. BUCETA CABELUDA	3
62. BUCETA RAPADA	1
63. BUCETINHA	1
64. BUCETUDA	2
65. BUCHACA	1
66. BUCHECA	1
67. BUNDINHA	1
68. BUQUÊ	1
69. BURACÃO	3
70. BURACO	3
71. BURACO GRANDE	1
72. BURACO NEGRO	4
73. BURACO PERSEGUIDO	1
74. BURACO SEM FUNDO	1
75. BURQUINHO	2
76. BURBURINHA	1
77. BUSSANGA	1
78. BUTCHACA	1
79. CABAÇA	2
80. CABAÇO	3
81. CABELUDA	10
82. CACAO	1
83. CAÇAPA	1
84. CAIXA DE SEGREDOS	2
85. CAIXINHA	2
86. CAIXINHA DE SURPRESA	1
87. CAMINHO DA FELICIDADE	3
88. CAMINHO DA MATA	1
89. CAMINHO DA PERDIÇÃO	1
90. CAMINHO DO CÉU	1
91. CAMINHO DO PARAÍSO	1
92. CAMINHO DO PRAZER	2
93. CAMPO LARGO	1
94. CANA QUEIMADA	1
95. CANAL	1

96. CANO	1
97. CAPO DE FUSCA/CAPU DE FUSCA	33
98. CARACA	1
99. CARANGUEJEIRA	5
100. CARECA	1
101. CARNE MIJADA	3
102. CASA DE ROLA	1
103. CASA DO CARALHO	1
104. CAVERNA	3
105. CAVERNA DO DRAGÃO	1
106. CAVERNA GIGANTE	1
107. CAVERNOSA	1
108. CEBOLINHA	1
109. CEPA	1
110. CHAPOCA	2
111. CHARMOSINHA	2
112. CHEIRO	3
113. CHEIROSOSA/XEROSA	16
114. CHEIROSINHA	1
115. CHICA	2
116. CHICARRUNA	1
117. CHICHICA	1
118. CHICHITA	1
119. CHICÓRIA	1
120. CHILICA	1
121. CHIMBICA	2
122. CHIQUINHA	3
123. CHIQUITA	1
124. CHIQUITITA	1
125. CHIRASHA	1
126. CHITA	1
127. CHOCA	1
128. CHOQUINHA	1
129. CHORONA	1
130. CHULA	1
131. CHULAPA/XULAPA	4
132. CHULETA	1
133. CHURICA	1
134. CLOTILDE	1
135. COCA	2
136. COCOTA	1
137. COISA	1
138. COISA FEIA	1
139. COISILDA	1
140. COISINHA	1
141. COITADINHA	2
142. COMADRE	1
143. CONCHA	5
144. CONCHINHA	1
145. CONDENADA	1
146. CORINTIANA	1

147. CORNIXA	1
148. CRATERA	1
149. CREUSA	3
150. CRUZ	1
151. CUQUICA	1
152. DANADA	7
153. DENTUÇA	1
154. DEPÓSITO DE PORRA	1
155. DESABROXADA	1
156. DIRCE	7
157. DISPUTADA	1
158. DISTINTA	1
159. DITA	1
160. DITA CUJA/DITA CUJA	1
161. DONZELA	1
162. EMPADÃO	1
163. ENTRA ROLA	1
164. ENTRADA DE JAMANTA	1
165. ESCOLHIDA	1
166. ESCOVA	4
167. ESCOVINHA	1
168. ESFIRRA	2
169. ESFIRRA ABERTA	1
170. ESFIRRA DE PELO	1
171. ESPIROQUETA	1
172. ESPOSA	1
173. ESQUECIDA	1
174. ESQUENTADA	1
175. FAMOSA	1
176. FAVORITA	2
177. FIA	1
178. FIDIDA	4
179. FIDIDINHA	1
180. FILHA DA MÃE	1
181. FLOR	4
182. FLORESTA	4
183. FLORESTA AMAZÔNICA	1
184. FLORESTA NEGRA	4
185. FLORESTA TROPICAL	1
186. FLORZINHA	16
187. FOFINHA	4
188. FOFLETE	1
189. FOLHINHA	1
190. FORNALHA	1
191. FRANGA	1
192. FRANGUINHA	1
193. FRIGIDEIRA	1
194. FRUTA	2
195. FRUTO DOS DEUSES	2
196. FUDIDA	1
197. GAIOLA DO PIRIQUITO	1

198. GAMELA	1
199. GARAGEM	16
200. GARAGEM DE FUSQUINHA	1
201. GARRAFONA	1
202. GATINHA	1
203. GAVETA	1
204. GENEROSA	1
205. GENI	1
206. GIA	1
207. GINA	3
208. GOMINHO	1
209. GOMO DE MIXIRICA	1
210. GORDINHA	4
211. GORDUCHINHA	3
212. GOSTOSA	6
213. GOSTOSINHA	1
214. GRAMADO	1
215. GRELO	1
216. GRETA	2
217. GRILINHO	1
218. GRILO	3
219. GROTA PROFUNDA	1
220. GRUTA	3
221. GRUTINHA	2
222. GUARDA-CHUVA	1
223. HOT FOME	1
224. IGREJINHA	1
225. ILHA DA PEROVINHA	1
226. INTERESSANTE	2
227. JOANINHA	2
228. JUDIADA	1
229. JULINHA	1
230. JUREMA	1
231. KEKA	1
232. LABIÃO	1
233. LASANHA	1
234. LEÃOZINHO	1
235. LILI	1
236. LINDINHA	2
237. LINGUARUDA	1
238. LINGUINHA	1
239. MAÇÃ	3
240. MACACA	1
241. MAÇO DE PELO	1
242. MADAME	1
243. MAGALI	2
244. MAL AGRADECIDA	1
245. MALA	1
246. MALDITA	1
247. MALVADA	2
248. MANA	1

249. MARGARIDA	9
250. MARRECA	1
251. MATA ATLÂNTICA	3
252. MATAGAL	1
253. MENINA	2
254. MENINA DOS OLHOS	1
255. MENININHA	3
256. MENSTROVALDA	1
257. MIXARIA	2
258. MIXIRICA	2
259. MOLHADINHA	2
260. MONTINHA	1
261. NANINHA	1
262. OCADA	1
263. OFÉLIA	1
264. OFERECIDA	1
265. OFICINA DE FAZER BONECA	1
266. PAÇOCA	1
267. PACOTE	3
268. PANOCHA	1
269. PANTANAL	2
270. PANTUFA	1
271. PAPICHA	1
272. PARAÍSO	1
273. PARQUE DE DIVERSÕES	6
274. PASSA	1
275. PASSARINHA	2
276. PASSINHO	1
277. PASTEL CABELUDO	1
278. PASTEL DE CABELO	3
279. PASTEL DE PELO	2
280. PATACONA	1
281. PATENTE	1
282. PATRICINHA	1
283. PECHECA	2
284. PECHELECA	1
285. PECHERECA	1
286. PEXINHO	2
287. PELADA	1
288. PELUDA	7
289. PENICO	1
290. PENHASCO	1
291. PERA	1
292. PERDIDA	1
293. PEPECA	1
294. PERECA	2
295. PERERECA	105
296. PERESTROICA/PERESTROIKA	6
297. PERFUMADA	1
298. PERIGOSA	9
299. PERIQUITA/PIRIQUITA	94

300. PERSEGUIDA	83
301. PERUCA	1
302. PÊTA	1
303. PETCHERA	1
304. PETECA	2
305. PETEQUINHA	1
306. PEXERECA	5
307. PICHACA	1
308. PICHOA	1
309. PIÉCA	1
310. PILA	1
311. PILILICA	3
312. PIMBINHA	1
313. PIPA	1
314. PIPICA	1
315. PIPIO/PIPIU	4
316. PIPITA	2
317. PIPOCA	3
318. PIQUITA	1
319. PIR	2
320. PIRANHA	2
321. PIRIRI	1
322. PIRIRICA	1
323. PIRUCA	1
324. PIRULICA	1
325. PISSULETA	1
326. PITA	1
327. PITI	1
328. PITICA	1
329. PITOQUINHA	1
330. PITRICA	3
331. PITULA	1
332. PITUXA	1
333. PIUPIUZINHA	1
334. PIXATA	1
335. PIXICOTA	2
336. PIXIRIQUINHA	1
337. PIXOTA	1
338. PLANTA CAVERNOSA	1
339. PLAYGROUND	1
340. PODEROSA	5
341. POMBA	25
342. POMBINHA	30
343. POPÓ	1
344. POPOCA	1
345. POPOLA	1
346. POPOTA	1
347. PORRA	1
348. PORTA JÓIA	1
349. PORTA MINHOCÃO	1
350. PORTA PINTO	1

351. PORTO DA FELICIDADE	1
352. POTOCA	1
353. PRAZEROSA	2
354. PRECIOSA	4
355. PREDILETA	1
356. PRESTIMOSA	2
357. PREXECA/PRECHECA	54
358. PRISCILA	1
359. PRINCESA	1
360. PRIQUITA	2
361. PROCHACA	1
362. PROCHECA	1
363. PROCURADA	1
364. PROIBIDA	1
365. PUNA	1
366. PUSSY	1
367. QUEBRA ROLA	1
368. QUEIJINHO	1
369. QUEJERA/QUEJEIRA	2
370. QUERIDINHA	2
371. QUINCAS	1
372. QUIQUICA	1
373. QUIRELA	1
374. RACHA/RAXA	9
375. RACHADA	3
376. RACHADURA	1
377. RACHINHA	1
378. REGANHO	1
379. RENDA	1
380. RIPICA	1
381. RITA	4
382. RITINHA	2
383. ROLA	2
384. ROSINHA	1
385. ROSQUINHA	2
386. SALTADINHA	1
387. SARDINHA	1
388. SEGREDINHO	1
389. SHAINHA	1
390. SORRISO SEM DENTE	1
391. TABACA	1
392. TABACO	2
393. TAÇA	1
394. TARRAQUETA	1
395. TARTARUGA	1
396. TATU	1
397. TATURANA	4
398. TCHAINA	1
399. TCHAN	3
400. TCHASCA	1
401. THECA	9

402. TCHECOSLOVÁQUIA	1
403. TCHERLA	1
404. TCHERIS	1
405. TCHUNA	2
406. TELÃO	1
407. TESTA	5
408. TESTUDA	2
409. TESUDA	1
410. THECA	4
411. TICA	1
412. TICHTA	1
413. TILANGA	1
414. TIRDA/THIRDA	9
415. TITA	2
416. TITCHA	1
417. TITICA	5
418. TITINHA	1
419. TITIQUINHA	1
420. TIXA	1
421. TIZA	1
422. TOCA DO PRAZER	1
423. TORRESMO	1
424. TORRICHIA	1
425. TOTOCA	1
426. TRAIÇOEIRA	1
427. TRECHILDA	1
428. TREPadeira	1
429. TRIÂNGULO DAS BERMUDAS	2
430. TUBI	1
431. TUCHA	1
432. TUNEL DO AMOR	1
433. TURSA	1
434. VASCO	1
435. VAGINA	36
436. VAGININHA	1
437. VAGINOSA	1
438. VAI COM AS OUTRAS	1
439. VALETA	1
440. VELCRO	5
441. VEM CÁ MEU PUTO	1
442. VERUSCA	1
443. VIOLA	1
444. VIÚVA NEGRA	1
445. XALANA/CHALANA	2
446. XALANGA	1
447. XANA/CHANA	102
448. XANA CABELUDA	1
449. XANINHA	13
450. XARLOTE	1
451. XAVASCA/CHAVASCA/JAVASCA	43
452. XEBA	1

453. XECA/CHECA/SHECA/XHECA	34
454. XERECA/CHERECA	46
455. XERENGA	2
456. XERERECA	7
457. XERETA	3
458. XEREU	1
459. XEROLE	1
460. XEXECA/CHECHECA	35
461. XEXELA	1
462. XEXELÊ	1
463. XEXENIA/CHECHENIA	4
464. XEXEQUINHA	1
465. XEXERECA	1
466. XEXÉU	2
467. XIBIU/CHIBI/ XIBIL	8
468. XIMBICA	1
469. XIRANHA	1
470. XIRDA	1
471. XIRI	1
472. XISPITA	1
473. XITARA ROU	1
474. XIXA	1
475. XIXI	3
476. XIXICA	1
477. XOLA	5
478. XOLINHA/CHOLINHA	4
479. XOTA/CHOTA	5
480. XOTONA	1
481. XOXA	1
482. XOXINHA	1
483. XOXO	2
484. XOXOCA	2
485. XOXOLA	2
486. XOXOTA/CHOCHOTA	79
487. XOXOTINHA	2
488. XULA	1
489. XULETA	3
490. XURANHA	1
491. XUXA	3
492. XUXETA	1
493. XUXINHA	1
494. XUXU	1
TOTAL: 494 NOMES	1862

Palavras mais citadas de sinônimos para vulva

PALAVRAS/"PALAVRÕES"/"SINÔNIMOS"/FALAS POPULARES	N. ABSOLUTO
<i>PERERECA</i>	105
<i>CHANA (XANA)</i>	102
<i>BUCETA</i>	100
<i>PERIQUITA (PIRIQUITA)</i>	94
<i>PERSEGUIDA</i>	83
<i>XOXOTA (CHOCHOTA)</i>	79
<i>ARANHA</i>	60
<i>PREXECA (PRECHECA)</i>	54
<i>XERECA (CHERECA)</i>	46
<i>XAVASCA (CHAVASCA, JAVASCA)</i>	43
<i>VAGINA</i>	36
<i>XEXECA (CHECHECA)</i>	35
<i>CAPÔ DE FUSCA (CAPU DE FUSCA)</i>	33
<i>XECA (CHECA, SHECA, XHECA)</i>	32
<i>POMBINHA</i>	30
<i>POMBA</i>	25
<i>FLORZINHA</i>	17
<i>GARAGEM</i>	17
<i>BOLACHA</i>	16
<i>CHEIROSA (XEROSA)</i>	15
<i>TITINHA</i>	15
<i>BORBOLETA</i>	13
<i>XANINHA</i>	13
<i>CABELUDA</i>	10
<i>MARGARIDA</i>	9
<i>PERIGOSA</i>	9
<i>RACHA (RAXA)</i>	9
<i>TIRDA (THIRDA)</i>	9
<i>TCHECA</i>	9
<i>XIBIU (CHIBIL, XIBIL)</i>	8
<i>BARATA</i>	7
<i>DANADA</i>	7
<i>DIRCE</i>	7
<i>PELUDA</i>	7
<i>XERERECA</i>	7

APÊNDICE C TOTALIDADE DE SINÔNIMOS PARA MASTURBAÇÃO

PALAVRAS/"PALAVRÕES"/ SINÔNIMOS/FALAS POPULARES	TOTAL
1. AERÓBICA	1
2. AFOGAR O GANSO	15
3. ALICIAR-SE	1
5. ALISAR	1
6. ALISAR O CARECA	1
7. ALIVIAR	7
8. ALIVIAR A ROLA	1
9. ALIVIAR A TENSÃO	1
10. AMOR SOZINHO	1
11. ARREPIAR O SABIÁ	14
12. AUTO SUFICIENTE	1
13. BACANAL	1
14. BATE-BATE	2
15. BATER BIELA	1
16. BATER BOLACHA	1
17. BATER BRONHA	19
18. BATER CAXULETA	2
19. BATER COM MAMÃO	1
20. BATER PIMENTA	1
21. BATER PUNHETA	58
22. BATER SININHO	1
23. BATER OVOS	1
24. BATER UMA	24
25. BATER UMA LOUCA	1
26. BEIJO GREGO	1
27. BILU BILU NA MOEDINHA	1
28. BOCA FOFA	1
29. BOQUETE	4
30. BULINAR	1
31. CACHORRINHO	1
32. CANGURU PERNETA	1
33. CALO NA MÃO	3
34. CARCA	1
35. CARINHO	1
36. CARIMBADA	1
37. CASTIGAR O COITADO	1
38. CAVAQUINHO	1
39. CEROL NA MÃO	1
40. CHEQUE CHEQUE	1
41. CINCO CONTRA UM	41
42. CINCO DEDOS	2
43. CHUPA CHUPA	1
44. CHUPAR BALA	1
45. CHUPETA/CHUPETINHA	5

46. CHUVEIRINHO	4
47. COÇA-COÇA	1
48. COÇAR O DEDO	1
49. COLA VELCRO	1
50. COLOCAR CENOURA	1
51. CONSOLO	1
52. COXAR	1
53. COVARDIA	3
54. CRIATIVIDADE	1
55. CUTUCAR	1
56. DÁ UMA	3
57. DÁ UMA ALISADA	1
58. DÁ UMA CUSPIDA	1
59. DÁ UM MOUSE/CLICAR UM MOUSE	3
60. DAR CORDA NO RELÓGIO	1
61. DAR UM PETELECO	1
62. DEDADA	2
63. DEDICAR UMA	3
64. DEDO MILAGROSO	1
65. DEPENAR O GANSO	1
66. DEPENAR O PASSARINHO	1
67. DESABAFAR COM OS CINCO DEDOS	1
68. DESAFOGAR	1
69. DESCABELAR O MACACO	3
70. DESCABELAR O PALHAÇO	23
71. DESCANSAR O BILAU	1
72. DESCARREGAR O ÓLEO	1
73. DESCASCAR	5
74. DESCASCAR A BANANA	31
75. DESCASCAR ABACAXI	2
76. DESCASCAR A BATATA	1
77. DESCASCAR O BEM-TE-VI	3
78. DESCASCAR A GABIROBA	1
79. DESCASCAR A MANDIOCA	6
80. DESCASCAR O PEPINO	1
81. DESCASCAR O PIRULITO	1
82. DESCASCAR O SABIÁ	8
83. DESCASCAR O SABUGO	1
84. DESFOLHAR A MARGARIDA	3
85. EGOÍSTA	1
86. EMPINAR PIPA	2
87. ENCHER A MÃO DE PÉLO	1
88. ESCREVER À MÃO	1
89. ESCOVAR O CARPETE	1
90. ESFREGADA	2
91. ESFREGA BOMBRIL	1
92. ESFREGAR O CABEÇÃO	1
93. ESPANCAR O PALHAÇO	2
94. ESPANHOLA	1
95. ESTICAR A BORRACHA	1
96. FALTA DE VERGONHA	1

97. FAZER CALO NA MÃO	2
98. FAZER CRESCER NA MÃO	1
99. FAZER UMA HOMENAGEM	3
100. FODA	2
101. FRANGO ASSADO	1
102. FURAR FRONHA	1
103. GARBOSA	1
104. GOZAR	7
105. GULOSA	2
106. HIDRATAÇÃO	1
107. JOGAR DADO	4
108. JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS	4
109. LAMBER COM A LÍNGUA	1
110. LAVAR A MÃO NA BACIA	1
111. LIBERAR ADRENALINA	1
112. LUBRIFICAR O RADIADOR	1
113. MANCHAR A PAREDE	1
114. MANETA	1
115. MANUAL	1
116. MÃO AMARELA	1
117. MÃO MORTA	1
118. MÃO PELUDA	1
119. MARIQUINHA-MARICOTA	7
120. MOLHAR O BISCOITO	6
121. MOLHAR O PAU	1
122. MOLHAR O VASO	1
123. MOSTRAR O BOZZO	1
124. NO DIREITO E NA CANHOTA	1
125. PAU NO CU	1
126. PIANINHO	1
127. PIRIRICO	1
128. POMBINHA BRANCA	2
129. PORCARIA	1
130. PUNHETA BEM ARRETADA	1
131. QUEBRA AZULEJO	1
132. RALADINHA	1
133. RALAR	1
134. RALA PEITO	1
135. RASGAR UMA	1
136. REBOCAR A PAREDE	1
137. ROÇA-ROÇA	3
138. ROÇAR O GRELO	1
139. SAFADEZA	1
140. SALVA PÁTRIA	1
141. SALVA VIDA	1
142. SEDUTORA	1
143. SEXO SOZINHO	1
144. SIRIRICA	49
145. SOCAR O DEDO	2
146. SOLITÁRIO	1
147. SOLTAR PIPA	1

148. SOLTAR RAIA	1
149. SUJEIRA	1
150. SURUBA	2
151. TIRAR LEITE DO PAU	1
152. TIRAR O ATRASO	2
153. TIRAR O CABELO DO MILHO	1
154. TIRAR O EXCESSO	1
155. TIRAR O PICA PAU DO OCO	2
156. TIRAR O SEBO	1
157. TITICA	1
158. TOCAR CUÍÇA	1
159. TOCAR FLAUTA	1
160. TOCAR GAITA	1
161. TOCAR PIANO	3
162. TOCAR SININHO	1
163. TOCAR UMA	1
164. TOCAR VIOLA	3
165. TOCAR NA MACACA	1
166. TOCAR O DEDO	1
167. TOCAR TROMBETA	1
168. TOCAR UMA	5
169. TOCAR UMA SAFIRA	6
170. TROCA TROCA	2
171. TROCAR DE MARCHA	1
172. TROCAR O ÓLEO	6
173. TURBINAR	1
174. UNIDOS VENCEREMOS	1
175. USAR COM A MÃO	1
176. VIRAR O ZOINHO	1
177. 69	5
TOTAL: 177 NOMES	555

Palavras mais citadas de sinônimos para masturbação

PALAVRAS/"PALAVRÕES"/ SINÔNIMOS/FALAS POPULARES	N.ABSOLUTO
BATER PUNHETA	58
SIRIRICA	49
CINCO CONTRA UM	41
DESCASCAR A BANANA	31
BATER UMA	24
DESCABELAR O PALHAÇO	23
BATER BRONHA	19
AFOGAR O GANSO	15
ARREPIAR O SABIÁ	14
DESCASCAR O SABIÁ	8
ALIVIAR	7
GOZAR	7
MARIQUINHA MARICOTA	7
DESCASCAR A MANDIOCA	6
MOLHAR O BISCOITO	6
TOCAR UMA SAFIRA	6
TROCAR O ÓLEO	6
DESCASCAR	5
TOCAR UMA	5
69	5
BOQUETE	4
CHUPETA (CHUPETINHA)	4
CHUVEIRINHO	4
JOGAR DADO	4
JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS	4
CALO NA MÃO	3
COVARDIA	3
DÁ UM MOUSE (CLICAR UM MOUSE)	3
DÁ UMA	3
DEDICAR UMA	3
DESCABELAR O PALHAÇO	3
DESCASCAR O BEM-TE-VI	3
DESFOLHAR A MARGARIDA	3
FAZER UMA HOMENAGEM	3
ROÇA-ROÇA	3
TOCAR PIANO	3
TOCAR VIOLA	3

APÊNDICE D TOTALIDADE DE SINÔNIMOS PARA RELAÇÃO SEXUAL

PALAVRAS/"PALAVRÕES"/ SINÔNIMOS/FALAS POPULARES	TOTAL
1. ABRE A PORTA DA FELICIDADE	1
2. ACASALAR	2
3. AFOGAR O GANSO	50
4. AFOGAR O PAU	1
5. AFOGAR O PERU	1
6. AGASALHAR O KIBE	2
7. ALEGRIA DE POBRE	1
8. AMASSA BOMBRIL	3
9. APARAR PELA RABIOLA	1
10. AQUILO NAQUILO	1
11. ARROMBA	1
12. AMASSO	1
13. ATOLAR	1
14. BACANAL	1
15. BANDEIRADA	1
16. BATER CARTÃO	1
17. BEM-BOM	1
18. BOLOLO	1
19. BOMBAR	1
20. BIMBADA	5
21. BRINCAR	3
22. BRINCAR DE CORUJINHA	1
23. BRINCAR DE MÉDICO	4
24. CACHORRINHO	2
25. CAFÉ NO BULE	2
26. CANGURU PERNETA	5
27. CANTAR ÓPERA	1
28. CARCAR	2
29. CARCAR A BETS	1
30. CARCAR O FINX	2
31. CATRACADA	3
32. CAVOCAR	1
33. CHICOTAR	1
34. CHUPETA	4
35. COCHAR	1
36. COCÓ	1
37. COELHINHO	1
38. COLAR O VELCRO	1
39. COLOCAR	1
40. COISAR	2
41. COITO	2
42. COMER	43
43. COMER BRACHOLA	1
44. COMER CARNE MIJADA	1

45. COMER PASTEL DE CABELO	1
46. COLOCAR A CHAVE NO CONTATO	1
47. COLOCAR NA GARAGEM	1
48. COMEÇAO	1
49. CÔPULA	6
50. CRUZAR	1
51. CUTUCADA	1
52. CUTUCAR O RIM	1
53. DAR	8
54. DAR DESCARGA	1
55. DAR NO COURO	2
56. DAR UMA	47
57. DAR UMA ALIVIADA	1
58. DAR UMA COMIDINHA	1
59. DAR UMA GUARDADINHA	1
60. DAR UMA KEKA	1
61. DAR UMA PIMBADA	1
62. DAR UMA PINCELADA	1
63. DAR UMA PRANCHADA	1
64. DAR UMA PRESSÃO	1
65. DAR UMA RACHADA	1
66. DAR UMA RAPIDINHA NO ESTACIONAMENTO	1
67. DAR UMA VOLTA	1
68. DAR UM BICO	1
69. DAR UM CUTUCO	1
70. DAR UM MELÃO	1
71. DAR UM PEGA	1
72. DAR UM PICOTE	2
73. DAR UM PINÇO	1
74. DAR UM PIRIRI	1
75. DAR UM FINÇÃO	2
76. DAR UM FUCK	2
77. DAR UM ROLE	1
78. DAR UMA SELVAGEM	1
79. DAR UM TAPA NA CHITARA	3
80. DAR UNS PEGA	2
81. DE 4	1
82. DESCABELAR O PALHAÇO	9
83. DESPENTEAR A MACACA	1
84. DESPENTEAR O PALHAÇO	1
85. DEPENAR O SABIÁ	1
86. DORMIR	1
87. DOURADA	1
88. ENCAIBAR	1
89. ENCAPAR O BULE	1
90. ENCHARCAR A BOLACHA	1
91. ENCO ENCO	1
92. ESCAPADINHA	1
93. ESFAQUEAR PERIÁ	1
94. ESPANHOLA	3
95. ESTACIONAR O CARRO	1

96. ESTACIONAR O FUSCA NA GARAGEM	1
97. ESTUPRAR	1
98. FAZER	2
99. FAZER AMOR	39
100. FAZER AQUILO	1
101. FAZER BESTEIRA	1
102. FAZER CARIDADE	1
103. FAZER FESTINHA	1
104. FAZER NENÉM	6
105. FECHA	1
106. FEIJÃO COM ARROZ	1
107. FESTA	1
108. FICAR	5
109. FIGHT/FAIT	7
110. FINCA	5
111. FINÇÃO	8
112. FINCAR O PALMITO	1
113. FINCAR O PAU	1
114. FLOQUE-FLOQUE	1
115. FODA	23
116. FODER/FUDER	44
117. FODINHA	1
118. FOFAR	1
119. FOFATOBA	1
120. FORNECER	1
121. FORNICAR	3
122. FRANGO ASSADO	3
123. FUC-FUC	2
124. FUDIDA	1
125. FUNHENHO	1
126. FURAR O COURO	4
127. FURAR O RIM	1
128. FURDUNÇO	1
129. FURUNFAR	24
130. FUTRICAR	1
131. GOZAR	1
132. GUARDAR O CARRO	1
133. GUARDAR O MENINO	1
134. HORA DO RECREIO	1
135. IR PROS FIGHT	1
136. IR PROS 112 FINALMENTE	1
137. LAMBADA	1
138. LAMBER	1
139. LEVAR OS COELHOS	4
140. LIBERAR A PERSEGUIDA	1
141. LIMPAR PERUCA	1
142. MANDAR A VARA	1
143. MANTER A ESPÉCIE	1
144. MARTELAR	1
145. MATAR A PAU	1
146. METÃO	1

147. METEÇÃO	4
148. METELÃO	1
149. METER	52
150. METIDA	2
151. MOLHAR A BINGA	1
152. MOLHAR A MINHOCA	1
153. MOLHAR O BISCOITO	40
154. MOLHAR O PAVIO	1
155. MOMÔ	6
156. MONTAR	1
157. NAMORAR	1
158. NERVOSO	1
159. NHANHAR/NHANHÁ	42
160. NHECO NHECO	6
161. ORGIA	1
162. PANANAM	1
163. PANCADÃO	1
164. PAPAI E MAMÃE	12
165. PASSAR O ROLO	1
166. PEGADA	2
167. PENETRAÇÃO	1
168. PICOTE	1
169. PIMBADA	3
170. PIMBA NA GORDUCHINHA	1
171. PICOTE	1
172. PINCELAR A TATURANA	1
173. PISÁ	1
174. PLANTAR MANDIOCA	1
175. PLUGAR	1
176. PRAZER	1
177. PRESEPADA	1
178. PULAR A CERCA	1
179. QUEBRAR BARRACO	1
180. QUEIMA ROSCA	1
181. RALA COXA	2
182. RALA E ROLA	19
183. RALA O PEITO	1
184. RALA O TCHAN	1
185. RAPIDINHA	27
186. RELADINHA	1
187. REPARTIR A PERUCA	5
188. REPARTIR O CAPO DE FUSCA	1
189. RIPA NA CHULIPA	3
190. ROLAR	1
191. ROSADINHA	1
192. ROSETAR	2
193. SAPECAR	1
194. SASSARICAR	2
195. SEXO	10
196. SOCADA	3
197. SUBIDA	1

198. SURUBA	10
199. TAPA NA BOCA DO SAPO	1
200. TAPA NA MACACA	4
201. TCHACA TCHACA NA BUTCHACA	44
202. TESÃO	2
203. TICO TICO NO FUBÁ	1
204. TIRAR A TELHA	1
205. TIREI UMA PONTA HOJE	1
206. TRABALHADINHA	2
207. TRAÇAR	4
208. TRAFIAR	1
209. TRANCO	1
210. TRANSAR	53
211. TRATAR A PELE	1
212. TRELA	1
213. TREPAR	49
214. TREPADA	18
215. TREPadeira	1
216. TREPÇÃO	1
217. TRINCAR O RIM	2
218. TROCA-TROCA	3
219. TROCAR FLUÍDO	2
220. TROCAR O ÓLEO	28
221. UMA BÁSICA	1
222. UNIR O ÚTERO AO AGRADÁVEL	2
223. VAMOS PRO FECHA	1
224. VER A CIDADE DE CIMA	1
225. VIRAR O ZOINHO	8
226. VIOLÊNCIA	1
227. VOU PRO CRIME	1
228. VULP VAP	1
229. 69	12
TOTAL: 229 NOMES	1029

Palavras mais citadas sinônimos para relação sexual

PALAVRAS/"PALAVRÕES"/<i>SINÔNIMOS/FALAS POPULARES</i>	N. ABSOLUTO
TRANSAR	53
METER	52
AFOGAR O GANSO	50
TREPAR	49
DAR UMA	47
FODER (FUDER)	44
TCHACA TCHACA NA BUTCHACA	44
COMER	43
NHANHAR (NHANHÁ)	42
MOLHAR O BISCOITO	40
FAZER AMOR	39
TROCAR O ÓLEO	28
RAPIDINHA	27
FURUNFAR	24
FODA	23
RALA E ROLA	19
TREPADA	18
CANGURU PERNETA	15
PAPAI E MAMÃE	12
69	12
SEXO	10
SURUBA	10
DESCABELHAR O PALHAÇO	9
FINCÃO	8
VIRAR O ZOINHO	8
FIGHT (FAIT)	7
CÓPULA	6
FAZER NENEM	6
MOMÔ	6
NHECO NHECO	6
BIMBADA	5
FICAR	5
FINCA	5
REPARTIR A PERUCA	5
BRINCAR DE MÉDICO	5
CHUPETA	4
FURAR O COURO	4
LEVAR OS COELHOS	4
METEÇÃO	4
TAPA NA MACACA	4
TRAÇAR	4

APÊNDICE E DADOS ESTATÍSTICOS

PÊNIS (408 PALAVRAS)		
Indicações	Quantidade	Percentual
248. PAU	106	5,573
295. PINTO	105	5,521
94. CARALHO/CARAIO	94	4,942
85. CACETE/CASSETE	89	4,679
69. BRAULIO	82	4,311
341. ROLA	73	3,838
300. PIPI	70	3,680
37. BILAU	59	3,102
310. PIRULITO	55	2,892
273. PICA	50	2,629
288. PINGOLIN	50	2,629
320. PIUPIU	37	1,945
247. PASSARINHO	35	1,840
313. PISTOLA	34	1,788
270. PERU/PIRU	31	1,630
113. COBRA	28	1,472
201. MANDIOCA	21	1,104
345. SACO	21	1,104
395. VARA	21	1,104
408. ZEZINHO	21	1,104
307. PIROCA	20	1,052
55. BINGULIN/BINGOLIN	19	0,999
194. LINGÜIÇA	17	0,894
287. PINGOLA	17	0,894
186. JUNIOR	16	0,841
226. MINHOCA	16	0,841
17. BANANA	13	0,683
154. GANSO	13	0,683
25. BENGA	17	0,894
208. MANGUEIRA	12	0,631
27. BERIMBAU	11	0,578
139. ESPADA	11	0,578
266. PEPINO/PIPINO	11	0,578
285. PIMPOLHO	11	0,578
268. PERIQUITO/PIRIQUITO	10	0,526
293. PINTÃO	10	0,526
349. SALSICHA	10	0,526
26. BENGALA	8	0,421
348. SALAME	8	0,421
374. TORA	8	0,421
185. JUNINHO	7	0,368

206. MANGUAÇA	7	0,368
294. PINTINHO	7	0,368
56. BINGULINHO	6	0,315
62. BISCOITO	6	0,315
133. DOCUMENTO	6	0,315
148. FERRO	6	0,315
217. MASTRO	6	0,315
376. TORNEIRINHA	6	0,315
100. CENOURA	5	0,263
403. ZÉ	5	0,263
44. BILOLA	4	0,210
63. BITELO	4	0,210
77. CABAÇO	4	0,210
80. CABEÇUDO	4	0,210
86. CACETETE	4	0,210
150. FUMO	4	0,210
195. LINGÜIÇÃO	4	0,210
199. MALA	4	0,210
220. MENININHO	4	0,210
267. PERIGOSO	4	0,210
350. SALSICHÃO	4	0,210
367. TICO	4	0,210
389. TRONCO	4	0,210
6. ANACONDA	3	0,158
10. BADALO	3	0,158
16. BAMBU	3	0,158
20. BAITA	3	0,158
36. BILÃO	3	0,158
50. BINGA	3	0,158
52. BINGOLA	3	0,158
91. CANHÃO	3	0,158
92. CANO	3	0,158
101. CENOURÃO	3	0,158
141. ESPINGARDA	3	0,158
145. FALO	3	0,158
158. GEBA	3	0,158
164. GOSTOSO	3	0,158
168. GROSSO	3	0,158
177. JEGUE	3	0,158
183. JR	3	0,158
184. JUMENTO	3	0,158
219. MENINÃO	3	0,158
221. MENINO	3	0,158
227. MINHOCÃO	3	0,158
233. NEGÓCIO	3	0,158
256. PÉ DE MESA	3	0,158
280. PICOLÉ	3	0,158
290. PINGUELO	3	0,158
319. PITOCA	3	0,158
322. POMBA	3	0,158
323. PORRA	3	0,158

324. PORRETE	3	0,158
335. REVÓLVER	3	0,158
338. RICARDÃO	3	0,158
342. ROLÃO	3	0,158
361. TCHAN	3	0,158
385. TRIPÊ	3	0,158
387. TROFÉU	3	0,158
398. VERGA	3	0,158
2. AMENDOIM	2	0,105
5. AMIGUINHO	2	0,105
18. BANANÃO	2	0,105
33. BIGOLINHO	2	0,105
47. BIMBIM	2	0,105
60. BIROLA	2	0,105
79. CABEÇOA	2	0,105
89. CÂMBIO	2	0,105
163. GOSTOSÃO	2	0,105
165. GRANDÃO	2	0,105
166. GRANDE	2	0,105
173. JEBA	2	0,105
176. JEGÃO	2	0,105
190. LANGDONG	2	0,105
202. MANDIOCÃO	2	0,105
234. NENÉM	2	0,105
235. NERVOSO	2	0,105
263. PENISLONGO	2	0,105
264. PÉPE	2	0,105
271. PERUZINHO	2	0,105
276. PICA-PAU	2	0,105
279. PICHOLINHO/PICHULINHO	2	0,105
286. PINDOLA	2	0,105
296. PINTOCA	2	0,105
308. PIROLA	2	0,105
314. PISTOLÃO	2	0,105
314. PISTULIN	2	0,105
321. PODEROSO	2	0,105
325. POSTE	2	0,105
337. RIBA JUNIOR	2	0,105
343. ROLINHA	2	0,105
377. TORNEIRA	2	0,105
378. TORTO	2	0,105
386. TRÊS PERNAS	2	0,105
388. TROLHO	2	0,105
390. TROXA/TROUXA	2	0,105
404. ZÉ SEM OSSO	2	0,105
406. ZECÃO	2	0,105
1. ALAVANCA DE ARQUIMEDES	1	0,053
3. AMIGÃO	1	0,053
7. AQUILO ROXO	1	0,053
8. ÁREA DE LAZER	1	0,053
9. ÁRVORE	1	0,053

11. BAGACETE	1	0,053
12. BAGADA	1	0,053
13. BAGU	1	0,053
14. BAGUETE	1	0,053
15. BALANGANDAN	1	0,053
19. BANDALO	1	0,053
21. BAITOLA	1	0,053
22. BAITOLO	1	0,053
23. BARBUDO	1	0,053
24. BARRACA ARMADA	1	0,053
28. BERINJELA	1	0,053
29. BETIS	1	0,053
30. BIBA	1	0,053
31. BICA	1	0,053
32. BICHO ERETO	1	0,053
34. BIGOLO	1	0,053
35. BIGORNA	1	0,053
38. BILECO	1	0,053
39. BILELEU	1	0,053
40. BILILAU	1	0,053
41. BILILIU	1	0,053
42. BILI SECRETÁRIO	1	0,053
43. BILL PINTON	1	0,053
45. BILU	1	0,053
46. BILURO	1	0,053
48. BIMBO	1	0,053
49. BIN LADEN	1	0,053
51. BINGO LINGO	1	0,053
53. BINGOLINO	1	0,053
54. BINGUELO	1	0,053
57. BIRIBA	1	0,053
58. BIRO	1	0,053
59. BIROBA	1	0,053
61. BIROSCA	1	0,053
64. BOLA	1	0,053
65. BOM	1	0,053
66. BOMBEADOR	1	0,053
67. BONEQUINHO SEM BRAÇO	1	0,053
68. BORRACHÃO	1	0,053
70. BREGNAIT	1	0,053
71. BREGOJELO	1	0,053
72. BREGULIN	1	0,053
73. BRINQUEDINHO	1	0,053
74. BRINQUEDO	1	0,053
75. BRONHA	1	0,053
76. BROXA	1	0,053
78. CABEÇA	1	0,053
81. CABELUDO	1	0,053
82. CABO	1	0,053
83. CABO DE VASSOURA	1	0,053
84. CACETÃO	1	0,053

87. CAJADO	1	0,053
88. CAJEBRE	1	0,053
90. CAMINHÃO	1	0,053
93. CANO LONGO	1	0,053
95. CARALHO AQUÁTICO	1	0,053
96. CARECA	1	0,053
97. CATZO	1	0,053
98. CAVALO	1	0,053
99. CAXO	1	0,053
102. CHAMPION	1	0,053
103. CHARUTO	1	0,053
104. CHECO	1	0,053
105. CHEIRINHO	1	0,053
106. CHEIRO DAS MENINAS	1	0,053
107. CHICO	1	0,053
108. CHIPS	1	0,053
109. CHIQUINHO	1	0,053
110. CHORÃO	1	0,053
111. CHUVEIRO	1	0,053
112. CIDADÃO	1	0,053
114. COBRA MOLE	1	0,053
115. COCK	1	0,053
116. COCÔ DURO	1	0,053
117. COLEGA	1	0,053
118. COMPADRE	1	0,053
119. COMPANHEIRO	1	0,053
120. CORNETA	1	0,053
121. CUMPRIDO	1	0,053
122. CUNHÃO	1	0,053
123. CUSPIDEIRA	1	0,053
124. CUTUVELO	1	0,053
125. DEDÃO SEM UNHA	1	0,053
126. DEDO SEM UNHA	1	0,053
127. DEFUNTO	1	0,053
128. DEZOITÃO	1	0,053
129. DICK	1	0,053
130. DILIM	1	0,053
131. DINDIN	1	0,053
132. DITO CUJO	1	0,053
134. ELVIS PRESLEY	1	0,053
135. EMBORNAL	1	0,053
136. EQUIPAMENTO	1	0,053
137. EROS	1	0,053
138. ESCROTO	1	0,053
140. ESPADACHIN	1	0,053
142. ESTROVENGA	1	0,053
143. FAÇA	1	0,053
144. FAÇÃO	1	0,053
146. FAZEDOR DE FILHO	1	0,053
147. FERRAMENTA	1	0,053
149. FIOTE	1	0,053

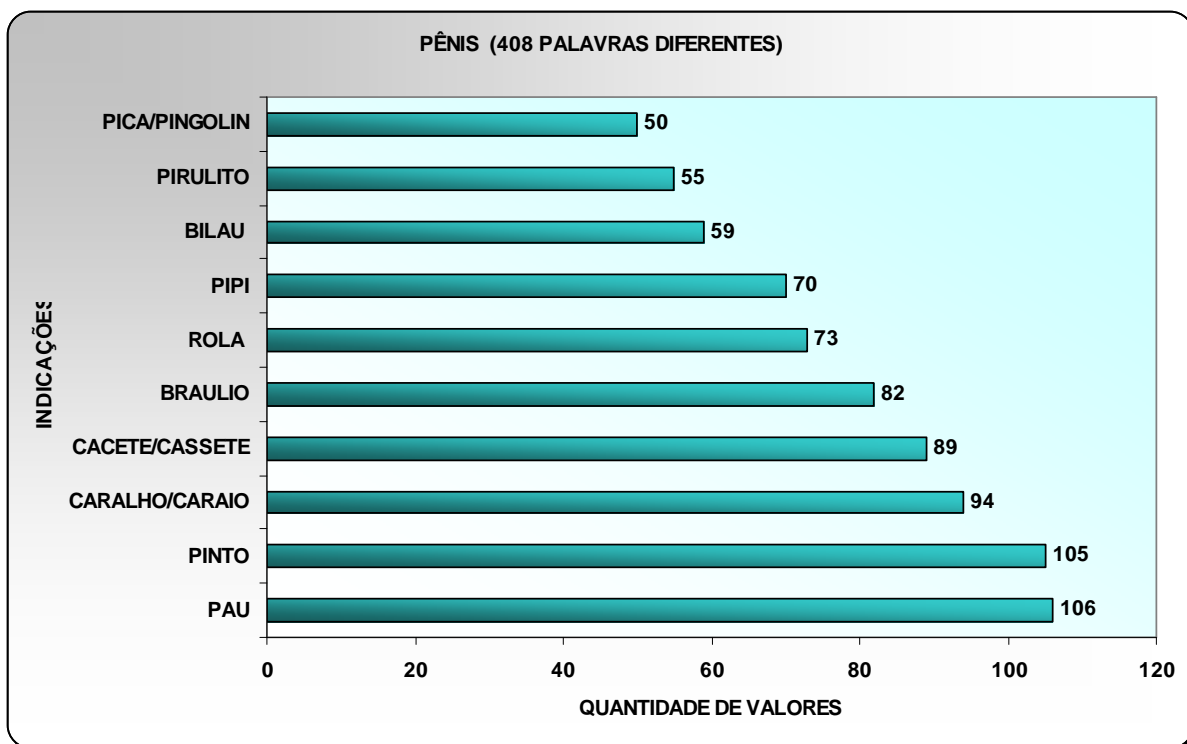
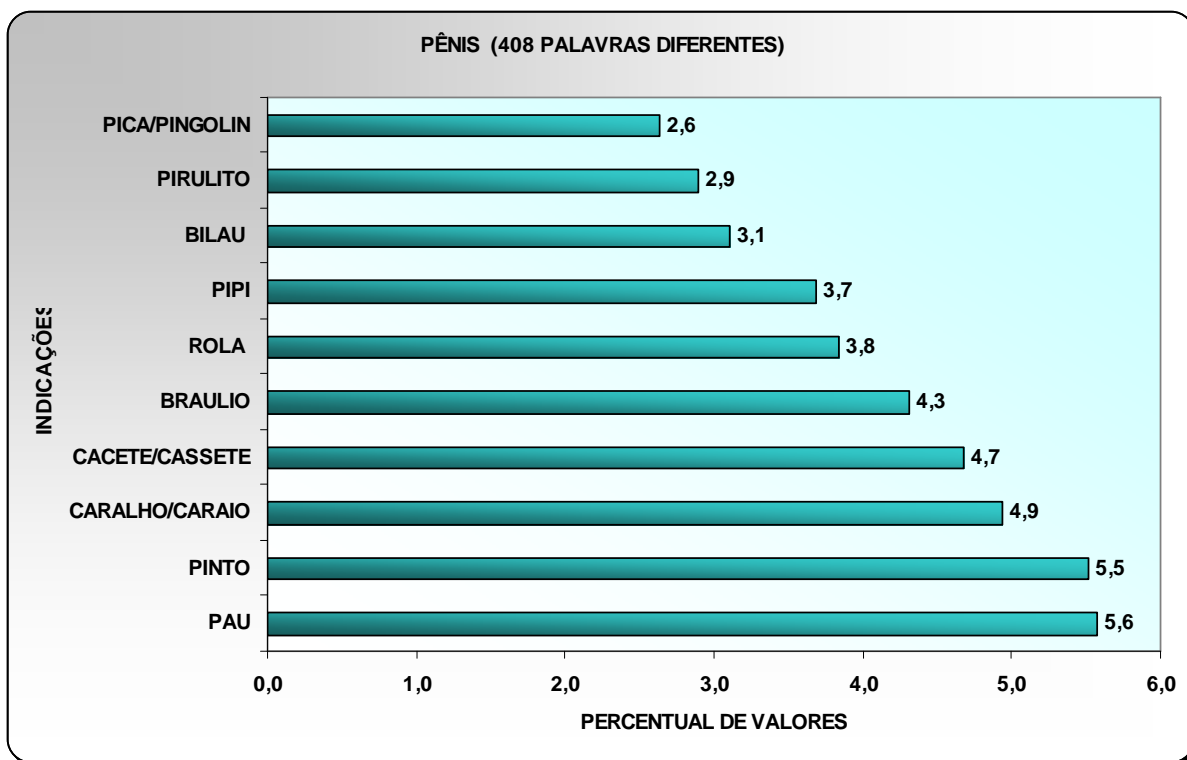
151. FUMO DE CORDA	1	0,053
152. FURA BUCHO	1	0,053
153. GAMORO	1	0,053
155. GARFO	1	0,053
156. GAROTÃO	1	0,053
157. GARRAFINHA DE REFRIGERANTE	1	0,053
159. GELADINHO	1	0,053
160. GENÉSIO	1	0,053
161. GEROBÃO	1	0,053
162. GIROMBA	1	0,053
167. GROSSÃO	1	0,053
169. GUASCA	1	0,053
170. HÉRNIA	1	0,053
171. JAMES	1	0,053
172. JARBAS	1	0,053
174. JEBONA	1	0,053
175. JECA	1	0,053
178. JEQUERÊ	1	0,053
179. JIBA	1	0,053
180. JOÃO BOBO	1	0,053
181. JOÃOZINHO	1	0,053
182. JONAS	1	0,053
187. JUQUINHA	1	0,053
188. K 7	1	0,053
189. KARAI	1	0,053
191. LELE	1	0,053
192. LERGUINO	1	0,053
193. LINDINHO	1	0,053
196. LOLA	1	0,053
197. LUGO	1	0,053
198. LUNETAS	1	0,053
200. MAMADEIRA	1	0,053
203. MANDÓCA	1	0,053
204. MANDRUVÁ	1	0,053
205. MANGUABA	1	0,053
207. MANGUASPA	1	0,053
209. MANGUEIRINHA	1	0,053
210. MANIVELA	1	0,053
211. MANJEBAS	1	0,053
212. MÁQUINA MORTÍFERA	1	0,053
213. MARECA	1	0,053
214. MARGALHO	1	0,053
215. MARTELÃO	1	0,053
216. MARTELO	1	0,053
222. METE MEDO	1	0,053
223. MEU	1	0,053
224. MICHARIA	1	0,053
225. MIJADOR	1	0,053
228. MINHOQUINHA	1	0,053
229. MÍSSIL	1	0,053
230. MORTADELA	1	0,053

231. NECA	1	0,053
232. NEGOÇÃO	1	0,053
236. NERVUDO	1	0,053
237. NICOLAU	1	0,053
238. O CARA	1	0,053
239. OBJETO DO SEXO	1	0,053
240. PACOTE	1	0,053
241. PAGODINHO	1	0,053
242. PAÍSES BAIXOS	1	0,053
243. PALMITO SELVAGEM	1	0,053
244. PANGOLA	1	0,053
245. PAPAGAIO	1	0,053
246. PARQUE DE DIVERSÃO	1	0,053
249. PAU DE FUMO	1	0,053
250. PAU DE NOIVO	1	0,053
251. PAU DE SEBO	1	0,053
252. PAU DE TODE	1	0,053
253. PAU DURO	1	0,053
256. PAU GOSTOSO	1	0,053
255. PAU GRANDE	1	0,053
257. PEDRÃO	1	0,053
258. PEGA	1	0,053
259. PELICANO	1	0,053
260. PELUDO	1	0,053
261. PENCA	1	0,053
262. PENETRADOR	1	0,053
265. PEPINÃO	1	0,053
269. PERSEGUIDO	1	0,053
272. PIBA	1	0,053
274. PIÇA	1	0,053
275. PICÃO	1	0,053
277. PICARETA	1	0,053
278. PICASSO	1	0,053
281. PILA	1	0,053
282. PILIM	1	0,053
283. PILOLA	1	0,053
284. PIMPÃO	1	0,053
289. PINGOLO	1	0,053
291. PINGULIO	1	0,053
292. PINOLINGO	1	0,053
297. PINTUDO	1	0,053
298. PINTULÃO	1	0,053
299. PIPA	1	0,053
301. PIPITO	1	0,053
302. PIPIU	1	0,053
303. PIPIZINHO	1	0,053
304. PIPO	1	0,053
305. PIRI	1	0,053
306. PIRINGOLA	1	0,053
307. PIROSCA	1	0,053
311. PISSULIN	1	0,053

312. PISTÃO	1	0,053
316. PITCHULO	1	0,053
317. PITITA	1	0,053
318. PITO	1	0,053
326. PRECHOCO	1	0,053
327. PREGOGÊ	1	0,053
328. PRIAPO	1	0,053
329. PVC	1	0,053
330. QUIBE	1	0,053
331. RANCA SANGUE	1	0,053
332. RAPAÇ	1	0,053
333. RAPAÇINHO	1	0,053
334. REMO	1	0,053
336. REX	1	0,053
339. RODOLFO	1	0,053
340. ROJÃO	1	0,053
344. SABUGO	1	0,053
346. SACO MUCHO	1	0,053
347. SAIMON	1	0,053
351. SININHO	1	0,053
352. SORVETÃO	1	0,053
353. SPADA	1	0,053
354. SUCURI	1	0,053
355. SUMIDO	1	0,053
356. TACO	1	0,053
357. TACO DE SINUCA	1	0,053
358. TARUGO	1	0,053
359. TATU	1	0,053
360. TATU FUGIDO	1	0,053
362. TELESCÓPIO	1	0,053
363. TERCEIRA PERNA	1	0,053
364. TERMÔMETRO	1	0,053
365. THE BEST	1	0,053
366. TICÃO	1	0,053
368. TIGRÃO	1	0,053
369. TIKINHO	1	0,053
370. TIKO	1	0,053
371. TITA DOIDA	1	0,053
372. TITICO	1	0,053
373. TOCO	1	0,053
377. TORRE FIEL	1	0,053
379. TORTÃO	1	0,053
380. TRABUCO	1	0,053
381. TREM	1	0,053
382. TREM BÃO	1	0,053
383. TREMENDAO	1	0,053
386. TROÇO GRANDE	1	0,053
391. TRUMBA	1	0,053
392. TUBINHO	1	0,053
393. VAGEM	1	0,053
394. VANGA	1	0,053
396. VARA DE PESCAR	1	0,053

397. VEIUDO	1	0,053
399. VERGALHÃO	1	0,053
400. VERMELHÃO	1	0,053
401. VITAMINA P	1	0,053
402. VOSSA EXCELENCIA	1	0,053
405 ZECA	1	0,053
408. ZEZIM MEU	1	0,053
	1912	100,526

PÊNIS (406 PALAVRAS DIFERENTES)		
Indicações	Quantidade	Percentual
1. PAU	106	5,6
2. PINTO	105	5,5
3. CARALHO/CARAIO	94	4,9
4. CACETE/CASSETE	89	4,7
5. BRAULIO	82	4,3
6. ROLA	73	3,8
7. PIPI	70	3,7
8. BILAU	59	3,1
9. PIRULITO	55	2,9
10. PICA/PINGOLIN	50	2,6
OUTROS	1129	59,4



VULVA (494 PALAVRAS)		
Indicações	Quantidade	Percentual
295. PERERECA	105	5,639
447. XANA/CHANA	102	5,478
60. BUCETA	100	5,371
299. PERIQUITA/PIRIQUITA	94	5,048
300. PERSEGUIDA	83	4,458
486. XOXOTA/CHOCHOTA	75	4,028
5. ARANHA	60	3,222
357. PREXECA/PRECHECA	54	2,900
454. XERECA/CHERECA	46	2,470
451. XAVASCA/CHAVASCA/ JAVASCA	43	2,309
435. VAGINA	36	1,933
460. XEXECA/CHECHECA	35	1,880
97. CAPÔ/CAPU DE FUSCA	33	1,772
453. XECA/CHECA/SHECA/ XHECA	32	1,719
342. POMBINHA	30	1,611
341. POMBA	25	1,343
199. GARAGEM	17	0,913
186. FLORZINHA	17	0,913
48. BOLACHA	16	0,859
418. TITINHA	15	0,806
113. CHEIROSA/XEROSA	15	0,806
53. BORBOLETA	13	0,698
449. XANINHA	13	0,698
81. CABELUDA	10	0,537
414. TIRDA/THIRDA	9	0,483
401. TCHECA	9	0,483
374. RACHA/RAXA	9	0,483
298. PERIGOSA	9	0,483
249. MARGARIDA	9	0,483
467. XIBIU/XIBIL/CHIBIL	8	0,430
58. BUÇANHA/BUSSANHA	7	0,376
456. XERERECA	7	0,376
288. PELUDA	7	0,376
156. DIRCE	7	0,376
152. DANADA	7	0,376
14. BARATA	7	0,376
9. BACALHAU	6	0,322
50. BOMBRIL	6	0,322
296. PERESTROICA/PERESTROIKA	6	0,322
273. PARQUE DE DIVERSÕES	6	0,322
212. GOSTOSA	6	0,322
479. XOTA/CHOTA	5	0,269
477. XOLA	5	0,269
440. VELCRO	5	0,269
417. TITICA	5	0,269
407. TESTA	5	0,269
340. PODEROSA	5	0,269

306. PEXERECA	5	0,269
143. CONCHA	5	0,269
99. CARANGUEJEIRA	5	0,269
72. BURACO NEGRO	4	0,215
478. XOLINHA/CHOLINHA	4	0,215
463. XEXENIA/CHECHENIA	4	0,215
410. THECA	4	0,215
397. TATURANA	4	0,215
381. RITA	4	0,215
354. PRECIOSA	4	0,215
210. GORDINHA	4	0,215
187. FOFINHA	4	0,215
184. FLORESTA NEGRA	4	0,215
182. FLORESTA	4	0,215
181. FLOR	4	0,215
178. FIDIDA	4	0,215
166. ESCOVA	4	0,215
15. BARATINHA	4	0,215
131. CHULAPA/XULAPA	4	0,215
87. CAMINHO DA FELICIDADE	3	0,161
80. CABAÇO	3	0,161
70. BURACO	3	0,161
7. ÁREA DE LAZER	3	0,161
69. BURACÃO	3	0,161
57. BUÇA	3	0,161
61. BUCETA CABELUDA	3	0,161
491. XUXA	3	0,161
489. XULETA	3	0,161
475. XIXI	3	0,161
457. XERETA	3	0,161
399. TCHAN	3	0,161
375. RACHADA	3	0,161
330. PITRICA	3	0,161
315. PIPIO/PIPIU	3	0,161
317. PIPOCA	3	0,161
311. PILILICA	3	0,161
28. BICHINHA	3	0,161
278. PASTEL DE CABELO	3	0,161
267. PACOTE	3	0,161
255. MENININHA	3	0,161
251. MATA ATLÂNTICA	3	0,161
239. MAÇA	3	0,161
220. GRUTA	3	0,161
218. GRILO	3	0,161
211. GORDUCHINHA	3	0,161
207. GINA	3	0,161
149. CREUSA	3	0,161
122. CHIQUINHA	3	0,161
112. CHEIRO	3	0,161
104. CAVERNA	3	0,161
101. CARNE MIJADA	3	0,161

92. CAMINHO DO PRAZER	2	0,107
85. CAIXINHA	2	0,107
84. CAIXA DE SEGREDOS	2	0,107
79. CABAÇA	2	0,107
75. BURAQUINHO	2	0,107
64. BUCETUTA	2	0,107
52. BOQUINHA	2	0,107
54. BORBOLETINHA	2	0,107
487. XOXOTINHA	2	0,107
485. XOXOLA	2	0,107
484. XOXOCA	2	0,107
483. XOXO	2	0,107
466. XEXÉU	2	0,107
455. XERENGA	2	0,107
445. XALANA/CHALANA	2	0,107
429. TRIÂNGULO DAS BERMUDAS	2	0,107
415. TITA	2	0,107
408. TESTUDA	2	0,107
405. TCHUNA	2	0,107
392. TABACO	2	0,107
385. ROSQUINHA	2	0,107
383. ROLA	2	0,107
382. RITINHA	2	0,107
370. QUERIDINHA	2	0,107
369. QUEJERA/QUEJEIRA	2	0,107
360. PRIQUITA	2	0,107
356. PRESTIMOSA	2	0,107
353. PRAZEROSA	2	0,107
335. PIXICOTA	2	0,107
320. PIRANHA	2	0,107
319. PIR	2	0,107
316. PIPITA	2	0,107
304. PETECA	2	0,107
294. PERECA	2	0,107
286. PEXINHO	2	0,107
283. PECHECA	2	0,107
279. PASTEL DE PELO	2	0,107
275. PASSARINHA	2	0,107
269. PANTANAL	2	0,107
259. MOLHADINHA	2	0,107
258. MIXIRICA	2	0,107
257. MIXARIA	2	0,107
253. MENINA	2	0,107
247. MALVADA	2	0,107
243. MAGALI	2	0,107
236. LINDINHA	2	0,107
227. JOANINHA	2	0,107
226. INTERESSANTE	2	0,107
221. GRUTINHA	2	0,107
216. GRETA	2	0,107
195. FRUTO DOS DEUSES	2	0,107

194. FRUTA	2	0,107
176. FAVORITA	2	0,107
168. ESFIRRA	2	0,107
141. COITADINHA	2	0,107
135. COCA	2	0,107
12. BAINHA	2	0,107
121. CHIMBICA	2	0,107
115. CHICA	2	0,107
111. CHARMOSINHA	2	0,107
110. CHAPOCA	2	0,107
98. CARACA	1	0,054
96. CANO	1	0,054
95. CANAL	1	0,054
94. CANA QUEIMADA	1	0,054
93. CAMPO LARGO	1	0,054
91. CAMINHO DO PARAÍSO	1	0,054
90. CAMINHO DO CÉU	1	0,054
88. CAMINHO DA MATA	1	0,054
89. CAMINHO DA PERDIÇÃO	1	0,054
86. CAIXINHA DE SURPRESA	1	0,054
83. CAÇAPA	1	0,054
82. CACAO	1	0,054
8. BABUSCA	1	0,054
78. BUTCHACA	1	0,054
77. BUSSANGA	1	0,054
68. BUQUÊ	1	0,054
76. BURBURINHA	1	0,054
74. BURACO SEM FUNDO	1	0,054
73. BURACO PERSEGUIDO	1	0,054
71. BURACO GRANDE	1	0,054
67. BUNDINHA	1	0,054
65. BUCHACA	1	0,054
66. BUCHECA	1	0,054
63. BUCETINHA	1	0,054
62. BUCETA RAPADA	1	0,054
6. ARANHA PRETA	1	0,054
59. BUCE	1	0,054
56. BUBUCA	1	0,054
55. BRECHA	1	0,054
51. BONITA	1	0,054
49. BOLACHÃO	1	0,054
494. XUXU	1	0,054
493. XUXINHA	1	0,054
492. XUXETA	1	0,054
490. XURANHA	1	0,054
488. XULA	1	0,054
482. XOXINHA	1	0,054
481. XOXA	1	0,054
480. XOTONA	1	0,054
47. BOCÓ	1	0,054
476. XIXICA	1	0,054

474. XIXA	1	0,054
473. XITARA ROU	1	0,054
472. XISPITA	1	0,054
471. XIRI	1	0,054
470. XIRDA	1	0,054
469. XIRANHA	1	0,054
46. BOCA DE VÉIA	1	0,054
468. XIMBICA	1	0,054
464. XEXEQUINHA	1	0,054
465. XEXERECA	1	0,054
461. XEXELA	1	0,054
460. XEROSA	1	0,054
46. BOCA DE CABELO	1	0,054
459. XEROLE	1	0,054
458. XEREU	1	0,054
452. XEBA	1	0,054
450. XARLOTE	1	0,054
45. BOCA DE BAIXO	1	0,054
448. XANA CABELUDA	1	0,054
446. XALANGA	1	0,054
444. VIÚVA NEGRA	1	0,054
443. VIOLA	1	0,054
442. VERUSCA	1	0,054
441. VEM CĂ MEU PUTO	1	0,054
44. BOCA DA CABAÇA	1	0,054
439. VALETA	1	0,054
438. VAGINOSA	1	0,054
437. VAGININHA	1	0,054
435. VAI-COM-AS-OUTRAS	1	0,054
434. VASCO	1	0,054
433. TURSA	1	0,054
432. TUNEL DO AMOR	1	0,054
431. TUCHA	1	0,054
430. TUBI	1	0,054
43. BIU	1	0,054
428. TREPadeira	1	0,054
427. TRECHILDA	1	0,054
426. TRAIÇOEIRA	1	0,054
425. TOTOCA	1	0,054
424. TORRICHA	1	0,054
423. TORRESMO	1	0,054
422. TOCA DO PRAZER	1	0,054
421. TIZA	1	0,054
420. TIXA	1	0,054
42. BISTEQUINHA	1	0,054
419. TITCHA	1	0,054
418. TITIQUINHA	1	0,054
413. TILANGA	1	0,054
412. TICHTA	1	0,054
411. TICA	1	0,054
41. BISCOITO	1	0,054

409. TESUDA	1	0,054
406. TELÃO	1	0,054
404. THECOSLOVÁQUIA	1	0,054
403. TCHASCA	1	0,054
401. TCHERIS	1	0,054
400. TCHERLA	1	0,054
40. BIRICA	1	0,054
4. AMORZINHO	1	0,054
397. TATU	1	0,054
396. TARTARUGA	1	0,054
395. TARRAQUETA	1	0,054
394. TAÇA	1	0,054
393. TCHAINA	1	0,054
391. TABACA	1	0,054
390. SORRISO SEM DENTE	1	0,054
39. BIN LADEN	1	0,054
389. SHAINHA	1	0,054
388. SEGREDINHO	1	0,054
387. SARDINHA	1	0,054
386. SALTADINHA	1	0,054
384. ROSINHA	1	0,054
380. RIPICA	1	0,054
38. BIRIBA	1	0,054
379. RENDA	1	0,054
378. REGANHO	1	0,054
377. RACHINHA	1	0,054
376. RACHADURA	1	0,054
373. QUIRELA	1	0,054
372. QUIQUICA	1	0,054
371. QUINCAS	1	0,054
37. BIMBINHA	1	0,054
368. QUEIJINHO	1	0,054
367. QUEBRA ROLA	1	0,054
366. PUSSY	1	0,054
365. PUNA	1	0,054
364. PROIBIDA	1	0,054
363. POPÔ	1	0,054
362. PORTA PINTO	1	0,054
361. PROCURADA	1	0,054
360. PROCHECA	1	0,054
36. BIMBA	1	0,054
359. PROCHACA	1	0,054
357. PRISCIILA	1	0,054
356. PRINCESA	1	0,054
353. PREDILETA	1	0,054
350. POTOCA	1	0,054
35. BILÓIA	1	0,054
349. POPOTA	1	0,054
348. POPOLA	1	0,054
347. POPOCA	1	0,054
346. PORTO DA FELICIDADE	1	0,054

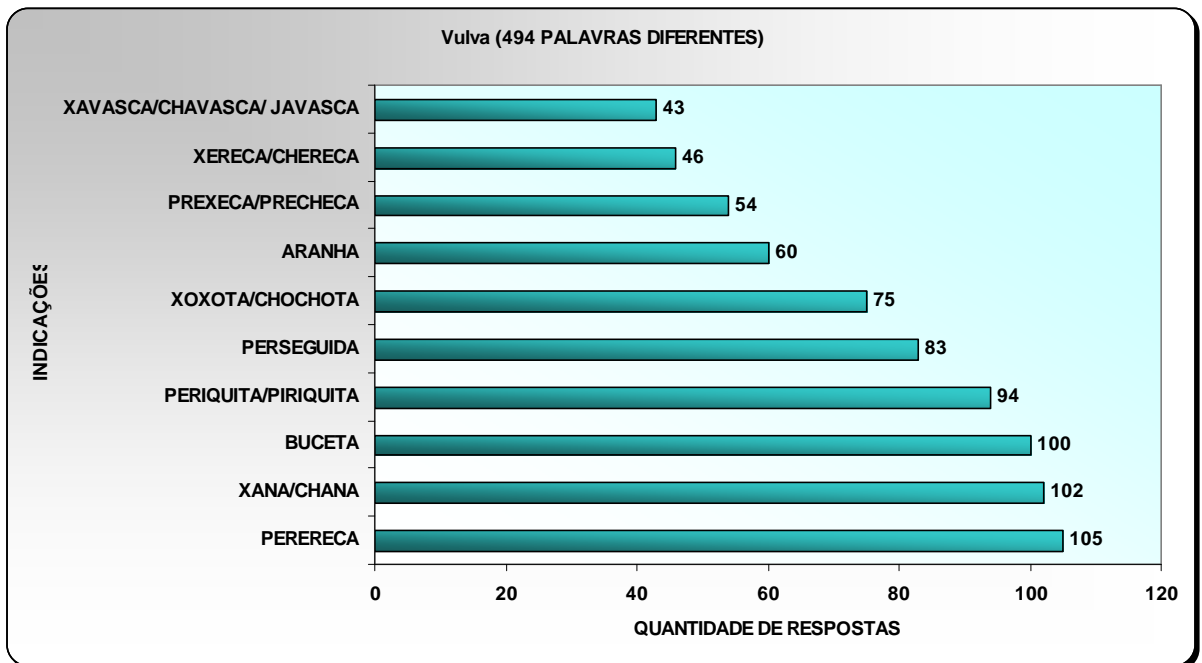
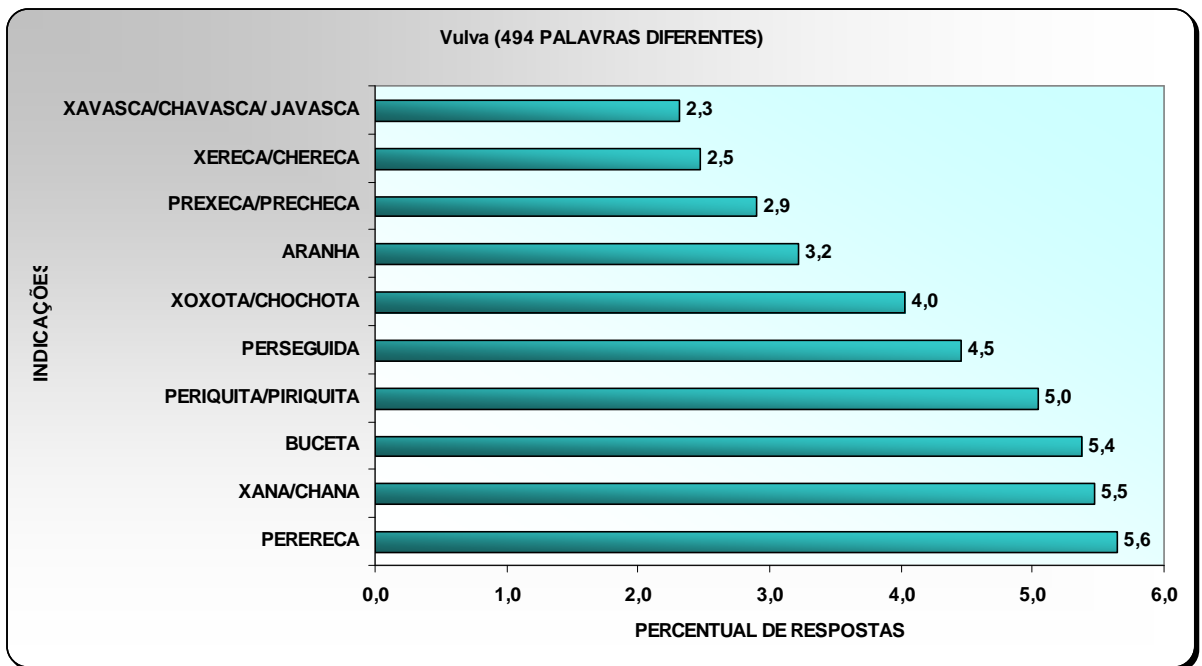
345. PORTA MINHOCÃO	1	0,054
344. PORTA JOIA	1	0,054
343. PORRA	1	0,054
34. BILHETA	1	0,054
339. PLAYGROUND	1	0,054
338. PLANTA CAVERNOSA	1	0,054
337. PIXOTA	1	0,054
336. PIXIRIQUINHA	1	0,054
334. PIXATA	1	0,054
333. PIUPIUZINHA	1	0,054
332. PITUXA	1	0,054
331. PITULA	1	0,054
33. BILBA	1	0,054
329. PITOQUINHA	1	0,054
328. PITICA	1	0,054
327. PITI	1	0,054
326. PITA	1	0,054
325. PISSULETA	1	0,054
323. PIPICA	1	0,054
322. PIRULICA	1	0,054
321. PIRUCA	1	0,054
320. PIRIRICA	1	0,054
32. BIFE	1	0,054
319. PIRIRI	1	0,054
314. PIPA	1	0,054
313. PIQUITA	1	0,054
312. PIMBINHA	1	0,054
310. PILA	1	0,054
31. BICHO CABELUDO	1	0,054
309. PIÉCA	1	0,054
308. PICHOA	1	0,054
307. PICHACA	1	0,054
305. PETEQUINHA	1	0,054
303. PETCHERA	1	0,054
302. PÉTA	1	0,054
300. PERUCA	1	0,054
30. BICHO BOM	1	0,054
3. AMIGA	1	0,054
297. PERFUMADA	1	0,054
293. PEPECA	1	0,054
292. PERDIDA	1	0,054
291. PERA	1	0,054
290. PENHASCO	1	0,054
289. PENICO	1	0,054
287. PELADA	1	0,054
284. PECHERECA	1	0,054
283. PECHELECA	1	0,054
282. PASSA	1	0,054
281. PATRICINHA	1	0,054
280. PATENTE	1	0,054
28. BICHA	1	0,054

279. PATACONA	1	0,054
276. PASTEL CABELUDO	1	0,054
275. PASSINHO	1	0,054
272. PARAÍSO	1	0,054
271. PAPICHA	1	0,054
270. PANTUFA	1	0,054
27. BIBA	1	0,054
268. PANOCHA	1	0,054
267. PAÇOCA	1	0,054
265. OFICINA DE FAZER BONECA	1	0,054
264. OFERECIDA	1	0,054
263. OFÉLIA	1	0,054
262. OCADA	1	0,054
261. NANINHA	1	0,054
260. MONTINHA	1	0,054
26. BEXIGA	1	0,054
256. MENSTROVALDA	1	0,054
254. MENINA DOS OLHOS	1	0,054
252. MATAGAL	1	0,054
250. MARRECA	1	0,054
25. BESOURINHA	1	0,054
248. MANA	1	0,054
246. MALDITA	1	0,054
245. MALA	1	0,054
244. MAL AGRADECIDA	1	0,054
242. MADAME	1	0,054
241. MAÇO DE PELO	1	0,054
24. BERÇO DE VACA	1	0,054
239. MACACA	1	0,054
238. LINGUINHA	1	0,054
237. LINGUARUDA	1	0,054
235. LILI	1	0,054
234. LEÃOZINHO	1	0,054
233. LASANHA	1	0,054
232. LABIÃO	1	0,054
231. KEKA	1	0,054
231. JUDIADA	1	0,054
230. JUREMA	1	0,054
23. BENDITA	1	0,054
229. JULINHA	1	0,054
228. ILHA DA PEROVINHA	1	0,054
227. IGREJINHA	1	0,054
226. HOT FOME	1	0,054
225. GUARDA-CHUVA	1	0,054
222. GROTA PROFUNDA	1	0,054
220. GRILINHO	1	0,054
22. BEIÇUDA	1	0,054
218. GRELO	1	0,054
217. GRAMADO	1	0,054
216. GOSTOSINHA	1	0,054
212. GOMO DE MIXIRICA	1	0,054

211. GOMINHO	1	0,054
21. BEIÇO	1	0,054
209. GIA	1	0,054
208. GENI	1	0,054
207. GENEROSA	1	0,054
206. GAVETA	1	0,054
205. GATINHA	1	0,054
204. GARRAFONA	1	0,054
203. GARAGEM DE FUSQUINHA	1	0,054
201. GAMELA	1	0,054
200. GAIOLA DO PIRIQUITO	1	0,054
20. BEICINHO	1	0,054
2. AMALDIÇOADA	1	0,054
199. FUDIDA	1	0,054
196. FRIGIDERA	1	0,054
195. FRANGUINHA	1	0,054
194. FRANGA	1	0,054
193. FORNALHA	1	0,054
192. FOLHINHA	1	0,054
191. FOFOLETE	1	0,054
19. BATEDEIRA	1	0,054
188. FLORESTA TROPICAL	1	0,054
186. FLORESTA AMAZÔNICA	1	0,054
183. FILHA DA MÃE	1	0,054
182. FIDIDINHA	1	0,054
180. FIA	1	0,054
18. BAT CAVERNA	1	0,054
178. FAMOSA	1	0,054
177. ESQUENTADA	1	0,054
176. ESQUECIDA	1	0,054
175. ESPOSA	1	0,054
174. ESPIROQUETA	1	0,054
173. ESFIRRA DE PELO	1	0,054
172. ESFIRRA ABERTA	1	0,054
170. ESCOVINHA	1	0,054
17. BARQUINHO	1	0,054
168. ESCOLHIDA	1	0,054
167. ENTRADA DE JAMANTA	1	0,054
166. ENTRA ROLA	1	0,054
165. EMPADÃO	1	0,054
164. DONZELA	1	0,054
163. DITA CUJA	1	0,054
162. DITA	1	0,054
161. DISTINTA	1	0,054
160. DISPUTADA	1	0,054
158. DESABROXADA	1	0,054
157. DEPÓSITO DE PORRA	1	0,054
156. DENTUÇA	1	0,054
154. CUQUICA	1	0,054
153. CRUZ	1	0,054
151. CRATERA	1	0,054

150. CORNIXA	1	0,054
149. CORINTIANA	1	0,054
148. CONDENADA	1	0,054
147. CONCHINHA	1	0,054
145. COMADRE	1	0,054
143. COISINHA	1	0,054
142. COISA	1	0,054
141. COISILDA	1	0,054
140. COISA FEIA	1	0,054
14. BAITELA	1	0,054
139. COCOTA	1	0,054
137. CLOTILDE	1	0,054
136. CHURICA	1	0,054
135. CHULETA	1	0,054
133. CHULA	1	0,054
132. CHOQUINHA	1	0,054
131. CHORONA	1	0,054
129. CHOCA	1	0,054
128. CHITA	1	0,054
127. CHIQUITITA	1	0,054
126. CHIQUITA	1	0,054
124. CHIRASHA	1	0,054
122. CHILICA	1	0,054
121. CHICÓRIA	1	0,054
120. CHICHITA	1	0,054
12. BACURINGA	1	0,054
119. CHICHICA	1	0,054
118. CHICARRUNA	1	0,054
116. CHEIROSINHA	1	0,054
110. CEPA	1	0,054
11. BACURINGA	1	0,054
109. CEBOLINHA	1	0,054
108. CAVERNOSA	1	0,054
107. CAVERNA GIGANTE	1	0,054
106. CAVERNA DO DRAGÃO	1	0,054
104. CASA DO CARALHO	1	0,054
103. CASA DE ROLA	1	0,054
101. CARECA	1	0,054
1. ALEGRIA MASCULINA	1	0,054
	1859	

VULVA (498 PALAVRAS DIFERENTES)		
Indicações	Quantidade	Percentual
1. <i>PERERECA</i>	105	5,6
2. <i>XANA/CHANA</i>	102	5,5
3. <i>BUCETA</i>	100	5,4
4. <i>PERIQUITA/PIRIQUITA</i>	94	5,0
5. <i>PERSEGUIDA</i>	83	4,5
6. <i>XOXOTA/CHOCHOTA</i>	75	4,0
7. <i>ARANHA</i>	60	3,2
8. <i>PREXECA/PRECHECA</i>	54	2,9
9. <i>XERECA/CHERECA</i>	46	2,5
10. <i>XAVASCA/CHAVASCA/ JAVASCA/</i>	43	2,3
OUTROS	1100	59,1



RELAÇÃO SEXUAL (229 PALAVRAS)		
Indicações	Quantidade	Percentual
TRANSAR	53	5,2
METER	52	5,1
AFOGAR O GANSO	50	4,9
TREPAR	49	4,8
DAR UMA	47	4,6
FODER/FUDER	44	4,3
TCHACA TCHACA NA BUTCHACA	44	4,3
COMER	43	4,2
NHANHAR/NHANHÁ	42	4,1
MOLHAR O BISCOITO	40	3,9
99. FAZER AMOR	39	3,790
220. TROCAR O ÓLEO	28	2,721
185. RAPIDINHA	27	2,624
129. FURUNFAR	24	2,332
115. FODA	23	2,235
182. RALA E ROLA	19	1,846
214. TREPADA	18	1,749
164. PAPAÍ E MAMÃE	12	1,166
229. 69	12	1,166
195. SEXO	10	0,972
198. SURUBA	10	0,972
53. DAR	8	0,777
111. FINCÃO	8	0,777
225. VIRAR O ZOINHO	8	0,777
109. FIGHT/FAIT	7	0,680
49. CÔPULA	6	0,583
104. FAZER NENÉM	6	0,583
155. MOMÔ	6	0,583
160. NHECO NHECO	6	0,583
20. BIMBADA	5	0,486
26. CANGURU PERNETA	5	0,486
108. FICAR	5	0,486
110. FINCA	5	0,486
187. REPARTIR A PERUCA	5	0,486
23. BRINCAR DE MÉDICO	4	0,389
34. CHUPETA	4	0,389
126. FURAR O COURO	4	0,389
139. LEVAR OS COELHOS	4	0,389
147. METEÇÃO	4	0,389
200. TAPA NA MACACA	4	0,389
207. TRAÇAR	4	0,389
8. AMASSA BOMBRIL	3	0,292
21. BRINCAR	3	0,292
31. CATRACADA	3	0,292
79. DAR UM TAPA NA CHITARA	3	0,292
94. ESPANHOLA	3	0,292
121. FORNICAR	3	0,292

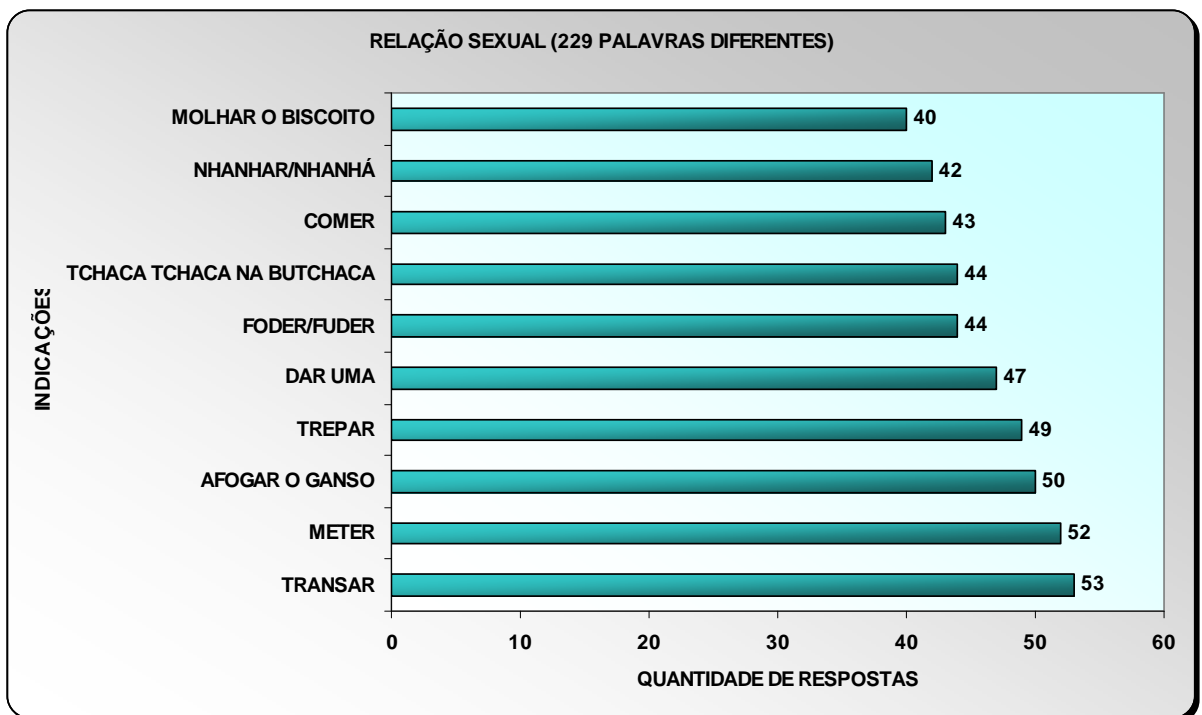
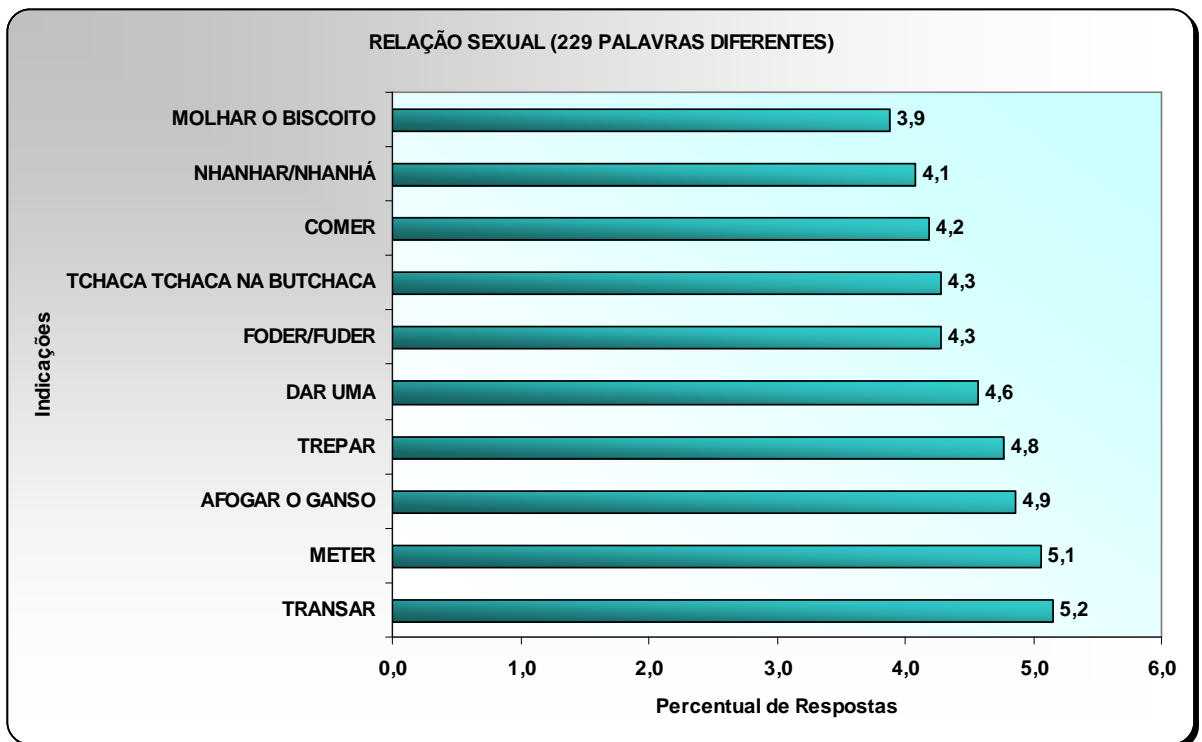
122. FRANGO ASSADO	3	0,292
169. PIMBADA	3	0,292
189. RIPA NA CHULIPA	3	0,292
196. SOCADA	3	0,292
218. TROCA-TROCA	3	0,292
2. ACASALAR	2	0,194
6. AGASALHAR O KIBE	2	0,194
24. CACHORRINHO	2	0,194
25. CAFÉ NO BULE	2	0,194
28. CARCAR	2	0,194
30. CARCAR O FINX	2	0,194
40. COISAR	2	0,194
41. COITO	2	0,194
55. DAR NO COURO	2	0,194
72. DAR UM PICOTE	2	0,194
75. DAR UM FINCÃO	2	0,194
76. DAR UM FUCK	2	0,194
80. DAR UNS PEGA	2	0,194
98. FAZER	2	0,194
123. FUC-FUC	2	0,194
150. METIDA	2	0,194
166. PEGADA	2	0,194
181. RALA COXA	2	0,194
192. ROSETAR	2	0,194
194. SASSARICAR	2	0,194
202. TESÃO	2	0,194
206. TRABALHADINHA	2	0,194
217. TRINCAR O RIM	2	0,194
219. TROCAR FLUÍDO	2	0,194
222. UNIR O ÚTERO AO AGRADÁVEL	2	0,194
1. ABRE A PORTA DA FELICIDADE	1	0,097
4. AFOGAR O PAU	1	0,097
5. AFOGAR O PERU	1	0,097
7. ALEGRIA DE POBRE	1	0,097
9. APARAR PELA RABIOLA	1	0,097
10. AQUILO NAQUILO	1	0,097
11. ARROMBA	1	0,097
12. AMASSO	1	0,097
13. ATOLAR	1	0,097
14. BACANAL	1	0,097
15. BANDEIRADA	1	0,097
16. BATER CARTÃO	1	0,097
17. BEM-BOM	1	0,097
18. BOLOLO	1	0,097
19. BOMBAR	1	0,097
22. BRINCAR DE CORUJINHA	1	0,097
27. CANTAR ÓPERA	1	0,097
29. CARCAR A BETS	1	0,097
32. CAVOCAR	1	0,097
33. CHICOTAR	1	0,097
35. COCHAR	1	0,097

36. COCÓ	1	0,097
37. COELHINHO	1	0,097
38. COLAR O VELCRO	1	0,097
39. COLOCAR	1	0,097
43. COMER BRACHOLA	1	0,097
44. COMER CARNE MIJADA	1	0,097
45. COMER PASTEL DE CABELO	1	0,097
46. COLOCAR A CHAVE NO CONTATO	1	0,097
47. COLOCAR NA GARAGEM	1	0,097
48. COMEÇAO	1	0,097
50. CRUZAR	1	0,097
51. CUTUCADA	1	0,097
52. CUTUCAR O RIM	1	0,097
54. DAR DESCARGA	1	0,097
57. DAR UMA ALIVIADA	1	0,097
58. DAR UMA COMIDINHA	1	0,097
59. DAR UMA GUARDADINHA	1	0,097
60. DAR UMA KEKA	1	0,097
61. DAR UMA PIMBADA	1	0,097
62. DAR UMA PINCELADA	1	0,097
63. DAR UMA PRANCHADA	1	0,097
64. DAR UMA PRESSÃO	1	0,097
65. DAR UMA RACHADA	1	0,097
66. DAR UMA RAPIDINHA NO ESTACIONAMENTO	1	0,097
67. DAR UMA VOLTA	1	0,097
68. DAR UM BICO	1	0,097
69. DAR UM CUTUCO	1	0,097
70. DAR UM MELÃO	1	0,097
71. DAR UM PEGA	1	0,097
73. DAR UM PINÇO	1	0,097
74. DAR UM PIRIRI	1	0,097
77. DAR UM ROLÉ	1	0,097
78. DAR UMA SELVAGEM	1	0,097
81. DE 4	1	0,097
83. DESPENTEAR A MACACA	1	0,097
84. DESPENTEAR O PALHAÇO	1	0,097
85. DEPENAR O SABIÁ	1	0,097
86. DORMIR	1	0,097
87. DOURADA	1	0,097
88. ENCAIBAR	1	0,097
89. ENCAPAR O BULE	1	0,097
90. ENCHARCAR A BOLACHA	1	0,097
91. ENCO ENCO	1	0,097
92. ESCAPADINHA	1	0,097
93. ESFAQUIAR PERIÁ	1	0,097
95. ESTACIONAR O CARRO	1	0,097
96. ESTACIONAR O FUSCA NA GARAGEM	1	0,097
97. ESTRUPAR	1	0,097
100. FAZER AQUILO	1	0,097
101. FAZER BESTEIRA	1	0,097
102. FAZER CARIDADE	1	0,097

103. FAZER FESTINHA	1	0,097
105. FECHA	1	0,097
106. FEIJÃO COM ARROZ	1	0,097
107. FESTA	1	0,097
112. FINCAR O PALMITO	1	0,097
113. FINCAR O PAU	1	0,097
114. FLOQUE-FLOQUE	1	0,097
117. FODINHA	1	0,097
118. FOFAR	1	0,097
119. FOFATOBA	1	0,097
120. FORNECER	1	0,097
124. FUDIDA	1	0,097
125. FUNHENHO	1	0,097
127. FURAR O RIM	1	0,097
128. FURDUNÇO	1	0,097
130. FUTRICAR	1	0,097
131. GOZAR	1	0,097
132. GUARDAR O CARRO	1	0,097
133. GUARDAR O MENINO	1	0,097
134. HORA DO RECREIO	1	0,097
135. IR PROS FIGHT	1	0,097
136. IR PROS FINALMENTE	1	0,097
137. LAMBADA	1	0,097
138. LAMBER	1	0,097
140. LIBERAR A PERSEGUIDA	1	0,097
141. LIMPAR PERUCA	1	0,097
142. MANDAR A VARA	1	0,097
143. MANTER A ESPÉCIE	1	0,097
144. MARTELAR	1	0,097
145. MATAR A PAU	1	0,097
146. METÃO	1	0,097
148. METELÃO	1	0,097
151. MOLHAR A BINGA	1	0,097
152. MOLHAR A MINHOCA	1	0,097
154. MOLHAR O PAVIO	1	0,097
156. MONTAR	1	0,097
157. NAMORAR	1	0,097
158. NERVOSO	1	0,097
161. ORGIA	1	0,097
162. PANANAM	1	0,097
163. PANCADÃO	1	0,097
165. PASSAR O ROLO	1	0,097
167. PENETRAÇÃO	1	0,097
168. PICOTE	1	0,097
170. PIMBA NA GORDUCHINHA	1	0,097
171. PICOTE	1	0,097
172. PINCELAR A TATURANA	1	0,097
173. PISÁ	1	0,097
174. PLANTAR MANDIOCA	1	0,097
175. PLUGAR	1	0,097
176. PRAZER	1	0,097

177. PRESEPADADA	1	0,097
178. PULAR A CERCA	1	0,097
179. QUEBRAR BARRACO	1	0,097
180. QUEIMA ROSCA	1	0,097
183. RALA O PEITO	1	0,097
184. RALA O TCHAN	1	0,097
186. RELADINHA	1	0,097
188. REPARTIR O CAPÔ DE FUSCA	1	0,097
190. ROLAR	1	0,097
191. ROSADINHA	1	0,097
193. SAPECAR	1	0,097
197. SUBIDA	1	0,097
199. TAPA NA BOCA DO SAPO	1	0,097
203. TICO TICO NO FUBÁ	1	0,097
204. TIRAR A TELHA	1	0,097
205. TIREI UMA PONTA HOJE	1	0,097
208. TRAFIAR	1	0,097
209. TRANCO	1	0,097
211. TRATAR A PELE	1	0,097
212. TRELA	1	0,097
215. TREPadeira	1	0,097
216. TREPAÇÃO	1	0,097
221. UMA BÁSICA	1	0,097
223. VAMOS PRO FECHA	1	0,097
224. VER A CIDADE DE CIMA	1	0,097
226. VIOLÊNCIA	1	0,097
227. VOU PRO CRIME	1	0,097
228. VULP VAP	1	0,097
82. DESCABELAR O PALHAÇO	1	0,097
	1029	100,000

RELAÇÃO SEXUAL (229 PALAVRAS DIFERENTES)		
Indicações	Quantidade	Percentual
1. TRANSAR	53	5,2
2. METER	52	5,1
3. AFOGAR O GANSO	50	4,9
4. TREPAP	49	4,8
5. DAR UMA	47	4,6
6. FODER/FUDER	44	4,3
7. TCHACA TCHACA NA BUTCHACA	44	4,3
8. COMER	43	4,2
9. NHANHAR/NHANHÁ	42	4,1
10. MOLHAR O BISCOITO	40	3,9
OUTROS	565	54,9



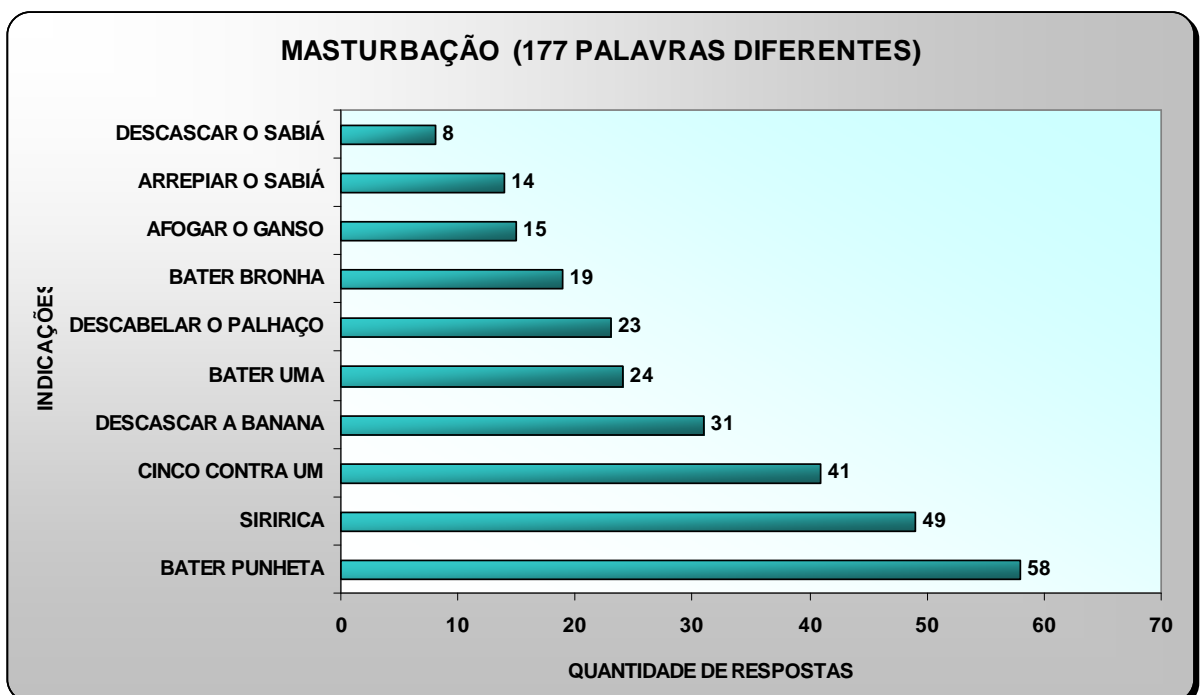
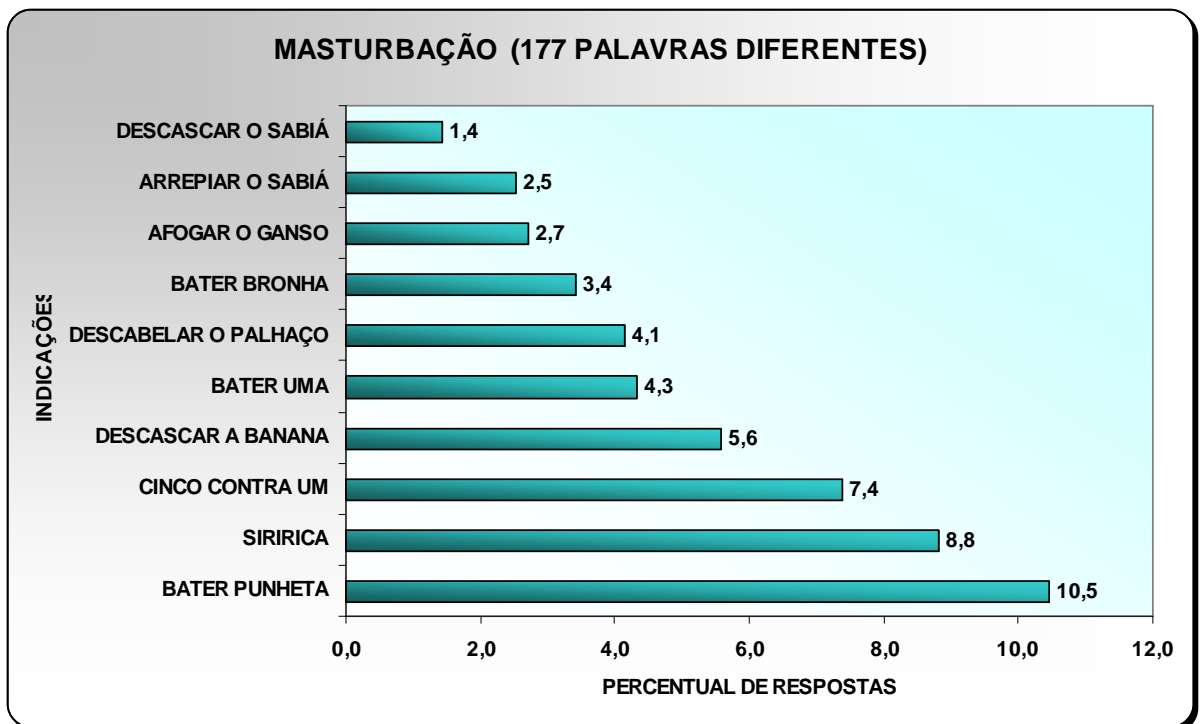
MASTURBAÇÃO (177 PALAVRAS)		
Indicações	Quantidade	Percentual
BATER PUNHETA	58	10,5
SIRIRICA	49	8,8
CINCO CONTRA UM	41	7,4
DESCASCAR A BANANA	31	5,6
BATER UMA	24	4,3
DESCABELAR O PALHAÇO	23	4,1
BATER BRONHA	19	3,4
AFOGAR O GANSO	15	2,7
ARREPIAR O SABIÁ	14	2,5
DESCASCAR O SABIÁ	8	1,4
7. ALIVIAR	7	1,261
104. GOZAR	7	1,261
119. MARIQUINHA-MARICOTA	7	1,261
79. DESCASCAR A MANDIOCA	6	1,081
120. MOLHAR O BISCOITO	6	1,081
169. TOCAR UMA SAFIRA	6	1,081
172. TROCAR O ÓLEO	6	1,081
45. CHUPETA/CHUPETINHA	5	0,901
73. DESCASCAR	5	0,901
168. TOCAR UMA	5	0,901
177. 69	5	0,901
29. BOQUETE	4	0,721
46. CHUVEIRINHO	4	0,721
107. JOGAR DADO	4	0,721
108. JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS	4	0,721
33. CALO NA MÃO	3	0,541
53. COVARDIA	3	0,541
56. DÁ UMA	3	0,541
59. DÁ UM MOUSE/CLICAR UM MOUSE	3	0,541
63. DEDICAR UMA	3	0,541
69. DESCABELAR O MACACO	3	0,541
77. DESCASCAR O BEM-TE-VI	3	0,541
84. DESFOLHAR A MARGARIDA	3	0,541
99. FAZER UMA HOMENAGEM	3	0,541
137. ROÇA-ROÇA	3	0,541
161. TOCAR PIANO	3	0,541
164. TOCAR VIOLA	3	0,541
14. BATE-BATE	2	0,360
18. BATER CAXULETA	2	0,360
42. CINCO DEDOS	2	0,360
62. DEDADA	2	0,360
75. DESCASCAR ABACAXI	2	0,360
86. EMPINAR PIPA	2	0,360
90. ESFREGADA	2	0,360
93. ESPANCAR O PALHAÇO	2	0,360
97. FAZER CALO NA MÃO	2	0,360
100. FODA	2	0,360

105. GULOSA	2	0,360
128. POMBINHA BRANCA	2	0,360
145. SOCAR O DEDO	2	0,360
150. SURUBA	2	0,360
152. TIRAR O ATRASO	2	0,360
155. TIRAR O PICA PAU DO OCO	2	0,360
170. TROCA TROCA	2	0,360
1. AERÓBICA	1	0,180
3. ALICIAR-SE	1	0,180
5. ALISAR	1	0,180
6. ALISAR O CARECA	1	0,180
8. ALIVIAR A ROLA	1	0,180
9. ALIVIAR A TENSÃO	1	0,180
10. AMOR SOZINHO	1	0,180
12. AUTO SUFICIENTE	1	0,180
13. BACANAL	1	0,180
15. BATER BIELA	1	0,180
16. BATER BOLACHA	1	0,180
19. BATER COM MAMÃO	1	0,180
20. BATER PIMENTA	1	0,180
22. BATER SININHO	1	0,180
23. BATER OVOS	1	0,180
25. BATER UMA LOUCA	1	0,180
26. BEIJO GREGO	1	0,180
27. BILU BILU NA MOEDINHA	1	0,180
28. BOCA FOFA	1	0,180
30. BULINAR	1	0,180
31. CACHORRINHO	1	0,180
32. CANGURU PERNETA	1	0,180
34. CARCA	1	0,180
35. CARINHO	1	0,180
36. CARIMBADA	1	0,180
37. CASTIGAR O COITADO	1	0,180
38. CAVAQUINHO	1	0,180
39. CEROL NA MÃO	1	0,180
40. CHEQUE CHEQUE	1	0,180
43. CHUPA CHUPA	1	0,180
44. CHUPAR BALA	1	0,180
47. COÇA-COÇA	1	0,180
48. COÇAR O DEDO	1	0,180
49. COLA VELCRO	1	0,180
50. COLOCAR CENOURA	1	0,180
51. CONSOLO	1	0,180
52. COXAR	1	0,180
54. CRIATIVIDADE	1	0,180
55. CUTUCAR	1	0,180
57. DÁ UMA ALISADA	1	0,180
58. DÁ UMA CUSPIDA	1	0,180
60. DAR CORDA NO RELÓGIO	1	0,180
61. DAR UM PETELECO	1	0,180
64. DEDO MILAGROSO	1	0,180

65. DEPENAR O GANSO	1	0,180
66. DEPENAR O PASSARINHO	1	0,180
67. DESABAFAR COM OS CINCO DEDOS	1	0,180
68. DESAFOGAR	1	0,180
71. DESCANSAR O BILAU	1	0,180
72. DESCARREGAR O ÓLEO	1	0,180
76. DESCASCAR A BATATA	1	0,180
78. DESCASCAR A GABIROBA	1	0,180
80. DESCASCAR O PEPINO	1	0,180
81. DESCASCAR O PIRULITO	1	0,180
83. DESCASCAR O SABUGO	1	0,180
85. EGOÍSTA	1	0,180
87. ENCHER A MÃO DE PÊLO	1	0,180
88. ESCREVER À MÃO	1	0,180
89. ESCOVAR O CARPETE	1	0,180
91. ESFREGA BOMBRIL	1	0,180
92. ESFREGAR O CABEÇÃO	1	0,180
94. ESPANHOLA	1	0,180
95. ESTICAR A BORRACHA	1	0,180
96. FALTA DE VERGONHA	1	0,180
98. FAZER CRESCER NA MÃO	1	0,180
101. FRANGO ASSADO	1	0,180
102. FURAR FRONHA	1	0,180
103. GARBOSA	1	0,180
106. HIDRATAÇÃO	1	0,180
109. LAMBER COM A LÍNGUA	1	0,180
110. LAVAR A MÃO NA BACIA	1	0,180
111. LIBERAR ADRENALINA	1	0,180
112. LUBRIFICAR O RADIADOR	1	0,180
113. MANCHAR A PAREDE	1	0,180
114. MANETA	1	0,180
115. MANUAL	1	0,180
116. MÃO AMARELA	1	0,180
117. MÃO MORTA	1	0,180
118. MÃO PELUDA	1	0,180
121. MOLHAR O PAU	1	0,180
122. MOLHAR O VASO	1	0,180
123. MOSTRAR O BOZZO	1	0,180
124. NO DIREITO E NA CANHOTA	1	0,180
125 PAU NO CU	1	0,180
126. PIANINHO	1	0,180
127. PIRIRICO	1	0,180
129. PORCARIA	1	0,180
130. PUNHETA BEM ARRETADA	1	0,180
131. QUEBRA AZULEJO	1	0,180
132. RALADINHA	1	0,180
133. RALAR	1	0,180
134. RALA PEITO	1	0,180
135. RASGAR UMA	1	0,180
136. REBOCAR A PAREDE	1	0,180
138. ROÇAR O GRELO	1	0,180

139. SAFADEZA	1	0,180
140. SALVA PÁTRIA	1	0,180
141. SALVA VIDA	1	0,180
142. SEDUTORA	1	0,180
143. SEXO SOZINHO	1	0,180
146. SOLITÁRIO	1	0,180
147. SOLTAR PIPA	1	0,180
148. SOLTAR RAIA	1	0,180
149. SUJEIRA	1	0,180
151. TIRAR LEITE DO PAU	1	0,180
153. TIRAR O CABELO DO MILHO	1	0,180
154. TIRAR O EXCESSO	1	0,180
156. TIRAR O SEBO	1	0,180
157. TITICA	1	0,180
158. TOCAR CUÍÇA	1	0,180
159. TOCAR FLAUTA	1	0,180
160. TOCAR GAITA	1	0,180
162. TOCAR SININHO	1	0,180
163. TOCAR UMA	1	0,180
165. TOCAR NA MACACA	1	0,180
166. TOCAR O DEDO	1	0,180
167. TOCAR TROMBETA	1	0,180
171. TROCAR DE MARCHA	1	0,180
173. TURBINAR	1	0,180
174. UNIDOS VENCEREMOS	1	0,180
175. USAR COM A MÃO	1	0,180
176. VIRAR O ZOINHO	1	0,180
	555	100,000

MASTURBAÇÃO (177 PALAVRAS DIFERENTES)		
Indicações	Quantidade	Percentual
1. BATER PUNHETA	58	10,5
2. SIRIRICA	49	8,8
3. CINCO CONTRA UM	41	7,4
4. DESCASCAR A BANANA	31	5,6
5. BATER UMA	24	4,3
6. DESCABELAR O PALHAÇO	23	4,1
7. BATER BRONHA	19	3,4
8. AFOGAR O GANSO	15	2,7
9. ARREPIAR O SABIÁ	14	2,5
10. DESCASCAR O SABIÁ	8	1,4
OUTROS	273	49,2



ANEXO

ANEXO A LINGUAGEM POPULAR

Esta dinâmica foi retirada do manual *Adolescência: administrando o futuro*, feito pelo SEBRAE (Serviço de Apoio à Pequena Empresa), em 1992, que foi elaborado para:

[...] ser um programa prático, com base na dinâmica de grupos. Seus exercícios foram criados para auxiliar os grupos de adolescentes a refletir sobre questões básicas que podem ajudá-los no planejamento de decisões importantes em suas vidas, sem a imposição de conceitos e respeitando as particularidades de cada indivíduo. (SEBRAE, 1992, p.3)

A dinâmica chama-se: **Linguagem Popular** (p.151-152). Ela está colocada aqui na íntegra.

Objetivo: Introduzir a terminologia científica e fazer com que os jovens se sintam mais à vontade em relação a ela.

Material: Folhas de papel e canetas.

Tempo: 20 a 35 minutos.

Observação:

Antes de apresentar esta atividade, escreva em cada folha de papel um dos seguintes termos:

Mulher, Homem, Seios, Pênis, Vulva, Homossexual, Relação Sexual, Masturbação, Testículos, Menstruação, Sexo Oral.

Ao iniciar a atividade, você pode dizer ao grupo que, a partir de agora, só serão utilizados os termos sexuais “científicos” durante as sessões. Esta pode ser uma técnica muito boa para evitar o uso da linguagem popular e algumas das condutas que a acompanham.

Procedimentos:

1. Introduza a atividade dizendo que os adultos e os adolescentes usam muitos termos populares relacionados com a sexualidade. Entretanto, as pessoas que usam os termos populares geralmente não conhecem os termos corretos, ou não se sentem bem usando-os.

2. Espalhe as folhas de papel pelo chão da sala. Em cima de cada uma, coloque uma caneta.
3. Peça que todos escrevam nas folhas os termos equivalentes que conhecem. Devem ter inteira liberdade para escrever qualquer palavra.
4. Marque 15 minutos.
5. Em seguida, reúna o grupo para a discussão.
6. Peça a voluntários que leiam as listas em voz alta. (Se ninguém se oferecer, faça-o você mesmo). Pergunte ao grupo como se sentiu e em que pensava ao desenvolver esta atividade.
7. Comente os pontos de discussão.

Pontos de discussão:

1. Você se sentiu envergonhado ao ver, escrever ou ler em voz alta as palavras populares (ou vulgares)? Por quê?
2. Em geral, quando utilizamos a linguagem popular para os termos sexuais? Quando utilizamos as palavras “científicas”? Por quê?
3. De onde provêm essas palavras da linguagem popular? Em sua opinião, por que usamos tais palavras?
4. Existem expressões infantis? O que significa utilizar estas palavras infantis?
5. Encontramos palavras que parecem fortes? O que significa empregar essas palavras?
6. Os jovens se esqueceram de escrever palavras de conotação mais suave (por exemplo, fazer amor)?

Para este trabalho optamos por uma metodologia adaptada por nós, visando uma maior rapidez e participação de todos/as os/as envolvidos/as.

Escolhemos seis palavras para trabalharmos com os grupos pesquisados: Pênis, Vulva, Homossexual, Relação Sexual, Masturbação e Seios. Esta escolha se deu devido a uma melhor e mais rápida aceitação das pessoas pesquisadas.

Os seis papéis, com os nomes escritos acima da folha, eram distribuídos em seis subgrupos e, em movimento horário, era feito um rodízio, para que todos/as os/as participantes pudessem escrever em todos os papéis.

Após um tempo, os papéis eram todos recolhidos e lidos por nós, sempre observando a reação dos/as participantes.